

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP**

O HOMEM-SATÉLITE

Estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica

EDVALDO SOUZA COUTO

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Edvaldo Souza Couto e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: ____ / ____ / ____

Prof. Dra. Vani Moreira Kenski
Orientadora

Comissão Julgadora:

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de DOUTOR em EDUCAÇÃO, na Área de Concentração Metodologia de Ensino, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Professora Dra. Vani Moreira Kenski.

RESUMO

A pesquisa teve como preocupação principal identificar como as pessoas, particularmente os baianos, se posicionam e quais as suas expectativas diante das mutações do corpo na sociedade tecnológica.

A partir de depoimentos de pessoas comuns, colhidos nas ruas de Salvador, selecionei e agrupei temas e abordagens que demonstram suas relações com as diversas possibilidades de se aperfeiçoar o corpo -- através do vestuário, hábitos de higiene e desporto, terapias e regimes alimentares, cirurgias plásticas, transplantes de órgãos, implantes de micromáquinas para acelerar e potencializar aspectos da anatomia, manipulação genética, técnica de clonagem e elaboração de um corpo-sintético, desmaterializado, característicos das redes telemáticas -- com o objetivo de embelezar, revitalizar, rejuvenescer e superar limites. Revolucionar, enfim, a estética e o rendimento corporal.

As “vozes” dos entrevistados me chamaram a atenção para a força das imagens cinematográficas nas abordagens desse tema. Os modos como muitos cineastas trabalham as questões e criam imagens de um corpo em interação com as novas tecnologias eram citadas para exemplificar o encantamento com as performances extraordinárias. Decidi dialogar também com essas “vozes”, a partir de filmes referendados nos depoimentos, e identifiquei que eles apresentam imagens de pessoas que, para vencer as dificuldades da vida, precisam ser mescladas a equipamentos tecnológicos de última geração que redimensionam suas capacidades físicas e mentais.

Constatei que tanto os entrevistados quanto os filmes demonstram um certo otimismo com o aperfeiçoamento físico, consolidado numa crescente mixagem homem-máquina. Essa constatação me estimulou a dialogar com um grupo de autores que reflete sobre o comportamento das pessoas, o culto e o destino do corpo na sociedade contemporânea.

Depois dessa trajetória, comparei e entrecruzei as diversas “vozes” e verifiquei que a construção do homem-satélite resulta de um processo contínuo de atualização física e mental que é desejado, reivindicado e perseguido pelas pessoas -- entrevistados, cineastas e teóricos. Esse homem-satélite, que faz do seu corpo o lugar das tecnologias avançadas, é o sujeito inserido na dinâmica plural, polifônica e fecunda da era tecnológica.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese proporciona ao seu autor uma oportunidade bem-vinda de agradecer às pessoas que o ajudaram. Foram muitas as contribuições intelectuais e afetivas que recebi ao longo da pesquisa. Há muitos a quem agradecer.

Sou imensamente grato à Prof. Dra. Vani Moreira Kenski pela confiança, incentivo e orientação competente em todas as fases de desenvolvimento do trabalho. Sua disponibilidade e atenção incansáveis nas muitas leituras críticas de rascunhos e pertinentes sugestões de revisão constituíram encorajamentos oportunos que eu muito apreciei. Suas idéias e discussões entusiasmadas me ajudaram na manutenção do meu interesse pelo assunto nesses anos e na escolha dos caminhos teóricos e metodológicos que tornaram possíveis a conclusão desta tese. Compartilhamos inquietações, descobertas e o privilégio de vivermos em uma época de mutações físicas aceleradas, profundas e excitantes, das quais podemos participar ativamente.

Minha gratidão a C. B. e a Margarida Alves de Souza que rodearam-me no calor da sua inestimável amizade e proteção.

Contraí uma enorme dívida e quero agradecer a todas as pessoas entrevistadas que, com generosidade e paciência, dividiram comigo as suas histórias, dúvidas e esperanças num corpo híbrido, mutante, mais autômato, eficiente e performático.

Os Profs. Drs. Laymert Garcia dos Santos e Elisa Kossovitch discutiram comigo parte da primeira versão do manuscrito e apresentaram-me uma mistura tonificante de críticas e boas sugestões. Ajudaram-me a definir o estilo de contribuição intelectual mais adequado aos meus interesses na trajetória da formação acadêmica.

As frequentes conversas com Margarita Barretto, Marcelo Franco, Eduardo Murguia e Vera Camargo me ensinaram muito.

Manifesto também meu respeito e afeição ao Prof. Dr. Edivaldo Machado Boaventura e aos colegas de trabalho do Departamento de Filosofia (FFCH-UFBA) pelo apoio para que eu pudesse concluir o meu Doutorado.

Agradeço a Isaac José Couto, Isabel de Souza Couto, Edilece Souza Couto e aos amigos Maria Elizabete Couto, Ilzete Couto, Geremias Moura, Valdira Moura, Mário Lucena, Shirley Gomes, Felícia Urbina, Franceli Mello, Antônio Esteves, Miguel Zioli, Lina Aras, Meire Silva, Marisa Franco, Denise Bretas, Isabel Marques, Uilma Amazonas, Ricardo Liper, Luiz Mott, Marcelo Cerqueira e Liv Sovik. Cada um, de diferentes maneiras, deu a sua contribuição. Alguns me acolheram em suas casas nas minhas frequentes viagens a São Paulo e Campinas; outros leram e comentaram partes da pesquisa, indicaram-me bibliografia. Todos, com a dose certa de paciência e bom humor, deram-me valiosas sugestões nas muitas conversas que tivemos sobre o corpo e as próteses tecnológicas. Guardo boas recordações de tudo o que vivemos.

De modo especial agradeço a Beltrina (Tina) Corte que esteve presente no começo, no meio, no meio, no meio, no meio e no fim do trabalho. Suas ponderações me acalmaram muitas vezes. Suas palavras amigas me estimularam sempre.

Sou grato também a Guilherme Rocha por ter me ajudado na estruturação da linguagem e ao apoio financeiro que recebi do CNPq (bolsa com a duração de um ano) e da CAPES, por intermédio do PICDT (bolsa parcial durante três anos).

Com todos compartilho o mérito que esse trabalho possa vir a ter e as alegrias que dele eu possa auferir.

A tecnologia invade o corpo e funciona dentro dele não como um substituto protético, mas como um ornamento estético.

Stelarc

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
O corpo técnico	12
PRIMEIRA PARTE: “STRIP-TEASE”	15
Uma ficção real	16
I. As vozes dos donos do corpo	20
Cultura baiana e culto ao corpo	21
01. Entraves	28
02. Transparências	40
03. Emergências	53
04. Circuitos	64
05. Clonagens	76
06. Interfaces	88
II. Vozes e imagens do corpo nas telas	100
Antecipações da arte	101
01. Cyborg	102
02. Imortais	108
03. Inserção	113
III. Os donos das vozes do corpo	120
Estética e mutações corporais	121
01. Aparências	123
02. Sideralidades	139
03. Resplandecências	154
04. Excessos	167

05. Apoteose 186

06. Dissuasão 205

SEGUNDA PARTE: “CHECK-UP” 223

O homem-satélite 224

APÊNDICE 238

Aspectos metodológicos 239

BIBLIOGRAFIA 264

O CORPO TÉCNICO

01. *Um carro desgovernado deixa a autopista e cai em um precipício. Um homem jovem é atirado longe e rola pela ribanceira. O veículo, depois de várias cambalhotas, bate pela última vez nas pedras, pega fogo e explode. Minutos depois a equipe de salvamento chega e o corpo ferido do sujeito é levado em uma ambulância.*

No hospital, uma equipe médica se esforça para manter o indivíduo vivo. Seus ferimentos são graves, são várias as fraturas expostas -- talvez seja precisa amputar a perna esquerda -- e as lesões cerebrais podem comprometer o funcionamento adequado de boa parte do cérebro, principalmente a memória e a visão. A sua vida, mais que nunca, está por um fio.

A cirurgia é longa. Para reordenar membros e sentidos os profissionais decidem experimentar e implantar naquele corpo diversas próteses eletromecânicas. A presença das pequenas máquinas alojadas sob a pele tem a função de devolver, aperfeiçoar e potencializar os movimentos perdidos. Outros objetos técnicos redimensionarão a visão e a audição de modo que seja possível enxergar e ouvir imagens e sons que estão distantes. O objetivo é fazer do indivíduo quase morto um super-homem, com um corpo biônico, dotado de poderes extraordinários que há muito tempo alimentam os sonhos, as fantasias e os desejos da humanidade.

Tempos depois, totalmente recuperado, esse homem-máquina já está familiarizado com a acentuada vitalidade do seu corpo e vai trabalhar numa empresa que presta serviços à comunidade. Ele auxilia o trabalho do polícia, desmonta gangs, persegue e prende ladrões, assaltantes, sequestradores e estupradores, corruptos e qualquer suspeito que ameace a tranquilidade pública, a liberdade e a justiça, o direito de honestos trabalhadores, os valores familiares, o bem-estar em geral da população.

02. *Essa sinopse poderia ser de um filme de ficção científica, no final da década de sessenta, quando os primeiros equipamentos eletrônicos foram implantados no corpo humano e muitas fantasias a respeito da mixagem homem-máquina giravam em torno do homem biônico. Passei muitas horas da minha infância diante da televisão vendo seriados*

como “*O homem de seis milhões de dólares*” e “*A mulher biônica*”. Cresci com a curiosidade e um imenso fascínio pela potência física e mental que esses indivíduos obtinham por meio de implantes eletromecânicos e estimulantes químicos. Com eles, era possível correr em alta velocidade, saltar de precipícios ou prédios sem se machucar, ver e ouvir coisas que acontecem a grande distância. Esse suplemento de resistência e vigor sempre exerceu influência no meu imaginário.

Nos últimos anos, essa experiência de mixar corpo e tecnologias vem se deslocando cada vez mais da ficção para o cotidiano das pessoas. Do marcapasso da avó aos chips e condutores elétricos que emitem sinais nervosos do cérebro para os órgãos, diversas próteses, várias delas supervisionadas por profissionais através de satélites de comunicação, são instalados no corpo para acabar com deficiências, curar doenças, realçar aspectos da beleza, favorecer a juventude e a formosura, revitalizar a performance corporal, garantir a longevidade e uma vida mais saudável. Diante dessas realidades e novas perspectivas do culto ao corpo na sociedade tecnológica, aquele meu encantamento infantil se converteu numa inquietação: que homem é esses que se está a construir?

03. Concebido muito mais no limite da cultura que da natureza, o corpo vive da sua ininterrupta mutação. Isso quer dizer que ele vem sendo, há muito tempo, entregue a uma espécie de destino camaleônico que é acelerado no culto contemporâneo, no qual a mixagem homem-máquina aponta novos rumos para a existência humana. As opções para quem deseja um físico escultural e uma mente ultradinâmica são cada vez mais ampliadas e os recursos tecnocientíficos popularizados.

O meu encanto frente às diversas etapas e modos de se celebrar o aperfeiçoamento corpóreo na atualidade motivou e orientou esta pesquisa. Sendo baiano e completamente seduzido pelo jeito que os soteropolitanos têm de viver e festejar a corporalidade, me senti estimulado a investigar como as questões da estética e das mutações do corpo se colocam para os baianos.

A investigação foi iniciada com a seleção de um grupo, formado por 24 pessoas, que animadamente se dispôs a me fornecer longos depoimentos, apresentando suas

vivências, experiências, desejos e, principalmente, os seus posicionamentos e expectativas diante das diversas possibilidades de atualização do corpo por meio das novas tecnologias.

A partir do levantamento e sistematização das informações colhidas nas entrevistas elaborei um estudo utilizando apenas os elementos coletados e por mim apreendidos. A preocupação básica da pesquisa empírica era permitir que cada sujeito revelasse a sua concepção do corpo em processo veloz de mudanças. Daí o meu esforço em elaborar o texto recuperando as falas consideradas pertinentes para reforçar ou esclarecer a narrativa. Para mim, o importante era ouvir e fazer ouvir “*as vozes dos donos do corpo*”.

O conteúdo dessa parte da tese deu origem a um outro estudo, baseado numa análise das abordagens das mutações físicas e mentais em filmes populares de ficção científica, referendados pelos entrevistados, intitulado “*as vozes e imagens do corpo nas telas*”.

Num terceiro estudo, recorri “*aos donos das vozes do corpo*” com o objetivo de identificar posicionamentos e expectativas de um grupo de autores que reflete sobre o comportamento das pessoas, o culto e o destino do corpo na era tecnológica.

Assim, a primeira parte da tese apresenta, em três momentos, um “*strip-tease*” dos vários discursos sobre o corpo em mutação -- entrevistados, cineastas e teóricos. E a segunda, um “*check-up*” no qual comparei e entrecruzei aspectos que me pareceram mais relevantes nas “*vozes*”, para demonstrar que o culto ao corpo na atualidade, vivenciado numa pluralidade de alternativas, seduz porque promove modelos físicos e mentais abertos que requerem um processo ininterrupto de atualização. Redimensionar e vencer limitações corpóreas são objetivos que mobilizam as pessoas na construção do seu corpo híbrido, promovido pela tecnociência, por intermédio da crescente mixagem homem-máquina. Com ela, se tornou possível e cada vez mais irresistível construir a versão de corpo do momento, necessária e adequada para cada performance que se quer exibir.

Para o homem contemporâneo, o culto ao corpo e a promoção acelerada das transformações na aparência e no vigor, são um estilo de vida. As diversas etapas do aperfeiçoamento corporal são pautas diárias de inúmeros artigos em jornais e revistas, matérias de reportagens na televisão e no cinema, assunto de conferências, pesquisas acadêmicas e especulações desenfreadas. Esse é um tema em evidência e o interesse pela questão cresce a olhos vistos. Espero que esta tese estimule a compreensão, o debate e o

aparecimento de novas idéias, para que seja possível tirar sempre melhor proveito das nossas atuais, aceleradas e fecundas mutações físicas e mentais.

PRIMEIRA PARTE

“STRIP-TEASE”

O corpo sempre foi construído nos limites técnicos de cada época. Só que agora essa construção é uma verdadeira revolução por causa dos avanços da ciência. Hoje, mais que nunca o homem pode misturar saúde, beleza e vitalidade.

Gleciara

UMA FICÇÃO REAL

01. *Uma avenida de vale. Espécie de autopista que circunda vários bairros de Salvador. Muito comuns na cidade, são dezenas interligando os lugares. Ao longo de uma dessas avenidas são vistos hipermercados, shoppings-centers, postos de gasolina e estação rodoviária. Lugares de passagem e de velocidade. Mais adiante, numa das margens, vê-se um prédio que é símbolo da nova arquitetura baiana. Design arrojado, cores fortes, desenhos geométricos em toda a fachada, janelas com vidro escuro escondidas por imensas placas de alumínio que envolvem todo o edifício. Para quem passa de carro, apressado, o prédio parece uma maquete, uma ilusão ótica, uma miragem que avança sobre o pára-brisa e desaparece no retrovisor do automóvel.*

Ao lado, numa pequena elevação do terreno, com visibilidade total para os motoristas, antes mesmo que o edifício desponha na curva, um outdoor. Nele, um casal, em trajes de banho, corre de mãos dadas em uma praia semideserta. Em direção contrária, caminham três adolescentes chutando água, espuma e areia. Todos têm os braços abertos, cabelos ao vento e sorrisos prazerosos.

A imagem apresenta estereótipos empregados pela publicidade para dar a idéia da qualidade de vida ansiada por muitos: pessoas bem-sucedidas, exibindo corpos saudáveis, jovens e perfeitos. Embaixo da imagem, a inscrição: “o seu corpo como você quer”.

Pouco depois do outdoor, em outro cartaz, uma imensa seta aponta para o prédio, logo adiante. O passante, agora convertido em cliente virtual, descobre, assim, que ali funciona um centro de cultura física. Musculação, ginástica localizada, aeróbica e halterofilismo, salões de beleza, clínicas médicas especializadas em diversos tipos de cirurgias plásticas. Centenas de pessoas param ali diariamente, praticam esportes e as modalidades de exercícios ideais para a modelagem do corpo, recorrem à precisão milagrosa e rejuvenescedora dos bisturis.

02. *Um pouco mais à frente, à beira-mar, outras tantas pessoas movimentam-se apressadas nas areias da praia ou no calçadão. Procuram, dessa forma, cuidar do corpo,*

respirar melhor, suar muito, manter a forma e exibir-se. Um homem, aparentemente distraído pelo estéreo do seu walkman, segue, em passos acelerados. Preocupado com a forma física, olha o horizonte, mas não para ver alguma coisa e, muito menos, encontrar alguém. Na sua solidão apenas sua e passa. Pouco depois interrompe a corrida e se pendura em barras estrategicamente colocadas no caminho. As poses reproduzem gestos aprendidos e aperfeiçoados numa academia.

Construção lenta do corpo. Cada músculo esculpido lentamente, dia-a-dia, passo a passo, peso a peso, supino a supino. A compensação de tanta dedicação e esforço manifesta-se no movimento do bíceps em frente ao espelho. A expectativa pelos olhares voltados em sua direção é anúncio de um prazer sem igual. Realização plena. Após os exercícios nas barras, apanha a bicicleta e desfila em dezenas de voltas. Anoitece.

03. *Em casa, outra maratona. Um banho relaxante com ervas medicinais e, em seguida, uma sessão de cremes hidratantes, rejuvenescedores, calmamente distribuídos e espalhados por toda a pele. Nesse instante, avalia o progresso que tem feito. Examina cada parte do corpo. Fica contente com o resultado.*

Um jantar rápido e típico. Um coquetel de vitaminas importadas, saladas, frutas, iogurtes diets. Tudo natural e escolhido para garantir o prazer de ser saudável.

Outra produção. Um tênis, uma bermuda de cotton e uma camiseta regata. Músculos estudadamente expostos. Tudo em cima. A noite se estenderá em mais uma sessão de dança/aeróbica no ensaio do Ílê, do Ara Ketu, do Olodum ou num show de Daniela Mercury.

Nos dias seguintes tem consulta marcada com o nutricionista, o esteticista, o terapeuta, o tarólogo, a mãe de santo que fará um trabalho para lhe abrir os caminhos e um médico que vai dar um jeito no seu nariz.

04. *Antes de sair apanha uma revista. Lê rapidamente a matéria realizada com uma modelo famosa. Ela diz ter todo o seu corpo produzido. Gosta de ser mutante, de exibir formas físicas novas a cada trabalho que realiza.*

Passa os dias tentando descobrir novidades e próteses que possam ser adaptadas ao seu corpo. Diz que seu cabelo não é o seu cabelo, seus olhos não são mais os seus olhos, assim como os dentes, os seios, a bunda e a tatuagem. Nada mais é natural. Tudo é implante. Simulacro. Prótese. Ela gosta de desafiar o tempo. É assim que gosta de ser e de viver.

05. *Liga a TV em uma entrevista. Dois homens falam em potencialização do corpo. Exibem a seqüência de um filme comercial.*

Um policial anda pelas ruas escuras do centro decadente de uma cidade. Persegue assaltantes ou traficantes. Luzes apagadas, salvo a de um refletor distante. Ambiente asfíxiante. Não é um mundo para pessoas frágeis e medrosas. No silêncio, alguém vigia seus passos, pronto para atirar.

O sujeito continua caminhando, olhando calmamente para a frente. Parece seguro do que está fazendo. Um carro da polícia passa ao longe. Ouve-se o som insistente de uma sirene e de alarmes disparados. Chove.

Cinco brutamontes saltam na frente do policial e atiram. Momentos de luta. Um contra cinco. Socos, pontapés, outros tiros. Pessoas são atiradas ao longe. Dois fogem, três morrem e o policial ferido se arrasta pelo asfalto. A cena seguinte é num laboratório no qual técnicos especializados tentam recompor o policial. Nas imagens finais o tira está de volta às ruas. Recompuesto, refeito, mais forte e com maior resistência para sobreviver aos ataques.

Os apresentadores do programa comentam a seqüência exibida. Dizem que o corpo está superado. A tecnologia atual superou o corpo. É preciso um novo ser, um homem-máquina, com um corpo tecnicamente elaborado, para responder às exigências, as vaidades e aos desafios da sociedade tecnológica. Várias pessoas ligam para a produção do programa. Algumas dessas ligações vão ao ar. Umas, solicitando maiores detalhes. Outras, fornecendo testemunhos dessas mudanças físicas. Outras, ainda, para protestar.

O homem desliga a TV, vai ao computador e acessa o e-mail. Sua melhor amiga de São Paulo fez um implante para aumentar os seios. Ele a parabeniza.

06. *Já no carro vai pensando que também gostaria de ter mais força, ser mais ágil, mais veloz, manter-se sempre jovem, imune às doenças, com maior capacidade de aprendizagem. Vai pensando também que não gostaria de ser um homem-máquina. Não como aquele da seqüência do filme. Aquele visual mecânico não lhe parece nada sedutor. É frio, artificial, brutal e defasado.*

Gostaria de permanecer com a sua forma humana, mas com todos os poderes e capacidades que as máquinas detêm. Gostaria de absorver as máquinas e estar tão conectado nelas a ponto de se converter num software, entrar em rede, circular pelo ciberespaço. Para sempre e mais um dia.

07. *Esse homem é um personagem do nosso tempo. Vive obcecado pela própria imagem. Alguém que constrói para si mesmo um mundo no qual a performatividade é valor preponderante, mas deseja e necessita algo mais que a aparência. Preocupa-se com o desempenho do corpo e procura alternativas para se superar fisicamente. Sempre.*

Por intermédio de efeitos eletrônicos especiais esse sujeito se pulveriza. Não é mais um. São milhares, espalhados por todos os lugares

I.

**As
vozes
dos
donos
do
corpo**

CULTURA BAIANA E CULTO AO CORPO

Ah! que bom você chegou/Bem-vindo a Salvador
 Coração do Brasil/Vem, você vai conhecer
 A cidade de luz e prazer/Correndo atrás do trio
 Vai compreender que o baiano é/Um povo a mais de mil
 Ele tem Deus no seu coração/E o diabo no quadril.

Nizan Guanaes

É preciso parar com essa besteira de que todo baiano é lerdo e preguiçoso, de que todo negro gosta de candomblé e recebe santo. Não é assim, não. O Baiano trabalha e produz muito, espelha festa e alegria, gosta de ser, fazer e acontecer. O baiano é moderno, gosta de se mostrar, de aparecer. O baiano quer é ser *pop*.

Carlinhos Brown

01. O modo como o baiano concebe a corporalidade está intimamente vinculado a certos aspectos da vida cotidiana numa cidade que solicita e estetiza o alto astral dos seus habitantes.

Existem fortes características culturais locais preponderantes na composição do jeito de ser do baiano que englobam suas celebrações diárias e o culto ao corpo. A valorização dos espaços públicos, o sincretismo religioso, o paradigma sensorial, a carnavalização dos festins, o sol e o mar numa cidade onde é sempre verão, permeiam o dia-a-dia dos soteropolitanos e promovem um curto-circuito entre o sagrado e o profano, a malemolência e o trabalho, a tradição e o contemporâneo. É da mistura das raças e dos credos, dos ritmos e das danças, da praia e do carnaval, que se origina e se expande a aventura da baianidade que teatraliza e espetaculariza a corporalidade.

02. Em Salvador a rua não é exclusivamente um espaço de circulação, mas também de vivência e sobrevivência de grande importância para a comunidade. Ela é local de

exibição, festejos, comércio informal e a principal referência da urbanização. A cidade se destaca no cenário urbano nacional por um ritmo que lhe é próprio.

A cultura baiana é voltada para o lado de fora da habitação. É na rua que se revelam toda a sua riqueza e criatividade, as trocas e comemorações, os relacionamentos pessoais expressivos. Mas esse também é um local de conflitos e negociações. Em parte, porque essa convivência é espontânea e as regras e os limites da ocupação dos espaços são pouco definidos pela sociedade e pelo poder público (Garzedin, 1997).

As características físicas das vias de Salvador não são muito adequadas para a socialização e a celebração de um número cada vez maior de pessoas, o que dificulta o mero ato de andar por ruas apertadas e excessivamente ocupadas pelos carros, muitas delas sem calçadas. Mas se o traçado urbano dificulta a circulação dos seus habitantes e visitantes, a força da cultura de rua parece estar sempre a transgredir e a encontrar usos alternativos dos espaços públicos, com o fim de promover seus eventos.

03. Se uma característica da baianidade -- definida por Bião (1990:16) como a singularidade da arte de viver dos baianos que evoca sincretismos, a força sensorial polimorfa e a capitalização das práticas lúdicas, artísticas e religiosas -- é a vivência do exterior, os problemas da industrialização e urbanização acelerada e pouco planejada da metrópole convivem com o conforto da presença de uma forte tradição oral e corporal de origem e influência africanas -- dois terços da população são negros -- e acentua valores associados à festa que se misturam ou se desenvolvem a partir de complexos rituais religiosos.

Segundo Bião (1990:339), a aventura da baianidade é amplamente explorada pela mídia, responsável por uma certa consciência da teatralidade e espetacularidade da cultura afro-baiana. Esses dois elementos marcam e diferenciam as pessoas dessa terra em relação a tantas outras do mesmo Estado ou País e faz da cidade da Bahia o *habitat* por excelência do *homo estheticus*. À moda da casa, as experiências de vida são glamourizadas e uma política promocional venta sobre esse modo singular de viver para diferenciar Salvador das demais capitais brasileiras.

A teatralidade e a espetacularidade cotidianas encontram grande expressão nos rituais religiosos do catolicismo e dos terreiros de candomblé, que se mesclam nas festas de largo e procissões terrestres e marítimas. O sincretismo é a palavra-chave para se entender a religiosidade festiva que resulta de várias descendências: o índio, o africano e o europeu. Essa mesclagem entrecruzou também as variadas crenças. E o resultado é que simultaneamente católicos e ativos membros do candomblé fazem da sua espiritualidade uma trançagem de deuses, interpelando o sagrado e o profano. O resultado dessas mixagens é um viver fértil numa cidade onde a eloquência mística serve de base para a organicidade criativa e exibicionista dos rituais religiosos, das freqüentes festas populares, das músicas, da dança e do gosto sensual. A baianidade é esse curto-circuito dos experimentos no qual cada sujeito é protagonista de sua teatralidade, vive do seu próprio espetáculo que exalta o corpo e contribui para a caracterização de um novo modo civilizacionário.

Sendo adeptos de diferentes credos, os baianos incorporaram no seu dia-a-dia inúmeras referências dessa multirreligiosidade que dão o ar místico à cidade. Às virtudes dos santos católicos se juntam a beleza e a sedução dos orixás que espalham energia positiva e envolvem a todos com o seu axé. As festas populares de Salvador, muito numerosas, seguem o calendário católico, mas são associadas aos rituais tradicionais do candomblé. Como diz Rehbein (1985:88), os ritos católicos e africanos não se confundem, mas com desenvoltura e entusiasmo os baianos participam de todos eles.

A partir daí todo o modo de viver dos baianos tem a influência dessa mistura. As cores das roupas estão quase sempre de acordo com as dos orixás do dia -- normalmente dois. A culinária segue à risca o gosto do “santo” e cada um sabe quais são as comidas, as sobremesas e as frutas adequadas para agradá-lo. Os pedidos de proteção envolvem mais que orações: é preciso oferecer agradados às divindades, que também comem, bebem e dançam. Às velas e incensos se juntam os banhos de folhas, flores e água de cheiro que enfeitam e perfumam cortejos e lavagens¹.

¹ As lavagens são festas religiosas populares muito comuns ao longo do verão. As baianas em trajes típicos levam água de cheiro e flores, em jarras, e lavam as escadarias das igrejas. Uma multidão de políticos, artistas, intelectuais, turistas, curiosos e foliões canta, dança, come e bebe ao som dos mais diversos grupos musicais baianos que tocam em potentes caminhões de som, os trios elétricos, durante horas seguidas, durante o dia e a noite. Às vezes, a festividade dura todo um fim de semana. O calendário das lavagens é móvel, mas devidamente divulgado com antecedência pela imprensa e órgãos oficiais de turismo. Elas acontecem em várias cidades baianas. Em Salvador quase todos os bairros têm a sua. A lavagem mais famosa é a do Bonfim,

Se na tradição cristã o corpo sempre foi visto com certo desprezo, no candomblé ele é sagrado. No transe, a divindade se manifesta no corpo do indivíduo. É a própria corporalidade que serve de curto-circuito entre o humano e o divino. O corpo contém em si mesmo o espaço do mundo no qual a divindade reina. É por ele que o orixá se manifesta.

Esse corpo-território, como diz Sódre (1998:123), guarda as tradições religiosas e lúdicas africanas. O espetáculo teatral dos rituais de possessão é mais um dos curto-circuitos entre a teatralidade e a espetacularidade dos baianos (Bião, 1990:33). Nessa tradição afro-baiana o corpo deve ser bem cuidado, saudável, vigoroso e belo.

04. A exibição corporal talvez seja a característica mais típica da baianidade. Os sentidos estão à flor da pele e as pessoas têm orgulho em exteriorizar os sentimentos e valorizar o tato e olfato em suas relações interpessoais. O paradigma sensorial é fundamental para todos nós.

Nessa cultura de fortes raízes na oralidade, as mãos assumem o estatuto da mais cara expressão de sociabilidade. Enquanto conversam, as pessoas costumam tocar uma nas outras. O prazer em tocar o próprio corpo também vive em alta, se expande e se populariza como expressão artística, sobretudo nas danças e coreografias criadas, com sucesso, para cada verão. Para os baianos, dançar não é apenas movimentar com graça e embalar o corpo pela música. Dançar é um modo público de exibi-lo e acariciá-lo. Daí a explosão de malícia, provocação e sensualidade.

O prazer de tocar o outro e a si mesmo valoriza o olfato. O cheiro é uma maneira de sentir a corporalidade e um meio organizador do espaço e das interações. Não é raro ouvir pelas ruas expressões do tipo: “Vem cá, meu nego, me dar um cheiro” ou “Diz pra (fulano) que mando um cheiro pra ele.” A própria culinária tem odores típicos que se espalham pelas ruas, como o do dendê. As pessoas podem identificar à distância a presença de uma baiana do acarajé pelo aroma desse óleo. A esse, outros se juntam, como o dos frutos do mar. Não são poucos os cheiros que se misturam nas ruas da Bahia e muitas são as circunstâncias que favorecem a percepção dos odores corporais e os da própria cidade.

realizada na segunda quinta-feira, depois da festa de Reis, no dia 6 de janeiro. Ela reúne milhares de pessoas, blocos carnavalescos e estrelas da música baiana, mais ou menos sessenta trios elétricos. O cortejo sai da

05. O cantor e compositor Dorival Caymmi popularizou, em inúmeras canções que falam dessa terra, um aspecto do jeito de ser baiano baseado na preguiça e na malemolência. Já há algumas décadas que esse aspecto é folclorizado na mídia.

Menezes (1994:14) diz que é provável que a famosa preguiça baiana, que se traduz numa atávica lerdeza e numa aparente e incompreensível lentidão para resolver os problemas não seja apenas uma lenda, um dado folclórico ou mesmo uma invenção de sulistas invejosos ou preconceituosos. Segundo essa visão, que enaltece a suposta resistência ao trabalho e mostra o sujeito no balanço da rede, o baiano não é um povo tão amil assim.

Se esse aspecto é possivelmente verdadeiro, o baiano também é dotado de outras virtudes. Tem a admirável disponibilidade com que transforma adversidades -- Daniela Mercury diz, numa música, que aqui miséria é pirraça pra dançar. Vive a inesgotável disponibilidade com que se entrega aos embalos orgíacos/carnavalescos que se arrastam por muitos meses. São incluídas aqui as micaretas -- carnavais fora de época --, os ensaios dos blocos e entidades que promovem o carnaval.

Nessa outra visão, que não exclui mas engloba a anterior, o balanço da rede convive com a agitação do trio elétrico e a efervescência musical-dançante. Ela sincretiza a alegria de um povo que, em se tratando de festa, troca a parcimônia e a tranqüilidade pela aceleração.

Para Menezes (1994:17), os baianos são, em sua esmagadora maioria, momossexuais. O carnaval é o ápice dos festejos de um povo que inventa qualquer pretexto para realizar uma comemoração, fazer uma farra e, por isso mesmo, se estende e contamina todas as demais festas, inclusive as de cunho religioso.

Em se tratando do carnaval, existe uma variedade de tipos e grupos em contínua transformação de suas características. Desde os anos setenta que a Bahia deixou de lado as escolas de samba, o modelo da festa no Rio de Janeiro, caracterizado por um apoteótico desfile comandado por centenas de pessoas e discretamente observado pela maioria de

Igreja de Conceição da Praia, na Cidade Baixa, próxima ao Elevador Lacerda e ao Mercado Modelo e segue até a Colina do Bonfim. O percurso tem aproximadamente oito quilômetros.

espectadores. Aqui se incentiva e se explora a ampla participação popular numa imensa festa de rua que reúne cerca de dois milhões de pessoas em vinte e dois quilômetros de extensão, nos três percursos oficiais e interligados: Pelourinho, Campo Grande-Praça da Sé e Barra-Ondina.

06. Salvador está localizada numa península. De um lado, metade da cidade se debruça sobre a Baía de Todos os Santos e, de outro, se estende por vários quilômetros às margens do Oceano Atlântico. A presença do mar tem inúmeros efeitos sobre a sua população. É meio de sustento para alguns e lazer para todos.

Em uma metrópole na qual o sol brilha quase o ano inteiro, a temperatura é sempre elevada e todas as estações têm sempre um ar quente de verão, a todo instante o baiano é seduzido pelas belezas e prazeres do mar. As praias e as calçadas de várias avenidas na orla são lugares de entretenimento, de rituais religiosos -- oferendas para as divindades das águas, principalmente para Iemanjá --, de exercícios físicos, exibição e produção da musculatura que incansavelmente se vê redesenhada, esculpindo o corpo.

É a beira-mar que o corpo está mais em evidência. E esse é um ato contínuo. Aqui o clima não permite que as pessoas se recolham durante alguns meses e voltem a se preocupar com a aparência no fim da primavera. Devido ao eterno calor, os baianos já estão acostumados a usar pouca roupa e a expor os contornos físicos numa dedicada e intensa vida ao ar livre.

A preocupação com a aparência e a vitalidade física são ininterruptas. A esmagadora maioria se dedica a inúmeras atividades físicas para manter o corpo em forma, de acordo com os cânones do momento. Os exercícios à beira mar, os jogos na areia, a roda de capoeira, a bicicleta, a corrida e a caminhada, a música e a dança, as competições e os esportes aquáticos, são práticas corriqueiras e hipervalorizadas.

Para os baianos, o cuidado com a aparência, a dedicação em expor o corpo saudável, jovem, em forma, requer um ininterrupto e orgulhoso trabalho de manutenção física. A musculatura rígida, os braços fortes e as pernas grossas, a pele lisa, o andar e a gesticulação repletos de malícias, são elementos e posturas corporais que encontram na praia mais um ambiente ideal para a liberação e afirmação exibicionista da sensualidade. A

extravagância e a qualidade estética dos movimentos físicos, encenados à beira-mar, criam uma harmonia espetacular que não se pode decompor.

O ambiente praiano glorifica o corpo. Mas sua apoteose se estende e se desdobra em tantos outros lugares, por ruas e praças, ladeiras e vales, quadras -- onde acontecem os ensaios de blocos -- e parques, batucadas em botecos, rodas de samba e de capoeira, igrejas e terreiros por onde os baianos se espalham e se aglomeram.

07. Para os baianos, a valorização da aparência, do corpo esbelto e atlético, encontra seu mais autêntico significado na questão da resistência física. O que cada indivíduo deseja -- e as vozes dos entrevistados a seguir comprovam -- é que o corpo agüente o ritmo frenético das festas, seja forte, incansável, praticamente invulnerável às doenças, enfrente sem muitos desgastes a ação implacável do tempo. Com isso, os valores corporais na cultura baiana atual são fundados na rentabilidade das energias. A economia das forças jamais é posta em questão. É o desperdício energético que conta e fascina.

A preocupação com a beleza, conjugada com a potência física, está intimamente associada ao prazer. O modo baiano sempre festivo de viver solicita que cada um aproveite ao máximo os prazeres da vida, vale dizer, do sol, da música, da dança. É importante que o corpo seja continuamente repotencializado para que a pessoa esteja sempre apta a usufruir dele delícias mais intensas e prolongadas.

É verdade que o litoral brasileiro é imenso e que em muitos outros lugares, pertos ou distantes do mar, o culto ao corpo talvez seja mais visível que em Salvador. Mas aqui ele se revela de modo singular. Não são apenas a vivência e a exibição do corpo na praia que alimentam a crescente valorização da corporalidade. Elas são muito mais amplas e estão intimamente interligadas a vários outros aspectos próprios da cultura baiana, como a religiosidade, as festas populares, o carnaval, os hábitos de explorar a taticidade nas relações pessoais. Aqui não se pode menosprezar a força e a riqueza das raízes culturais locais, já expostas, que estão sempre exaltando a forma física e atribuindo-lhe novas funções e significados.

01. ENTRAVES

Existe um papo por aí dizendo que cada um deve se aceitar como é. Já faz tempo que se tenta manter essa coisa medonha: o conformismo com o corpo. Hoje isso não faz mais sentido, não é mesmo? Isso é uma farsa danada. Tá todo mundo é encucado, insatisfeito com o corpo. Todo mundo quer mudar alguma coisa, nem que seja apenas o corte de cabelo.

Marilene

O primeiro capítulo foi estruturado a partir de duas questões pautadas para as entrevistas: “Você está satisfeito com o seu corpo? Está satisfeito com o desempenho do seu corpo?” Inicialmente muitas pessoas relutaram em falar. Embora estivessem atentas e preocupadas com a sua corporalidade tinham dificuldades em falar sobre este assunto. Dificuldades ligadas a normas e valores religiosos profundamente enraizados; em falar para outra pessoa sobre suas limitações físicas, em admitir suas insatisfações e manifestar desejos de melhorias na aparência e no desempenho físico.

As primeiras reações a essas perguntas oscilaram entre o receio e o fascínio. O receio de falar demais, se contradizer, revelar segredos, fazer descobertas que não fossem muito agradáveis. O fascínio de vencer esses obstáculos e manifestar seus desejos de aperfeiçoamentos físico. Os relatos se alternaram, então, entre a apresentação dos entraves que envolvem o corpo e a necessidade de superar os descontentamentos associados aos limites corporais.

01. Falar sobre seu próprio corpo é um modo de revelar intimidades. Uma tarefa difícil e incômoda para alguns.

Sai fora cara! Tu tá querendo saber das minhas maluquices para quê? Sabe como é, a moçada aí pode descobrir uns podres da gente, e aí não fica legal. A gente acaba perdendo a moral. Tá na moda a gente dizer que se ama. Cada um deve se adorar e coisa e tal. Então, se eu fico falando dos meus grilos com o meu corpo vão dizer que eu sou um idiota (**Genivaldo**).

Muito desse incômodo transparece nos lamentos que compõem os depoimentos. O discurso predominante mostrou-me que as pessoas não estão satisfeitas com o corpo que têm.

Quando a gente fala do corpo da gente é sempre pra reclamar. Então eu prefiro me calar. Agora eu gosto de olhar o corpo dos outros. Quer saber por quê? Se o corpo for bonito, não tiver nenhum defeito visível, então é puro encantamento, desejo. Se for feio, a gente lasca a língua e se diverte com a feiúra dos outros (**Belarmino**).

Falar das alegrias e frustrações do corpo. Nada disso condiz com uma antiga tradição, sustentada por valores religiosos cristãos, que prega a aceitação e acomodação do sujeito ao seu aspecto físico.

O desejo de ser diferente não é de hoje. Isso sempre existiu. Acho que o que acontecia era que esse desejo era sempre sufocado. As pessoas aprenderam a se conformar com o corpo. A religião cristã, não o candomblé, sempre foi um forte fator de imposição do conformismo em relação ao corpo. Aquela velha história de que Deus criou assim porque quis assim e assim tem que ser. Desejar outra coisa, ser diferente, é ir contra a vontade de Deus. Ainda bem que isso está mudando. Mas ainda existem o conformismo e uma certa preferência pelo silêncio. É esse conformismo que leva à resistência em relação a possíveis mudanças do corpo e mesmo à dificuldade em se falar abertamente sobre ele (**Doralice**).

Na atualidade, o conformismo com o corpo entra em conflito com uma série de solicitações cotidianas. As verdades e os valores religiosos e culturais mais tradicionais chocam-se com os apelos de mudanças, de esforços para se manter o corpo em forma.

Hoje, tudo empurra para que a gente se cuide mais. Ninguém consegue resistir. Tudo o que a gente aprendeu sobre o corpo está mudando, os hábitos de higiene, alimentares, os movimentos, as disposições. Então, a gente precisa se adaptar e acompanhar a época. Tem que entrar na moda, meu filho, que ninguém é besta! (**Elenilton**).

02. A aparente aceitação da forma corporal que se manifesta em alguns escamoteia uma outra realidade. Serve como pretexto para disfarçarem o seu descontentamento com a forma física adquirida.

Quando eu falo que não tenho grilos com o meu corpo não é porque eu acredito nisso nem porque quero que os outros acreditem. É porque eu quero mudar de assunto, quero despistar, sabe? Não quero, naquela hora, falar do que me incomoda (**Edilourdes**).

E,

Acho que, como a maioria, eu não gosto de muitas coisas no meu corpo. Sonho que eu poderia ser muito mais “tchan”, mas faço de conta que não me preocupo com isso. Sabe, eu sou meio preguiçosa e esse negócio de se produzir dá muito trabalho. Sabe, eu sou assim... meio desleixada, sabe como é? Então eu fico quieta, mas isso não quer dizer que eu esteja contente (**Juciléia**).

Esse pseudo-conformismo parece estar mais relacionado às atitudes e não aos desejos. Não é raro encontrar um imaginário que persiga o corpo ideal, ao mesmo tempo em que a pessoa não se empenha em adotar medidas para melhorar o seu visual e potencializar-se.

Quando eu digo que estou satisfeito com o meu corpo, que nada nele me incomoda, eu sei que estou mentindo. Mas às vezes é cômodo acreditar nessa mentira. Então eu quero convencer o outro de que essa mentira é verdade. O outro também sabe que isso é mentira. Essa mentira não é só minha. É dele também. Então, ele finge acreditar na minha mentira porque sabe que eu também vou fingir acreditar na mentira dele. É um jogo. Mas cada um sabe onde a mentira acaba e a verdade se esconde. Cada um sabe do seu ponto fraco (**Graciliano**).

Às vezes a simulação é tão evidente que o próprio depoente prefere desmascará-la.

Eu tô muito satisfeito assim como eu sou. Sou um gordinho, quer dizer, um gordão (risos) feliz. Pra falar a verdade, acho que eu sou bem fofinho mesmo. Pelo menos eu tento fazer o tipo (**Raimundo**).

O mesmo sujeito continua a sua fala apontando ressalvas. Ele tenta disfarçar o seu embaraço. Olha para os lados, espreme os lábios e chega a pedir desculpas pela “trapalhada” que faz.

Não deu pra acreditar, não foi? (Risos). É, o fato é que me incomoda ter essa barrigona. Acho que eu precisaria mudar radicalmente a minha alimentação e fazer um pouco de ginástica, pra ver se melhora um pouco. Mas a coisa aqui é tão grave (aponta a barriga) que acho difícil conseguir dar um jeito. Então,

procuro não esquentar muito a cabeça com isso. É mais fácil viver deixando essas coisas pra lá mesmo (**Raimundo**).

03. Se para alguns falar do próprio corpo é um tanto desconcertante, falar de um corpo ideal, das possibilidades de retocá-lo, produzi-lo minuciosamente, e dos desejos que se alimenta nessa direção, assume um ar prazeroso e irresistível. Especular sobre o corpo perfeito é transferir a questão do âmbito pessoal para o social. Já não se trata de uma investigação individualizada, mas algo que diz respeito à coletividade.

Ser belo, forte, ter mais energia e permanecer sempre jovem. Com esse permanente discurso nos meios de comunicação, falar das possibilidades relacionadas ao corpo é atender, antes de mais nada, a um anseio social.

Hoje as pessoas falam em aperfeiçoamento do corpo. Existe um grande apelo para isso. A televisão e os anúncios não fazem outra coisa a não ser alimentar esse desejo. Então, todo mundo quer estar por dentro da moda. Todo mundo quer ficar bonito, jovem e sedutor. Todo mundo faz ou deseja fazer plásticas. Hoje, parece que existe uma obrigação das pessoas reconhecerem que elas podem ter um corpo diferente (**Doralice**).

A moda de valorização do corpo rompe a timidez e o próprio conformismo de cada um. A revelação dos desejos íntimos de aperfeiçoamento dos seus dotes físicos são convertidos em opção sedutora. O silêncio cede lugar à celebração.

Percebo que as pessoas estão deixando a vergonha de lado. O chique hoje é estar insatisfeito com o corpo e correr atrás do prejuízo, modificar o que não tá legal, ser diferente e se exhibir. Observe que as pessoas que faziam plásticas antes tinham vergonha de dizer que fizeram a cirurgia. Hoje não, é motivo de orgulho dizer que se fez plástica. Hoje, nada no corpo é para ficar escondido, tudo tem que ser mostrado (**Gleciara**).

A reflexão sobre as insatisfações com o corpo encaminham os relatos para a descoberta do caráter mutante dos modelos físicos, valorizado pelos meios de comunicação.

Acho que toda a sociedade hoje é levada a reclamar do corpo porque existe um certo padrão de corpo que sempre fica em evidência na mídia (**Marizete**).

Nesse contexto, cada um é insistentemente convidado a adaptar-se a um padrão efêmero de corpo referendado na mídia. Deve-se perseguir uma forma idealizada.

A gente se vê obrigada a comparar o corpo da gente com o modelo da mídia. Como esse modelo não é único, nem estável, quando se consegue fazer um esforço e adaptar-se a ele, já não serve mais. O modelo já é outro. Acho que é isso que gera essa constante insatisfação com o corpo (**Marizete**).

Métodos e técnicas novos para esculpir a anatomia são anunciados diariamente. Qualquer uma que prometa um pequeno milagre encontra milhares de adeptos. A mídia procura convencer a cada um que é possível estar com o corpo na medida certa das previsões feitas para cada estação.

A insatisfação, a frustração com o corpo, passam a ser uma estratégia valorizada hoje porque ela serve para fazer com que a pessoa busque as mudanças que vão fazê-la mais feliz. É preciso tentar e tentar sempre a beleza mais completa. Mas quando a pessoa pensa que já está pronta ela descobre que tem que correr atrás de algo mais. Esse jogo não tem fim (**Marizete**).

04. A solicitação ininterrupta para que se acompanhe as tendências da moda do corpo é apresentada ao público segundo muitas óticas. Para os entrevistados, a que se sobressai é a conjunção da beleza com a força. Conseguir um melhor desempenho físico, superar os próprios limites, é o que está na ordem do dia. A beleza é tanto mais real quanto mais se manifesta como força e resistência. Na atualidade, o corpo belo é o corpo vigoroso.

Ficar mais bonita não é tarefa difícil. A gente pendura uns penduricalhos, se enfeita, dá um jeitinho e acaba ficando bem. O difícil mesmo é recuperar a disposição que a gente tinha quando era jovem. Não me incomoda ter 60 anos. Incomoda-me é essa moleza dos ossos e da carne (**Antonieta**).

Além do desejo de ter um visual adequado, o indivíduo anseia por um corpo que permita performances que causem maior impacto.

De que adianta ter um corpo bonito se ele não agüenta nada? Eu acho bonito é quando a pessoa tem disposição e força pra fazer tudo que quer fazer (**Juvenal**).

O desempenho do corpo no cotidiano se tornou o termômetro indicador da beleza.

É muito bom sonhar com a perfeição. Mais eu quero saber mesmo é o que se pode fazer para ter um corpo que aguento o tranco. Eu me interesso muito pelos avanços da ciência pra saber como posso me melhorar um pouco, que eu não sou otária. Não é verdade? (**Tertulina**).

O que importa é estar sempre superando as suas limitações.

Ninguém brilha sendo normal, sendo comum. A gente tem um desejo de ser mais, de ser melhor e fazer mais coisas. Não basta ser sedutor, tem que ser irresistível. Não basta ser bonitinho, tem que ser lindo. Não basta correr muito, tem que ser o mais veloz. Não basta ser resistente, tem que ser invencível. Não basta ser saudável, tem que ser invulnerável. É próprio do homem querer ultrapassar os seus limites, desejar aquilo que está sempre mais adiante. Senão a vida perde a graça e tudo fica besta (**Teobaldo**).

A partir daí os entrevistados apontam vários elementos que julgam interferir negativamente na sua performance corporal. Eles sintetizam o eixo das reclamações e insatisfações com o corpo em detalhes específicos: altura, peso, resistência, percepção, higiene, saúde, juventude...

05. A altura. Se para certas atividades da moda -- esportistas, modelos, etc -- a estatura é condição fundamental, ter medida inferior àquela apontada como ideal pode se tornar um fator de infelicidade.

Eu sou baixinho. Isso acaba comigo. Eu queria jogar vôlei. É minha paixão. Mas qual é o time que vai aceitar um pirralho como eu? Os caras me recusam até pra jogo na areia da praia. Se eu fosse mais alto o desempenho do meu corpo seria muito diferente. Até andar mais rápido eu poderia. Você já viu um baixinho fazendo cooper com um grandalhão? O grandão vai fazendo caridade, andando na dele, e o baixinho vai atrás, escarreirado, se lascando todo (**Graciliano**).

06. O peso. Esse é outro motivo que pode facilmente induzir alguém ao fracasso e supostamente impedir o alcance de movimentos graciosos e leves, como os adquiridos pelas pessoas sempre esbeltas que aparecem nos anúncios publicitários.

Eu gostaria de ser mais magro. Mas não vivo fazendo exercícios e começando e interrompendo regimes. Isso dá muito trabalho. É verdade que não sou obeso.

Mas tenho um peso bem além do que dizem que é o certo, gorduras por todos os lados, uma barriga bem crescida. E assim não dá pra ser feliz como as pessoas das propagandas de cigarro e refrigerantes (**Raimundo**).

O controle do peso é uma obsessão que envolve os cuidados com o corpo.

Sabe aquelas tabelas de revistas que dizem quanto a gente deve pesar, de acordo com a altura? Eu tento me adaptar a elas. Mas são tão diferentes que acaba sendo uma piração. A gente fica sem saber qual é a certa. Hoje, a gente sabe que quer ficar magro, mas não sabe os limites e as medidas que são mesmo adequadas, porque elas também mudam a toda hora (**Sandoval**).

É muito difícil um equilíbrio. É fácil encontrar exageros em pessoas insatisfeitas com o corpo só pelo simples fato de estarem abaixo ou ligeiramente acima daquilo que pressupõem e aceitam como sendo o normal.

Às vezes o meu peso aumenta um pouquinho. Aí vem uma amiga e diz: “Nossa, como você tá imensa, controle mais a boca”. Daí eu malho e perco uns quilos. Vem outra e diz: “Cruz credo, como você tá seca, andou doente?” A gente não aguenta a pressão de não manter o peso certo e não saber qual seria. Ao mesmo tempo, a gente não consegue se desligar dessa questão (**Cleoneide**).

Como a mídia tem valorizado figuras esguias, estar magro é motivo de vaidade e exibição. Quando alguém consegue perder alguns quilos e aparece em público desfilando seu novo corpo de medidas propositalmente estudadas e perseguidas, sempre causa um verdadeiro *frisson*. Porém, mais que beleza, é um ideal de saúde que é celebrado.

Ser gordo me deixa um pouco desconcertado. Principalmente na praia. Tenho um pouco de vergonha de tirar a roupa, de andar sem camisa. Mas o pior mesmo é que fico cansado com qualquer esforço. Não tenho o pique para acompanhar alguns amigos que têm um bom corpo, o peso certo. Quando emagreço um pouco gosto quando as pessoas percebem, comentam e elogiam. Mas eu sempre faço de conta que não estou nem aí pro meu peso e descaro mesmo, mostrando minha barriga. Pior mesmo, meu rei, é o medo do coração entupir, a gente ter um troço brabo e morrer (**Raimundo**).

O emagrecimento mudo, desacompanhado de um discurso justificativo, é suspeito. O charme do emagrecimento está nas formas que cada um pode exibir, mas igualmente na troca de experiência que pode ser vivenciada, na defesa do método que de fato funciona, na demonstração de que o esforço e o sacrifício nesse empreendimento são compensados.

Eu gostaria de emagrecer. Mas não faço regime. Pra mim, é histérico demais esse negócio de ficar controlando cada colher de açúcar, cada pedaço de bolo ou de pão. E eu adoro um cachorro-quente. Eu gostaria de emagrecer com um remédio retado de bom. Um troço mais fácil. Agora, eu desconfio desse povo gordo que de uma hora pra outra perde vinte quilos. Pode ser doença braba ou então o regime foi tão violento que a pessoa secou. Mas depois ela relaxa e uma semana depois está gordona de novo. Eu queria emagrecer, mas sem entrar nessa piração toda (**Raimundo**).

07. Resistência. Para muitos entrevistados, ampliar a força física é o principal objetivo do culto ao corpo na sociedade tecnológica. Não se consegue uma boa performance sendo debilitado, enfraquecido.

Não gosto de ficar estressada com tão poucas atividades, quando poderia fazer mil coisas interessantes se fosse mais resistente, mais flexível, mais ágil, mais forte e mais potente, em todos os sentidos (**Marilene**).

O cansaço contínuo, a falta de disposição e a ausência de forças comprometem o exercício das tarefas cotidianas. Mas interferem sobretudo na imagem que se quer exibir.

O que mais me incomoda é a sensação de estafa. A gente quer mil atividades e o corpo diz não. Quer fazer de conta que pode tudo, que agüenta todos os trancos, mas ele reage e obriga a gente a parar, a descansar, a correr pra rede (**Astrogildo**).

A recuperação das energias por métodos naturais, baseados na alimentação, descanso, sono e lazer se mostra insuficiente. São métodos lentos. A maioria é convicta de que só se pode ampliar a resistência por meios técnicos, com terapias intensivas, nutrição mais energética e cirurgias. Deseja-se uma reabilitação instantânea.

A gente não aguenta mais esperar uma reação lenta do corpo. É preciso induzi-lo a reagir rápido. Com um cotidiano agitado nas grandes cidades gasta-se compulsivamente as energias. De outro lado, torna-se preciso um

reabastecimento também compulsivo. Se não for assim, o cara tem um troço e morre (**Marilene**).

08. Sentidos atravancados. Percepção lenta e limitada. Outros entraves.

Eu sou muito grilada com os meus sentidos. Acho que eles são muitos limitados. Além de atrapalharem um melhor desempenho do meu corpo, o meu trabalho também é prejudicado por isso. Sou bailarina. Bom, eu estou falando dos reflexos lentos, de uma habilidade corporal pouco desenvolvida, de uma agilidade sempre aquém da desejada, de uma visão que dá conta de poucas coisas, de um olfato que nem sempre distingue os cheiros, etc (**Marilene**).

É a intensidade da percepção que está sendo questionada. A insatisfação se manifesta na fraca potência, na incapacidade de poder ir além daquilo que os sentidos conseguem naturalmente.

Com esforço e treino é possível melhorar a agilidade e perceber as coisas sem esses pequenos equívocos. Mas a questão é maior que isso. Falo de uma agilidade que não se consegue atingir nem mesmo com treino. Falo de uma superpercepção. Com óculos pode-se melhorar a visão. Não estou me referindo ao fato de poder ver bem, simplesmente. Estou falando de ter uma hipervisão, você entende? (**Gleciara**)

09. Higiene e manutenção corporais. A necessidade de cuidados diários com o corpo muitas vezes é vista como obrigação enfadonha da qual alguns gostariam de se liberar.

Escovar os dentes três vezes por dia e ficar na frente do espelho com cara de tacho, passando o fio dental. Tem coisa mais besta e chata do que isso? Ora, RoboCop não escova os dentes, não usa fio dental, não tem problemas com cárie nem com mau hálito. Só os homens têm que se submeter a esses tormentos diários (**Juciléia**).

Para alguns, os cuidados com o corpo exigem rituais que circunstancialmente até podem ser prazerosos, mas a excessiva repetição obrigatória acaba por desenvolver o tédio.

Incomoda-me que o corpo seja tão dependente. Dependente de alimento, por exemplo. É um problema ter que ficar o tempo todo providenciando alimentos e tentando me convencer de que eles são gostosos apenas porque o corpo necessita deles. Não é que eu não goste de comer. Não gosto dessa obrigação.

Tem que comer, tem que beber, tem que dormir, tem que tomar banho. Essa obrigação é um peso (**Elenilton**).

Outra depoente afirma:

Quando eu vejo aquelas pessoas desleixadas, gordas, sujas, cabelos sebosos, com cicatrizes e manchas por todos os lados, acho que são pessoas que, não suportando mais se dedicar aos cuidados do corpo, caíram no oposto total. É o ridículo traduzindo a saturação que elas vivem. Sim, porque é feio pra burro. Só sei que a gente precisa encontrar um jeito de ter um corpo saudável e higiênico sem se perder nesses tormentos atuais. Se você me apontar alguma coisa que diminua as obrigações com o corpo eu pulo logo em cima (**Juciléia**).

A maioria, entretanto, reconhece que é preciso buscar nas várias atividades de higiene e manutenção a tolerância e o prazer de cuidar de si mesmo.

Eu vivo me enganando, me convencendo de que cuidar de mim é um prazer. Se não for dessa maneira a gente não agüenta e cai no desleixo (**Belarmino**).

Despertar o prazer nas atividades higiênicas e de abastecimento do corpo é um modo de conduzir as pessoas a uma intensa observação de si mesmas.

É verdade que às vezes cuidar do nosso corpo cansa. Mas a gente também não pode negar que dá muito prazer. Usar um sabonete bem cheiroso é bom demais. Passar um hidratante e ter uma pele bem fresca e macia é maravilhoso. Esse tipo de cuidado tem um apelo erótico. Não é à toa que a publicidade explora tanto esse lado. É o corpo com tesão à flor da pele, bonito, jovem, todo ele sorrindo e dizendo: ‘Veja, estou aqui, bem cuidado, bem limpo, bem alimentado, cheio de vitalidade e desejos (risos)’ (**Marilene**).

Por meio de exame contínuo aumenta-se, passo a passo, a disposição do indivíduo para buscar novos métodos e outras formas de intervenções no organismo. Cria-se assim o hábito da construção física e mental do corpo.

Eu sou cética. Estou na fase de poder viver sem traumas o desencanamento com o corpo. É, pelo menos estou tentando. Acho que não adianta ficar gastando tempo, dinheiro e energia para atacar problemas na periferia do corpo. Tirar uma ruguinha daqui, uma celulite dali, outra gordurinha localizada mais adiante. Eu já me libertei da ditadura da beleza. Eu sou mais exigente. Eu sou mais radical (risos). A ciência tem que atacar é o cérebro. É ele que comanda todo o corpo. Eu queria mesmo era dar umas boas cutucadas no cérebro, pra ser bem inteligente, ter uma memória das boas e ordenar o não enfraquecimento

dos órgãos e membros do corpo. Você acha que eu sou doida? Espere pra ver (**Tertulina**).

10. Saúde. A preocupação acentuada com a forma e a saúde, com a busca de um completo estado de equilíbrio das forças físicas e psíquicas sustenta, de outro lado, o pânico das doenças. O sujeito percebe que vive ameaçado. Busca a forma ideal, mas sempre sob o temor das enfermidades. Elas podem desmoralizar, destruir os progressos físicos conseguidos com muito esforço.

Eu queria ter um corpo mais que saudável. Um corpo que fosse totalmente fechado a todo tipo de doença. Já pensou, cara, a gente não precisar ter medo de aids, câncer, enfarto e mais um bocado de porra? Livre das doenças e da velhice a gente ia morrer só de acidente ou de suicídio (**Raimundo**).

Muitos entrevistados se referem às doenças como a mais óbvia ameaça ao gerenciamento do corpo. Diante delas, todos os demais cuidados e produção perdem o sentido. Acreditam que com uma boa manutenção física pode-se aumentar as alternativas de uma vida saudável. Mas nem sempre se consegue evitar os males.

11. A juventude. Pessoas preocupadas em manter a jovialidade a todo custo encontram no envelhecimento o seu maior temor. A experiência do senso comum indica que ele sempre vem acompanhado de complicações físicas e de uma variedade de doenças que acentuam a dependência e a impotência corporal.

Quando penso na velhice fico apavorado. É terrível saber que o corpo vai ficando cada vez mais incapaz, cada vez mais limitado. Tenho medo de vir a ter um corpo imprestável, isto é, que não agüente mais fazer nada do que eu queira. Isso me preocupa, me aterroriza (**Graciliano**).

Perder a força, a graciosidade, a leveza dos movimentos de um corpo jovem e ser obrigado a enfrentar um maior número de enfermidades. Essa perspectiva mobiliza muitos entrevistados a buscarem tratamentos preventivos e alternativos capazes de retardar efeitos da velhice.

O que eu conheço de mais eficiente para adiar a velhice é cirurgia plástica. Eu já fiz algumas plásticas. Fiz. Fiz mesmo. Primeiro fiz para eliminar uma cicatriz

imensa que eu tinha no braço. O resultado foi ótimo. Isso me animou a fazer outra para diminuir o busto. No próximo mês vou receber um dinheiro de conta inativa e vou eliminar todos esses pés de galinha ao redor dos olhos. A gente precisa se cuidar e ficar mais jovem... a Tonia Carreiro tá aí pra nos dar exemplo (**Marizete**).

Alguns percebem que a batalha contra a ação devastadora do tempo requer armas mais potentes. Não é suficiente retardar os sinais da velhice. É preciso uma revitalização interna capaz de habilitar o corpo ao funcionamento desejado.

Fazer plásticas é uma chance de adiar um pouco os sinais do envelhecimento. Mas não é solução. Os sinais são eliminados, mas a velhice está presente nos órgãos internos, que já não funcionam muito bem. A pessoa pode ter um rosto que aparenta 40 anos, mas o coração cansado e quase pifando tem muito mais décadas (**Belarmino**).

Nos depoimentos, o mito da eterna juventude está sempre presente.

Só em pensar no envelhecimento já me cago todo. Quero morrer jovem. Sei que a velhice pode ser boa, traz a evidência da experiência, do conhecimento adquirido ao longo dos anos. Isso é bonito pra quem quiser. Eu não acho. Pensar nessa beleza é uma forma de consolo besta. A velhice traz aquele montão de doenças. E o mais grave, a gente vai perdendo toda a capacidade que o corpo jovem tinha. A tendência é ficar mais lento, ouvir menos, ver menos, respirar com dificuldade, se movimentar levemente. Seria bom se a gente pudesse congelar o corpo quando chegasse aos 25 anos e continuasse a viver com esse corpo sempre igual pro resto da vida (**Rubinaldo**).

Também,

Eu era um homem forte, trabalhava no pesado, era bonito e vivia cercado de namoradas. Mas hoje a coisa mudou. Enxergo pouco, tenho reumatismo, sinto muitas dores e tem dias que nem posso andar direito. Tá certo que não sou muito velho. Mas tô um bocado acabado (...) Se eu pudesse ficava moço de novo (**Juvenal**).

12. Solicitados e induzidos a uma constante vigilância corporal, os entrevistados reconhecem que as lamentações, identificadas no rol dos entraves pessoais, não podem comprometer a alegria de ter e de falar do corpo. Esse contentamento se manifesta no modo animado como cada um se dedicou a revelar estratégias para ir além dessa radiografia do

descontentamento. Transparece na disposição para falar dos meios aos quais recorrem ou que gostariam de utilizar -- como se verá nos capítulos seguintes -- para aperfeiçoar-se. Sempre.

Acho melhor parar por aqui. Se eu continuar a falar sobre o meu corpo vou encontrar defeitos em todos os lugares e vou ficar retada. Vou acabar concluindo que nada no meu corpo presta e vai ser preciso trocar tudo. E haja cirurgia! Mas podemos falar de como se pode vencer os obstáculos e as insatisfações (**Gleciara**).

02. TRANSPARÊNCIAS

Acho que como todo mundo eu também tenho medo de médicos, hospitais e cirurgias. Mas daí a deixar de fazer uma plástica existe uma grande distância. A gente precisa se atualizar. E uma forma de atualização do corpo é através das cirurgias mesmo.

Marizete

A partir da insatisfação decorrente dos limites corporais, os entrevistados se animaram a falar de técnicas de modelagem do corpo e se posicionaram diante delas. Neste capítulo apresento os relatos sobre métodos de reconstrução física pelos quais eles demonstraram interesse: os exercícios e as cirurgias plásticas. Os depoimentos demonstram tanto as expectativas quanto os receios desses recursos, as preocupações relacionadas à repetição dos mesmos movimentos nos aparelhos de musculação e as dificuldades em enfrentar hospitais, clínicas e médicos. A questão que deu origem a essa discussão foi: “Se você pudesse modificar/trocar alguma parte do seu corpo, o que/como modificaria?”

01. Estar em forma é o grande objetivo do culto ao corpo contemporâneo. Para atingi-lo, ao menos em parte, as atividades físicas são consideradas imprescindíveis.

Eu não quero ficar bombado. Embora bonito, acho exagerado demais. A maioria das pessoas não busca o treinamento pesado. O que a maioria quer é estar com tudo no lugar, enrijecer os músculos, destacá-los um pouquinho. As pessoas que fizeram algum progresso se exibem em todos os lugares: nas praias, nos shoppings, aqui pela Universidade, nos ensaios dos blocos, nas lavagens, nas ruas por onde passam. Então, quem não faz parte desse espetáculo está por fora de tudo. Além disso, a gente já se convenceu que para estar de bem com a vida é preciso estar de bem com o corpo, o que significa produzi-lo **(Teobaldo)**.

A indústria de produção do corpo abastece um mercado aquecido com aparelhos adequados a diversas modalidades de exercícios e também cria os seus templos sagrados:

as academias de ginástica, modelagem e condicionamento físico, que ganham prioridade sobre a musculação em domicílio.

Não tem graça ficar fazendo exercícios sozinho por aí. Pra mim a academia é o lugar certo. É verdade que tenho um pouco de preguiça. E no momento nem estou indo. Mas já frequentei a academia Petrus, ali no Relógio de São Pedro. Acho que a academia é o lugar certo pra gente treinar. É sempre interessante ver o que as outras pessoas já conseguiram fazer com o corpo delas. Quando vejo o exagero do corpo dos halterofilistas, por exemplo, sinto que assim como eles conseguiram tudo aquilo, eu também vou conseguir ao menos ter músculos enrijecidos. A academia estimula a gente (**Graciliano**).

Para alguns, o principal estímulo é perseguir um cânone físico celebrado na mídia.

A gente vem pra academia querendo fazer com o nosso corpo o mesmo que um modelo fez com o dele. Conheço uns caras aqui da Petrus tão bombados que acham que são novos Van Damme e sonham em ficar ricos e famosos. Também conheço meninas que fazem quinze minutos de aeróbica e dez abdominais e acham que vão ficar com o corpo da Brunet. Mas é assim, é um modelo, uma imagem, que mobiliza as pessoas ao suor (**Claudionei**).

Várias pessoas enfatizaram que o gerenciamento do corpo segue sucessivas etapas. Algumas são consideradas “leves”, para manter a forma, e outras “pesadas”, uma musculação exagerada que chega a deformar o corpo.

Acho que os caras exageram. Parece que acham que vão ser como aqueles bem-sucedidos dos filmes de pancadaria. Agora, não dá pra esquecer que o padrão de beleza aqui é outro, bem diferente da beleza de um corpo que sempre fica a cargo da natureza. Mas não gosto desse desperdício de suor e músculo, de ficar bombado e torto, andando como um robô. Gosto da academia, mas para um condicionamento simples. É o que eu considero saudável e bonito (**Graciliano**).

A pastoral do suor e do músculo faz com que alguns concebam a beleza e o vigor corporal por meio de medidas progressivas registradas pela fita métrica.

Eu treinava lá na Petrus. É uma academia onde vão muitos halterofilistas. Eu vejo encanto no meu corpo através do enrijecimento dos músculos, do toque. Eles ficam encantados com as medidas. Comemoram cada centímetro a mais na perna, no peito ou no braço. Você percebe, a academia é um lugar que concentra muitos universos diferentes (**Graciliano**).

02. Mais que lugar ideal para treinamentos e condicionamentos, a academia é ainda ponto de exibição, sobretudo do corpo mais jovem. Ela é um espaço de sociabilização.

É verdade que a gente pode ir (numa academia) para estar com o corpo em forma. Mas a academia não é só isso. É o meu lugar favorito para fazer e encontrar amigos. Teve uma época em que os meus amigos eram os da infância. Todos se foram. Noutra época, eram os colegas da minha primeira faculdade. Todos se foram. Depois, foram os colegas de trabalho. Sempre chatos, sempre com o mesmo papo. A concorrência e a disputa contínua dissolveram muitas daquelas amizades. Hoje, os meus amigos são os companheiros de ginástica da Podium, na Pituba (**Belarmino**).

Ponto de encontro, lugar para se jogar charme, seduzir alguém.

Meu pai tem em casa alguns aparelhos de ginástica. Nunca os uso. Não vejo razão em ficar sozinho fazendo exercícios. Então, vou pra academia três vezes por semana. Aquele clima de paquera me deixa louco. Mas é só o clima. Só vejo sentido em cuidar do corpo numa atmosfera de sedução. Existe uma espécie de intimidade entre as pessoas que fazem academia (**Rubinaldo**).

Há quem veja nesse clima de sedução a justificativa para o fato de que as academias proliferam em toda a cidade.

É incrível como as academias se espalham nas cidades praianas. Parece um contra-senso, mas não é. Eu poderia correr ou pedalar do Porto da Barra até o Flamengo. Não vejo graça nisso. Apesar do visual, do mar, do sol, do vento e das pessoas circulando, tudo é muito disperso. Os interesses ali são os mais variados. Faltam um quê especial, uma sedução e uma linguagem em comum que envolvem o clima íntimo das academias. As pessoas até que fazem alguns exercícios na praia. Mas aquilo é só pra chamar atenção. Elas treinam e modelam mesmo o corpo é na academia (**Graciliano**).

Além de cuidar do corpo, frequentar uma academia é fazer parte de uma tribo e compartilhar um mundo de códigos e valores próprios. Adquirir uma linguagem, uma moda, uma maneira contemporânea de viver.

03. A academia também é vista como um lugar que incentiva aventuras sexuais. O clima de sedução, a exposição do corpo e as trocas de gentilezas, manifestadas em dicas com as quais os mais experientes auxiliam outros a obterem melhores resultados físicos, criam possibilidades de encontros.

Pra falar a verdade, acho que o povo se comporta demais na academia. Mas por trás daquela concentração toda está o flerte. Às vezes não rola nada mais que isso. Mas às vezes acontecem umas aventuras. Quando pinta é sempre legal. O clima favorece e tem magia (**Rubinaldo**).

Existe todo um imaginário, alimentado pela mídia, a respeito das aventuras sexuais nos centros de cultura física..

Você pode observar. Sempre que aparece uma academia num filme ou numa novela logo a gente se depara com pessoas apaixonadas, transas e as porras. Isso sem falar dos filmes de putaria. Parece que a academia é ponto alto na imagem do sexo. Tudo gira em torno do sexo. As pessoas falando, se mostrando... Eu não vou em nenhuma academia, mas acho que deve ser muito excitante. Fico é só imaginando (**Raimundo**).

04. Mesmo sendo o lugar preferido da maioria para o condicionamento físico, a academia não exclui outros espaços onde trabalhar o corpo é possível, viável e agradável.

A atividade física é um modo de vida. É chique levar uma vida esportiva. Acho que ninguém se contenta com um lugar fechado como é a academia. A pessoa vai lá e treina. Quando consegue um visual melhor sai para os espaços abertos. Pra mim os lugares bons para a exibição dos músculos são praia, shopping e ensaio de bloco. Nos três a gente continua treinando, andando um bocado ou dançando tudo o que pode (**Astrogildo**).

Assim, os lugares se multiplicam.

Sempre trabalhei muito e movimentei muito o corpo. Nunca frequentei antes esses lugares (as academias). Mas agora o médico disse que eu precisava fazer caminhadas. No começo eu não gostava muito, mas sempre ia da Barra até Ondina. Depois fui pegando gosto pela coisa, conhecendo umas pessoas pelo caminho e fazendo amizades. Agora vou até o Rio Vermelho e volto, três vezes por semana. Também entrei no Planeta Água. Sabe, lá na Pituba, uma academia

que tem grupo de hidroginástica para pessoas na terceira idade. Estou adorando. Acho que estou ficando viciada (risos). Mas é um vício bom, faz bem para o corpo, ajuda a gente a viver melhor (**Lucineide**).

Não são todos os que compartilham a prática dos pesos e halteres. Para os que fogem da tecnologia do suor, nestes moldes, a indústria do corpo oferece outras opções.

Eu não gosto muito de ir pra uma academia e ficar fazendo musculação. Acho muito besta ficar levantando peso daqui e dali. Mas eu pretendo fazer aula de aeróbica e adoro natação. Por enquanto mantenho meu corpo em forma me dedicando a treinar técnicas de dança contemporânea lá na Faculdade de Dança (**Marilene**).

05. Muitos enfatizam que os exercícios físicos devem ser acompanhados de regimes, vitaminas e complementos alimentares.

Tão importante quando freqüentar uma academia e se dedicar com paixão ao treinamento é saber dosar a alimentação, dispor das vitaminas certas, daquilo que reforça a massa muscular (**Genivaldo**).

Um entrevistado ressalta a necessidade de acompanhamento profissional.

Coquetel de vitaminas e produtos para aumentar a energia e a massa muscular viraram mania e se encontram em todos os lugares. Todo mundo sabe passar umas receitas. Mas eu procuro um médico porque tenho medo de me encher de porcarias. Eu sou muito encucado com essas coisas. Também não quero engordar. Então, tanto as vitaminas como a bateria de exercícios precisam ser bem dosados. Eu não sigo, como muitos, indicação de revistas e de amigos (**Graciliano**).

06. As pessoas que fazem da prática contínua de exercícios e do balanceamento alimentar critérios básicos de produção do corpo admitem a insuficiência dessas técnicas. São mecanismos que colaboram nos aspectos básicos de modelagem, mas são lentos e precisam ser complementados por outros mais velozes e eficientes: as cirurgias plásticas.

Não me agrada a idéia de malhar durante anos para perder gorduras localizadas na barriga. Então, eu gostaria de fazer uma lipoaspiração. É tão mais simples, tão mais rápido. A gente precisa usar dessas facilidades (**Valdirene**).

Mas as cirurgias também causam um certo mal estar. Hospitais e médicos não são organizações e profissionais com os quais muitos queiram se envolver. Daí que alguns desejam plásticas instantâneas.

Eu vivo sonhando com plásticas pré-fabricadas. O que é isso? Uma plástica mágica, uma maquiagem boa que dê conta do recado, sem que seja preciso a cirurgia tradicional (**Marilene**).

É reivindicada uma transformação física sem esforço.

O maior problema da academia é a monotonia repetitiva dos movimentos, gestos e práticas de exercícios. Isso acaba sendo muito enfadonho. Já pulei muito de uma pra outra. Mas agora já estou de saco cheio. Descobri que é uma bobagem. Lá na nova também vou repetir os mesmos exercícios. Agora, um ambiente novo, pessoas novas e espaço diferente ajudam a gente a se enganar um pouquinho. Eu queria algo que não precisasse desses esforços, mas ainda não encontrei. Fazer implantes de músculos por todo o corpo não deve ser uma boa idéia (**Elenilton**).

Uma ou duas gotas e pronto: rejuvenescimento garantido! A pele se livra das rugas e linhas de expressão em questão de minutos. Uma mágica.

Eu morro de medo de fazer uma cirurgia. Fico pensando que deveria ter um método totalmente besta para se mudar alguma parte do corpo. Mas não, qualquer bobagem implica naquele sofrimentão todo. Não sei se tenho coragem para isso. Se fosse uma coisa bem simples, de efeito pirlimpimpim, do tipo quero trocar isso e troco, eu poderia fazer (**Rubinaldo**).

Alguns se referem a propagandas nas quais indústrias de cosméticos anunciam os milagres da simplificação: mudança imediata na aparência. Elas apregoam, além da praticidade, simplicidade, imediatez e baixo custo, o fato de que o corpo não sofre nenhum tipo de agressão ou interferência brusca, como cortes e dores.

A publicidade anda cheia de anúncios de plásticas rápidas. Mas na verdade são maquiagens especiais. Depois de certo tempo seu efeito se desfaz e o encanto acaba. É uma ilusão (**Gleciara**).

07. Os depoentes fazem considerações sobre as diferenças entre a cirurgia terapêutica-curativa, a plástica reparadora e a plástica com fins estéticos. A primeira é vista como uma especialidade da medicina no tratamento das doenças, lesões e deformidades, externas e internas. Uma operação que visa a uma cura. A segunda, também uma operação, mas com o fim de reconstruir artificialmente uma parte de corpo, arruinada, destruída por enfermidades, traumatismos e defeitos congênitos. Por fim, aquela com a finalidade de embelezamento, revigoramento e rejuvenescimento.

A gente separa esses três tipos de cirurgias, mas também acaba facilmente confundindo as três. Isso porque quando se fala em cirurgia a primeira coisa que a pessoa lembra é da doença. E a doença provoca medo nas pessoas. Medo da dor, do sofrimento, de ficar dependente dos outros e de morrer (**Teobaldo**).

Como modalidade de intervenção curativa a cirurgia se apresenta como uma necessidade, um mal obrigatório que, bem sucedida, pode salvar a pessoa do problema que ela padece.

Quando alguém vai ao médico e ele diz que a pessoa tem um problema e precisa ser operada ela pode não gostar, mas sabe que a operação é necessária. Ela tem medo, mas a vontade de ficar boa lhe dá a coragem de enfrentar tudo (**Marinoval**).

Outro fator importante é que essa cirurgia é sempre a alternativa apontada e determinada por outrem, no caso, pelo médico. Ela vem acompanhada de um detalhado diagnóstico que aponta a sua real necessidade.

Eu tenho medo de arriscar alguma coisa, de arriscar muito a minha vida fazendo alguma cirurgia. A menos que seja por extrema necessidade e isso me obrigue a encarar o caso de frente (**Astrogildo**).

Às vezes a reação contra a cirurgia é intensa e o indivíduo prefere, mesmo em caso grave de doença, recorrer a outros tratamentos e terapias. Mas faz ressalvas no caso de dores. O medo não resiste ao sofrimento.

Eu sei que com as plásticas se pode melhorar o ar da graça. Mas não vejo com muito bons olhos as operações. Prefiro tratar de alguma doença por outros meios, mesmo sendo mais lentos. Agora, diante da dor a coisa muda de figura (**Juvenal**).

Posturas mais brandas aparecem quando a necessidade de reparação provém de urgências, como acidentes. Situações nas quais não se pode esperar os efeitos vagarosos de tratamentos tradicionais. A emergência vulnerabiliza as resistências.

A gente pode evitar muitas coisas, mas tem hora que não se tem pra onde correr. Quando a pessoa é acidentada, por exemplo, precisa da cirurgia para pôr no lugar o que foi quebrado, para ajustar os defeitos. Assim, nem se tem tempo de sentir medo (**Astrogildo**).

As cirurgias também são consideradas necessárias para inteirar membros e reparar deformidades “de nascença” ou “adquiridas no dia-a-dia”. A plástica continua centrada nos aspectos restauradores.

Tá vendo essas duas cicatrizes que eu tenho aqui? Uma delas foi uma queda que tive. Ainda era pequeno. Uma onda me jogou numa pedra lá em Itapoã. Cara, me lasquei todo. O negócio foi feio. Ficou essa marca. A outra, um pouco mais pra cima, foi um corte com facão, abrindo coco. Eu gostaria de fazer uma operação para voltar a ter a perna que eu tinha antes, limpa, sem marcas (**Genivaldo**).

Os receios com as cirurgias, em alguns casos, encontram a sua origem em experiências negativas, em nível familiar ou pessoalmente.

Para mim é um terror ouvir dizer que alguém vai ser operado. Sei que hoje isso não é nenhum bicho-de-sete-cabeças. Acontece que a minha irmã morreu por causa de um problema com a anestesia geral. Você sabe, ninguém é responsabilizado por isso. Quem morre é quem perde a vida. Olhe, moço, se você não se incomodar eu prefiro não falar nisso. Ainda dói muito (**Antonieta**).

08. A ausência de um mal e o planejamento da cirurgia são razões que eliminam muitos receios. Quando a intervenção cirúrgica é uma opção do indivíduo as resistências cedem lugar a uma expectativa maior relacionada aos resultados que se espera atingir.

Tenho observado que as pessoas se assustam é com a doença e os acidentes. Quando a cirurgia é planejada e depende da vontade da pessoa, como no caso da cirurgia estética a reação é outra. Se a pessoa estiver doente e o médico disser que tem que fazer uma operação senão morre mesmo, a pessoa vai lá e faz. Mas o medo não é vencido totalmente. Tenho uma amiga que está com um câncer no seio e precisa de uma cirurgia. Ela chora de se acabar. Essa cirurgia está ligada a uma doença terrível. Ela tem medo. Mas quando ela fez uma plástica para retirar as rugas do rosto não teve medo, não sofreu nada. Era apenas uma questão estética e uma opção. A cirurgia tinha tudo pra ser segura. Mas a doença de agora ameaça essa segurança (**Tertulina**).

Os entrevistados ainda apontam desconfianças nos sistemas de saúde, nos recursos pouco disponíveis em muitos hospitais e em médicos não devidamente preparados para a função ou que trabalham em situações insustentáveis, comprometendo o resultado cirúrgico e, no limite, a vida do indivíduo.

Você sabe, todo mundo sabe, que os hospitais e quase todos os médicos não são confiáveis neste país. O sistema público é uma calamidade e o particular é muito caro e não é tão bom assim (**Astrogildo**).

E,

É arriscado pisar num centro de saúde. Sei das precárias condições de higiene e tenho medo de infecção hospitalar. Não me apavora a cirurgia, mas o fato de saber que tudo é feito de qualquer jeito, de modo atrapalhado. Daí que se erra muito. E o paciente é quem tem que aguentar as conseqüências, os problemas, e as dores. Eu preciso confiar muito no médico ou ter certeza de que ele é um grande especialista. Um Ivo Pitanguí. Tem muito picareta por aí fazendo um monte de besteira em qualquer açougue. Eu não vou me arriscar à toa com qualquer um, em qualquer lugar (**Gleciara**).

09. Alguns destacam o fato de que a cirurgia plástica, numa sociedade que ainda conserva fortes elementos de uma cultura machista e patriarcal, é associada à vaidade feminina. Os homens precisam enfrentar estigmas.

Ainda não está tão na moda homens fazendo plástica, a não ser artistas de cinema e televisão. As mulheres é que são vaidosas. Elas que pensam nisso o tempo todo. Eu não. A minha coragem eu gasto em outras coisas (**Sandoval**).

Na atualidade esses preconceitos vêm sendo derrubados devido, principalmente, à cultura televisiva. Talvez por essa razão alguns fazem ressalvas para os artistas.

Só as mulheres estão preocupadas e dispostas a sofrer tanto nas operações para ficarem mais bonitas. Elas são vaidosas. São doidas mesmo. Também artistas. Mas acho isso bobagem. Os homens só deveriam fazer essas operações para ficar mais fortes, mais potentes. Sim, porque essa é a situação masculina, você concorda comigo? A beleza é uma questão feminina. Eu não me misturo (**Marinoval**).

Para outros, a vaidade corporal hoje é essencialmente masculina, mas muitos homens ainda disfarçam.

Maluquice. Fingimento. Os homens são muito doidos. Eles não se sentem seguros. Eles fazem as coisas. Mas não conseguem dizer que fazem. Todos hoje estão preocupados com o visual, adoram espelhos, maquiagens, cremes e capricham nos detalhes. Mas isso, para eles, tem que ficar no silêncio. Percebeu como é que é o negócio? (**Marilene**).

Algumas pessoas estão convencidas de que a produção física só é necessária diante de algum evento ou das câmeras.

Eu levo um vida muito simples, o senhor pode ver. Com a vidinha que a gente leva nem precisa ficar se preocupando o tempo todo em ficar bonita. Só quando tem um casamento, batizado ou a gente vai passear no shopping. Então, pra mim, eu acho que seria gastar dinheiro à toa. Essa coisa de operação plástica é muito importante pra aquelas pessoas que trabalham na televisão. As pessoas das novelas. Elas precisam ficar bem bonitas porque são vistas por todo mundo (**Lucineide**).

Mas, para outras, a presença maciça dos meios de comunicação e a possibilidade de que se seja flagrado por uma câmera de vigilância, em qualquer lugar por onde se passe, vão alterando aos poucos a concepção de que a produção do corpo requer cuidados apenas em épocas festivas, em momentos especiais.

Que nada! Hoje tem câmeras espalhadas por todos os lugares. A gente sai na rua e pode ser filmada, fotografada e aparecer na televisão, até sem saber. Então eu gosto de sair com tudo em cima que é pra aparecer legal (**Juciléia**).

Ainda,

Hoje todo mundo pode aparecer na televisão e muitas vezes de surpresa. Ninguém quer aparecer de qualquer jeito. Então, cada um cuida de manter uma aparência mais elaborada esperando ganhar algum destaque. A postura física é um modo de chamar a atenção da câmera, um sorriso perfeito pode abrir algumas portas profissionais, umas pernas incríveis muito mais. É preciso ter o corpo com tudo no lugar, mas também é preciso ter a graça e a malícia de saber mostrar-se e se impor (**Marinete**).

10. Além desses receios com a cirurgia, outro problema sempre presente é o financeiro.

Eu sou pobre, não tenho dinheiro pra pagar um bom médico e um bom hospital pra fazer uma plástica. Eu sei de todos os problemas dos hospitais do governo, mas eu tenho que conseguir uma vaga é lá. Eu quero diminuir o busto. Tem dois anos que ando procurando um filho de Deus que me faça a operação. Agora parece que tá quase tudo certo. Devo ser operada no Hospital Manoel Vitorino ou no Princesa Isabel. Eu vou acender umas velas e rezar pra tudo dar certo, que mais eu posso fazer? (**Valdirene**).

Também,

Se eu conseguisse vencer o medo da cirurgia ainda teria que resolver o problema do alto custo. A gente não tem dinheiro nem mesmo pra fazer um bom corte de cabelo e, por isso, vai arrancando os fios de qualquer jeito e com qualquer um. Mas isso é uma lástima. Isso vai mudar. Pode mudar porque eu posso vir a ter mais dinheiro, claro. Mas acho que vai mudar porque esse é um serviço médico que deve se baratear, como o preço dos computadores. Antes quase ninguém podia ter. Hoje isso já mudou (**Claudionei**).

Muitos acreditam na crescente popularização dos avanços tecnológicos nessa área da estética corporal.

Bom, acho que um dia a ciência vai estar mais esperta e os custos vão ser muitos menores. Mas aí eu posso estar velho demais e não ter mais jeito **(Claudionei)**.

Quando o assunto é investimento financeiro as pessoas são unânimes em afirmar que em qualquer alternativa buscada para o aperfeiçoamento do corpo o preço é sempre elevado. Mas também sabem que é possível enfrentar o alto custo com determinação e planejamento.

Ora, eu sei que plástica custa caro. Tudo é muito caro. Mas a gente trabalha feito um condenado e economiza pra comprar a casa, o carro, o telefone, pagar a escola do filho e mais um monte de coisas. Então, pode trabalhar também e fazer uma poupança com o objetivo de fazer uma plástica. Eu acho que vou conseguir fazer a minha no hospital do governo, lá no Manoel Vitorino, como já disse. Estou só aguardando a confirmação da vaga e do médico. Mas se não der certo eu vou juntar dinheiro pra pagar a minha cirurgia. Vou ter que esperar mais um pouco até juntar o dinheiro, mas eu não desisto da minha operação **(Valdirene)**.

E conclui:

Antes de pensar no custo a pessoa tem que descobrir se ela está mesmo decidida a fazer uma plástica. É, porque tem gente que diz que quer, mas depois fica em dúvida, fazendo doce. Quando se sabe o que se quer tudo fica mais fácil. A pessoa arranja dinheiro, coragem e disposição para a recuperação pós-operação **(Valdirene)**.

11. Depois de apontar expectativas e limites na conjunção da prática de exercícios, regimes alimentares e cirurgias plásticas, os entrevistados falaram de outras técnicas consideradas mais eficientes nessa arte de aperfeiçoar a aparência e revitalizar o corpo, como os estimulantes químicos, transplantes e implantes. São temas que reservo para o próximo capítulo.

E para encerrar esta parte do trabalho selecionei citações nas quais alguns depoentes registram partes físicas que gostariam de alterar.

Eu me espicharia um pouco, seria mais alta. Também quero diminuir o busto (**Valdirene**).

Eu seria mais magra (**Cleoneide**).

Trocaria as minhas pernas. Queria ter pernas como as da Cláudia Raia (**Cleoneide**).

Mudaria o meu cabelo, minha bunda e o meu pênis. Queria um cabelo sem remoinho, bunda arrebitada como a dos negros e um pênis de arrepiar, de grande impacto visual (**Graciliano**).

A barriga. Queria ter uma barriga em forma, bem durinha, como a das atrizes de cinema (**Juciléia**).

Uma bacia mais aberta. Se eu tivesse uma bacia mais aberta facilitaria minha vida profissional. Eu faria melhor alguns movimentos da dança (**Marilene**).

Pele. Queria ter uma pele suave, lisa, sem manchas, sem marcas, sem cicatrizes, sem arranhões. Uma pele no rosto totalmente lisa, uma pele na mão totalmente suave. Com este sol todo a gente não sabe cuidar da pele direito e acaba ficando essa coisa assim. A gente se estraga muito (**Rubinaldo**).

A voz. Bastaria ter uma voz como a de Marina Lima ou a de Carolina Ferraz. A minha voz é assim, essa coisa esquisita, uma taquara rachada (**Cleoneide**).

Acho que meu pescoço é feio. Quem sabe pudesse dar um jeito. Queria um forte (**Marinoval**).

Eu queria um corpo todo forte. Mesmo que ele não fosse bonito (**Rubinaldo**).

Ah! Se a gente pudesse ser bem veloz (**Edilourdes**).

Inteligência (**Tertulina**).

Memória. Teria uma memória de aço (**Tertulina**).

Eu não gostaria de adquirir nenhuma coisa fixa para o corpo. Eu queria mudar a minha aparência e as minhas disposições físicas de acordo com as ocasiões. Você acha isso futilidade? (**Francelina**).

Trocaria uma coisa a cada dia. Ia testando, testando e verificando o que ficaria melhor e o que combinaria com o resto. O que não fosse do agrado ou não tivesse um desempenho bom ficaria guardado, de reserva (**Gleciara**).

03. EMERGÊNCIAS

Começa assim. Primeiros eles fazem um transplante de coração, depois um de rim, em seguida fazem um implante de nervos numa perna, um pedaço de osso num braço e por aí vai. Não demora muito e estarão fazendo implante de pequenas máquinas. Um chip no olho, outro na memória, um acelerador no pé. Taí a bagaceira. Vamos ser homem-máquina.

Gleciara

Para os entrevistados as técnicas anteriores de mutação do corpo, baseadas em regimes alimentares, exercícios e cirurgias plásticas, estão vinculadas a duas questões primordiais: bem-estar e beleza. Mas faz parte da expectativa de construção do corpo investir, igualmente, no desenvolvimento e aperfeiçoamento da potência. As pessoas com quem conversei sonham e desejam um corpo forte, resistente, que cause impacto não apenas por estar de acordo com certos padrões de beleza, mas porque sinaliza que com ele o indivíduo “pode tudo”.

As plásticas revitalizam partes externas do corpo e respondem à ânsia de uma aparência flexível e mutante. Mas não são suficientes. É necessário também que as

cirurgias redimensionem o funcionamento interno dos órgãos. Essa perspectiva gera outras inquietações e desejos frente aos estimulantes, transplantes e implantes, temas que selecionei para este capítulo, a partir das questões: “Se pudesse injetar algo em seu corpo para obter um maior desempenho, como ser mais veloz e resistente, você o faria? Seria um homem/mulher biônico/a?”

As principais referências utilizadas pelo grupo para falar desses temas são as cinematográficas. Vários trechos de filmes são citados como exemplos de uma determinada etapa da mutação do corpo na qual a mixagem homem-máquina se realiza. Inúmeras considerações são feitas sobre a utilização de próteses cibernéticas capazes de imprimir ao corpo um desempenho performático ideal, criando, por meio da mesclagem corpo/próteses eletrônicas, o novo ser híbrido.

01. Se a sociedade atual encontrou na velocidade o seu vetor preponderante, as mutações corporais também estão inseridas nesse estado de emergência.

A gente não pode se dar ao luxo de querer emagrecer e levar um ano ou dois pra isso. A gente não pode mais desejar um sorriso perfeito e levar décadas usando um aparelhinho. É por isso que as pessoas são tão insatisfeitas com esses métodos. A gente tem pressa. Pressa pra ir de um lugar a outro, pressa pra resolver as neuras com o corpo. É assim que é a vida hoje (**Marizete**).

Nesse contexto, muitos reivindicam a diversificação de recursos tecnocientíficos capazes de redimensionar a composição física e a rapidez em tais experimentos.

Nós já passamos da época de construção, modelagem e elaboração cuidadosa do corpo, da nossa imagem. Vivemos agora a época da reconstrução, da remodelagem, da reelaboração. É essa alteração constante da forma do corpo e do visual que dá o tom da nossa época. E o método que agora nos parece o mais adequado daqui a pouco é velho pra chuchu (**Graciliano**).

A mutação é contínua. As pessoas têm pressa. Deseja-se dispor de uma forma física que possa ser exibida como uma performance única e logo depois substituída por outra.

A gente não pode se contentar com o corpinho natural, com a forma. Do mesmo modo como se pode ter uma roupa e uma maquiagem adequadas para cada

situação e cada evento, eu desejo ter um corpo também totalmente arranjado, que possa estar bem para cada coisa. Se vou à praia, quero um corpo esguio, sem marcas. Se vou trabalhar quero um corpo forte, incansável. Você entende o que estou querendo dizer? (**Edilourdes**).

O corpo nunca é construído de fato, mas um objeto ininterruptamente em elaboração.

A gente tem cada vez mais recursos para se produzir e vive cada vez mais frustrado, insatisfeito. Nada que a gente faz parece ser suficiente, nada parece dar certo. E isso parece não ter fim. Mas aí a gente descobre outra técnica e se empolga. A ciência inventa alguma coisa e lá vamos nós... (**Teobaldo**).

02. A satisfação cada vez mais provisória cria a pronta necessidade de se buscar algo mais na contínua reelaboração corporal.

A produção do corpo já deixou de ser um prazer. Passou a ser um vício, uma forma de neurose. Do mesmo jeito que tem gente viciada em drogas tem gente viciada em academia, viciada em cirurgias plásticas. O desejo do corpo ideal contaminou o homem (**Graciliano**).

Cada vez mais as pessoas estão preocupadas com o desempenho performático e a demonstração de força.

A gente não pode continuar acreditando que uns cremezinhos e outros balacobacos são suficientes para produzir o corpo. Eles servem na verdade pra gente disfarçar algumas inquietações, disfarçar a feiúra e fazer de conta que se acha mais bonita. Acho que a ciência tem a obrigação de apresentar métodos eficazes, alternativas para vencer as doenças, retardar a velhice e manter o corpo disposto, ativo, potente e sereno (**Tertulina**).

A potencialização do corpo é considerada um processo interno. Por isto, muitos pensam que os exercícios e as cirurgias plásticas precisam vir acompanhados de outros movimentos que se concentrem na revitalização de órgãos.

Não adianta ficar apenas maquiando o corpo, cuidando da sua aparência, do exterior. Acho que é preciso potencializar o corpo por dentro. É o coração, o

rim, o sangue, o olho, o ouvido, os nervos, a memória... que precisam de reforço extra (**Tertulina**).

03. No processo de revitalização interna muitos se referem aos estimulantes químicos.

O ser humano precisa ter tempo pra se acostumar com as coisas. Quanto mais ele se acostuma mais deseja as novidades. Pessoalmente eu acho que se deve partir para os implantes. Mas isso deve ser um deus-nos-acuda para muita gente. Então não vejo mal nenhum em levar a coisa passo a passo. E pra começar a acostumar as pessoas acho que o ponto de partida é incentivar o uso de estimulantes químicos como possibilidades de ampliar a capacidade do organismo (**Gleciara**).

A medicina popularizou a idéia de que o transplante é um recurso derradeiro diante de uma doença grave, de um órgão que não funciona adequadamente. Os mesmos receios diante das cirurgias plásticas -- vistos no capítulo anterior -- são evocados quando se trata dos transplantes. Do mesmo modo como muitos falaram do desejo de ter plásticas instantâneas se referem agora a efeitos potencializadores por intermédio de algum estimulante oral, capaz de burlar a cirurgia, a troca de órgão, natural ou artificial.

Deus me livre, sacuda, proteja e guarde. Espero que tudo no meu corpo funcione direitinho pra não precisar fazer um transplante (...) Mas eu desejo um corpo forte. Pois é. Então imagino assim. Algo bem simples. Engole-se uma pílula, faz-se, dessa forma, um implante oral instantâneo e renovado e o corpo reage prontamente. A gente vai chegar lá... (**Graciliano**).

E conclui:

Ah, isso (os estimulantes químicos) seria ótimo. Puta, seria demais. Algo simples como tomar uma injeção ou um xarope. Método simples, nada doloroso, nada violento. Algo como tomar Biotônico Fontoura com a garantia de funcionar mesmo (**Graciliano**).

Um outro declara,

Isso ia ser legal. Pensa aí comigo. A gente entrava numa farmácia, comprava um troço, um bom estimulante, engolia e ficava do jeito que a gente queria. Não sei o que a ciência vive fazendo que não inventa logo um diabo desse pra gente ser mais feliz (**Rubinaldo**).

04. Quando os entrevistados falam de estimulantes se referem a produtos comumente apresentados em cenas de desenhos animados ou filmes de ficção científica.

Eu injetaria qualquer coisa no meu corpo. Qualquer coisa que me possibilitasse viver com maior intensidade as coisas e pudesse fazer mil delas ao mesmo tempo. Isso é irresistível. Imagino algo como a ação do espinafre no corpo do marinheiro Popeye ou como aquelas injeções que o Van Damme toma naquele filme *O Soldado Universal*. Só que a gente sabe que o espinafre não tem esse poder todo. Mas aquelas injeções parecem ter. Eu acho que elas são de verdade (**Rubinaldo**).

E,

Eu desejo mais estimulantes mentais, como aqueles que o carinha do filme *O Passageiro do Futuro* toma. Com aquele medicamento ele deixa de ser um bocó e passa a ser super-inteligente. Aprende tudo tão rápido que é uma beleza. Isso me mata de inveja (**Tertulina**).

Há quem destaque o fato de que esses produtos não existem apenas na ficção. De algum modo eles já exercem transformações reais no corpo de muitas pessoas.

Você pode achar que é exagero. Mas não é, cara. Esse povo malhadão que você vê por aí não tem aquele corpo só levantando peso. Muita coisa ali é remédio que ajuda a estufar os músculos. Ajuda o corpo a reter água sem acumular gorduras. Então eu estou falando de algo assim, um remédio bem forte, do tipo tomou, bateu, tremeu... e o cara tá pronto. Manjou? (**Rubinaldo**).

05. Apesar das referências aos estimulantes químicos, muitos reconhecem que os efeitos potencializadores do corpo estão mesmo nos transplantes e implantes.

Hoje tudo que existe passa pela mercantilização. É ingenuidade achar que o corpo está fora. Com o uso crescente de transplante o corpo passa a ser visto como um amontoado de órgãos que podem ser trocados quando preciso ou desejado. Assim, não só a aparência pode ser mutável, mas as partes internas. E como se pressupõe que as trocas são para melhor, imagina-se que o corpo possa ter um ganho de força (**Gleciara**).

O intercâmbio de partes do corpo não é uma questão simples para a maioria.

Parece que a gente está reduzindo o corpo a um conjunto de órgãos que podem ser trocados quando bem se entende. É claro que se for assim a gente facilita muitas coisas e as trocas podem beneficiar e dar potência aos indivíduos. Mas esse é um tema que esconde muitas complicações. Toca fundo nos sentimentos, na identidade. A possibilidade de vir a ter um órgão estranho me perturba um pouco (**Tertulina**).

Mais que os receios em enfrentar a cirurgia, talvez o importante esteja no fato de que a transplantação de órgãos requeira mudanças na própria compreensão do que é o corpo.

Falar de transplantes é cutucar o diabo com vara curta. É sim. Depende muito de como você encara o corpo. Se ele é visto como algo sagrado, uma criação de Deus, trocar alguma coisa é uma violência e um pecado brabo. Mas se você vê cada órgão como uma máquina que presta serviço ao corpo, então ela pode ser trocada se não funciona bem ou se a pessoa deseja um funcionamento melhor (**Belarmino**).

Uma das dificuldades na aceitação dos transplantes está relacionada à questão emocional.

Eu me lembro de uma novela em que uma pessoa fez um transplante de coração e se discutia se ela adquiria aspectos da vida emocional do doador. Era uma piração. Na novela isso acontecia. Então, de repente a mulher vivia a sua vida afetiva com a interferência da vida da outra. Eu não sei se isso é possível. Eu não acredito nisso. Mas não é uma questão simples que possa ser deixada pra lá (**Valdirene**).

O problema é como personificar o órgão anônimo.

Digamos que o caso seja de transplante de coração. Se a cirurgia não der certo o sujeito morre. Temos um problema grave nessa suposição. Mas digamos que tudo dê certo. Como é que esse coração vai se instalar na integridade do indivíduo? Ele vai sempre ser algo estranho, que remete à história de vida de uma outra pessoa, ou é apenas uma máquina funcionando e todo esse troço afetivo que a gente deposita nele não passa de bobagem? Eu não sei se alguém tem respostas para essas indagações (**Sandoval**).

06. Alguns entrevistados procuram relativizar as questões psicológicas e emocionais em função das de ordem prática, de cunho fisiológico. Consideram que o transplante encontra a sua necessidade no domínio físico. É na garantia do bem-estar que as inquietações devem se alojar.

Acho que o transplante suscita problemas mais de ordem psicológica que de ordem fisiológica. Mas eu não me prendo nessas questões afetivas. Eu quero saber é se fazendo a troca eu vou viver melhor. As pessoas colocam muito sentimentalismo envolvendo essas cirurgias. Pra mim o problema é prático. Onde conseguir o órgão, quanto custa, como fazer a cirurgia e quais as chances de ficar muito bem. Chega de ficar fazendo drama (**Marilene**).

A aceitação psíquica do indivíduo diante do transplante ganha outra dimensão quando está em jogo não a sobrevivência, mas os desejos de ampliar domínios físicos.

Tudo que tem doença no meio me deixa assustado. Então eu nem quero falar dos transplantes por causa das doenças. Agora é um barato imaginar a troca de umas partes do corpo pra gente ficar super-forte (**Rubinaldo**).

Muitos imaginam que o órgão transplantado deve ter um desempenho mais que o perfeitamente esperado, deve conter também a possibilidade de ser exemplar, que garanta uma performance cada vez mais extraordinária.

Digamos que eu supere o medo da cirurgia. Então, o transplante que potencializa não me amedronta. Ele vai ser instalado lá dentro. Vai revigorar totalmente o corpo, vai garantir um funcionamento próprio da ficção científica, vai ser substituído quando bem se quiser, pode ser atualizado, etc. E a gente vai continuar parecendo essa coisinha insignificante que é. Mas no fundo é muito mais. O que quero dizer é que essa forma de potencializar o corpo vai ser total. Não se trata mais de mexer aqui ou ali pra ficar mais bonitinho. Agora o barato é outro (**Belarmino**).

07. Muitos consideram que o transplante não pode se restringir ao mero ato de trocar um órgão por outro. Se se deseja ampliar o vigor interno do corpo, ele deve ser acompanhado de implantes eletromecânicos, de micromáquinas, capazes de revitalizar o órgão e a própria corporalidade.

Se for por questão de necessidade pode-se trocar um coração fraco por outro em perfeito estado e pronto. Mas a questão é outra: quando se quer a potência não basta um coração que funcione direitinho. É preciso algo mais no coração novo. Talvez uma maquininha para não deixar ele se cansar nem envelhecer nunca (**Gleciara**).

Muitos vêm na implantação de micromáquinas a condição para ampliar potência e resistência físicas.

As pessoas vão precisar cada vez menos de transplantes simples. Aqueles que trocam uma coisa por outra. O que vai ser mesmo necessário é implantar maquininhas para que o corpo funcione melhor. Como as máquinas hoje são cada vez menores vai ser possível fazer com elas pequenos implantes, instalar no corpo vários sensores e aceleradores. São outras próteses. Isso eu gostaria de fazer, principalmente nos olhos. Meu sonho é ter uma supervisão (**Gleciara**).

Essas próteses, facilmente substituídas, atualizariam o vigor corporal.

A maior vantagem que vejo nos implantes é poder atualizar sempre a potência. É claro que não se pode trocar a perna todo dia, mas um aceleradorzinho implantado nela para ampliar a velocidade pode ser substituído por outro que seja mais veloz. Como uma troca de pilhas, entende? E tudo isso é interno, não precisa mexer com o visual externo. É como expandir a memória do computador (**Doralice**).

08. Muitos acreditam que com partes potencializadas pelos implantes de micromáquinas, as pessoas deverão aprender novamente como usar o novo corpo.

A gente ia ter que aprender a usar esse membro novamente. Mas isso não implicaria num aprendizado moroso. A criança leva um ano para descobrir que com as pernas ela pode e consegue andar. Agora, o homem vai aprender isso mais rápido. O manual deverá dar todas as instruções. É só estudar um pouquinho. Acho que é como aprender um novo programa de computador. Quem nunca mexeu com computador sofre o diabo. O computador parece atentar. Mas quem já sabe fazer umas coisas descobre programas novos, mais simples e mais rápidos. Essa pessoas não reclamam da aprendizagem. Elas tocam em frente, vão atrás das novidades (**Gleciara**).

A aprendizagem corresponde a um testar contínuo das novas condições dos mecanismos instalados no corpo. Nesse processo, a manutenção do organismo e a atualização da potência da prótese tendem a se confundir.

Quando a pessoa fica viciada em academia ela não pára mais. Cada músculo precisa ser reforçado. Quem faz cirurgia plástica também. A pessoa tira umas rugas e gosta. Quer tirar depois mil outras coisas. O cara que tiver uma mão biônica também vai querer a outra, depois a perna, depois sei lá o quê. O caso é que agora tudo vai ser rápido e prático. Quando isso se popularizar ninguém vai resistir. E eu estou só esperando pra ver e poder me beneficiar também (**Gleciara**).

09. O implante, a prótese cibernética, desperta em muitos um imaginário já desenvolvido pelo cinema, televisão, revistas e livros de ficção sobre a mixagem homem-máquina.

A minha geração cresceu vendo filmes na televisão que falavam do homem-biônico. Eu era fascinado e acreditava que eles tinham mesmo feito o homem-biônico. Que ele era real. Depois as coisas tomaram outro rumo e a gente cresceu e viu que aquilo era ficção. Agora volta tudo. Mas não é que volta com jeito de ser verdade? Claro que agora se sabe que ninguém vai ser simplesmente biônico. Mas é verdade que as máquinas estão invadindo o corpo. Basta ver o que eles fazem no corpo dos jogadores. É cada operação cabeluda, botam isso, tiram aquilo e assim vai. É tanto parafuso e o diabo a quatro. Eu penso que se uma pessoa tem uns parafusos assim, e eles funcionassem por controle remoto, talvez ela pudesse andar a cem quilômetros por hora e não ia precisar mais de buzu (ônibus) ou carro (**Raimundo**).

Na atualidade, a mídia e o universo cinematográfico em particular divulgam que o corpo será tanto mais potente quanto mais absorver os elementos potencializadores das máquinas.

Não vai demorar muito e essa confusão entre a máquina que quer a forma do homem e o homem que quer a forma da máquina vai desaparecer. As pessoas vão perceber que o importante não será a forma, o corpo. Importante será a potência que cada um vai conseguir ter. Vai haver uma mútua invasão do corpo na máquina e da máquina no corpo, e não sei se será importante especular qual o visual que vai sobrar (**Gleciara**).

A mixagem homem-máquina daria origem ao típico sujeito da sociedade tecnológica.

A gente tá caminhando para uma mistura do homem com a máquina. E os implantes são modalidades iniciais dessa fusão. Quando isso for mesmo possível a gente pode ter inaugurado uma nova forma de corpo, um novo tipo de homem. A espécie vai ser totalmente diferente (**Cleoneide**).

10. É provável que muitos receios que alguns manifestam diante dos implantes e da virtual construção do homem eletrônico estejam ancorados nas concepções cinematográficas que têm sido apresentadas para as massas. Em várias películas existe um homem-máquina perverso, violento e destruidor.

Quando o homem-máquina no cinema não é bruto e detonador é um amontoado de lata que não seduz ninguém, como *RoboCop*. Acho que essa imagem negativa interfere na idéia que as pessoas têm de fazerem implantes de micro-máquinas potencializadoras. Acho que as pessoas querem ser potentes, mas não embrutecidas como o cinema tem mostrado (**Astrogildo**).

Alguns consideram importante deslocar a visão do homem-máquina da abordagem de ficção para o âmbito da ciência.

A piração do cinema escrachando com a ciência é que produz medo nas pessoas. O cinema precisa de homens-máquinas destruidoras porque assim pode contar uma boa história de perseguição, domínio e aventura. Cabe à ciência demonstrar como essa mixagem hoje está sendo feita. Eu também não sei como é, mas sei que não deve ser como o cinema vem fazendo (**Marizete**).

11. Num mundo cada vez mais violento a potencialização do corpo significa também uma questão de segurança.

Se eu fosse biônico sairia nas ruas muito seguro de mim mesmo. Não teria medo de nada, de nenhum babaca. Não teria medo de ser assaltado, atropelado,

de levar garrafada, de ficar espremido na multidão na avenida Sete quando o Chiclete² passa (**Graciliano**).

E,

É, um babado desse ia ser legal. Eu ia curtir muito com a cara das pessoas. Se eu fosse biônico ninguém ia me fazer de besta. Eu ia botar muito besta pra correr e cagar nas calças. Eu ia me divertir um pouco. Estou cansado de ceder sempre e viver humilhado por ser de aparência tão frágil e de ver gente sendo humilhada e não poder fazer nada (**Genivaldo**).

Essa perspectiva de potencialização como meio de defesa não convence a todos. Alguns temem que pessoas dotadas de um vigor extraordinário se tornem ameaçadoras.

A saída mais perversa que as pessoas têm encontrado para se defender nas grandes cidades é responder violentamente. Como elas são fracas, se juntam. Formam as gangues. Aqui em Salvador as gangues são mais brandas que em outros lugares, como Los Angeles. Aqui fazem batuque e dançam. Mas de vez em quando o pau quebra também. Então é isso. A gangue é uma forma de corpo social biônico que pode tudo. Enquanto cada um pouco pode. Mas quando cada um for suficientemente potente não teremos uma violência muito mais insuportável? Viveremos mais seguros ou em pânico total? (**Marizete**).

12. A mixagem homem-máquina põe em evidência a questão da imagem do corpo. Para os entrevistados, é importante que a mesclagem carne-técnica não deixe o sujeito com o visual mecânico.

Dizem que vão encher o corpo de uma pessoa de máquinas para que ele funcione superbem. Se não desse trabalho e não fosse caro ia ser bom fazer isso no corpo cansado desse velho. Mas eu não ia querer ficar parecendo com uma máquina, com um robô (**Juvenal**).

As próteses não devem ser visíveis. Daí a valorização dos implantes e das micro-máquinas alojadas no interior do corpo, revitalizando-o por dentro, mas sem comprometer a aparência. Este tema será desenvolvido no capítulo seguinte.

² O entrevistado se refere ao grupo musical baiano *Chiclete com Banana*. Essa banda tem a fama de arrastar junto ao bloco carnavalesco uma multidão de fãs. O excesso de pessoas, a animação da música e da dança

acabam imprensando muitos indivíduos nos pontos mais estreitos da avenida por onde passa o trio elétrico. Inevitavelmente várias brigas acontecem por causa dos empurrões.

04. CIRCUITOS

A miniaturização das máquinas vai permitir que elas se juntem ao corpo. A gente já vê muitas máquinas sobre o corpo, como o celular e até o computador portátil. Se elas ficarem mesmo bem pequenas então vão poder ser instaladas dentro do homem. E aí, o que a gente vai ter? Acho que um homem potente, um corpo bem prático e muito inteligente.

Belarmino

A mixagem homem-máquina coloca em evidência outros circuitos pelos quais as expectativas dos entrevistados transitam. As próteses se alojam sob a pele. Implantes de máquinas microscópicas passam a compor o recheio do corpo. Deficiências e limitações físicas são superadas.

A possibilidade de recorrer às máquinas para revigorar o corpo despertou reações otimistas. A animação diante do tema, a partir da questão: “Como você se sentiria ou reagiria à possibilidade de ser meio eletrônico, um homem-máquina?”, esteve sempre presente e não foram poucos os que se aventuraram em especulações sobre a construção do novo *design* físico do homem técnico.

01. Geralmente as pessoas já se acostumaram com o uso das próteses externas para amenizar sofrimentos e pequenas deficiências físicas. Nestes casos, elas não são consideradas agressivas. Quando alteram a imagem que cada um faz de si mesmo pode-se recorrer a elementos característicos da moda e adaptar-se às circunstâncias. Muitas próteses são vistas como acessórios capazes de ajudar alguém a elaborar a aparência de acordo com as tendências tidas como exóticas e atuais.

A gente já vive cheio de próteses, de máquinas. Só que muitas delas ainda estão do lado de fora do corpo. Óculos, aparelhos nos dentes, no ouvido. Isso tudo já é bem comum e até entra na moda. Ninguém reclama. Não precisa de cirurgia, não violenta a identidade de ninguém e até ajuda a criar um visual moderno (**Marilene**).

E,

Eu uso aparelho nos dentes. Sou um pouco dentuça e quero corrigir esse problema. Nos primeiros dias eu achei estranho, mas agora eu curto. Primeiro porque mostro pra todo mundo que estou batalhando por uma imagem mais legal. Depois, procuro compor um visual que encaixe bem o aparelho. Fiz um corte de cabelo que realça meu rosto, escolhi a armação do óculos de sol com uma imitação do material do aparelho. Fazendo esses arranjos a gente fica bem (**Juciléia**).

As próteses externas podem ser facilmente acopladas pelo próprio usuário. Uma vez solucionada a deficiência, ainda que provisória, elas podem ser dispensadas. São instrumentos ou acessórios versáteis.

Pense no óculos de grau. Ele pode ser apenas uma cangalha para ajeitar a visão. Uma cangalha mal feita, mal escolhida, que não fica bem no rosto de uma pessoa. Mas também pode ser um bom troço para ajudar a enfeitar uma pessoa. Tem gente que até fica mais bonitinha quando está de óculos. É uma coisa fácil da gente usar e quando cansa ou aborrece a gente tira e pronto (**Marinival**).

As próteses externas são consideradas simples e práticas. São recursos para ampliar a potência de órgãos e membros.

Se alguém precisa enxergar mais longe ou mais perto pode usar óculos de grau. Se precisa ampliar a audição pode lançar mão de um aparelho de ouvido. Se precisa aumentar sensivelmente a voz, pode usar um microfone e um amplificador. Se precisa ir mais rápido pode recorrer a um carro ou outro meio de transporte. Tudo isso é prótese. Juntam-se a esses instrumentos o telefone celular, a TV de quatro polegadas na palma da mão ou pendurada no pescoço, a agenda eletrônica e o computador portátil no bolso. São máquinas que vivem ao redor do corpo, na periferia. São próteses auxiliares do desempenho físico acopladas fácil e provisoriamente ao indivíduo (**Teobaldo**).

02. Por fazerem parte do cotidiano da maioria, as próteses externas são recursos vistos como “naturais”. Mas nem sempre foram assim.

No começo da minha adolescência eu morava numa fazenda, no interior. Era muito difícil ir à cidade, não tinha luz elétrica nem televisão. A gente só via o mundo com os próprios olhos de matuto. Então um dia um tio voltou de São Paulo. Trouxe consigo um óculos grande, preto, de sol. Aquilo para mim era uma maravilha. Mas os adultos da minha família não se conformavam. Naquele tempo era difícil até para quem tinha problemas nos olhos conseguir usar um óculos. Alguém que não tinha nada nos olhos usar um óculos como aquele era

porque desejava atrair desgraças. Teve muita briga lá em casa. Veja só, que bobagem! Mas é sempre assim. O homem se assusta com todo que é novidade. No fundo, todos somos matutões ainda. Mas depois a gente se acostuma. O homem se assusta, mas também se acostuma com tudo (**Belarmino**).

Não é de hoje que as pessoas aprendem a conviver com as próteses externas. A íntima convivência com essas máquinas -- que requerem substituições frequentes, ajustamentos periódicos, acoplagens e desacoplagens -- prepara e educa os sujeitos para a aceitação das próteses internas. Elas são precursoras dos atuais implantes.

Veja bem. Antes a lente de grau era aquela coisa grossa, um fundão de garrafa. Agora já é uma película que a pessoa coloca diretamente sobre o olho. E as pessoas adoram usar essas lentes de contato. Não vai demorar muito e a gente vai poder trocar essa película por um chip implantado no olho. Acho que as pessoas não vão chiar muito. Pelo contrário, elas vivem desejando fazer esses implantes. Eu mesmo não penso muito nisso, mas sei de certeza que minha filha ia adorar (**Belarmino**).

03. A forma de potencialização do corpo por meio das próteses externas atende a um primeiro nível de mutação física que poderá ser completada com os implantes. Os mais satisfeitos com essa primeira forma estão preocupados com a criação de aparelhos que apresentem modelos mais avançados e acessíveis financeiramente.

Ah, meu filho, se quero ir muito rápido posso comprar um carro moderno japonês ou andar de avião -- até parece que nordestino pobre pode se dar a esses luxos. Mas em tese pode. Em tese se pode tudo. Então, tá. Posso ter uma televisão de última geração, ligada ao moldem, fax, computador, satélite, malhas, redes e as porras todas. Se eu puder fazer isso então vou melhorar o meu dia-a-dia sem precisar violentar radicalmente o meu corpo que Deus deu e muita gente há de comer (risos) implantando nele micromáquinas. Eu desejo é poder ter mais acesso às máquinas e que elas tenham uma aparência mais sedutora (**Elenilton**).

Muitos vêem as máquinas como parceiras que auxiliam nas atividades cotidianas.

Qualquer máquina pode ajudar o homem. O que a gente quer é mais conforto. Aqui em casa a gente sempre tá comprando algum eletrodoméstico novo. Eu e a minha esposa passamos o dia todo no batente. Então tem que ter máquina pra lavar a roupa, pra fazer um café ligeiro e tudo quanto é serviço de casa. Mas acho importante saber onde está a máquina e o que sou eu. Eu não quero saber

de uma bateadeira sapateando em cima de mim, em cima da minha barriga. Mas sei que tem gente que deve gostar. As pessoas querem mesmo é ter tudo ao alcance da mão, que é pra não dar mais um passo (**Raimundo**).

A convivência, cada vez mais próxima e íntima, do homem com a máquina, abre espaço para recentes experiências que se traduzem na interação, na interface, na mixagem. Este é um desejo que outros entrevistados demonstram compartilhar.

Adoro essas maluquices todas porque elas revolucionam o dia-a-dia da gente. Bip. Adoro bip. Adoraria aquela maquininha me chamando e dizendo que alguém quer falar comigo. Adoraria abrir a bolsa, pegar o celular e falar com quem eu quiser de onde eu estiver. Isso não é frescura. É facilidade. E a tecnologia deve nos oferecer é isso mesmo. Então eu sonho em poder ter um monte de maquininhas comigo, me ajudando. Mas eu não vou poder carregar um monte delas, sair por aí feito Carmem Miranda, botando no lugar das frutas um monte de aparelhinhos. Vou ficar parecendo o cão chupando manga, numa esquina, em noite de sexta-feira. Eu sonho em ter um monte de maquininhas bem guardadinhas dentro de mim. Tudo pra me servir, que eu não sou obrigada a ser otária, não é mesmo? (**Tertulina**)

Outra pessoa completa:

Eu não acho que botar um aparelho no corpo da gente resolva mesmo o problema. Vivo com esses óculos na cara e continuo com o mesmo problema de visão. Isso não basta. É verdade que ele pode ajudar a melhorar a minha visão. Posso ler mais, apurar mais as vistas. Mas isso é pouco. Quando resolvo tirar os óculos a minha deficiência continua lá. A minha visão continua travada. Então eu desejo algo que interfira diretamente na minha deficiência. Quando eu puder ter uma lente implantada talvez isso seja possível (**Gleciara**).

04. Com a miniaturização, as máquinas se grudam ao corpo. Muitos reconhecem que já passam os dias carregando um número cada vez maior de equipamentos de processamento e comunicação. A pele humana e a sintética começam a se unificar.

Antes as máquinas eram envolvidas em mistérios e ficavam longe do homem. Só pessoas muito especializadas podiam tocá-las. Esse tempo acabou. Hoje vivem grudadas na gente, em total intimidade. Fáceis de ser operacionalizadas, todos aprendem. Um bom exemplo da intimidade é o que acontece com a lente de contato. Ela elimina a cangalha, a armação, e se gruda no olho. Estou doida pra passar a usar logo as lentes de contato. Então, o que eu ia falando é que as

máquinas estão sendo uma espécie de roupa para as pessoas. Hoje, nós somos uma espécie de vitrine que exhibe as máquinas, penduradas no pescoço, presas no braço, como os walkmans, ou nos bolsos, como as calculadoras, agendas eletrônicas, telefones celulares, lap-tops, etc. O nosso visual não é mais feito de cremes. É feito de máquinas. É só observar bem que você vai ver isso (**Gleciara**).

Como uma segunda pele, um conjunto de máquinas se instala na superfície do corpo, nas formas tradicionais das próteses. Não identifiquei nenhuma pessoa que se opusesse a essa condição. Ao contrário, são muitas as solicitações para que as máquinas sejam cada vez mais portáteis, facilitando, dessa maneira, o transporte.

A praticidade do modo de vida moderno exige isso. As máquinas não podem mais ser fixas, presas a um determinado lugar, uma casa, um escritório. A gente precisa delas onde está e, por isso, precisa carregá-las. Então, as máquinas devem ser pequenas, leves, de uso fácil e fáceis de ser transportadas com a gente. Imagine que alguém quase no século 21 ainda tenha que ficar preso em casa esperando uma ligação. Não sou eu que devo ficar perto do telefone. É ele que deve estar perto de mim. (**Marilene**).

A miniaturização das máquinas em níveis cada vez mais microscópicos tende a eliminar a fronteira entre a pele natural e a sintética. Nessa mixagem, os aparelhos tendem a escorregar para o interior do corpo. Essa é a era da implantação de objetos técnicos para revigorar internamente a anatomia humana.

Ufa! É um barato pensar nessas coisas. Veja bem. Com as máquinas menores elas se juntam ao corpo. Quando elas forem menores ainda, a gente vai acabar por engoli-las. E a gente vai saber onde cada sensor está localizado no corpo e poder acessá-lo quando quiser. O que é o bip senão um rastreador eletrônico? Ele serve pra identificar onde a onça e o jacaré do pantanal estão e onde o homem está no momento em que alguém deseja encontrá-lo. É só pensar no bip instalado não mais no cinto da calça, mas no interior da perna. E se pode ser o bip poderá também ser um acelerador, alguma coisa que nos dê mais força e velocidade (**Astrogildo**).

05. A expectativa da mixagem homem-máquinas alegre e empolga a maioria dos entrevistados. Alguns destacam que essa mesclagem relativizará preconceitos ligados a um certo modo tradicional e equivocado de se conceber as máquinas.

No fundo, o corpo já está cheio de máquinas. Parafusos e placas de platinas nos ossos, marcapasso no coração, desbloqueadores de veias. Nada disso é novidade. Só que as pessoas não chamam essas coisas de máquinas. Então, existe uma reação preconceituosa à máquina, ao que ela evoca no imaginário do indivíduo. Quando essa bobagem se desfizer as pessoas não só vão admitir que elas já são máquinas mesmo como, talvez, não vão querer ser outra coisa (**Belarmino**).

Sim. Esse desejo é recorrente. Mas nele está a reivindicação de que as próteses sejam “discretas”: devem se confundir no humano.

Por mais bonitinhas e engraçadinhas que sejam, as máquinas são umas geringonças. E eu não sei mexer muito bem nelas. Eu quero lá saber dessas desgraças dentro de mim! A menos que elas sejam tão disfarçadas que não se pareçam com máquinas (**Lucineide**).

06. Os que mais resistem à perspectiva de um corpo mesclado com as máquinas consideram essa construção viável diante de alguns casos, como no combate a doenças, deficiências físicas e o exercício de profissões que julgam difíceis e perigosas.

Eu só permitiria que um troço desse fosse instalado no meu corpo se fosse para curar alguma doença. Quando é pra evitar a morte a gente faz qualquer coisa, engole qualquer porcaria, se apega em qualquer promessa e até acredita em santo. Tudo na esperança de viver melhor. Num caso de doença o médico pode colocar o que quiser dentro de mim. O que importa é que eu fique sarado (**Marinoval**).

E,

Eu acho que os artistas precisam desses remédios e de serem biônicos. Eles precisam de mais força do que a gente. É, porque eles precisam fazer coisas bem perigosas no trabalho deles. Eles têm uma vida muito agitada enquanto a da gente é sempre o mesmo lengalenga (**Lucineide**).

Uma outra pessoa declara:

Eu tomaria qualquer remédio para ficar mais moço. Mas não seria um homem biônico. Um homem biônico deveria ser muito útil para alguns setores da sociedade, como a polícia, espiões e serviços pesados. Para o homem comum

não me parece ser uma boa coisa. É desperdiçar muita energia em quem pouco consome (**Sandoval**).

Assim como no capítulo anterior, os receios de que apenas alguns setores da sociedade sejam tecnicamente aperfeiçoados se reapresentam aqui.

Isso é doideira total. A potencialização do corpo através de implantes de micro-máquinas pode ser a grande saída para o homem. Mas se essa coisa fica restrita a um grupo é o fim. Isso me lembra a maluquice de Hitler querendo criar a raça pura, os super-homens. Se essas experiências caem nas mãos de um homem com interesses assim, estamos todos ferrados (**Marizete**).

Outra pessoa completa:

Ah! Isso seria muito perigoso. Ou essa possibilidade fica à disposição de quem quiser ou teremos uma era baseada no terror, na perseguição desenfreada. Isso realmente me apavora. Mas pra falar a verdade não creio que seria assim. As primeiras experiências são mesmo militares, mas acho que depois a possibilidade da ampliação de potência estaria à disposição de quem quiser. Aí a coisa muda e fica interessante. O problema maior é que a gente fica sem saber o que é ficção e o que é realidade nisso tudo (**Belarmino**).

07. Não consegui apreender nenhum receio que suplantasse a preocupação com a aparência do corpo revigorado pelas implantes.

Tá bom. As próteses inseridas no organismo vão ficar invisíveis aos olhos. Mas o corpo recriado, aumentado na sua vitalidade ainda é o mesmo? Estando as máquinas no corpo, protegidas pela pele humana, o que teremos de modo aparente? Até quando a gente vai manter essa pele, esse disfarce que insiste em dizer que somos humanos quando somos máquinas mesmo? Pra mim, assumir a condição de máquina-humana é complicado (**Graciliano**).

O dilema da aparência do corpo é analisado em duas direções que se entrecruzam. De um lado, a imagem do homem vai sendo enfraquecida diante da sobreposição da máquina. De outro, a máquina vai perdendo algumas de suas atribuições ao adquirir formas cada vez mais parecidas com as humanas.

Antes a gente sonhava com o homem-biônico. Mas a imagem que a gente tinha do homem-biônico hoje foi convertida na do homem-máquina. Qual a

diferença? O biônico é máquina com aparência humana. O cinema nos ensinou isso. Agora, com o homem-máquina, a gente começa a ter uma imagem da máquina com aparência de máquina, onde o que resta de humano são traços quase invisíveis. O cinema vem nos mostrando isso também. Talvez esses dois modos venham a se fundir. Talvez. Eu prefiro a idéia de vir a ser biônica, nesses termos: máquina com aparência humana, bem humana mesmo (**Cleoneide**).

Para alguns não é importante estabelecer distinção entre o homem-biônico e o homem-máquina. O que prevalece é necessidade de se obter um acréscimo de resistência física.

A diferença entre o homem-biônico e o homem-máquina está na estética, naquilo que a forma física deixa ou não visível, transparente. Se você pegar RoboCop e fizer um revestimento de pele por todo o corpo ele vira símbolo sexual. Mas com aquela lataria exposta não conheço ninguém que diga sentir tesão por ele, apesar dele ser um herói bonzinho, o que teoricamente já ajuda (**Gleciara**).

O que muitos reivindicam com a mixagem é poder dispor de um estoque suplementar de potência física, não é a aparência caricatural da máquina e muito menos a debilidade física do sujeito.

Não seria nada mal me aperfeiçoar um pouquinho mais sem me descaracterizar. Ser mais forte, mais resistente, com uma percepção melhor, ser mais inteligente, aprender tudo com muita facilidade (**Astrogildo**).

Em todo caso, existe uma reação negativa que envolve a imagem de robotização do homem.

Eu não gosto dos robôs. Eles são sempre apresentados como os tais, perfeitos, totalmente eficientes. Porra, cara, parece que a gente é idiota diante dessas máquinas. Eu fico torcendo para que algo dê errado com eles. Adoro ver robô sendo destruído nos filmes. Isso me dá um prazer retado. Parece dizer que ainda vale a pena ser um simples homem. Agora, quando o robô é parecido com o homem é mais fácil, a gente já sabe que sendo parecido com o homem ele deve ter alguma fragilidade, um ponto fraco que a gente pode atacar se quiser (**Genivaldo**).

No cinema, o homem-máquina é tão mais ameaçador quanto mais perde as suas características humanas. Quando a máquina se sobrepõe ao humano torna-se monstruosa. Para alguns entrevistados esse imaginário cinematográfico ajuda a construir o medo de muitos diante do homem-máquina. Não se vê mais o indivíduo como homem tecnicamente aperfeiçoado, mas como monstro que deve ser evitado nas experiências que apontam para o plano real.

Eu penso que o nosso imaginário precisa ser construído com referências científicas e não com referências cinematográficas. O homem-máquina no cinema é sempre uma desgraça. Uma maluquice que deu errada e precisa ser destruída antes que ele acabe com tudo. Isso ajuda a criar uma reação negativa. A junção do homem com a máquina visa aperfeiçoar o homem e é isso que a ciência precisa nos mostrar, apresentando possibilidades concretas de revitalização para todos, ou ao menos pra maioria, já que a utopia do “todos” está furada. Se não for assim a gente vai sempre ficar delirando no medo da ficção (**Marizete**).

A suposta visibilidade da máquina no corpo é tida como feia, agressiva, fria, desmoralizante e insustentável num mundo onde os homens querem e precisam das máquinas para se tornarem “super-homem” e não “supermáquinas”.

Pensar em próteses, implantes, até que faz parte da minha profissão. Mas eu nem quero ser cirurgião. Então, eu até que gosto um pouco de tudo isso, mas ser máquina não. Essa fantasia de ser biônico surgiu com os primeiros resultados das experiências com robôs, do homem-máquina. O cinema explora muito essa parte. Adoro esses filmes. Mas é uma coisa pesada. Eles são feios. Acho que a tendência da medicina hoje é usar dessas novas descobertas, aperfeiçoar o homem, mas sem descaracterizá-lo no visual. É preciso manter a aparência humana (**Teobaldo**).

08. Se o predomínio da imagem mecânica sobre a humana assusta, a crescente incorporação de características humanas nas máquinas agrada e seduz, tanto no cinema como nos robôs que desempenham trabalhos industriais e domésticos. A expectativa é a de que a mesma máquina que traz o aumento de força traga também uma intensificação emocional, algo que equilibre a superpotência desse sujeito.

É engraçado como as coisas acontecem no cinema. Primeiro, eles mostraram que era possível transformar os homens em máquina. Agora, eles querem

mostrar que é possível transformar as máquinas em homens. Esse movimento contrário, de humanização da máquina, é bem porreta. Eu gosto quando eles tentam botar na máquina uma coisinha de sentimento. Então, eu acho que agora a gente deseja a potência das máquinas. Mas eu desejo adquirir junto a essa potência uma coisa maior afetiva, está entendendo? Quando a gente pensa nessa possibilidade não se assusta. E não se assusta porque pode ver que a máquina pode ser um recurso para a gente se aprimorar integralmente, e não só para ter mais disposição nas pernas, nos braços ou no coração. Você já reparou como eu sempre quero é mais? (**Tertulina**).

Muitos se referem aos primeiros filmes, quando os homens-máquinas eram gentis, afetivos, dispostos a aventuras amorosas como qualquer ser humano, e rechaçam os embrutecidos, com traços afetivos praticamente eliminados.

O cara lá, no filme “O Exterminador do Futuro” é máquina mas quer ser humano pra poder chorar. Ter sentimentos, sofrer e se alegrar com eles. Essas coisas triviais devem ser mesmo de matar robô de inveja. Gosto quando o robô se fragiliza. Fica um pouquinho mais próximo do humano (**Astrogildo**).

O que alguns reivindicam é a garantia da potência, ao mesmo tempo em que se intensifica a afetividade como propulsora mestra das relações entre homens e destes com os objetos técnicos.

Eu quero um computador não como esses inertes sobre as mesas. Quero um que seja vivo. Um que ande, que fale comigo e que me entenda. Que seja alegre, divertido, de alto astral. Que tenha sentimentos pra poder entender os meus sentimentos. Só assim a máquina vai poder ser minha amiga e conviver comigo. Você pode achar isso maluquice. Mas saiba, meu rapaz, que toda maluquice hoje não é o impossível, mas o que ainda não é possível, não é assim mesmo que se diz? Eu acho assim. (**Belarmino**).

09. Fora do cinema, a indústria produz robôs de uso industrial e doméstico que, mesmo tendo uma estrutura corpórea bastante diferenciada da do homem, procura seguir muitas das suas características.

Ver máquinas agindo como se fossem um homem é muito divertido. Um robô andando desengonçado, por exemplo, lembra uma criança aprendendo a andar e suscita cuidados, proteção. Quando isso acontece, aquela sensação de medo é substituída por uma de carinho com as máquinas. Você já reparou que muita gente fala do seu computador ou do seu celular como se fosse gente? Às vezes

tem até nome próprio, o nome que a pessoa gostaria que fosse do filho. As secretárias eletrônicas também. Conheço muitas pessoas que gravam mensagens como se fosse a máquina que estivesse falando e isso induz a pessoa que telefona a falar com a máquina como se ela entendesse tudo, dialogasse. É uma brincadeira, é um jogo que as pessoas curtem (**Tertulina**).

Os entrevistados consideram que a humanização da máquina é condição para amenizar muitos receios originados pela ficção cinematográfica. Mas um deles continua presente: o de que o corpo humano passe a ter um poder ilimitado.

Essa coisa de homem virar máquina é meio esquisito. Sei que o corpo está passando por sérias modificações, mas não me vejo assim nessa coisa não. Acho que assim o corpo fica muito artificial. Além disso eu tenho medo do poder ilimitado do corpo. Tem horas que a gente gostaria de ser assim, é verdade. Mas também tem hora que a gente nem pensa mais nisso. Uma pessoa com uma força danada deve de não ser muito boa. A pessoa deve se descontrolar fácil. Não sei como vai ser para ensinar a uma gente assim a se controlar (**Sandoval**).

Outros enfocam que as forças dominantes que atuam nas máquinas não são sociais, raciais, econômicas, políticas ou culturais. Elas são geracionais, programadas e determinadas pela programação. E, exatamente por serem assim, podem ser reprogramadas e redeterminadas freqüentemente.

Essa coisa de que as máquinas são potentes ilimitadamente é um mito. Nenhuma máquina tem o poder de aumentar a sua potência. A potência é programada. Você pode ter um computador com maior ou menor capacidade de memória, velocidade de processar, etc. Micromáquinas no corpo não vão estourar o corpo de potência. Elas vão ser programadas e modificadas quando se quiser. Então isso pode ser bacana. A questão não é simples, mas a verdade é que o cinema coloca muitas besteiras na cabeça das pessoas (**Marizete**).

10. Os mais idosos não se animam muito com uma mixagem que permita uma superpotência física. Eles acreditam que um aumento significativo de força poderia deixá-los numa situação constrangedora.

Você acha que eu ia querer ser biônica pra quê? Pra andar ligeiro? Você acha que seria bonito uma velha como eu subir essa Ladeira da Fonte numa carreira

desgraçada? O povo daqui da rua todo ia ficar rindo de mim. É melhor eu ser do jeito que eu sou. Eu vou remando, mas chego aonde eu quero (**Lucineide**).

A menos que, como já se viu antes, essa possibilidade esteja no domínio da moda. “Se todo mundo é assim eu também quero ser”.

Eu só aceitaria ser biônica se todo mundo fosse. Eu não ia querer ser diferente de todo mundo. Aquela coisa de sair na rua e ficar todo mundo olhando. Agora, se todo mundo fosse assim, se estivesse na moda, seria uma coisa comum, uma coisa normal (**Valdirene**).

E,

Essas coisas todas não me incomodam nem um tiquinho. Como diz minha avó, elas são sinais dos tempos que a gente vive. E eu acho que a gente deve mesmo é viver o tempo que é da gente. Mas eu não ia querer ser uma das primeiras a ter um corpo assim. Eu ia esperar o negócio virar moda. Depois é que eu ia querer. Sim, porque eu não ia querer ser passada pra trás e muito menos ser testa-de-ferro (**Edilourdes**).

Para a maioria, quem pode impulsionar o modismo da mixagem são os artistas e outros profissionais que têm a sua imagem diretamente vinculada pela mídia.

Aqui no Brasil são os artistas de novela que devem sair na frente. Foi assim com as cirurgias plásticas. Primeiro só eles faziam. De tanto as pessoas verem os atores e as atrizes mais bonitas, mais jovens, etc., foram fazendo ou desejando fazer também. Tinham um modelo de sucesso para seguir. Acho que logo isso vai se repetir em relação a essa história do homem com a máquina. Primeiro os artistas vão se encher de próteses. Isso vai virando moda e o povo todo vai ficando louco para ter também. (**Gleciara**).

Ao conhecer exemplos bem sucedidos, cada um estaria mais disposto a enfrentar os desafios e a trajetória das mutações corporais nesse nível de construção do homem-eletrônico.

Quer saber de uma coisa? Eu não vejo nada demais em alguém querer ser biônica. Isso mexe com a questão da onipotência. Deve ser genial saber que se pode coisas além do que normalmente se faz. É uma questão de um novo encanto pela potência e pelo poder. É uma questão de poder ser estrela. Todo mundo nota, percebe. Esses filmes todos fazem tanto sucesso porque cada um se projeta, tem o

desejo de ser super alguma coisa. Eu mesma gostaria de ser super, super, super (**Francelina**).

Velocidade, força, onipotência, visual marcante. Todos esses elementos se confundem e se configuram na construção minuciosa do exercício de se imaginar, com afã, ser mais e demais, irresistivelmente além de si mesmo e de uma aparência trivial. Mas a revitalização interna do homem requer mais que implantes de micromáquinas, incrustação de chips. Ela se torna cada vez mais viável por meio da manipulação de genes, de curas cromossômicas, com a programação de indivíduos e a produção de clones. Um outro aspecto da mutação corporal que se increve na revolução genética.

05. CLONAGENS

A manipulação do código genético reduz o homem a um apanhado de informações contidas na matriz. O que se quer é produzir o corpo perfeito ou apenas ter uma fórmula genética perfeita sem mais corpo nenhum?

Marizete

O imaginário sobre indivíduos perfeitos, criados em laboratórios, não é novo. Remete a um velho sonho da humanidade. Mas na atualidade, a crescente manipulação do código genético aponta caminhos que podem chegar à clonagem humana, com a perspectiva de criação, duplicação e multiplicação de um ser.

Muitos dos entrevistados acreditam que a clonagem deva ser a decisiva etapa de construção do corpo ideal, uma vez que se concentra naquilo que ele tem de mais embrionário: seus genes. É uma técnica que visa atingir o ponto ínfimo no qual tudo pode ser reduzido a uma matriz artificial, a última prótese de informações, a matriz que situa o homem na fronteira entre a materialidade e a imaterialidade.

Trechos dos depoimentos -- a partir das questões “Diante da possibilidade de reprodução em série de seres humanos você encomendaria um filho a um laboratório? Para você é sedutora a possibilidade de ter um filho com características pré-definidas? Quais seriam as vantagens?” -- são agrupados neste capítulo.

O tema da clonagem ainda é recente e pouco conhecido de vários dos depoentes. Na verdade, poucos abordaram a questão e esta é a razão pela qual “as vozes” aqui citadas são de poucos.

01. Ter filhos com características geneticamente escolhidas, manipuladas e programadas é um sonho que muitos confirmam ter.

Todas as minhas amigas que têm filhos vivem momentos de angústia para saber se a criança vai nascer com o corpo todo certinho. Eu ia usar a palavra perfeito, mas a gente já sabe que a perfeição é apenas ideal. Então, a preocupação é em saber se o bebê vai nascer certinho, com tudo no lugar adequado, sem deficiências. Ok? Então, quando eu penso em ter um filho acho que seria ótimo

poder decidir algumas coisas, algumas características, sem ter que esperar pela decisão nem sempre sábia do acaso, da natureza (**Gleciara**).

Existe um otimismo que envolve o tema da manipulação das informações genéticas.

Um filho programado para não ter doenças, para atender ao padrão ideal de beleza, para crescer vigoroso, ser gentil, educado e um gênio? Não é isso que sempre se sonhou? Então, eu acho que quando for possível as pessoas vão cair em cima. Todo mundo vai querer (**Graciliano**).

Há quem explique as razões de seu entusiasmo.

Eu vou dizer uma coisa meio doida. Pra começar, eu não entendo bem como é essa história de manipular algumas coisas no corpo da pessoa. Mas eu fico achando que se for para a pessoa ser melhor deve ser uma coisa boa. A coisa doida que eu ia dizer é que fazer uma coisa dessa com um filho pode ser e pode não ser perigoso. É um experimento e a gente tem que ter a coragem de tentar porque se não for assim a gente não sabe nunca como vai ser (**Valdirene**).

02. A maioria considera a manipulação genética uma manifestação típica dos nossos tempos. Essa conquista científica atende à necessidade de prever deficiências físicas e predisposições do sujeito para futuras enfermidades.

Vejo um lado muito positivo na manipulação genética. Não vejo nada de errado em alterar genes quando se percebe que alguns deles indicam uma possibilidade de deformidade anatômica ou de doenças que a pessoa vai mais tarde sofrer. Ao contrário. É um bem que a ciência faz para o sujeito, para a família e para a sociedade, que não vão ter que arcar com as consequências de um problema que poderia ter sido tecnicamente sanado (**Gleciara**).

Esse aspecto terapêutico é sempre visto com simpatia.

Se o cientista percebe de imediato que a pessoa vai ter alguma deficiência física então pode alterar esse fato. Se percebe que a pessoa vai estar mais inclinada a certas doenças, pode mudar isso também. A alteração no código genético é como uma plástica corretiva antecipada. Isso é bom. Eu pelo menos acho. Mas eu quase não estudei isso na faculdade (**Teobaldo**).

A preocupação com a aparência diante dos implantes e transplantes de micro-máquinas no organismo, como se viu no capítulo anterior, desaparece com a possibilidade

da manipulação dos genes. A razão é que muitos consideram as mudanças físicas provocadas pela programação do código genético como um processo, algo que ainda poderá ser alterada caso o sujeito queira.

Veja em quando eu vejo umas reportagens na televisão e o povo apavorado com essas coisas. Tá bom, o caso não é simples. Mas também não é nenhuma aberração querer um filho com olhos azuis quando a gente sabe ser impossível hereditariamente que ele nasça com essa cor de olhos. Um negro com olhos azuis ou verdes. Tem gente que acha um pandemônio. Eu acho lindo. E programá-lo para isso não é decidir por ele. Pois depois ele pode se reconstruir se não estiver satisfeito. Acho que muitas pessoas se estremeçam porque percebem que vão estar decidindo não pelo indivíduo, mas pela natureza. É ela que dança. Mas o homem não diz que quer controlar e dominar a natureza? Sempre disse isso, não foi? Pois então, a engenharia genética é uma forma bem moderna de controle da natureza (**Elenilton**).

03. A confecção de uma matriz genética é imaginada como uma colagem de genes e exclusão de outros -- considerados inadequados ou desnecessários -- capazes de assegurar as características que as pessoas desejam. São, portanto, modalidades sutis de implantes e transplantes.

Se for pra ficar mexendo e remexendo nas células, a gente vai ter um corpo como um quebra-cabeças. Tudo vai estar lá disponível e alguém vai montando como quer, fazendo suas próteses, seus enxertos, suas retiradas. Tudo isso pode até ser verdade, mas eu acho muito esquisito e nem sei direito o que eu acho dessa coisa toda. Nunca pensei nisso (**Claudionei**).

O processo de manipulação não causa repulsa diante de genes que são responsáveis diretamente por traços hereditários. De outro lado, muitas características humanas são reconhecidas como atributos culturais, formas de comportamentos escolhidas e aprendidas. Quando alguns imaginam que talvez seja possível programar traços tipicamente comportamentais certo incômodo se manifesta.

Acho que não se trata apenas de querer alterar detalhes da aparência física, embora já ache isso uma coisa bem boa. Mudar a cor dos olhos, a estatura, o sexo e coisas assim. Se o cientista identifica que aquela célula é responsável por um tipo de comportamento e a pessoa não quer aquilo, também pode escolher

outra. É aqui que o indivíduo vai ser resultado de uma boa escolha de características. Agora, tem muita coisa que a ciência vai ter que resolver em paralelo. Por exemplo, certos aspectos comportamentais, como opção sexual são genéticos e podem ser alterados ou são consequência de uma escolha e aprendizado cultural? (**Elenilton**).

Nesses casos, a preferência é que a sociedade, com seus meios educativos, continue desempenhando o papel de sugerir, induzir e fomentar os padrões e as regras básicas dos modos de ser.

04. Ainda no domínio das necessidades existe a compreensão de que a programação genética não solucionará todas as insatisfações corporais. É provável que o sujeito tenha que procurar outras técnicas complementares de aperfeiçoamento e revitalização do corpo.

Não acho que a manipulação genética possa solucionar as insatisfações que as pessoas têm com o corpo. Veja só. Antes, a natureza, ao acaso, decidia a estrutura do indivíduo. Ele reclama e pode recorrer a todas essas técnicas que já falamos para se refazer como quer. Com a manipulação genética vai acontecer a mesma coisa. Não é mais a natureza, é a gente que vai lá e decide as características do indivíduo. Tudo bem. Fizemos a nossa vontade. Mas a vontade desse indivíduo pode ser outra. Então ele também vai querer se modificar. Como ele não vai poder refazer a matriz genética básica, já programada, vai ter que entrar igualmente na roda-viva das técnicas conhecidas ou que surgirão para refazer o seu corpo. O homem nunca está satisfeito e isso não vai ter jeito (**Gleciara**).

Alguns enfocam a continuidade da programação como meio de desfazer uma falsa idéia de que uma vez elaborada a matriz o corpo ideal está construído.

Alguém pode desejar um filho atleta e incluir a predisposição aos esportes na programação dessa pessoa. Mas o melhor seria programar o indivíduo de acordo com as necessidades. Se ele vai ser um corredor, se programa a velocidade. Se vai ser um intelectual, se programam memória e inteligência, e assim vai. É um troço sem fim esse da manipulação do corpo. A gente não pode achar que vai atingir o corpo ideal assim de vez só porque alterou algumas coisinhas lá nas células (**Graciliano**).

05. Para a maioria, as principais vantagens da manipulação genética estão inscritas nas necessidades preventivas, corretivas e curativas. Mas alguns entrevistados também encaminham suas análises para o domínio das vaidades.

Acho que tudo que antes era considerado como vaidade hoje já passou para o lado da necessidade. Quando se trata da produção do corpo tudo agora é necessário. Qualquer coisa que retarde o relógio biológico das pessoas não é mais vaidade, é saúde, bem viver, bem-estar (**Francelina**).

Em um como em outro caso o importante é o reconhecimento de que a programação diretamente nos genes aponta para a concretização de um corpo saudável, belo e vigoroso.

Eu acho, Edvaldo, que esse negócio deve ser assim. Tudo que diz respeito à questão de saúde vai ser programado. Muitos traços da aparência também vão ser. E o que vai acontecer? A pessoa vai estar dentro de um modelo global. Então, eu acredito que a manipulação genética vai solucionar muitos problemas, levantar muitas questões. Mas o homem vai continuar como sempre foi: um eterno insatisfeito consigo mesmo (**Lucineide**).

Muitos querem se libertar de uma estrutura física consolidada em favor da maleabilidade na qual cada vez mais um maior número de características físicas possa ser intercambiável.

Deve ser engraçado a gente programar um indivíduo do jeito que a gente imagina que é bonito e perfeito. Daí ele cresce e não gosta do resultado. Assim não dá, é preciso uma programação que pode sempre ser mudada, que a gente pode reparar, que a gente possa bulir à vontade (**Genivaldo**).

Essa expectativa de interferência contínua na matriz genética fragiliza receios de concentração de poder e determinação nas mãos do programador/cientista.

O cara que vai executar a manipulação genética, quando a técnica estiver disponível, será como um arquiteto. A gente quando quer uma casa expõe o desejo e ele desenha a planta. A gente diz como quer o filho e o cara programa (**Rubinaldo**).

Pensar desse jeito contribui para que muitos afastem previsões apocalípticas.

Tudo que a gente não compreende direito a gente exagera e vê pelo lado negativo. Daí a gente passa a viver com medo e acha que é o fim do mundo. Mas não deve ser assim. Eu me acho meio ignorante nesse assunto, mas penso que a ciência é uma coisa séria. Não é uma coisa fuleira. Se eles (os cientistas) estão fazendo isso é porque tão vendo que podem fazer. Pra mim nada é o fim do mundo. O mundo não tem fim. A gente é que se acaba (**Antonietta**).

06. Os mais entusiasmados com a técnica de manipulação do código genético são os que já conhecem experiências bem sucedidas de processos híbridos na agricultura.

A gente sabe que muitos profissionais vêm fazendo experiências com o código genético de plantas há muito tempo. Não lembro se antes isso provocou repercussão negativa. Acho que não. O cacau híbrido, que muitos fazendeiros cultivam, um pouco por imposição da Ceplac e do Banco do Brasil, desde a década de 70, é resultado de experiências desse tipo. E o que se tem? Uns grãos maiores, mais pesados. As pessoas se deixaram levar por essa chance. Então eu acho que com os humanos a coisa não vai ter grandes diferenças (**Teobaldo**).

Os entraves desse processo de manipulação dos genes, elaboração de uma matriz e possível clonagem humana estão cada vez menos em limites técnicos. Estes são superados a cada momento. Mas mesmo animados com os avanços tecnocientíficos quase todos destacam problemas éticos como grandes desafios a serem enfrentados pela biotecnologia.

Claro que tem problemas morais aí. Saber se a gente tem o direito de interferir na constituição física do outro. É. Porque até agora quando alguém quer se construir diferente a decisão ou é do médico, em casos de doenças, ou do próprio sujeito, que se deseja de outro modo. Mas com a clonagem alguém vai decidir pelo outro. Esse é um problema sério (**Gleciara**).

Muitas dificuldades, enfatizam alguns, estão em instituições políticas e religiosas tradicionais.

Não é de hoje que a ciência vem fazendo experiências de manipulação genética com plantas e animais. Muita gente já sabe disso. Muita gente usa resultados disso na agricultura. Bom, se faziam com plantas e animais, não demorariam a chegar no homem, não é mesmo? Por enquanto parece coisa de “Admirável Mundo Novo”, mas um dia acertam mesmo. E o tempo que a ciência vai levar para concretizar isso também vai ser suficiente para acabar um pouco com o medo que setores sociais mais atrasados, como a igreja, vivem. Acho que quando der certo vai ser mesmo admirável (**Graciliano**).

Há quem preveja uma freada brusca na técnica da clonagem por causa de governos que se rendem às pressões religiosas e regram financiamentos para a pesquisa.

Muita gente de força vai estar esperneando sem sequer saber por que assim estão. Aqui no Brasil vejo isso com clareza. Lembre você que Sarney, quando era presidente, proibiu um filme no país porque um bocado de bispo da Igreja Católica pediu. Acho que muitos governos vão ceder e adiar o desenvolvimento das pesquisas com as pessoas para não comprar briga com a igreja. Daí, ao invés de um problema teremos três: a experiência científica, a Igreja e o governo. Não acho que possa sair coisa boa da confusão entre essas três coisas (**Sandoval**).

E conclui,

Vai ter muita confusão. Os cientistas vão ter que enfrentar muitas brigas no campo da ética e da religião. A gente ainda anda se debatendo em discussão sobre legalidade de aborto e uso de métodos anticoncepcionais. O Papa anda condenando até o uso da camisinha. Imagine então com a questão da clonagem! Isso vai dar uma reviravolta tamanha no mundo. Maior do que o fato de que a terra não é o centro do universo. Acho que a religião católica deve estar se preparando para uma nova forma de inquisição. Acho que é assim que ela vai enfrentar essas discussões, na brutalidade e ignorância, como sempre fez. Agora é verdade que a questão é complicada. Os problemas jurídicos vão ser imensos, paternidade, herança, etc. Eu não tenho muito mais fôlego para enfrentar essas questões tão polêmicas e muito menos para enfrentar o reacionarismo das pessoas (**Sandoval**).

07. A possível elaboração de uma matriz que condense o código genético traz calorosa discussão sobre a reprodução em série dos sujeitos, de um corpo que possa ser xerocado.

Quer dizer que agora tão querendo fazer os homens todos iguais. A cara de um o focinho do outro? Você é novinho e pode até pensar que eu sou um velho gagá. E vou lhe dizer que sou mesmo. Sou e pronto. Mas comigo essas lasqueiras não têm vez. Tão querendo é fazer o trabalho de Deus. Onde já se viu? (**Marinival**)

Apesar dessa reação, a reprodutibilidade de uma matriz cuidadosamente elaborada incomoda a poucos. Muitos imaginam que será possível preservar particularidades enxertadas no corpo pelos próprios sujeitos.

Quando a gente fala da reprodução de uma matriz genética parece que ela vai estar totalmente pronta e só resta copiar quantas vezes quiser. Talvez até venham a fazer isso um dia. Mas acho difícil. Pessoalmente não acredito nisso. Talvez eu esteja sendo ingênuo. Mas acho que a manipulação vai gerar um modelo que se aplica naquele caso daquele indivíduo que se vai criar. Depois o modelo será modificado porque alguém vai querer um indivíduo com outras características. Não acredito que vai ser uma xerox atrás da outra. Apesar da padronização industrial, o que as pessoas querem hoje é a diversidade. E podem bulir no código em busca de algo bem exótico (**Teobaldo**).

A exclusividade, a unicidade e a originalidade faziam parte do mundo pré-industrial. No começo do século as pessoas ainda estavam tentando se adaptar aos padrões massificados da indústria. Hoje, muitos não se apegam mais a esses valores.

Eu me lembro do texto do Benjamin que a gente leu nas suas aulas. Aquele sobre a reprodução das obras de arte. As pessoas do começo do século reagiram muito à produção industrial. Teve gente que reagiu contra, mas não teve alternativa a não ser adaptar-se à produção em série dos bens materiais. Também reagiu mas acabou se adaptando à produção dos bens culturais. Os mais insatisfeitos discutiram, analisaram, criticaram e encontraram brechas para produções artesanais e alternativas. Muitos se lamentaram, o mistério da obra única se acabava. O que o Benjamin fez? Mostrou que a obra era mais autêntica quando era mais copiada. Ele inverteu a coisa, não foi? Talvez, com a reprodução em série das pessoas o homem passe a ser mais homem. Quem sabe? (**Tertulina**).

Acostumados à reprodução serial de bens de consumo e de objetos culturais muitos se habituaram com a padronização.

Muita gente deu chlique quando passou a usar roupa feita em série, a ter móveis produzidos em série, a morar em apartamentos todos iguais e coisas assim. Hoje essas mesmas pessoas riem dos seus chliques. Não sabem mais viver de outra forma. E como antes, nem pensar (**Marilene**).

Voltemos ao universo da moda que padroniza os gostos. Semelhante processo, iniciado com a industrialização de bens cotidianos de consumo, ocorre com a construção

técnica do corpo. O mesmo “look” se converteu em moda e os mesmos ideais passaram a ser perseguidos.

Nos Estados Unidos é comum uma pessoa chamar amigos, se produzirem, usando roupas e pequenos truques de maquiagem, ficarem exatamente iguais, cópias perfeitas umas das outras. E então elas saem, vão a festas, parques, andam pelas ruas. E elas se divertem com isso. Todo mundo se diverte. Bom, por aqui também as pessoas gostam de ser cópias de artistas e pessoas famosas, como Madonna, Michael Jackson, Raul Seixas, personagens de novelas ou, quando querem escrachar e esculhambar, são cópias dos políticos. Virou moda ser sócia de alguém (**Teobaldo**).

Quando se trata da programação genética e da clonagem há quem defenda que um processo semelhante possa acontecer.

Se a gente conseguir deixar de fora a questão religiosa, o chique de muitos com a inseminação artificial, com a proveta, com a manipulação das características genéticas, com a clonagem, etc., vai ser menor. Acho que essas questões não incomodam muito mais às pessoas. Quem não gosta, não aceita e não quer, fica na delas. Não precisa usar esses métodos. Quem quer, vai atrás. As pessoas já estão sacando que cada método é apenas mais uma alternativa. Ninguém é obrigado a fazer nada. Eu mesma penso assim, não sei você (**Marilene**).

08. Há quem considere o clone mais complicado quando construído por um processo enviesado, em bolsões de miséria por todo o país.

Já lhe disse que não gosto desse negócio. Mas nem é preciso ir num hospital pra fazer isso. Aqui no Brasil a gente já resolveu como fazer de um modo torto. As crianças aqui já nascem uma atrás da outra, com a mesma cara e o corpo que é só pele e osso. A gente não precisa desses inventos porque a gente já inventou como fazer de outro modo. Um modo muito triste. Agora, fazer os meninos no laboratório deve ter uma vantagem. Eles podem ser mais bonitinhos, né? Podem ter mais saúde também porque lá tudo é limpo e organizado e aqui na pobreza é essa imundície toda (**Marinoval**).

E conclui:

Tá vendo aquela mulher ali? Mora aí mesmo no meio da (praça) Piedade. Aí no meio dessa moita. Não sei se contei direito e ela não sabe dizer quantos filhos tem. Mas já contei onze meninos. Menos de um ano de um pra outro. Mesmo sendo de pais diferentes, são todos iguais. Todos têm a mesma cara e o mesmo tamanho. A mesma magreza. São todos desmilinguidos. Acho que essa produção uma atrás da outra também precisa acabar (**Marinival**).

09. Alguns entrevistados imaginam que a singularidade, um sinal identificador da diferença naquilo que é pura semelhança, provavelmente será encontrada não no próprio código, a fórmula mínima à qual se pode reduzir o indivíduo inteiro. Ela poderá estar em aspectos exteriores e circunstanciais incorporados lentamente, uma vez que pessoas programadas não deverão ser tão imunes assim às mais diversas influências ambientais e culturais.

As pessoas poderão ser reproduzidas em série, mas não necessariamente iguais. Eu nasci numa fazenda e não num hospital, na cidade. Eu não nasci com o auxílio de enfermeiras e médicos, mas com os cuidados de uma parteira. Na escola, quando eu tinha uns oito anos, me sentia diminuído por isso. Meus colegas marcavam uma certa superioridade pelo lugar de nascimento. Quem nasceu “no mato”, o meu caso, era o mais humilhado. Quem nasceu em hospital de periferia não teve o atendimento que merecia. Quem nasceu no hospital mais famoso da cidade era o tal. Era uma brincadeira... Mas o que quero dizer é que talvez o laboratório onde a criança vai ser programada já delimite e assinale uma diferença, como uma etiqueta, uma marca. Além disso, cada família cuidaria de manter alguma diferença (**Graciliano**).

Além de uma etiqueta de fabricação e de hábitos familiares, as experiências de vida que o indivíduo teria, traduzidas nas experiências culturais -- por mais padronizadas que sejam -- imprimiriam marcas profundas, a ponto de criar diferenciadores, traços de uma identidade.

O fato de ter um duplo -- ou vários -- não me incomoda. Se eu fosse para o Japão e lá encontrasse um duplo meu, só na aparência física poderíamos ser iguais. A experiência cultural faria de cada uma de nós uma pessoa diferente. A ciência está alterando a carga hereditária, mas o homem é principalmente a sua cultura. As experiências de vida são diferentes e particulares. São essas experiências que garantem as exclusividades. A gente não pode esquecer da

influência cultural. A gente não pode reduzir o homem apenas à sua hereditariedade. A homem é muito, muito mais complexo (**Marilene**).

Há quem destaque que a rapidez das mudanças e da própria padronização seja a causa de certos receios.

Quem diz que se pela de medo de comportamentos padronizados é um pouco hipócrita. Me desculpe, mas eu penso assim. A gente passa a vida inteira sendo moldado pela família, pela escola, pela cultura em geral. E todo mundo acha isso normal. Só porque é feito lentamente, leva a vida inteira, ameniza a violência. Acho que com a programação genética não será muito diferente. Só que é ultra-rápido. Fez e pronto. A gente passa a vida inteira educando um diabo e nem tem garantias de que o troço vai ser gente decente. Com a programação do caráter ao menos com isso a gente vai poder contar. É, não acho que a programação vai ter efeitos piores que a cultura. O problema está na velocidade de cada uma (**Francelina**).

10. Apesar de considerar a clonagem um recurso que pode solucionar problemas físicos e de saúde, alguns se mostram preocupados em identificar os objetivos científicos da produção de clones.

E tão querendo fazer isso pra quê? O que eu acho mais difícil é que a gente não sabe bem os objetivos dessas pesquisas. E também que os cientistas ficam se matando e escondendo o jogo deles para evitar que outro grupo descubra o que eles estão fazendo. Tem muita disputa e briga nesse meio também. A população que financia as pesquisas precisa saber o que é e como elas são feitas. Precisa saber pra que servem, os benefícios que elas vão trazer, está entendendo? A televisão podia ajudar na divulgação e informação das pessoas nesse sentido. Pra falar a verdade, às vezes eu me animo e às vezes tenho medo desse negócio de reproduzir gente. Eu não entendo nada disso. Tudo que eu falar pode ser bobagem. Mas eu queria entender. Mas a informação só corre fechada e meu mundo é outro. Eu acho que eles querem mesmo é deixar a gente sempre na ignorância (**Valdirene**).

O fato é que não são todos os que gostariam de usar a manipulação genética para programar características de seus próprios filhos.

Eu gosto de saber que o homem é capaz de criar novidades. Mas na hora de resolver as coisas comigo mesmo eu sou meio tradicional. Pode não ser a melhor coisa do mundo, mas ter filhos como a gente sempre teve ainda tem a

minha preferência. Pelo menos é assim que a gente está acostumado (**Belarmino**).

Apesar disso, muitos admitem que as experiências continuarão independentemente da aceitação e preferência da maioria.

Eu sou favorável a todo tipo de aperfeiçoamento humano e a manipulação do código genético pode resultar em grandes ganhos para a humanidade. Eu não sou pessimista em relação a esse futuro. Agora, é verdade que as mudanças são muito rápidas e envolvem valores enraizados profundamente na sociedade. A gente demora para entender e incorporar essas mudanças. Então vai ter sempre muita gente e instituições esperneando. Mas as mudanças vão ocorrer mesmo sem o entendimento das pessoas. A ciência não precisa do aval das pessoas. Ela é mais forte, ela se impõe (**Teobaldo**).

11. Com a matriz purificada o corpo poderá ser cada vez mais camaleônico. A reprogramação e o reabastecimento podem flexibilizar a existência, possibilitando o corpo-sintético, desmaterializado, estocado nos laboratórios. Esse corpo reduzido a um código de informações também será capaz de entrar em rede. É virtual.

Será que com a engenharia genética a gente ainda vai precisar ter um corpo? Basta que se tenha disponível a matriz perfeita. E ela fica ali, quietinha, passando de um centro de pesquisa para outro, aguardando que se queira ou não transformá-la em algo concreto. Então, o que se tem ali, na planta, não é apenas uma idéia, um corpo só informação, imaterial. Pode-se considerar essa matriz um modo de existência do homem? A gente aguenta a barra de saber existir sem as condições materiais da atual existência? Para mim são essas as questões pirantes. O resto é pura picuinha (**Marizete**).

Esse seria o anúncio de uma outra forma de existência, a do não-corpo.

Até parece que a engenharia genética vai fazer o que qualquer um pode fazer no computador. Cria um indivíduo que é uma mera imagem. Só que no computador esse indivíduo é só imagem mesmo. Na engenharia genética, se quiser, a imagem vira corpo. Se não quiser, fica sendo só um monte de informações programadas e arquivadas não sei onde nem pra quê. Troço doido, hein? (**Belarmino**)

Uma técnica que transforma o homem e sua corporalidade em pura informação. O que antes era físico, matéria, tende a tornar-se meros processos digitais. Num mundo que

caminha para a plena digitalização, o corpo talvez venha a ser reduzido a dígitos, a bits. Essa etapa de mutação já não se dá no campo do visível, na materialidade. É pura transparência, luminosidade.

06. INTERFACES

Acho que vai chegar o dia em que não vai ser mais preciso botar próteses no corpo. Elas serão próteses imateriais e aplicadas sobre a imagem do corpo. Toda a construção atual do corpo pode até se resumir na imagem. E a gente vai ser só uma imagem.

Gleciara

As próteses da era industrial tardia, micromáquinas potencializadoras do corpo, interferem na estrutura física dos indivíduos, modificam funções e compõem outros aspectos da aparência. Metabolizadas no imaginário dos entrevistados como instrumentos capazes de redimensionar e manter o corpo adequado aos aspectos mutantes, socialmente solicitados, essas peças mecânicas lentamente estão sendo substituídas por outras microscópicas, de caráter comunicacional.

Independente do nível de mutação física no qual o sujeito se encontra ou deseja, as próteses cibernéticas, como o corpo por elas construído, ainda se fazem presentes, no tempo e no espaço, por meio de uma consistência material. Mas parece estar deixando de ser assim. A presença física tende a um processo de dissolução num mundo que vive cada

vez mais do escape. A dimensão corpórea vive a gênese da sua desintegração quando se confronta, a todo instante, com o universo eletrônico.

Partindo dessas premissas, muitas delas presentes nos depoimentos, selecionei para este último capítulo concepções de corpo que os entrevistados traduzem no contexto da vida digital. Não houve uma pergunta específica sobre esse tema, mas algumas pessoas falaram dele diante das questões: “O que é o corpo?”, “pra que serve o corpo?”, e na exposição das suas expectativas sobre os consequências da engenharia genética, principalmente quanto essa ciência se desenvolve em correlato com a informática.

Essa análise contou com a participação de poucas pessoas. Muitos não conseguiram depor dizendo que as perguntas eram “muitos difíceis” e que tinham receio de falar bobagem porque não se sentiam informados sobre o assunto. Os que conseguiram expor a respeito da construção do corpo-síntese foram professores -- uma delas universitária -- médico, arquiteto, advogado e estudantes de terceiro grau que trabalham na área de informática ou têm algum conhecimento sobre o uso dos computadores e da rede integrada de comunicação, a Internet.

01. Dizer o que é o corpo não é tarefa simples para a maioria, principalmente quando as pessoas se dão conta do caráter mutante compromete muitas definições rígidas historicamente sistematizadas.

Não me lembro de nenhuma definição boa que estudei na escola. Todas elas são sempre muito bobas. Lembro-me daqueles estudos bem superficiais de ciências que falavam da divisão do corpo humano em três partes, cabeça, tronco e membros. Mas nunca me lembro se havia mesmo algo que dissesse o que é o corpo (**Genivaldo**).

Apesar dessa dificuldade, existe uma unanimidade na crença de que o corpo é a sua materialidade, mesmo quando alguns se referem à oposição da matéria com o espírito, ao dizer que a corpo é “a morada da alma”.

A escola trabalha e molda o corpo, o comportamento. Às vezes com métodos rígidos, ditatoriais. Mas nada se compara com a força ideológica do controle do corpo que a gente aprende na Igreja. Primeira, a clássica oposição entre matéria e espírito. Depois, a gente aprende que o espírito é o importante e que o corpo é

apenas a sua casa. O corpo é o centro dos desejos e vive todas as tentações do diabo. Nem sempre a gente consegue ser forte e resistir às tentações. Então é preciso menosprezar o corpo, os desejos, e cuidar da salvação da alma. Essa dicotomia provoca uma visão de corpo negativa. Mas deixa claro que a base do corpo é o seu elemento material (**Gleciara**).

Muitos dizem não acreditar nessa dicotomia. Preferem uma outra concepção mais atual, embora dentro de uma outra visão religiosa, que incentiva os cuidados e a busca do corpo saudável, jovem, belo e forte.

Mesmo quando a religião continua fazendo uma certa diferença entre o corpo e a alma, o discurso já é outro. Hoje se valoriza o corpo cheio de saúde, higiênico, bonito, descontraído e alegre. É pra que a alma também seja assim. De outro lado, muitas pessoas já não estão preocupadas com a visão religiosa do corpo. Não é a alma que precisa estar bem no corpo. Acho que a coisa inverteu. Agora, o corpo precisa estar em forma e, se a alma existir e quiser, pode passar alegremente umas férias ali. Se não existir ou não quiser, o corpo continua belo e sendo a fonte principal de nossos prazeres. Acho que ninguém hoje está preocupado com a salvação da alma. O que a gente quer é salvar a pele. (**Marizete**).

02. Fora desse discurso religioso o corpo é cada vez mais celebrado.

O corpo é esse objeto aqui, eterno desconhecido, maltratado e perseguido. Eu quis ser médico por adorar anatomia, por querer desvendar alguns mistérios que envolvem o corpo. Queria entender e desmitificá-lo. Sempre desconfiei daquela coisa de que o corpo deve ser desprezível e a alma glorificada. Daí que eu adoro Reich quando ele diz que o corpo é o inconsciente. A gente pensa que ele é matéria, mas ele é mais que matéria. Não é só o que se pode ver, pegar e dissecar. O corpo é também o que se pensa, o que se comunica em cada gesto, cada postura, cada movimento. O corpo sou eu (**Teobaldo**).

Nessa celebração, cresce o enfoque no aspecto mutante da corporalidade.

O corpo é o que a gente é. Matéria mudando todo dia. De um lado, é a natureza que se encarrega das mudanças. E a gente envelhece mesmo quando não quer. De outro, a ciência ajuda a pessoa a ter a mudança que a gente quer. Mas que muda, muda. Tudo cresce, envelhece e morre. Eu mesmo continuo crescendo... (risos) nas laterais. Então, o corpo é o jeito que a gente tem de fazer contato com o mundo, é um meio de comunicação (**Raimundo**).

Não são poucos os que vêem as funções do corpo centradas na busca do prazer e em aspectos comunicacionais. Nelas se resumem as razões da existência humana.

Ih, meu filho, (o corpo) serve pra tanta coisa. Serve pro trabalho, pra locomoção, pra diversão. Serve pra fazer chantagem, pressionar, impressionar. Serve pra seduzir, despertar fantasias. Serve pra enlouquecer ou outros. Serve como apelo de beleza, de perfeição, de adoração. O corpo é pura máquina de comunicação. Sem isso não existe por que existir. Serve pra fazer festa, pra gente correr atrás de uma boa batucada, pra festejar, em porta de igreja, em zoeira de largo, pra dançar e pular atrás de trio elétrico, pra conquistar e esnobar. Serve pro gozo, pra dor, pra fazer amor. Serve pra nos dar prazer e alegrar a nossa vida. Vê, só! Sou quase um poeta do corpo (risos) (**Elenilton**).

E,

Eu acho que o corpo serve pra gente se relacionar com o mundo, com os outros. E a base dessa relação deve ser o prazer. Todo mundo quer levar uma vida cheia de prazeres, fazer mil festas, se meter em mil badalações. Isso é aproveitar a vida, é aproveitar do corpo. Eu quero ter sempre o corpo jovem e forte pra aguentar fazer muita festança, pra que ele me dê muito prazer. Onde tiver bafafá eu quero tá lá, comendo, bebendo, dançando, rindo, paquerando e fazendo sexo (**Astrogildo**).

Além de meio de comunicação, o corpo também é visto de modo fragmentado. Essa compreensão, para muitos desses baianos, favorece a remodelagem física que as técnicas contemporâneas promovem.

A primeira coisa que aprendi quando comecei a fazer medicina foi que o corpo não é uma unidade. Isso não quer dizer que cada órgão ou membro não esteja intimamente ligado uns aos outros. Significa que tudo pode ser manipulado e instigado a funcionar melhor, a se comunicar melhor. Cada órgão se comunica com os outros. O corpo, como uma colagem sábia da natureza ou da técnica, instiga a comunicação melhor com outras pessoas e coisas... pra mim o corpo é isso. O corpo serve pra isso (**Teobaldo**).

E também,

O corpo comunica. Cada gesto fala, trai o consciente. É preciso entender as linguagens do corpo. Tudo isso a gente sabe que é verdade. O que seria da psicologia sem essa compreensão do corpo? Agora, quando o corpo passa a ser ele mesmo um monte literal de máquinas inteligentes e de comunicação, com

todas as próteses, reais e virtuais, esse aspecto da linguagem e de sua capacidade de comunicação é elevada à milésima potência (**Claudionei**).

03. Muitos consideram que a construção técnica do corpo, com a valorização social da potência, encontra a sua razão de ser não na mera performance física, mas na intensa capacidade de um indivíduo poder interagir, da forma mais completa possível, com os objetos de comunicação que sintetizam e espelham a sociedade tecnológica.

É verdade que o homem quer se revitalizar e aumentar a sua potência para exibir novos dotes físicos. Mas esse é apenas um lado da moeda. O seu lado visível, material. Existe um outro, talvez mais importante e valorizado, que é invisível, imperceptível. Mas que existe e tá lá, no corpo. Inteligência. Bits. O homem-eletrônico tem essa força imaterial que acentua a sua capacidade performática de comunicação. Ele não precisa levantar toneladas. Ele trafega, na velocidade da luz, pelas vias eletrônicas (**Belarmino**).

Na era da mixagem homem-máquina, a exibição do corpo não se volta apenas para o próprio homem. O corpo-técnico realiza seu espetáculo sobretudo para os objetos técnicos.

O corpo ágil, potente, cheio de vigor com as plásticas e os implantes, parece poder mesmo apresentar a performance desejada. O que temos aí? Um corpo espetáculo. E o espetáculo do corpo está na sua capacidade de interagir-se com os meios de comunicação, de ser uma porta aberta para a Internet, por exemplo. Afinal, fora daí, onde encontrar mais lugar para exibir-se? E ainda que encontre um lugar, vai exibir-se pra quem? Pra essa meia-dúzia de pessoas que passeiam indiferentes aqui pelo (shopping) Barra? Bom, eu estou imaginando um mundo onde as pessoas vão estar todas em rede. Então, é nela que o indivíduo vai dar o seu show, fazer a sua apresentação para uma platéia virtual infinita. Não é bonito pensar nisto? (**Francelina**)

Para alguns, o corpo material parece declinar nesse ato de se redimensionar por completo para interagir-se com as máquinas e redes comunicacionais.

As máquinas que invadem o corpo para potencializá-lo estão perdendo a sua espessura, o seu lado material. Esse lado é cada vez mais reduzido e a gente fala em máquinas-inteligências praticamente microscópicas. É um pequeno chip que implantado revoluciona a capacidade de gerenciamento, memória, inteligência e comunicação do homem. Assim como as máquinas estão

perdendo o seu corpo e se tornando apenas inteligência sintética, o corpo mesmo também pode perder muito de sua materialidade para ser só inteligência. Os computadores vêm nos mostrando isso (**Marizete**).

04. A desmaterialização do corpo. As próteses eletromecânicas, a engenharia genética, produzindo suas matrizes, e a informática suscitam o dilema da necessidade de se manter uma estrutura física ao apontarem prováveis condições de existência além da matéria.

Vai chegar o dia em que a gente não mais vai precisar produzir o corpo, não mais vai ser preciso um suporte físico para as próteses porque elas também vão ser imateriais. Talvez possa vir a ser algo parecido com o cara do filme “O Passageiro do Futuro”, que abandona o corpo e entra totalmente no computador. Torna-se uma imagem, possui um corpo que não é mais um corpo, no sentido material (**Gleciara**).

Se a tendência é o corpo-técnico interagir-se cada vez mais com as redes comunicacionais, isso significa, enfatizam alguns entrevistados, que a informática hoje tem mais a ver com a vida das pessoas do que propriamente com os computadores.

Quando a gente pensa em informática lembra logo dos computadores. Mas não é só isso. A informática não visa apenas criar máquinas. Porque sozinhas elas são burras. A verdadeira inteligência das máquinas está na sua capacidade de comunicação. Por isso elas precisam interagir-se entre si e com o homem. Criar computadores é o ponto de partida para que ela crie homens-máquinas totais. Nesse sentido, não é a medicina nem a biologia que constróem o corpo. É a informática. O que quero dizer com isso? O médico faz o implante, o transplante, a plástica. Mas é a maquininha da informática que decide o corpo que está sendo trabalhado (**Graciliano**).

05. Corpo multimídia. O híbrido homem-máquina tende a valorizar não o corpo físico, mas a sua imagem destinada à comunicação eletrônica. E aqui muitas questões são colocadas pelos entrevistados: as experiências de construção do corpo-sintético, os processos da vida e do corpo digitais, em circulação pelo ciberespaço, e o homem como uma imagem de síntese.

Eu entendo que a produção do homem eletrônico é um modo de abrir espaço para que ele possa interagir-se totalmente com as máquinas. Se com a manipulação genética se pode obter uma matriz de informações e reduzir o homem apenas a isso, então esse homem-informação pode circular pelas máquinas de comunicação, com acesso direto, sem passar pelo corpo, que se torna um entulho. Entendo tudo isso. Não estaríamos aqui diante de uma nova civilização? Eu acho que essa, da qual eu e você fazemos parte, ainda nos prende. Talvez até por instinto de preservação. Mas você acha que a gente tem pique pra aguentar uma existência desprovida de um corpo físico? (**Marizete**).

A desmaterialização é vista como a condição para se atingir o ideal de perfeição do telecorpo.

Daqui a pouco a gente nem pode mais falar em corpo. Nada mais vai restar dele. A gente vai concluir que ele é uma ilusão. Tanta produção para desfazer, acabar com a sua tridimensionalidade. As pessoas que andam trabalhando com a realidade virtual não querem desenvolver a tridimensão nas imagens? Talvez a gente venha a possuir um corpo-imagem com recursos técnicos de materializá-lo de vez em quando. Essa é uma outra idealização de produção do corpo. E eu estou me lembrando do filme “O Passageiro do Futuro”. Acho que tem muita coisa verdadeira nesse filme (**Francelina**).

Nesse outro modelo corporal o que pode predominar não é o teor do corpo, sua estrutura e forma tradicionais -- cada vez mais simbólicas e imateriais --, mas a sua capacidade interativa.

Um estoque de informações e de mensagens como substâncias informáticas. Vamos supor que venha a ser isso o corpo. Aí, meu amigo, temos um corpo-em-rede e o mundo todo vai ser a Internet (**Francelina**).

O corpo-rede, prótese digitalizada e, conseqüentemente, imaterial, se resume à própria circulação sideral do homem. É com ele que a reprodutibilidade vai ao infinito e, sem perda de qualidade, transparece em telas. Alguns acreditam que é assim, livre do espaço e além do tempo, que se conquistará a eternidade secularmente sonhada. Sem apelos e promessas religiosas, mas de modo puramente tecnológico.

O homem não incorpora a máquina para ser máquina. É para agir através da máquina, conectado nela. É assim que ele se supera e supera as coisas do mundo. Entrando nas máquinas e vivendo por elas, o homem nada mais é que

um aglomerado de informações. A eternidade está garantida. É do balacobaco pensar nisso. É um desafio e tanto. É irresistível (**Graciliano**).

Alguns supõem que o híbrido homem-máquina tende a tornar-se, assim, pura interface.

Acho que vamos sair dessa fase de tecnologias e máquinas pesadas e grandes. A nova fase é de máquinas quase invisíveis, leves, muito leves. Será que essa concepção tecnológica, uma gigantesca rede de próteses muito fininhas, não vai ser responsável pela criação de novos objetos e pessoas? Quando eu fico pensando que pode ser assim, acho que essa será uma outra etapa de construção do corpo, sem mais limites algum... A gente vai poder fazer o diabo que bem quiser com o corpo da gente (**Francelina**)

06. Na sua mutação contínua o corpo tende a viver, com a informática, o momento mais inusitado do seu niilismo.

A gente não anda dizendo que vive um momento de liquidação total. A liquidação dos valores, das religiões, da política, da história, da cultura? Pois vive também a liquidação do corpo. Seja porque ele pode ser esquartejado para atender as necessidades dos bancos de órgãos e membros, para os transplantes, ou porque a sua forma começa a perder o sentido tradicional nesse universo de imagens (**Gleciara**).

Quando alguns imaginam que o corpo tecnológico está no limite da sua própria ausência admitem que essa possibilidade é incômoda.

O homem demonstra entender um pouco do corpo quando se trata da aparência. Mas dentro tudo para ele é mistério. Com a manipulação genética, a clonagem, esse novo corpo e essas coisas que parecem quase possíveis vão além da imagem, da aparência, do entendimento. Mesmo que alguém nos diga que é verdade, parece além da ficção. Pode até ser verdade. Mas uma verdade tão imperceptível que não é mais verdade nem nada. A gente sabe que o homem foi à lua. Mas esse saber está tão longe do entendimento que parece um saber verdadeiro e falso, ao mesmo tempo. Olhe, eu tô me enrolando toda. Mas acho que com o corpo algo semelhante à viagem à lua está se dando. Tudo é verdadeiro. A gente sabe dessa verdade, mas não acredita muito nela. É uma verdade demais, demais da conta, que nem faz mais sentido (**Marizete**).

O telecorpo aponta para a homeostase encontrada num modelo de vida que só pode se desenvolver nos circuitos integrados. A performatividade do corpo não é mais física, é imagética.

Percebo que a maioria das pessoas está enlouquecidamente seduzida pelas formas de contatos através das máquinas. Meus sobrinhos são loucos por computadores, jogos eletrônicos, Internet. Muitas coisas fascinam o homem na Internet. Mas uma delas é que ele não precisa mais do corpo nem da identidade. A pessoa cria uma personagem, constrói uma descrição de corpo ideal e parte para conquistar outras pessoas e o mundo. Isso deve ser bárbaro! Bacana demais! Se sou insatisfeita com alguma coisa no meu corpo nem preciso mais retocá-lo. A retocagem está na descrição que faço dele, na imagem que posso criar com a minha descrição. Daí essa imagem de meu corpo entra em circulação. E pode me trazer inúmeras conquistas e alegrias. Por trás disso ainda está o meu corpo insignificante, infelizmente. Mas isso não importa, não mais interessa a ninguém, nem a mim mesma. Acabou (**Marizete**).

Mais que nunca a potência física significa velocidade. Velocidade de circulação, acesso, distribuição, informações, mensagens. Um corpo-rede eletrobiomagnético capaz de interagir-se com pessoas, máquinas, instituições e demais burocracias. No mundo eletrônico, no qual o acesso às redes é dado através de máquinas que tendem a se confundir com o próprio corpo, é ele que se converte em senha e possibilita todos os acessos no ciberespaço.

Não é de hoje que o homem vem desenvolvendo meios para viajar sem sair do lugar. Viaja através de relatos de histórias, viaja pelo cinema. Agora, tão dizendo que o computador vai criar uma imagem da gente e que essa imagem vai conhecer muitos outros mundos que a gente não conhece. Não sei se tudo isso vai ser mesmo verdade. O homem inventa muita coisa que não dá certo. Mas também inventa umas coisas que dão certinho. Por enquanto, acho que seria bem interessante poder passar de um mundo para outro (**Sandoval**).

07. Poucos compartilham a idéia do declínio total da estrutura física. Há quem prefira imaginar o indivíduo convivendo com um corpo material -- aperfeiçoado e revitalizado pelas próteses --, ao mesmo tempo que, noutra dimensão, pode ser um corpo-sintético em mundos virtuais. Com livre acesso e trânsito entre esses universos.

O homem vem construindo o seu corpo com toda essa tecnologia que a gente já falou e se esbarra no mundo das imagens computadorizadas. Acho que um dia vai ser possível criar um certo tipo de corpo através do computador. Uma imagem que seja viva de verdade. Não sei explicar direito. Vai ser, assim, como uma outra dimensão de vida. Seria bom poder experimentar esse modo de vida. Poder passar desse nosso modo para um outro, através do computador. Então, eu acho que o corpo não se acaba. Ele permanece, só que com outros recursos que ampliam a sua existência. E os dois modos podem muito bem ser reais. Cada um na sua dimensão, cada um do seu jeito. Mas vai existir uma comunicação entre os dois, como no filme “O Passageiro do Futuro” (**Gleciara**).

E completa,

Bom, eu tô falando isso e retratando a tendência que a gente tem de ficar agarrada nessa concepção de mundo. Com todos os seus problemas ela é a nossa vida real e nos dá, por incrível que pareça, alguma segurança. Agora, parece que o mundo virtual é uma ilusão. Mas podemos supor que em breve ele seja tão real e sedutor que alguém não queira mais saber desse universo aqui. Então vai inverter a coisa. O de lá vai ser tão real que este aqui pode se tornar uma mentira. E as pessoas virtuais vão usar os seus computadores para fazer um passeio exótico por aqui, do mesmo modo como já se pode usar sensores e capacetes virtuais para fazer uns passeios por lá. Talvez, quem sabe, um dia, essas duas dimensões venham mesmo a se fundir e ser uma só (**Gleciara**).

Alguns entrevistados enfatizam que o importante não é discutir o fim do corpo, mas entender as novas formas, em elaboração, de corporalidade e existência humana.

Não acho que o corpo vai se acabar por causa de umas novas técnicas que aperfeiçoam os meios de comunicação. Acho que teremos mais recursos. Só isso. Recursos para viajar pelo mundo digital que serão acrescentados aos recursos naturais das minhas pernas que me permitem andar pela cidade. Pra muitas coisas será mais prazeroso dar umas pernadas por aí, pra muitas outras será mais prático e prazeroso o indivíduo se converter em imagem e viajar no ciberespaço. O importante é o prazer de fazer uma ou outra coisa. O corpo pode muito bem continuar como fonte de prazer. Talvez até mais intenso e verdadeiro (**Marilene**).

08. A mixagem com a máquina parece uma tentativa de mergulhar no seu universo, isto é, no campo puro da imagem. Alguns acreditam numa busca inversa, a da

imagem que passa para o mundo de domínios físicos. Um “feed-back” com a combinação das máquinas de visão, máquinas de audição e, mais recentemente, a combinação teletátil. Alguns entendem que não é o mundo das imagens que se oferece como opção para o homem porque esse mundo eletrônico tem uma dimensão real-virtual arrebatadora. É o mundo físico que poderá permanecer como uma opção provisória, facilmente descartável.

Nós já vivemos uma época em que muitos objetos são cópias e clones das imagens sintetizadas no computador. Nós já podemos aperfeiçoar o nosso corpo através de uma imagem sintética perfeita de nós mesmos. Por exemplo, primeiro o computador me mostra como vai ficar o meu corte de cabelo e só depois eu permito que ele seja cortado. Então, o corpo mesmo poderá vir a ser assim. Primeiro é elaborado na máquina e a matriz genética-numérica fica lá. Se quiser poderá passar para o domínio físico, passa para o lado de cá. Se não quiser ficará eternamente por lá até que alguém o contamine com vírus ou delete (**Teobaldo**).

Alguns enfatizam que transitar entre o mundo físico e o das imagens é um estágio necessário para que as pessoas possam se habituar a depender cada vez menos do mundo material e descobrir os prazeres de uma vida sintética.

Da mesma maneira como a gente entra e sai do carro para ir e voltar, a gente também vai entrar na tela para correr o mundo eletrônico. Depois a gente sai e tudo continua como antes. A gente vai levar muito tempo fazendo essa travessia porque não é fácil se desligar das coisas físicas. Mas a gente vai aprender a depender cada vez menos das coisas físicas (**Doralice**).

09. Alguns imaginam que o corpo, com seus múltiplos sistemas-próteses, se transforma em terminais que, uma vez devidamente acoplados a outros terminais, garantem a instantaneidade ilimitada da intercomunicação entre civilizações, culturas, países e indivíduos. Novas modalidades e perspectivas para os relacionamentos humanos.

Acho que é nessa confusão das informações circulando pelos computadores que se encontra a base dos novos relacionamentos humanos. Agora o que vai sair daí nem o diabo sabe (**Belarmino**).

Muitos entrevistados reconhecem que as tecnologias que revolucionam o corpo apresentam questões que, independentes das reais mutações físicas, provocam outras

revoluções cotidianas quando exigem que as pessoas alterem seus pontos de vistas, suas posições, seus entendimentos, seus valores, sua concepção de homem, de mundo e de vida.

Mesmo que alguém não queira produzir tanto o corpo a ponto de se converter em imagem, que prefira acreditar que ainda é possível manter as suas ilusões de possuir um corpo natural, a revolução tecnológica sobre o corpo atinge a todos quando coloca questões como essas. Poder pensar em construir e desconstruir o corpo só revela o quanto já somos envolvidos por essa possibilidade. Mas não acho que isso vai acontecer logo. Essas mudanças levam um bocado de tempo **(Sandoval)**.

Aqui, nenhuma preocupação real com a beleza, com a forma física, com a potência, a eterna juventude, merece mais ser efusivamente sustentada. De modo completo, essas preocupações se esvaziam, migram.

Nessa história de produção do corpo a gente vai começar tudo de novo. Só que não produzindo o corpo propriamente dito, mas produzindo a sua imagem que anda, percorre, flutua nos terminais eletrônicos. Como as pessoas fisicamente vão se encontrar pouco a imagem real do corpo dispensa tantas atenções. É a imagem da imagem do corpo que precisa ser agora trabalhada esteticamente, tá entendendo? Então, a gente vai fazer cirurgias, implantes e todo tipo de potencialização não só no corpo, mas na imagem do corpo, do mesmo modo como a gente faz retoques e maquiagens em fotografias. E isso é muito porreta **(Astrogildo)**.

Ainda que o corpo permaneça por aqui, em algum lugar, mantendo seus poucos vínculos físicos, ao redor dele já se constitui um ideal satelitizado que o projeta no ciberespaço das supervias de comunicação. O homem-eletrônico é um homem-satélite, uma figura digital que encontra a sua existência apenas no domínio da linguagem. A tecnologia invade e implode o corpo para que o homem possa ser projetado ao exterior, além, muito além dele mesmo. A partir daí é cada vez mais difícil manter os pés no chão, querer agarrar-se a alguma coisa.

II.

**Vozes
e
imagens
do
corpo
nas
telas**

ANTECIPAÇÕES DA ARTE

(...) a imagem é antes de tudo um vetor de comunhão, ela interessa menos pela mensagem que deve transportar do que pela emoção que faz compartilhar. Nesse sentido, a imagem é, de parte a parte, orgiaca, *stricto sensu* passional (*orge*), ou ainda estética: seja qual for seu conteúdo, ela favorece o sentir coletivo (*aisthesis*).

Michel Maffesoli

Algumas antecipações da mixagem homem-máquina nos chegaram por meio da arte, sobretudo do cinema, antes mesmo da biotecnologia. Muitos filmes, classificados segundo o gênero de ficção científica, têm representação social sobre uma nova imagem do corpo em interação permanente com os objetos técnicos. Desse modo, o universo cinematográfico, com sua forma de narrativa contemporânea e própria da revolução tecnocientífica, antecipa a realidade e passa a ser uma forte referência na discussão sobre o tema.

Em muitas películas, o desejo de um corpo potente e de uma mente muito mais desenvolvida é realizado por meio do uso de próteses eletromecânicas e drogas químicas. Mas, de modo simultâneo, existe uma constante avaliação das distopias, caracterizadas pelo uso indiscriminado da ciência, e a crítica ao poder das tecnologias. Esse enfoque mescla as vantagens dos avanços tecnológicos com os velhos temores de que modalidades anatômicas e existenciais, tecnicamente aperfeiçoadas, signifiquem o fim do suposto domínio humano sobre a natureza e a vida social. Posições dúbias envolvem o tratamento dado ao tema. Mas mesmo com as contradições, os desafios são sempre levados às telas. Talvez, o próprio fato do híbrido homem-máquina ser demonstrado como ficção sirva para alimentar, construir e reinventar o imaginário de um grande público a respeito de um mundo e de um certo tipo de homem em construção.

Os três filmes que escolhi e vou considerar nessa parte da pesquisa -- *RoboCop*, *O Soldado Universal* e *O Passageiro do Futuro* -- são populares e os mais referenciados nos depoimentos. Mesmo não sendo recentes, ainda são exibidos, com frequência, sobretudo na

televisão. Seus principais personagens, cujas estruturas físicas e detalhes anatômicos têm grande importância neste trabalho, produzem forte efeito emocional em muitas pessoas por mim entrevistadas.

O meu propósito não é fazer meros relatos sintéticos dos roteiros. Mas destacar as inovações e as referências do aperfeiçoamento corporal, as cenas e as situações que ficaram na memória dos espectadores e retomadas nos exemplos que forneceram. Organizei o estudo de cada filme em três etapas: o contexto que deu origem aos experimentos, o corpo do personagem e a performance física desenvolvida pelo corpo tecnologicamente aperfeiçoado.

01. CYBORG¹

Talvez nenhum filme tenha tratado do tema homem-máquina de modo tão explícito como *RoboCop*². O superpolicial do futuro é uma mesclagem que procura unir o melhor que existe entre os dois mundos, o natural e o artificial, em um único ser, projetado como meio homem, meio máquina.

01. O contexto.

O cenário é o de uma metrópole num futuro próximo. A cidade é dominada por marginais. Assaltantes e traficantes de drogas aterrorizam os habitantes e a violência é a tônica de um modo de vida que os moradores não suportam mais. A polícia, impotente, tenta todos os recursos, mas não consegue controlar uma situação que extrapolou todos os limites de um possível domínio.

Para complicar um pouco mais, os policiais estão insatisfeitos com as ordens que recebem dos superiores e desconfiam da idoneidade dos chefes. Em uma semana muitos tiras morreram na vã tentativa de desfazer quadrilhas. Uma proposta de greve é apresentada pelo sindicato e os habitantes estão apavorados. O noticiário televisivo está cheio de reportagens sobre os comuns conflitos de rua que explodem em vários lugares ao mesmo tempo. A situação é caótica.

É curioso que entre um bloco e outro do telejornal a rede leve ao ar peças publicitárias de novos produtos cirúrgicos. No anúncio, um médico anda lentamente por um

¹ O Cyborg é um organismo cibernético, como seu próprio nome indica: CYBernetic ORGanism. É um híbrido de humano e de máquina, um composto biológico-técnico. Isto indica que uma parte é dada pelo corpo “produzido pela natureza” e outra parte é construída tecnicamente. O resultado é um organismo que se coloca entre a natureza e o artificial, não estabelecendo oposição entre estes dois universos, mas unindo-os. Cf. Lucine Sfez. *La Santé Parfait - Critique d'une Nouvelle Utopie*, pp. 280-1.

² Nome original: *RoboCop*, Estados Unidos, 1987. Título brasileiro: *RoboCop, o Policial do Futuro*. Diretor: Paul Verhoeven. Escrito por Edvard Neumecer e Michael Miner. *RoboCop* desenhado por Rob Bottin. Atores: Peter Weller, Nancy Allen, Daniel O’Herlihy, Ronny Cox e Kurtwood Smith.

corredor de hospital enquanto se vêem dezenas de doentes e feridos jogados em macas. Seu rosto sereno transmite confiança no texto conciso que declama e nas promessas de milagres para o corpo que os produtos apregoam:

É hora da grande operação. Esta pode ser a decisão mais importante da sua vida. Procure nossos cirurgiões no Centro Familiar do Coração. Temos uma linha completa de corações Jensen e Yamaha. Escolha o seu. Financiamos, damos garantia e assistência técnica.

Quando o telejornal inicia um novo bloco o apresentador fala de novos tumultos no centro da cidade. Mais três tiras foram mortos e um gravemente ferido. O sobrevivente denuncia líderes policiais como chefes do crime organizado, inclusive o presidente da OMMI, uma firma recentemente contratada para dirigir o Departamento Metropolitano de Polícia de Detroit, e segundo ele, responsável pela morte de 31 soldados.

Pressionados pela opinião pública, os funcionários que ocupam os cargos mais altos da segurança elaboram um projeto para revigorar a velha Detroit, que hoje é como um câncer, cheia de crimes. Uma grande cirurgia plástica precisa ser feita nessa área urbana deteriorada. A pretensão é modernizar o centro antigo da cidade, limpando todos os detritos, sobretudo os humanos, miseráveis que poluem e destroem o que encontram pela frente. Para atingir esse objetivo é preciso uma força policial eficiente, livre do jogo de corrupção que contaminou a corporação. O intento é contar com um policial em tempo integral, que não coma nem durma, que tenha poder de fogo superior e capacidade ilimitada para usá-la. Enfim, alguém capaz de solucionar conflitos, manter a ordem e devolver paz e tranquilidade aos moradores.

02. O corpo.

Para o presidente da OMMI, Dick Jones, o sonho de construir o policial do futuro já foi realizado. Com orgulho ele apresenta a sua criação: Ed 209. Um robô auto-suficiente no cumprimento da lei, programado para pacificar os distúrbios urbanos. A expectativa do presidente é que após um giro de sucesso pela cidade o policial se torne um produto militar de valor. Ele deseja vendê-lo aos militares, incluindo o direito à assistência técnica e peças

de reposição durante 25 anos. O reforço policial, com aquele especial robô, é seu primeiro procedimento no processo de assepsia da cidade.

Esse policial eletromecânico é um robô que em nada lembra um homem. Movimenta-se de modo desajeitado e as engrenagens do aglomerado de próteses não parecem bem elaboradas. É uma máquina destituída de coordenação motora, o que em si já configura uma ameaça. Embora sinalize potência e resistência, logo demonstra não ter mínimas habilidades intelectuais capazes de distinguir reais situações de perigo de meras simulações. Não “entende” direito as ordens e por isso não as obedece. Além disso, é ultraviolento.

Diante do fracasso desse empreendimento, Bob, diretor do departamento de criação do laboratório secreto, anuncia que tem um projeto de construção do policial ideal, o RoboCop, e promete apresentar seu protótipo em noventa dias.

Quando um outro policial é gravemente ferido em conflitos de rua, seu corpo é levado para um laboratório no qual cientistas, sob o comando de Bob, decidem nele implantar uma série de próteses eletromecânicas.

Podem tirar esses braços e essas pernas. Não são apenas membros biônicos que ele vai ter. Todo o corpo dele será uma prótese. Vamos implantar próteses no corpo inteiro. Ele será uma supermáquina.

O objetivo dessa mixagem homem-máquina é obter um ser especial, dotado dos mais rápidos reflexos que a tecnologia moderna tem a oferecer, acoplada a uma memória computadorizada, embutida em toda uma vida dedicada à manutenção da lei e da ordem. Para isto, o corpo-prótese total ganha braços eletromecânicos com força para esmagar qualquer osso, pernas muito mais ágeis e uma pele externa feita de titânio laminado que recobre todas as demais próteses.

O corpo, protegido por essa pele de titânio, dispensa o uso de roupas e acessórios. O resultado é um indivíduo com uma aparência explícita de máquina, mas com a forma física de um homem, cujos vestígios humanos passam quase despercebidos, com exceção dos olhos, boca, queixo e outros pequenos detalhes do rosto, mantidos por trás de um capacete eletrônico.

RoboCop está pronto e Bob exulta: “Você é uma *máquina!*” O policial é invulnerável, com reflexos e memória eletrônicos, tem pontaria excepcional e lucidez para agir adequadamente diante de cada situação com a qual se depara. Ele “sabe” quem é culpado e inocente, a quem deve prender ou proteger. Ao contrário de Ed 209, é inteligente e rápido na associação de idéias. A preservação de parte do cérebro humano testemunha, ainda que de modo invisível na aparência, o seu lado meio homem. Mas mesmo esse lado apresenta desempenhos superiores aos dos simples mortais porque é instigado a funcionar com mais velocidade e poder de absorção das informações, por meio do uso freqüente de estimulantes químicos. É assim que o soldado está apto para enfrentar os desafios das ruas violentas. Os dias de badernas parecem ter as horas contadas.

03. A ação.

As missões de RoboCop são todas bem sucedidas. Ele enfrenta de peito aberto todos os assaltantes e gangues de drogas, desarma e prende facilmente os malfeitores, salva e protege mulheres indefesas, vítimas de tentativas de estupros, liberta o perfeito refém de um inimigo político derrotado nas eleições, acaba com a festa dos saqueadores de lojas, aqueles que se divertem roubando ou explodindo carros nas vias públicas.

Não demora e a televisão passa a divulgar a bravura do novo policial na luta eficaz contra o crime. Ele é um novo herói e as pessoas estão agradecidas e fascinadas. Por onde passa é tratado com carinho, muitos tocam seu corpo com curiosidade e prazer, abraçam-no. Os habitantes do lugar não se surpreendem com a sua aparência, mas com a sua real demonstração de força e sagacidade. O seu visual de máquina não aparece em nenhum momento como impedimento no seu relacionamento com os humanos. O único que o vê como “monstro” é Dick Jones, por razões óbvias de inveja.

Até aí o superpolicial enfrenta grupos de humanos fortemente armados, muitas vezes com metralhadoras e canhões da mais recente tecnologia. Nessas tarefas, às vezes cai em emboscadas, se fere gravemente e é obrigado a passar algumas horas em laboratórios para “reparos técnicos”. Acostumado a refazer e a atualizar o seu corpo-técnico, RoboCop procura tranquilizar sua humana parceira de trabalho, gravemente ferida:

Não se preocupe, hoje eles (os médicos) consertam tudo e vão ajeitá-la também. Você vai ver.

Mas o seu maior desafio é enfrentar e prender o próprio chefe da segurança pública, o verdadeiro matador de policiais, o mandante da quadrilha que aterroriza a cidade, e entregá-lo à Justiça. Essa missão é mais perigosa que as anteriores porque Dick Jones agora usa vários robôs, modelo Ed 209, como seu escudo protetor.

A longa batalha travada entre RoboCop e esses vigilantes de aço garante as principais cenas de ação do filme. O superpolicial tem que usar muita perspicácia para vencer aquelas máquinas que seguem à risca a sua programação, independente das variáveis não previstas que sempre aparecem em situações de confronto. Elas continuam “burras” mas incrivelmente fortes e, por isso mesmo, lhe dão muito trabalho.

A aparência de RoboCop lembra antigos guerreiros medievais trajados com protetoras armaduras de aço. Mas essa artimanha do passado escondia a fragilidade dos corpos. Um mero Calcanhar de Aquiles deitava por terra a infalibilidade dos heróis, o que sempre demonstrou que uma pele de aço não é suficiente. De outro lado, uma máquina como o Ed 209, não “pensa” nem consegue tomar qualquer decisão por conta própria.

O projeto *RoboCop* foge desses dois parâmetros. Busca pela mixagem homem-máquina preservar memória, inteligência, reflexos e poder de discernimento do homem. Mas reforça todas essas qualidades. A revitalização do corpo, pela presença potencializadora das próteses, ultrapassa os limites tipicamente humanos, mas também supera as limitações próprias das máquinas, que ainda não são dotadas de inteligência. A mesclagem do humano e do técnico faz de RoboCop um super-homem, por intermédio das próteses eletromecânicas, e uma supermáquina, pela permanência das características cognitivas dos humanos. Este parece ser o segredo desse homem-máquina, sua principal arma de ação e sedução.

02. IMORTAIS

O filme *Soldados Universais*³ também aborda a questão homem-máquina. Mas se em *RoboCop* a ênfase do aperfeiçoamento físico está no próprio corpo, este centra a sua abordagem nas mutações mentais, promovidas por estimulantes químicos e soros genéticos que alteram a inteligência, apagam a memória e as emoções dos sujeitos.

01. O contexto.

O governo e as autoridades militares estão preocupados com a segurança dos seus soldados em missões de alto risco, quando muitos se ferem gravemente ou morrem. As baixas têm sido grandes. De outro lado, a pressão popular aumenta. As pessoas estão insatisfeitas. As ações policiais obtêm pouco sucesso e vários civis morrem em tarefas mal planejadas e executadas, principalmente as que envolvem seqüestradores e seus reféns. A situação é incômoda para a polícia, que se reconhece cada vez mais impotente e desacreditada pela população.

Para contornar essas dificuldades, os agentes de segurança resolveram investir no centro de pesquisa de uma base aérea, localizada no deserto de Nevada, Estados Unidos. Eles promovem o desenvolvimento de um projeto secreto para criar guerreiros perfeitos, indivíduos fortes, corajosos, bem treinados, com habilidades físicas acentuadas e, o mais importante, dispostos a cumprir, sem questionar, as ordens de seus superiores. O projeto é mantido na ilegalidade porque visa a regeneração de soldados mortos e todos sabem que o

³ Nome original: *Universal Soldier*, Estados Unidos, 1992. Título brasileiro: *Soldados Universais*. Diretor: Roland Emmerich. Escrito por Richard Rothstein, Christopher Leitch e Dean Devlin. Atores: Jean Claude Van Damme, Dolph Lundgren, Ally Walker, Ed O’Ross, Leon Rippy, Tico Wells e Ralph Moeller.

Pentágono não permitiria pesquisas desse porte. Qualquer informação vazada para a imprensa pode gerar um escândalo, razão pela qual o sigilo deve ser mantido a todo custo.

Na verdade, a pesquisa não é nova, mas os primeiros resultados só agora aparecem. Os experimentos começaram vinte e cinco anos antes, no final da guerra do Vietnã, quando os melhores soldados mortos eram carregados para uma unidade militar e seus corpos congelados. Desde essa época os cientistas trabalham numa técnica de aceleração dos corpos que transformam a carne morta em tecido vivo. Esse é um método para vencer a morte e promover a ressurreição dos sujeitos. Em seguida, por meio de uma temperatura muito alta, os corpos são esfriados, congelados e o cérebro controlado. A memória é apagada e a pessoa programada para obedecer normas, regras e ordens.

Nesses novos policiais também são implantados próteses e sensores eletrônicos que redimensionam o funcionamento corporal, garantindo-lhes poderes físicos especiais. Existe um contínuo treinamento que visa expandir e atualizar essas capacidades. O aperfeiçoamento do corpo é acompanhado de uma redução máxima das características intelectuais e emocionais dos sujeitos. Não é preciso que esses tiras tenham poder de decisão. Eles não necessitam de passado e futuro. São autômatos, apenas obedecem às decisões tomadas pela central militar.

02. O corpo.

As grandes mudanças promovidas nos corpos dos soldados são internas. Isso significa que têm uma aparência semelhante a de outros homens que seguem à risca a rotina militar. Usam inclusive as mesmas vestimentas: botas pretas, calças e camisas verdes, com manchas escuras, colete a prova de balas e portam as mesmas armas.

O único distintivo aparente entre os Soldados Universais e os demais policiais é um capacete composto por fones de ouvidos, um microfone e uma microcâmera instalada no olho esquerdo. Através dos fones os sujeitos recebem as diretrizes de seus superiores. A câmera transmite as imagens de tudo o que vêem, os caminhos por onde passam e o que estão fazendo, para uma central militar computadorizada. Pelo microfone eles confirmam se entenderam bem as ordens, dizem se estão dispostos a segui-las e informam toda e qualquer posição que os superiores solicitam. O videofone é a única prótese externa,

visível, e funciona como meio direto de comunicação dos soldados com a central. Mas o capacete é sutil e não altera a aparência dos tiras a ponto de chamar a atenção. Em qualquer lugar podem passar por meros policiais dedicados que carregam, para o bom cumprimento do dever, um equipamento a mais.

Mas por trás daqueles corpos, de aparência comum, estão presentes poderes especiais adquiridos com experimentos genéticos e implantes de próteses eletromecânicas. O processo de aperfeiçoamento dos soldados seguiu etapas muito definidas, absorvem anos de pesquisas e culminou no objetivo principal de fazer com que aquelas pessoas não se lembrassem de nada do que eram antes do experimento.

Grandes quantidades de drogas químicas são aplicadas na nuca de cada homem com o fim de restringir habilidades intelectuais. Apagar a memória é o passo certo para anular a história e a identidade do sujeito, que também não deve ter nenhuma demonstração de sentimentos. As emoções são eliminadas.

Essas mutações mentais são acompanhadas, de outro lado, pelo revigoreamento corporal. Por isso, cada soldado também toma, várias vezes por dia, injeções que estimulam os músculos e dão-lhe muito mais força e resistência. A força física acentuada faz com que o tira se mostre muito mais corajoso e não se intimide com nada. Ele tem um corpo com alto poder de cicatrização, por meio de uma técnica de resfriamento do organismo e pode correr em velocidade sequer sonhada para um mero mortal.

03. A ação.

Sempre orientados pela central de comando, um laboratório que funciona como uma base móvel, num caminhão hiperequipado com a mais moderna tecnologia biogenética e de comunicação, os Soldados Universais são testados em missões consideradas perigosas, como a de libertar dezenas de reféns sob poder de seqüestradores, numa usina elétrica. Os responsáveis pelo projeto estão satisfeitos com o sucesso dessa nova missão. As equipes de reportagens de televisão querem saber quem são esses sujeitos, mas o coronel Perry é lacônico.

Esta é a terceira missão de sucesso dos Soldados Universais. De novo sem mortos e feridos. A identidade deles permanecerá secreta. Eles têm família e não arriscarei suas vidas.

A população está mais confiante, os pesquisadores, estusiasmados. Mas nem tudo segue como planejado. Dois dos soldados, GR 13 e GR 44, apresentam distúrbios. O primeiro demonstra prazer em matar e trucidar suas vítimas, uma hipótese fora de questão se as emoções estivessem mesmo controladas. O segundo parece confuso por vestígios de memória que deveriam ter sido totalmente apagados. As visões, os lapsos de memória, abrem possibilidades para uma auto-investigação de sua história. Ele quer reaver o seu

passado, a sua identidade, encontrar a sua família, voltar a ser um homem comum. Quer entender a sua condição existencial presente, as metamorfoses pelas quais seu corpo passou, a origem dos poderes que os demais policiais não têm.

Os médicos acreditam que o problema talvez esteja no fato de que esses soldados enfrentam longas horas de tensão, para cumprir bem as suas tarefas, e seus corpos são aquecidos além do normal. No pulso de cada um existe instalado um aparelho que indica a temperatura do corpo. Quando a luz vermelha está acesa o soldado fica nervoso e se enfraquece. A alta temperatura pode alterar os efeitos dos medicamentos que eles tomam no tratamento intensivo de aperfeiçoamento físico.

A solução encontrada pelos pesquisadores é revezar os Soldados Universais numa mesma missão. A ação de cada um deve ser mais rápida. Não são apenas as vítimas dos seqüestros e dos acidentes que precisam ser libertas e salvas. Os tiras também devem ser preservados. De todo modo, é necessário submeter esses sujeitos a um novo tratamento para garantir a completa limpeza da memória, eliminar as lembranças, destruir os desejos, massacrar as emoções. Pretendem eliminar integralmente as características humanas que ainda restam. Mas essa é uma tarefa que não se completa.

Os dois soldados se desentendem e fogem da base militar. Um reconhece no outro o velho traidor da época em que lutaram juntos no Vietnã e decidem, por conta própria, “colocar o traidor no seu devido lugar, acertar antigas contas”. As seqüências de

perseguição entre os tiras demonstram que a operação está fora de controle e os cientistas não sabem o que fazer para contê-los. O projeto precisa ser reavaliado.

Uma repórter, atrás de um furo de reportagem, foge com um dos soldados. Ela é testemunha de situações esquisitas que apontam certas características daquele corpo. As feridas se cicatrizam imediatamente com o resfriamento do organismo. O sujeito consegue empurrar um carro numa velocidade espantosa, derruba e atravessa paredes. Ela ajuda o tira a procurar sinais no seu corpo que indiquem a presença de sensores incrustados e improvisa uma cirurgia para extrair a micromáquina, um rastreador que aponta a direção que ele segue.

Quando os superpoliciais se encontram e se enfrentam a luta é cada vez mais desigual. GR 13 continua a tomar os estimulantes químicos, soros genéticos de ação imediata que reforçam a potencialização do seu corpo. Mas GR 44, no esforço para recuperar a sua condição humana, já se empanturra de alimentos comuns e é um homem fraco, como qualquer mortal. É espancado, socado, lançado em paredes, atirado na lama acumulada pelo recente temporal.

Na agitação dessas idas e vindas, entre socos e pernadas, uma seringa automática com o soro genético cai do colete de GR 13. O outro soldado consegue pegá-la. Ele quer se livrar do aperfeiçoamento químico, mas sabe que naquele momento só a injeção pode revigorar o seu corpo enfraquecido e habilitá-lo a destruir o ex-companheiro. A ação do medicamento é instantânea e ele readquire a força necessária para derrotar o agressor, que já tem o corpo um pouco debilitado por causa do rápido aquecimento físico, provocado pela longa batalha. Sem a força extra do estimulante, o último dos Soldados Universais sucumbe às mazelas dos simples mortais: dor, sofrimento, fraqueza, agonia, espanto e morte. GR 44 está livre para recuperar a sua humanidade.

O filme mostra que é uma experiência que não deu certo. O excesso de força física tende a ser perigosa se não for administrada com sabedoria. Transformar o corpo numa supermáquina não é o bastante. É preciso também um supercérebro. Mas como o projeto não juntou esses dois aspectos, deve ser abandonado.

Incomoda a muitos espectadores não tanto o fato de um sujeito tecnicamente aperfeiçoado desejar voltar à sua condição humana, mas que os estimulantes tenham sido utilizados para ampliar a performance física -- considerado um bem -- e para restringir as

capacidades mentais -- um aspecto sempre rechaçado. De todo modo, a eficiência desse tipo de medicamento no avigoreamento do corpo dos soldados é apontada por muitos entrevistados como objeto de desejo, o produto ideal para promover a performance física que cada um gostaria de desenvolver.

03. INSERÇÃO

O filme *O Passageiro do Futuro*⁴ começa com uma nota de esclarecimento:

Ao fim do milênio a Realidade Virtual terá uso generalizado. Permitirá que se entre em mundos artificiais ilimitados. Seus criadores prevêm milhões de formas de usos positivos, mas outros a temem como um novo meio de controle da mente.

01. O contexto.

O médico Larry está insatisfeito com o seu trabalho no laboratório da empresa VSI. Ele fez experimentos de medicamentos que deixaram um chimpanzé mais inteligente e o iniciou em Realidade Virtual. O primata já está habituado a usar capacete e luvas e a mergulhar nos jogos eletrônicos. Regozija-se com as viagens entre galáxias e suas conquistas pelo ciberespaço. Mas o aumento de inteligência também deixou o primata violento e os seguranças acabam por matá-lo. Por essa razão, o pesquisador acha que está sendo sabotado. Resolveu abandonar a empresa e continuar as suas pesquisas em casa, com

⁴ Título Original: *The Lawnmower Man*. Estados Unidos, 1992. Título brasileiro: *O Passageiro do Futuro*. Baseado num conto de Stephen King. Atores: Jekk Fahey, Pierre Brosnan, Jenny Wright, Geoffrey Lewis e Mark Bringleston.

os recursos limitados que dispõe em seu laboratório, pois está convencido de que a Realidade Virtual é a chave para a evolução da mente humana e deve ser experimentada em seres humanos.

Ele tem um vizinho jardineiro. O rapaz tem deficiências mentais e é considerado “bobão, idiota e burro”. O médico decide convidar o cortador de grama para brincar com o computador. Diz ter vários jogos, um deles capaz de deixá-lo mais inteligente. Antes, porém, examina e conclui que Jobe tem saúde de ferro, está em forma. Dá-lhe uma injeção de vitaminas e outros estimulantes mentais. Leva-o para a cadeira equipada com os instrumentos que permitem as reais sensações das viagens virtuais.

Não tenha medo. Será como estar nas estrelas. É como ir a outro planeta. Sentirá sua mão formigando, mas não se preocupe. Faz parte do jogo.

Através do próprio computador o médico aciona o estímulo do córtex e aumenta a velocidade do estroboscópio. Larry observa que o rapaz reage bem, sua mente responde ao esperado. Por isso decide aumentar, diariamente, o tratamento virtual e os neurotrópicos. Conta também com o progresso em seus padrões cerebrais e verifica que a atividade sináptica⁵ aumentou 400% depois de um mês. A mente do rapaz responde a todas as drogas e estímulos virtuais com rapidez superior à de qualquer animal.

02. O corpo.

Desde que as experiências começaram as mudanças em Jobe tornaram-se visíveis. De um lado, ele se torna mais atraente. Exibe um novo visual, realçado por um outro corte

⁵ A sinapse é o ponto de passagem do estímulo de um neurônio para outro. Isto significa que não existe nenhuma formação unindo dois neurônios, mas um microespaço entre eles. A transmissão de um impulso de um elemento a outro se dá quando a onda de despolarização iniciada na membrana celular do neurônio o percorre inteiramente e, ao fim, a corrente elétrica provoca a liberação de uma substância química contida no interior do botão terminal, que atravessa o espaço entre os dois neurônios e vai interagir-se com a membrana do neurônio seguinte. Essa atividade ou reação, chamada sináptica, provoca o eclodir de outro potencial de ação, o qual irá se propagar de modo idêntico. Com o uso de estimulantes químicos, a transmissão de um impulso de um neurônio a outro pode ser retardada ou acelerada, o que faz com que a atividade sináptica diminua ou aumente. Cf. Dario Doretto. *Fisiopatologia Clínica do Sistema Nervoso - Fundamentos de Semiologia*, pp. 08-11.

de cabelo, roupas justas que valorizam e expõem seus músculos bem desenhados. As pessoas observam e comentam. Ele já não passa mais despercebido, não é desprezado e ridicularizado. Tornou-se um sedutor. As mulheres o olham com desejo. De outro, ele se tornou um homem forte porque aprendeu a decidir a sua própria vida. Não se submete mais aos outros, não se deixa humilhar, não segue ordens sem sentido.

O médico está entusiasmado com essas mutações. Reconfigurou os programas sem os fatores que intensificaram a agressividade do chimpanzé e agora tem a confirmação de que eles funcionam em humanos. Mas em casa não há mais como prosseguir a experiência. Por isso, solicitou autorização para voltar a usar o laboratório de Realidade Virtual da empresa. Lá, ao se deparar com as sofisticadas aparelhagens, o rapaz fica deslumbrado. Larry explica:

É um dos mais avançados equipamentos de computação. Aqui, ao invés de simples luvas e capacete usam-se roupas cibernéticas nas esferas giratórias que eliminam a velha cadeira. Essas roupas especiais, uma nova pele que recobre o corpo do indivíduo, e as esferas giratórias permitem que a pessoa faça uma inserção total na Realidade Virtual. Os sistemas nervoso e endócrino acompanham a expansão cerebral. Às vezes penso ter descoberto um planeta.

Em pouco tempo o rapaz faz grandes progressos. Sua inteligência e a capacidade de articular informações e memória são muito velozes. Aquele bobo de poucas semanas atrás agora demonstra alto poder de aprendizagem, inclusive para línguas. Em apenas duas horas dominou o latim. Também desenvolve novos poderes, como ler a mente das pessoas e movimentar objetos. O médico está cada vez mais admirado:

É impressionante. Pensei que esta pesquisa tivesse a chave para poderes psíquicos, mas nunca imaginei que chegasse a tanto. A capacidade de aprendizagem acelerada é fascinante.

O entusiasmo do médico é prejudicado pelo supervisor do projeto, Timms, que cumprindo ordens dos superiores vai ao laboratório e altera dados no computador sem que o pesquisador se dê conta. O objetivo é retornar à fórmula anterior, considerada original,

utilizada no chimpanzé. Querem saber a reação de humanos com o uso daquela mesma matriz, sobretudo no que diz respeito ao acúmulo de violência.

Desconhecendo as alterações, Jobe parte para mais uma experiência. Mergulha em novas aventuras por paraísos virtuais. Mas as mudanças implantadas no computador interferem negativamente no funcionamento do seu corpo. Ele passa mal. Pelo computador Larry verifica que suas glândulas endócrina e supra-renal estão em níveis fatais. Não consegue entender o que está acontecendo e é obrigado a parar o sistema. Quando Jobe é retirado da esfera giratória parece alucinado, repete num misto de assombro e encantamento: “Eu vi Deus. Toquei em Deus.”

O médico não entende como exagerou nas doses dos estimulantes. Assusta-o mais ainda verificar que o inchaço cerebral, que deveria ser fatal, desapareceu sem deixar lesões. Existe agora no corpo do rapaz um alto poder de regeneração dos órgãos. As experiências da Realidade Virtual podem revolucionar o corpo. Ali pode estar a solução para muitas deficiências físicas e doenças neurológicas. Além disso, uma pessoa pode ser mentalmente aperfeiçoada em apenas um ano, e as possibilidades de rápida aprendizagem podem revolucionar todo o modelo educacional em vigor. As perspectivas são grandiosas e, por isso mesmo, assustadoras. Ele se sente intimidado, tem medo das conseqüências, de não saber mais o que fazer com as novas capacidades físicas e mentais da “sua criatura”. Vencido por tantos receios, temendo novas sabotagens por parte da empresa, conclui que a experiência saiu de controle e deve ser interrompida.

03. A ação.

O cortador de grama quer explorar cada vez mais seus novos poderes. Acha que chegou a hora de descobrir o que o médico fez com ele. Considera que o modo adequado para isso é investigar, aprender a usar as suas novas capacidades e expandi-las sempre que possível. Com esse intento, procura limites que não encontra em sua mente. Agora, apenas com ela, pode realizar coisas que sequer algum dia sonhara. A sua grande metamorfose se concentra mesmo é no cérebro.

Dois eixos de ações, a de nível físico e a mental, se mesclam.

De um lado, em sua vida cotidiana ele testa suas novas capacidades, como controlar mentalmente os movimentos do aparelho que corta a grama do jardim. O rapaz se convence que o poder da mente sobre a matéria não é um milagre, mas um fato científico. E ele pode ameaçar, amedrontar e destruir as pessoas que no passado o irritavam e dele se aproveitavam. Uma série de crimes misteriosos acontece. Neles, Jobe usa apenas o poder da mente. Não deixa rastros, vestígios, impressões digitais. A polícia não descobre pistas, não explica nem soluciona os casos. O padre é incinerado. Ele ajudou a criar o Jobe idiota que ninguém queria. Um sujeito do posto de gasolina, que o vivia atormentando, leva uma surra com a mangueira da bomba. Mentalmente, Jobe transfere para a mente do sujeito o seu cortador de grama. O rapaz enlouquece com a real sensação da máquina abrindo caminhos e esmagando seu cérebro. Um vizinho é perseguido pelo aparador de grama por todos os cômodos da casa. A máquina avança sozinha, destruindo o que encontra pela frente, móveis, paredes, o próprio sujeito. A polícia encontrou a namorada de Jobe, pirada, nua pelas ruas, fugindo de algo que nem mesmo ela sabia. A cidade está aterrorizada.

De outro lado, após a devassa, Jobe se dedica a explorar cada vez mais os ambientes sintéticos, em outros percursos virtuais. Na tela, eufórico, ele diz que conseguiu carregar a si mesmo. Realidade Virtual não é simulação, é outro mundo. Uma nova dimensão elétrica de existência. É a utopia tão sonhada pelo homem. E agora ele é o condutor desse eterno desejo. O médico não acredita no que ouve:

Você queria criar um monstro. Vou ajudar você. Vou ajudar a limpar esse planeta doente. Essa tecnologia revelou um outro universo. A Realidade Virtual crescerá, como o telégrafo levou ao telefone e o rádio à TV, ela estará por toda parte. Vou voltar ao laboratório central da SVI e completar a minha evolução. Vou me projetar dentro do computador central. Serei pura energia. Uma vez dentro da rede os telefones de todo o planeta soarão anunciando o meu nascimento cibernético. Uma vez dentro da rede terei acesso a cinco mil bancos de dados. E desses poderei alcançar outros, e outros, e outros até atingir uma rede planetária. Pelo ano 2000 todo o planeta estará ligado a ela e ligado a mim. É uma pena que você odeie a sua criação porque a minha inteligência em muito superou a sua.

Larry se convence que Jobe está desenvolvendo um complexo de Cristo e esse é um sinal claro de psicose. Pretende reverter o colapso psicótico provocado pelas fórmulas indevidas a que ele foi exposto. Mas o rapaz foge e vai para o laboratório central da SVI para mais uma inserção no computador. No caminho, se depara com os seguranças da empresa que querem detê-lo. Enfurecido, ordena mentalmente que os sujeitos sejam desintegrados. Os corpos se dissolvem, as partículas se espalham e desaparecem no ar. A polícia e a vizinhança entram em pânico.

No laboratório, o corpo de Jobe também se desintegra na esfera giratória. Erguida, permanece apenas a roupa sintética. Sua inserção na rede é total. Um funcionário, ao tentar pôr um fim em tudo o que está acontecendo, altera o programa do computador e deixa o rapaz preso na rede. Todas as saídas que ele procura para retornar ao mundo físico estão interditadas. Ele se debate, entra em desespero, corre de um lado para o outro, testa cada uma das possibilidades e não encontra escapatória.

O médico entra no laboratório. Apavorado com a violência e o poder de destruição de sua criatura, espalha dinamites em pontos estratégicos do edifício. Em poucos minutos todo o prédio explodirá. Numa última tentativa de resgatar e salvar “o seu invento” Larry pluga-se na esfera giratória, sua única esperança de entrar em contato com Jobe e trazê-lo de volta a este mundo físico.

Essa tecnologia visa expandir a comunicação humana. Mas esse poder é imenso e não deve estar nas mãos de uma única pessoa. Necessita de uma liderança.

Jobe retruca:

Você perde o poder físico sobre esse mundo quando entra aqui. Na rede, eu sou Deus.

Não existe mais tempo. As primeiras bombas explodem e o prédio pode ruir a qualquer momento. O médico volta para casa, parece aliviado e traça outros planos bem mais otimistas em relação ao futuro e a seus novos projetos de continuidade da pesquisa. Apesar de tudo, está convencido de que não pode se deter no fim trágico de uma

experiência mal sucedida, cujo desenlace indesejado foi resultado de interferências de pessoas invejosas e mal-intencionadas. Agora, mais atento, deve seguir em frente.

Pena que Jobe morreu. Meu trabalho agora será secreto. Não pode cair em mãos erradas. Se ao menos pudermos abraçar essa sabedoria, ao invés da ignorância, essa tecnologia libertará a mente do homem, em vez de escravizá-la.

Nesse instante o telefone começa a tocar. Todos os telefones tocam, em várias partes do mundo. No último instante Jobe achou uma saída. O trânsito entre o mundo real e o virtual está livre e aguarda novos passageiros.

A possibilidade de aperfeiçoamento corporal, desse modo, mobiliza, seduz e é forte referência para muitos entrevistados. O cortador de grama aparece em vários depoimentos como exemplo da mixagem homem-máquina. Esse híbrido tem a vantagem de ampliar a performance humana sem comprometer a aparência. Os estimulantes químicos e as técnicas de comunicação avançadas são vistos com adequados recursos para se ultrapassar os limites físicos e mentais.

A abordagem da inserção nos mundos virtuais exalta a existência como imagem, o corpo sem gravidade, lívido, ponto de luz na vitalidade de um campo energético dinâmico. A desmaterialização abre perspectivas atraentes para universos que estão além da nossa experiência atual. Porém, o que empolga não é o abandono do mundo nem a negação do corpo a favor da imersão total no ciberespaço, mas a possibilidade, apontada pelo personagem, de frequentar os dois mundos, o físico e o não-físico, sem mais fronteiras.

III.

**Os
donos
das
vozes
do
corpo**

ESTÉTICA E MUTAÇÕES CORPORAIS

O corpo humano, mais que um objeto da natureza, é uma construção cultural e as mutações não são recentes. Elas remetem aos códigos de cada cultura dentro dos limites tecnocientíficos de cada época. A antiga discussão sobre a mixagem homem-máquina esteve no centro das investigações na era do materialismo e do mecanicismo, nas tentativas de elaboração dos autômatos, típicos do século 19, e se atualiza através da biotecnologia e da cibernética. Com as tecnologias avançadas, antigas limitações físicas são superadas e os recursos para moldar o corpo se multiplicam e se popularizam.

A estética corporal pode ser metamorfoseada e cada vez mais aperfeiçoada. Esse fato redimensiona e realiza o antigo esforço em conjugar a anatomia com as técnicas disponíveis em cada período histórico, capazes de proporcionar melhorias e correções nos detalhes da aparência e na postura dos indivíduos. Não é de hoje, portanto, que a história das técnicas entrecruza a das ciências e, sobretudo, a da medicina.

Na atualidade, a interação homem-máquina se configura como uma estratégia inovadora na acelerada eliminação de fronteiras entre o humano e o técnico. O objetivo é utilizar os recursos potencializadores das aparelhagens para transformar o homem, revitalizar as suas capacidades físicas e mentais. Nesse contexto, uma infinidade de conhecimentos circula para auxiliar as pessoas a cuidarem mais de si, o uso das próteses se prolifera e a pele humana e a tecnológica, outrora divididas e separadas, se mesclam para construir o homem-satélite, típico da cultura SuperCiber deste fim de século.

Esta parte da pesquisa sistematiza as “vozes” de um grupo de teóricos, quase todos franceses, da linha pós-moderna, sobre estética e mutações corporais: Gilles Lipovetsky, Jean Baudrillard, Paul Virilio, Stelarc, Lucien Sfez, Marc Guillaume, Marc Favaro, Pierre Lévy, Michel Maffesoli, Michel Tibon-Corniollot, Gunther Anders.

Destaco as análises que esses autores fazem sobre o corpo na sociedade de comunicação. Centro a investigação na abordagem das transformações físicas apregoadas na mídia, especialmente por meio da moda e da publicidade, que criam e disseminam seus cânones de perfeição. A cultura midiática valoriza e solicita o aperfeiçoamento corporal

em práticas higienistas e desportivas, na promoção do músculo, juventude e vitalidade. E, simultaneamente, da tecnociência que a todo momento nos apresenta novas terapias, cirurgias plásticas, implantes, transplantes e experimentos genéticos capazes de revolucionar a corporalidade. Desse modo, o culto ao corpo promove o homem-satélite, aquele que resulta dos experimentos, tecnologias e próteses -- mecânicas, eletrônicas e genéticas -- que procuram atualizar, acelerar e dinamizar a performance dos indivíduos.

01. APARÊNCIAS

Será que é possível que as aparências não existam para as necessidades da vida, mas que, ao contrário, a vida esteja aí para o maior bem das aparências?

H. Harent

Nas últimas décadas proliferou a produção teórica sobre o poder da mídia e sua capacidade de interferir e seduzir indivíduos na construção e reformulação de idéias, valores, visão de mundo e padrões de comportamento. Novos mitos são construídos, tradições derrubadas e hábitos culturais transformados.

Os estereótipos da beleza, as regras capazes de garantir a saúde corporal e as diversas técnicas disponíveis para que cada um administre a metamorfose adequada de sua imagem são continuamente difundidos e servem como padrão de referência estética. As solicitações contemporâneas para que os indivíduos modifiquem a sua aparência, na tentativa de se adaptar aos padrões midiáticos, envolvem as pessoas no culto ao corpo -- uma das grandes expressões humanas da atualidade.

Os sujeitos são convidados a perseguir o corpo ideal, sempre presente nos meios de comunicação, especialmente pela moda e publicidade -- razão econômica de ser da mídia, seu braço direito de veiculação de modelos corporais e de beleza a serem apreciados e produzidos no cotidiano. A moda e a publicidade tradicionalmente funcionaram como o centro de atração e sedução para o consumo dos produtos, mas no presente parece que apenas comunicam e rodopiam seus cânones.

Cuidar mais de si mesmo é um valor soberano que está na ordem do dia. A exibição contínua e flutuante de tipos físicos idolatra a vitalidade e a jovialidade, anuncia técnicas e métodos de remodelagem anatômica e mobiliza multidões com promessas extraordinárias e exemplos de sucesso, muitos deles baseados no prolongamento da juventude, revigoração físico e em uma vida de prazeres imediatos.

É preciso convencer a cada um de que ele é responsável pelo seu corpo e pela gestão da sua aparência. Onde houver supostamente um deslize da natureza a tecnociência

se apresenta, com seus truques e magias, e oferece possibilidades de reconstruções, reajustes e adaptações ao perfil físico característico da estação, ininterruptamente exposto nessa sociedade midiática.

(...) os meios de comunicação nos repetem que ‘a pessoa tem o corpo que merece’, o que leva a um novo sentido de responsabilidade. Esse corpo a ser produzido, desnudado na praia, deve estar de acordo com os cânones do momento (Vincent, 1992:311-2).

Nos meios eletrônicos o culto ao corpo encontra sua espetacular devoção. A moda e a publicidade apresentam os meios por meio dos quais é possível se aproximar dos modelos. Eles parecem simples. Basta que cada um adote certas regras de vida, que consuma determinados produtos -- do vestuário aos cosméticos; da alimentação natural aos dietéticos; da vida ao ar livre às práticas esportivas; das recomendações médicas aos medicamentos e intervenções cirúrgicas. Hábitos e práticas que devem ser adotados em função do bem-estar, felicidade, realização pessoal e prazer em viver. Nos estudos de Lipovetsky e Baudrillard, o culto ao corpo na sociedade de comunicação promove a consagração efêmera dos cânones físicos que elevam o corpo à condição espetacular de espaço publicitário.

01. A exaltação ao corpo, apregoada na mídia e referendada na publicidade, também tem a sua ambigüidade e parece dela se alimentar. As facilidades na conquista das mutações físicas convivem com as insatisfações e os prazeres provisórios, duramente conquistados em métodos a todo instante superados e em padrões físicos ideais frívolos.

Nesse cenário, o homem deste fim de século vive um misto de insatisfação e contentamento na tarefa de sempre reelaborar a aparência e os dispositivos performáticos do seu corpo. Essa adequação aos modelos é simultaneamente prazerosa e angustiante e faz parte da estratégia de normalização do corpo. A astúcia desse processo é que ele nunca se realiza de fato. Cada etapa conquistada revela outras tantas a serem perseguidas. Não se pode aqui vislumbrar um fim. E parte da sedução está presente na convicção de que é sempre possível conquistar novas formas de aperfeiçoamentos, superar limites físicos

recém-descobertos, avançar na direção de vários outros sinais que testam e ampliam as capacidades físicas.

Está presente em muitos depoimentos que colhi, ao entrevistar um grupo de baianos -- descritos na primeira parte desta pesquisa --, a concepção de que atualmente se é induzido a reclamar do corpo, por mais saudável, jovem, forte e belo que ele seja. Para Lipovetsky, faz parte da encenação revelar inquietações e expor descontentamentos. Quanto mais as pessoas se envolvem nos lamentos mais procuram artifícios capazes de reformular a sua imagem. E toda essa movimentação parece ter como principal causa a inevitável comparação do corpo que se tem com os tipos físicos ideais superexpostos na mídia. Diante dos modelos veiculados parece que estamos freqüentemente defasados, na aparência e na vitalidade.

A consciência do modo de ser e do querer ser é o impulso inicial para que a pessoa imagine e/ou se integre ao universo da reconstrução física. De um lado, o objetivo é construir-se de acordo com os padrões físicos de cada época e, de outro, traduzir em cada metamorfose a satisfação pessoal em se dedicar à elaboração de um corpo que seja sinal de saúde, sucesso, prazer e bem-estar.

E aqui, em que a expressão corporal serve de âncora para todas as experiências, Lipovetsky identifica como as posturas narcisistas dão dignidade ao corpo, ao zelar permanentemente pelo seu bom funcionamento e lutar contra a sua obsolescência. Cada indivíduo é incitado a vencer qualquer resistência à inflação de recursos que conduzem o corpo à reciclagem.

Não devemos omitir que em simultâneo com a função de personificação, o narcisismo realiza uma missão de *normalização* do corpo: o interesse febril que temos pelo corpo não é de modo algum espontâneo e 'livre', obedece a imperativos sociais, como a 'linha', a 'forma', o orgasmo, etc. O narcisismo joga e ganha em todos os tabuleiros, funcionando ao mesmo tempo como operador de desestandardização e como operador de estandardização, sem que esta última se apresente jamais como tal, mas como sujeição às exigências mínimas da personalização: a normalização pós-moderna apresenta-se sempre como o único meio de o indivíduo ser realmente ele próprio, jovem, esbelto, dinâmico (Lipovetsky, s/d:59-60).

O bem-estar, transparente na norma da juventude, do corpo atlético, esbanjador de energia, é a estratégia mestra de sedução. Cada um é dono de si mesmo, responsável por sua saúde, beleza e prazer. Mas esse jogo não é tão simples assim. Na mídia, muitos encontram moldes irresistíveis que servem de parâmetros para atender ao desejo da sua remodelagem anatômica. Mas no universo das transmissões instantâneas a velocidade de substituição dos modelos e dos discursos não permite o tempo suficiente para a adaptação aos perfis consagrados.

A consequência é o indivíduo perceber que, mesmo com o esforço cotidiano para acompanhar as tendências, ele permanece em estado desfavorável, vive correndo atrás, mas não consegue eliminar a defasagem. E se não se apressar a diferença entre o que é e o modo como deseja ser tende a aumentar de modo abissal. Consequentemente, o corpo, como objeto de culto, entra na ciranda valorativa de uma modalidade de prazer cuja satisfação passa a ser perseguir indefinidamente os modelos flutuantes. Nessa organização, cada idealização remete a uma outra e já não é mais possível determinar a origem dessa cadeia giratória.

02. As pessoas, instigadas a tecer comparações entre os modelos cambiantes e o seu próprio corpo, num momento em que a proliferação de discursos e opiniões arrebatam os indivíduos, florescem as insatisfações com a própria aparência e o desempenho performático.

O culto ao corpo, antes mesmo de se desenvolver na busca de métodos e técnicas capazes de superar limitações, se constitui nas evidências das frustrações. Ele insere cada indivíduo no centro de uma cultura da reclamação que serve para reciclar os modelos, favorecer a permuta incansável do perfil anatômico e dos dispositivos que constituem os joguetes da aparência.

A efervescência de discursos que evoca as reclamações e as insatisfações com o corpo é acompanhada por inúmeras especulações e expectativas, que vagueiam alegres pelas consciências, sobre as possibilidades de aperfeiçoamento físico. Isto significa que o rol dos lamentos não ameaça se desmoronar negativamente sobre os sujeitos. As reclamações são molas estratégicas que impulsionam os indivíduos do descontentamento ao

fascínio de moldarem-se segundo os novos signos em vigor. São as regras elementares do jogo imperativo da reestruturação pessoal.

Baudrillard demonstra como os signos publicitários, incluindo o corpo construído como cânone, navegam ambigualmente entre a posse e a ausência da posse. De modo mais tradicional eles favorecem a leitura de que um sistema específico de satisfação é possível, mas a ausência dos signos no campo designado pelo real leva o indivíduo à frustração.

A imagem cria um vazio, visa a sua ausência. Por isso é 'evocadora'. Mas é um subterfúgio. Provocando um investimento, ela o corta ao nível da leitura. Faz convergir as veleidades flutuantes sobre um objeto que mascara, ao mesmo tempo que o revela. Ela engana, sua função é *mostrar e enganar*. O olhar é presunção de contato, a imagem e sua leitura são presunção de posse. A publicidade, assim, não oferece nem uma satisfação alucinatória, nem uma mediação prática para o mundo: a atitude que suscita é a de veleidade enganada -- empresa inacabada, surgir contínuo, engano contínuo, auroras de objetos, auroras de desejos (Baudrillard, 1990:277b).

As vozes que se erguem e revelam insatisfações com a aparência e o desempenho corporal são as mesmas que vibram fascinadas com os mais novos modelos ininterruptamente presentes nas telas. O misto de reclamação com o corpo e encantamento com as tentativas de produção física é correlato ao da frustração e fascínio que os produtos culturais despertam nos indivíduos.

03. A moda e a publicidade são consideradas por Baudrillard exemplos perfeitos do mundo das aparências. A mixagem de frustração e fascínio como a mais encantadora das estratégias irônicas que envolvem os modelos hiper-realizados, não tem mais referência no mundo real. Isso só demonstra que não é possível consumir os moldes que circulam nos meios de comunicação sem que também cada sujeito se converta, por paixão, num de seus simulacros. De acordo com as análises de Baudrillard, o que magnetiza as pessoas no teatro publicitário é o esvaziamento de sentidos dos signos que são consumidos na irresistível espetacularização das encenações. A estratégia é esvaziar o conteúdo das mensagens para que a paixão pelas aparências, pelas simulações, possa aflorar. A simulação encantada decorre do fato de que

as massas, elas não escolhem, não produzem diferença, mas indiferenciação -- elas mantêm a fascinação do meio (neutralizador das mensagens num éter vazio) que preferem à exigência crítica da mensagem. Pois a fascinação não depende de sentido, ela é proporcional à insatisfação com o sentido. Obtém-se a fascinação ao neutralizar a mensagem em benefício do meio, ao neutralizar a idéia em proveito do ídolo, ao neutralizar a verdade em benefício do simulacro. Pois é nesse nível que os meios de comunicação funcionam (Baudrillard, 1985:33).

É preciso que cada se libere do princípio de realidade, no qual as insatisfações e as frustrações se desenvolvem, para se absorver na simulação encantada dos modelos. É no contexto da fascinação que o indivíduo se mobiliza para perseguir astutamente seus moldes físicos preferidos.

04. Baudrillard demonstra o quanto os discursos desenvolvidos há algumas décadas, sobre o caráter de alienação das pessoas, incitada pelas propagandas ao consumo, não servem mais como explicação do fenômeno publicitário. Abrir mão das mensagens, girar na indiferenciação, é conhecer o segredo próprio da aparência. Ela se opõe à outrora pretensão de transformar tudo em signo, de apresentar um sentido como finalidade. No presente, a finalidade é destituída, as supostas mensagens não têm mais endereço certo e, portanto, não chegam mais ao destino. Apenas circulam, no vácuo.

Sfez está de acordo com Baudrillard. A publicidade já se afasta da sociedade dita de consumo. Ela pretende, agora, provar a existência da sociedade da comunicação. Os anúncios e os modelos giram ao redor de si, já não falam necessariamente de coisa alguma, já não remetem a um determinado produto ou marca nem se direcionam a um determinado público-alvo. Seu mecanismo é o vaivém de um “diálogo” apenas consigo, é o giro orbital. Por isso ela é tautológica.

Trata-se menos de persuadir a propósito de objetos de consumo do que de convencer a respeito da existência de uma sociedade da comunicação. A publicidade reina sobre o domínio que ela própria constituiu, já que se trata de gabar-se e de vender um conteúdo vazio de todo objeto que é a imagem de um processo: aquele pelo qual a sociedade se constitui, e em que consiste, pelo vínculo comunicativo (Sfez, 1994:102).

E o autor conclui:

Ora, nenhum meio assegura mais esse vínculo do que a publicidade. Ela tece as redes da sensibilidade, dos gestos, do pensamento: uma identidade. Pode-se ver, a despeito de todos, inverter-se o esquema outrora em uso. Em vez de a publicidade intervir como ficção no curso de uma realidade descrita, nessa última etapa, é a realidade que se manifesta como ficção no tecido narrativo figurado da publicidade. (Sfez, 1994:102).

Para Sfez, a sedução característica da moda e da publicidade, no contexto de uma sociedade da informação, é promover si mesma. Esse é um pacto secreto que põe fim ao velho duelo entre a alienação e a consciência. Com este fim, o fascínio pelos modelos tende a ser imediato. Conta o artifício como signo puro.

05. Também para Baudrillard e Lipovetsky, a compreensão das astúcias e dos artificios que envolvem as pessoas no culto ao corpo não pode ser satisfatória sem que se considere o modo como os modelos são construídos e difundidos na mídia e, especialmente, pela moda e publicidade televisiva. Aqui, toda uma gama de valores novos se concentra e arrebatada as pessoas.

O primeiro passo nessa análise é se dar conta de que a velocidade e as mudanças são a base da organização cultural, social, política e econômica das sociedades midiáticas. Elas orientam os valores contemporâneos. Nelas se reconstróem e se remodelam os modos de vidas e as visões de mundo. Esse discurso é absoluto e promove o *homo telespectador* com tendência mais aberta e disposição a acolher as variedades.

É cada vez mais através da mídia que somos informados sobre o curso do mundo, é ela que nos passa os dados capazes de adaptar-nos ao nosso meio cambiante (Lipovetsky, 1991:226).

Nesse contexto, os modelos corporais construídos pela moda e pela publicidade televisivas colocam em movimento todas as referências. Já não se pode estar fora do redemoinho das instâncias contingenciais.

(...) a informação é orbital, é um saber que jamais ultrapassará a si mesmo, que não se transcenderá nem se refletirá mais ao infinito, mas que também não toca o chão, que não tem ancoragem nem referente verdadeiros. É algo que circula, gira, completa suas revoluções, às vezes perfeitamente inúteis (mas justamente já não se trata de invocar a questão da utilidade) e esse algo aumenta a cada espiral ou a cada revolução. A televisão é uma imagem que já não sonha, que já não imagina, mas que também não tem nada que ver com o real. É um circuito orbital (Baudrillard, 1990a:36-37).

Quando o indivíduo percebe que as realidades não são pré-existentes, mas resultado da transitoriedade de todas as movimentações, não lhe resta alternativa a não ser adaptar-se, apaixonadamente, a esse universo efêmero e continuamente renovado, revisitado e reelaborado.

06. Solicitados a todo momento a abolir referências sociais e pessoais ancoradas em visões de mundo e estruturas de conhecimentos rígidos, muitos indivíduos descobrem que a condição essencial para fazer parte da sociedade midiática, que vive da exibição e do espetáculo, é adotar as regras do seu jogo, o que implica a adoção de características flexíveis e fluídas em que toda e qualquer experiência adquire os aspectos da oscilação. Está pronto o cenário para a instituição de cânones corporais ideais e sua comercialização.

Ao primar pela aceleração e excitação, ao viver da febre da novidade, a moda e a publicidade são as cartadas frívolas, a lógica da inconstância, estruturada pelo efêmero e pela fantasia estética. A loucura dos artificios que invade todas as esferas, camadas sociais e grupos de idade. Nelas, a tônica dos multidiscursos recai sobre a versatilidade, as combinações e experimentos exóticos, a instabilidade.

Na publicidade e na moda a mídia encontra e cria a perfeita espetacularização da vida. Como escreve Lipovetzky,

a moda está nos comandos de nossas sociedades. A sedução e o efêmero tornaram-se, em menos de meio século, os princípios organizadores da vida coletiva moderna; vivemos em sociedades de dominação frívola, último elo da plurissecular aventura capitalista-democrática-individualista (1991:12).

Prega-se a necessidade do dinamismo para que indivíduos possam se adaptar às circunstâncias e enfrentar os desafios que as tempestivas mudanças exigem. Mas o desespero pelas novidades tem suas contradições. Lançados na torrente das encenações, os acontecimentos, experiências, produtos, modelos e imagens rapidamente se desgastam. Ao viver das metamorfoses e da busca do extraordinário esse mundo transparece numa constante sensação de coisa já vista; o novo tem ar de antigo, o futuro se mescla com o passado, as idas se confundem com as reviravoltas em incontáveis reciclagens.

No inferno da repetição exaustiva, no movimento contínuo de eterno retorno, se instala parte do mecanismo da sedução. A todo momento a saturação e o tédio precisam ser vencidos por outros anúncios, modismos e produtos que substituem idéias, objetos e modelos recém-lançados no mercado. Um repertório inesgotável de estímulos tenta responder ao suposto cansaço e indiferença dos indivíduos.

07. A operação publicitária vive, na concepção de Baudrillard, uma dupla instância inseparável de integração. Oscila entre a gratificação e a repressão. Ao mesmo tempo que promete a liberdade e a satisfação, joga com a angústia. Suscita o desejo, mas nunca o realiza. Existe sempre um excedente de desejo adiado eternamente. O princípio repressivo é importante porque atua no centro do próprio prazer anunciado.

Sob o signo da publicidade, instaura o reino de uma liberdade do desejo. Mas nela o desejo nunca é efetivamente liberado -- seria o fim da ordem social. O desejo só é liberado na imagem e em doses suficientes para provocar os reflexos de angústia e de culpabilidade ligados à emergência do desejo (Baudrillard, 1990b: 278).

Dinamizar e desestabilizar os movimentos do desejo na esfera das necessidades cotidianas. Essa é a razão de ser da publicidade, que acelera os deslocamentos das vontades, legitima as práticas e os comportamentos efêmeros e a renovação permanente.

É um movimento importante quando estão em jogo as aparências e os modelos físicos. A estética dos produtos e dos modelos corporais tende e se fundir no trabalho publicitário. O corpo aparece aqui como o simulacro mais elaborado, a apoteose de um instrumento eficaz de sedução.

Valorização plástica do produto, fotos caprichadas, interior de luxo, refinamento de cenário, beleza dos corpos e dos rostos; a publicidade poetiza o produto e a marca, idealiza o trivial da mercadoria. Qualquer que seja a importância tomada pelo humor, erotismo ou extravagância, a arma clássica da sedução, a beleza, não deixa de ser amplamente explorada. Os produtos cosméticos, as marcas de perfume em particular, recorrem sistematicamente a publicidades refinadas, sofisticadas, colocando em cena criaturas sublimes, perfis e maquiagens de sonho (Lipovetsky, 1991:188-9).

O investimento publicitário se concentra, assim, no processo de personalização. E, em nome da busca do corpo perfeito, do modelo ideal, todas as artimanhas são admitidas. Como, por exemplo, fragmentar imagens, isolar determinadas partes físicas e remontá-las livremente. Muitas vezes o cânone perfeito é um truque, montagem, um simulacro. Cada profissional cede a imagem de uma parte do seu corpo, justamente a considerada mais bela, para que a imagem de um ser insuperável possa ser montada e produzida.

A realidade desse modelo é a sua não-realidade. O exemplo justifica, para Baudrillard, o quanto toda a vida contemporânea foi desmontada, reproduzida e transformada em simulacro pela moda e pela publicidade, por intermédio dos grandes complexos de comunicação. Essas experiências manufaturadas tendem a ser mais reais que a própria realidade. São hiper-reais.

08. As instituições e indústrias midiáticas se fixam nas motivações e nos desejos, no culto da naturalidade, na cordialidade, no humor; no respeito pelas supostas diferenças, na liberação pessoal, no psicologismo, na expressão livre, nos valores hedonistas. Como escreve Lipovetsky:

É assim que opera o processo de personalização, novo modo de a sociedade se organizar e se orientar, novo modo de gerir os comportamentos, já não através da tirania dos pormenores, mas com o mínimo possível de coação e o máximo de opções, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo, com o mínimo de constrangimento e o máximo de compreensão (s/d:08-09).

A solicitação é que se viva o presente como modo de ser feliz; que se exiba performances encantadoras; que a pessoa se libere de uma identidade mesquinha e fechada que impede as nuances e flutuações. Com isso, a promessa publicitária é que a liberdade de cada um se manifeste na sua autogestão, nas escolhas flexíveis e abundantes as quais todos estão instigados a fazer. A sedução não funciona mais graças ao mistério, mas em função dessa informação.

É importante que se tenha a real sensação de que tudo está disponível e pode ser usufruído para a satisfação imediata do prazer, por meio da remodelagem corporal. A astúcia é fazer com que a estimulação dos sentidos seja elevada à sua máxima potência na vida corrente.

É um universo que prima pelo individualismo e glorifica o ego. No espetáculo publicitário as obrigações foram substituídas pelo endeusamento dos prazeres. Na sensibilização fluída os valores hedonistas ascendem a extremos nunca antes imaginados. É a era da felicidade individual *light*.

Entretanto, não é uma arena onde vale tudo. Não significa inserir-se sem reservas na espiral desenfreada dos prazeres. Lipovetsky chama a atenção para o hedonismo dual que se instala na sociedade midiática.

Duas tendências antinômicas moldam as nossas sociedades. Uma incita aos prazeres imediatos, quer eles sejam consumistas, sexuais ou distrativos: sobrevaloriza pornografia, drogas, sexo selvagem (...). Aqui, o hedonismo exprime e intensifica o culto individualista do *presente*, desqualifica o valor do trabalho, contribui para dessocializar, desestruturar e marginalizar as minorias étnicas das grandes metrópoles e os rejeitados dos subúrbios. Em contrapartida, a outra privilegia a gestão “racional” do tempo e do corpo, o “profissionalismo” em todas as coisas, a obsessão pela excelência e qualidade, pela saúde e pela higiene. O hedonismo associa-se, aqui, à informação multi-serviços, à auto-produção narcísica higiênica e desportiva, à organização racional e liofizada dos prazeres (Lipovetsky, 1994:65-66).

A sedução continua associada à questão do bem-estar, mas cada um é convocado a administrar de modo responsável a sua própria vida, seus valores e o direito individual de cultivar e dispor do seu corpo.

Valoriza-se a expressão consciente de si. Toda repetição cansativa e estereotipada entra em baixa em favor da fantasia e da originalidade. O ideal é que cada sujeito busque publicizar a vida ao construir uma comunicação afinada com o gosto da autonomia, da liberdade, da qualidade de vida, da personalidade marcante, mas sendo seu próprio senhor. Não se trata de apenas seguir um modismo mas, fazer uma opção por ele. Está em questão a adoção de um estilo de vida oscilante.

09. Nesse universo é preciso criar ídolos, estrelas capazes de coordenar o fluir da moda e superexcitar os indivíduos a perseguirem os prazeres e as performances que eles simulam ter. A partir da criação dos modelos é praticamente impossível alguém resistir à aventura perpétua da desintegração e renovação, da luta e da contradição, da ambigüidade e da angústia, dos temores e da esperança de obter uma vida de sucesso semelhante àquela que os tipos ideais fazem transparecer nas publicidades.

Como principal instrumento de sedução, a publicidade reintegra e revaloriza a aparência de indivíduos que se mostram realizados num mundo de prazer. A glorificação corporal se manifesta na exibição de pessoas supostamente livres, corajosas, decididas, belas, jovens, perfeitas e felizes, cujos corpos leves e lisos, velozes e vertiginosos, estetizam gestos e controlam ações motoras espetaculares. A ideologia individualista se constrói por meio da descontração, naturalidade, cordialidade e humor. A realização pessoal é prioritária.

Sem dúvida, o direito do indivíduo ser ele próprio, de fluir o máximo a vida, é inseparável de uma sociedade que erigiu o indivíduo livre como valor principal e não passa de uma manifestação da ideologia individualista; mas foi a transformação dos estilos de vida associada à revolução do consumo que permitiu este desenvolvimento dos direitos e desejos do indivíduo, esta mutação na ordem dos valores individualistas. Salto em frente da lógica individualista; o direito à liberdade, em teoria ilimitado, mas antes circunscrito à economia, à política, ao saber, conquista agora os costumes e o cotidiano. Viver livre e sem coação, escolher sem restrição o seu modo de existência: não há outro fato social e cultural mais significativo quanto ao nosso tempo; não há aspiração nem desejo mais legítimos aos olhos dos nossos contemporâneos (Lipovetsky, s/d:09-10).

10. A verdade é que o corpo ocupa e se converte ele mesmo em espaço publicitário (Marcondes Filho, 1993:53). Ele mesmo passa a sustentar o estatuto da moda, o suporte das grifes, o estandarte ideal para carregar as marcas de nome da indústria, os logotipos, as etiquetas, com a obrigatoriedade de estar sempre de acordo com a imagem de sucesso que o produto anunciado exige. Como escreve Baudrillard,

(...) é agora o próprio corpo, em sua identidade, seu sexo, seu estatuto, que se tornou material da moda (1996c:116).

O corpo publicitário traduz o desejo de se converter em etiqueta de moda, perseguir padrões físicos, estéticos, sensuais, comportamentais. É preciso se amoldar, seguir o corte de cabelo de um profissional, os músculos de um ator, os trejeitos de um ídolo.

A moda se aprofunda quando se torna encenação do próprio corpo, quando o corpo se transforma em meio da moda (...) O jogo da roupa se desfaz diante do jogo do corpo, e este se desfaz diante do jogo dos modelos (Baudrillard, 1996c:126)

Quando a pessoa não consegue se moldar aos cânones o sofrimento passa a ser inevitável. Não é fácil conviver com a exclusão, estar fora da moda, desligado dos padrões. A insatisfação pode se manifestar nos mínimos detalhes de uma aparência em desconformidade com os diversos modelos para cada situação da vida: a beleza, o vigor, a sensualidade, a elegância ou o jeito de falar, andar, se alimentar e amar.

Excluído, o indivíduo sofre por se julgar muito alto ou baixo, gordo ou magro, careca ou feio, usuário ou não da roupa da estação, o carro do ano, o penteado do dia. Ninguém deve se colocar à margem. É necessário incluir-se a movimentação, viver como numa promoção publicitária, transformar o seu corpo em suporte dos discursos.

O culto ao corpo se desenvolve a partir da exibição de imagens físicas que acompanham o anúncio e a comercialização de práticas sugestivas de vida que condicionam o bem-estar dos indivíduos e valorizam a autopercepção de si, demonstrando que nada além da auto-imagem merece mais a atenção.

Cada um procura seu visual. Como já não é possível achar argumentos na própria existência, só resta fazer *ato de aparência* sem preocupação de ser nem mesmo de ser olhado. Não se trata de ‘existir, estou aqui’, mas de: ‘sou visível, sou imagem’ -- visual, visual! Já nem é narcisismo, é extravasão sem profundidade, um tipo de ingenuidade publicitária em que cada um torna-se empresário da própria aparência (Baudrillard, 1990a:30).

A perene exibição de ídolos, dotados de *design* físicos invejáveis, preocupados com a estética, com a postura, procurando aparências saudáveis e atléticas, envolve sedutoramente os indivíduos no desejo de que eles também podem fazer parte de um mundo técnico de perfeição, podem ser semelhante aos seus heróis e construir para si aquele mesmo visual, adquirir a mesma vitalidade que os modelos aparentam.

11. O culto ao corpo não se desenvolve sem o consumo de objetos e opiniões efêmeras sobre os recursos mais adequados para se remodelar os dotes físicos. As vantagens de métodos e técnicas são comercializadas ao lado dos preceitos, das modalidades e das práticas de produção. Tudo gira em conjunto, os modelos, os objetos e, principalmente, os recursos técnicos.

Os modelos que circulam nos meios de comunicação se destacam pela plasticidade e simplicidade de um sinal luminoso. A eletrônica da vida cotidiana concentra as imagens e os estereótipos dos corpos, produzidos em ideais hiper-realizados, cuja beleza só pode ser criada pela mutação técnica da aparência, por meio dos condicionamentos físicos intensivos e das cirurgias plásticas.

Isto significa que a obsessão contemporânea da mutação física não se prende mais ao fato de ter um corpo, mas estar ligado numa aparência alucinatória do próprio corpo. Na certeza perversa de sua insuficiência o corpo é afagado e ressuscitado pela busca de um equilíbrio hormonal, vascular e dietético exorcizado na forma de higiene e no simulado prazer de se manter uma juventude utópica e de toda maneira a cada momento perdida (Baudrillard, 1986:31). Um exorcismo do corpo que acontece pelo exagero dos signos do sexo e da encenação.

O que se busca hoje não é tanto a saúde, que é um estado de equilíbrio orgânico, mas um brilho efêmero, higiênico e publicitário do corpo -- bem mais

uma performance do que um estado ideal. Em termos de moda e de aparência, busca não tanto a beleza ou a sedução, e sim o visual (Baudrillard, 1990a:30).

A procura exacerbada de desfazer, construir e reconstruir um visual torna-se imperativo. Todo o corpo precisa ser publicizado. É preciso, pois, que os modelos circulem no rol das possibilidades ancoradas na liberdade individual, erguendo seus próprios princípios, sintetizado nos apelos de mudanças e encaminhadas para estruturas físicas camaleônicas.

(...) os costumes, o corpo e a linguagem libertam-se na aceleração da moda. Livre não é o homem na sua realidade ideal, na sua verdade interior ou na sua transparência; livre é o homem que muda de espaço, que circula, que muda de sexo, de vestuários e costumes segundo a moda, *e não segundo a moral*, que muda de opinião segundo os modelos de opinião e não segundo a sua consciência (Baudrillard, 1986:83).

Reivindica-se que o indivíduo circule livremente no desperdício e esbanjamento dos modismos, das estrelas e dos ídolos, dos modelos e dos jogos de imagens, fazendo parte de orgia da libertação que se traduz na pura exibição e na vitalidade hiper-real.

Na mídia, o corpo é o objeto de eleição da liberdade e da estética funcional que se impõe como código e designação total da vida. Sob o signo da mutabilidade de formas, da liberação física e sexual, o corpo pode ser, então, redescoberto pela sociedade da informação como seu mais belo e irresistível objeto.

12. A liberação dos discursos e do corpo é um fato social. Mas não o suficiente para que se possa alimentar ilusões. Baudrillard prefere demonstrar a dimensão simbólica que a economia do corpo suprime.

A lógica do culto ao corpo na atualidade é uma inversão do valor da polaridade tradicional. A dessacralização do dogma é convertida na ressacralização do corpo. Isto significa que ao culto da alma sucede o culto ao corpo com a elaboração de seus novos mitos.

O importante na florescência dos discursos que revelam a disposição individual em cuidar mais de si é alcançar o máximo possível o corpo ideal, isto é, o modelo atualmente exposto. O culto ao corpo se torna uma nova religião, que toma como sagrado o que antes era profano e ergue seus templos com suas promessas gloriosas. A busca da felicidade eterna se estrutura, agora, no prazer. Mas um prazer que para ser alcançado exige também as suas cotas de dedicação e sacrifício.

O objetivo é eliminar tanto mais quanto possível a velha cisão entre o corpo real e o ideal ou fictício. Esta cisão encontra aspectos semelhantes àqueles do corpo e da alma de outrora. Baseadas em modelos ideais flutuantes, as pessoas sonham em “salvar” o corpo dos seus limites submetendo-o a moldes e treinamentos na perspectiva de se adaptar a um sempre distante, embora presente, tipo ideal.

É a nova ditadura do corpo que consagra o prazer. Na obrigatoriedade de se expor instala-se a forte demanda pelo gozo imediato, situado nas freqüentes e contínuas tentativas de superar os próprios limites, no aperfeiçoamento contínuo que redimensiona e dissemina a performance corporal.

02. SIDERALIDADES

Não quero perder a sensualidade, não quero perder o fogo. Não quero perder a memória, não quero ficar gorda nem barriguda.

Marilia Pêra

Nas análises que Lipovetsky e Baudrillard fazem sobre os modelos físicos que circulam na mídia, estão sempre presentes as características de uma cultura hedonista e individualista que se manifesta atualmente na busca do completo bem-estar. A circulação das idéias, dos cânones e dos produtos promove um ideal de felicidade, glorificada na livre promoção do prazer, obsidiada na saúde e na juventude.

A difusão continuada dos novos imperativos de uma estética fluída é orquestrada nos meios de comunicação de massa. Isso significa que o corpo entra na ciranda do cuidado, da preocupação exagerada, da produção ilimitada. Entretanto, se outrora o esforço com a manutenção da saúde, higiene e beleza fez parte de um conjunto de obrigações, na atualidade, a obsessão é travestida em encanto. Importa não o consumo das supostas referências físicas, rapidamente desfeitas e substituídas nos meios eletrônicos, mas a promoção dos recursos e das técnicas disponíveis, em que cada um ao seu prazer, pode reconstruir a sua aparência e a disposição funcional do seu corpo.

Os conselhos dietéticos, estéticos, desportivos, eróticos, psicológicos e musculares são esmiuçados na total manifestação narcísica desta era que preza pelos discursos, multiplica as imagens e as informações e promove a responsabilidade individual da gestão integral de si mesmo. O corpo como espetáculo se converte simultaneamente em causa e efeito de comunicação. Nela está a garantia de que cada um tem o direito de dispor do seu físico, corrigir as imperfeições ou insatisfações, intensificar a potência.

Como foi demonstrado no capítulo anterior, a promoção publicitária é inseparável da personalização. Para que o indivíduo seja absolutamente livre e feliz deve deixar fluir ao máximo as emoções, viver por si mesmo, sem se preocupar com as tradições e a posteridade. O corpo deve ser cuidado com amor, exibido, pavoneado. Cada vez mais ele é arrancado dos mistérios da natureza para ser glorificado pela medicina estética e informática.

Incentivado pelo mídia, cada um deve se empenhar na luta contra o tempo, na batalha contra a degeneração e obsolescência funcional do corpo. Em outras palavras, é necessário que a anatomia seja continuamente submetida a um processo de reciclagem técnica. Demonstro, nesta parte do trabalho, que o cuidado com o corpo celebra a cultura higienista e despórtica. E esta celebração, como revelam Lipovetsky, Baudrillard e Maffesoli, é a principal estratégia publicitária para banir o caráter do dever e da obrigação que no passado cercavam os hábitos de higiene e manutenção corporais. A antiga liturgia dos deveres, acompanhada de rígida disciplina, é substituída pela sedução. A limpeza do corpo e as práticas esportivas traduzem o dinamismo energético dos seres.

01. Muito já se escreveu sobre um suposto poder diabólico da publicidade. Mas um exame atento das análises do mundo publicitário, desenvolvidas por Lipovetsky, põe em foco os *insights* de uma nova abordagem que valoriza os aconselhamentos brandos dirigidos aos indivíduos capazes de tomar consciência, assumir a responsabilidade dos problemas que afligem a humanidade e a produção de sua aparência.

É cada vez maior o apelo dos anúncios para o diálogo flexível, em que o sacrifício é transformado em prazer, a dramatização em benevolência. Existe uma reorientação moral que foge das manifestações totalitárias e escolhem o universo privado das pessoas. As

campanhas midiáticas promocionais não visam à doutrinação, mas à uma espécie de sensibilização das massas. O homem é visto no seu presente e, por isso, nenhum projeto de futuro é elaborado ou exposto. Tudo o que se faz é utilizar os gostos existentes de gozos corporais e dirigir a demanda em função do bem-estar.

É verdade que a publicidade se exerce em outros domínios que não o do consumo; ela é cada vez mais mobilizada para despertar uma tomada de consciência dos cidadãos diante dos grandes problemas do momento e modificar diversos comportamentos e inclinações: alcoolismo, droga, velocidade na estrada, egoísmo, procriação, etc (Lipovetsky, 1991:194).

E conclui

A publicidade não diz do alto o verdadeiro e o justo, mas aconselha com brandura, dirige-se a indivíduos maiores capazes de compreender a gravidade dos problemas por trás do espetáculo. Nenhum recurso a traidores, a complôs, a uma epopéia histórica: a publicidade não apela para a denúncia, para a violência social, para o sacrifício de si; seu registro (...) é a sedução (Lipovetsky, 1991:194).

Ao destacar o efeito da sedução, da escolha e da liberdade, Lipovetsky não deixa de reconhecer que a publicidade exerce múltiplas pressões sobre os indivíduos. Mas elas não são exercidas fora do quadro de autonomia dos sujeitos e jamais se alojam longe das aspirações humanas e dos modos de vida presentes no cotidiano.

02. Os novos ideais morais da publicidade no eixo da autonomia dos indivíduos são expressivos. A publicidade não visa reformar o homem e os seus costumes, mas apenas estimular e explorar as aspirações já existentes. A estratégia é hedonista: o único objetivo é promover o gozo imediato, o contentamento, o relaxamento, o bem-estar continuamente renovado e intenso.

Trata-se (a publicidade) de difundir normas e ideais na realidade *aceitos por todos*, mas pouco ou insuficientemente praticados. Quem não está de acordo com os malefícios do álcool? Quem não gosta de bebês? Quem não fica indignado com a fome do mundo? Quem não se perturba com a miséria das pessoas idosas? A publicidade não se encarrega da redefinição completa do

gênero humano: antes explora o que está em germe, tornando-o mais atrativo para mais indivíduos. Longe de significar a corrida exponencial para a dominação total, a extensão da publicidade traduz o esforço de uma modalidade de poder com *ideologia mínima*, com o objetivo estritamente limitado (Lipovetsky, 1991:195).

Lipovetsky é a favor de que a publicidade, no esforço para tornar atrativo e sedutor o que está na gênese da vida presente, promova problemas que devem ser enfrentados não com dramas, mas com humor e solidariedade. Como uma das questões mais envolventes para o homem deste final de século é a construção da aparência e a revitalização corporal, seria incompreensível se a publicidade não utilizasse as suas estratégias de sedução para oferecer aos indivíduos o máximo possível de meios para que ele possa se metamorfosear.

E aqui, mais uma vez, a função da publicidade é apresentar e difundir os modelos, os recursos, as artimanhas, as infinitas dicas para os rearranjos físicos que cada um livremente escolhe, de acordo com seus recursos financeiros, suas aspirações e vaidades, seus mais íntimos desejos. O culto ao corpo é inseparável dessa promoção publicitária dos cânones e dos recursos disponíveis para que cada um se adapte àqueles que mais o fascinam.

A “ditadura” da beleza é, assim, substituída pela opção individual em perseguir o caráter mutante dos padrões e dos métodos preferidos, naquele determinado momento. A velha obrigatoriedade se dissolve na era da transformação e conservação corporal incitada pelo hedonismo. A promoção da saúde, do corpo vigoroso e potente, recai sobre o protecionismo. Cada um deve cuidar de si mesmo, proteger o seu corpo das doenças, do desgaste do tempo e construir uma aparência de vitalidade. Essa aventura pessoal, assinalada pelo entusiasmo, se converte em valor primordial, na marca da excepcionalidade do potencial humano, na lógica da felicidade.

A civilização do bem-estar (...) engendrou uma cultura onde a felicidade se impõe ao mandamento moral, os prazeres ao proibido, a sedução à obrigação. Através da publicidade, do crédito, da inflação dos objetos e das ociosidades, o capitalismo das necessidades renunciou à santificação dos ideais em benefício dos prazeres renovados e dos sonhos de felicidade privada. Uma nova civilização foi identificada, a qual já não se propõe estrangular o desejo, mas que o exarceba e o desculpabiliza: o usufruto do presente, o templo do eu, do

corpo, e do conforto tornaram-se a Nova Jerusalém dos tempos pós-moralistas (Lipovetsky, 1994:59-60).

03. Sempre presente nos meios de comunicação, a ética da felicidade contemporânea tem as suas exigências: prima pela aparência atlética e saudável, juventude, elegância, boa forma, múltiplas atividades de lazer. As normas do bem-estar são traduzidas nas do melhor parecer. O estado de hiperdinamismo e mobilização se concentra aqui no autocontrole, na vigilância de si próprio, na percepção das reações físicas. Segundo Lipovetsky, o imperativo narcísico da atualidade glorifica a cultura higienista, dietética e desportiva.

Manter-se em forma, lutar contra as rugas, zelar por uma alimentação saudável, bronzear-se, manter a linha, descansar, a felicidade individualista é inseparável de um extraordinário *forcing* no esforço de dinamização, de conservação, de gestão otimizada de si próprio. A ética contemporânea da felicidade não é apenas consumista, ela é de essência activista, construtivista: já não se trata, como antes, de governar idealmente as paixões individuais, mas sim de otimizar os nossos potenciais, já não se trata da aceitação resignada do tempo, mas da eterna juventude do corpo (Lipovetsky, 1994:65).

Para o escritor, os novos ideais de produção do corpo, tão fortemente solicitados por meio da mídia e valorizados socialmente, alteram radicalmente o sistema de legitimação das práticas corporais utilizadas nas mais diversas etapas de mutação e exibição da vitalidade física. Essas mudanças podem ser facilmente detectadas nos novos valores que orientam os comportamentos. Num curto espaço de tempo, duas ou três décadas talvez, temas como o intercâmbio de órgãos, a venda de partes do corpo, transplantes, direito ao suicídio, dentre outros, deixaram de ser uma ofensa à humanidade -- ao menos para os ocidentais. A extensão do direito individualista de dispor livremente do próprio corpo completa o reino do pragmatismo. O que importa é satisfazer as vontades individuais.

Lipovetsky está convencido de que vivemos agora a fase do pós-moralismo na qual todos os deveres para consigo próprio foram transformados em direitos subjetivos. Nenhuma virtude é mais vista como uma obrigação. O paraíso é dado nas opções, nos conselhos técnicos ininterruptamente difundidos, com vista a um maior bem-estar das pessoas.

A celebração publicitária do aperfeiçoamento e da conservação do corpo exalta novas práticas, convertidas em mandamentos incondicionais, quase ao alcance de todos. Para começar, o essencial é ser um profundo conhecedor de si mesmo e dispor-se a vencer todos os limites impostos pela miséria do corpo, deixado ao acaso e aos caprichos da natureza. Corrigir as “anomalias” não é mais um ato diabólico, mas um progresso humanista.

04. Zelar escrupulosamente pela preservação do seu corpo é a máxima do homem contemporâneo. Na mídia, na publicidade e na moda, por toda a parte estão as lições de higiene e as regras fundamentais para uma vida saudável. O prazer em cuidar de si mesmo passa a ser visto como a estratégia primeira para ser e apropriar-se do mundo. Nesse universo, o jogo da aparência do corpo exhibe toda a sua teatralidade contínua e onipresente. O importante é que os sentidos sejam atiçados, os afetos explorados, as linguagens estejam todas em ação.

Hoje, a limpeza e a higiene do corpo se converteram em referência de deleite íntimo. A todo momento a publicidade realça o encanto da pele perfumada e hidratada, da roupa limpa e cheirosa, dos cabelos sedosos, do hálito puro e refrescante. Os desejos são dominantes. Uma retórica sensualista se faz presente nessa estética dos prazeres individuais. Lipovetsky demonstra que o amor em cuidar de si próprio é uma experiência recente.

Até meados do nosso século, a limpeza e a higiene foram prescritas como deveres de cada um para consigo próprio, os manuais de moral escolar, a literatura filantrópica, os tratados de higiene popular fixavam, com precisão e solenidade, os imperativos de limpeza corporal, as obrigações de higiene relativamente ao vestuário, à alimentação e à habitação. A limpeza é exigida em nome do respeito pelos outros, mas também em nome do respeito por si próprio (Lipovetsky, 1994:115).

O discurso higienista já não faz mais ode aos deveres sociais ou individuais. Na atualidade, a todo momento a volúpia do corpo é solicitada. Todo ritual de limpeza está inserido no contexto de uma forma de prazer cada vez mais intensa. E as regras seguidas

visam à mais completa proteção de si mesmo. Lipovetsky enfatiza a retórica sensualista presente na celebração íntima desses cuidados, na estética da sedução que a proteção e reparação físicas exaltam.

Outrora o sabão era associado à energia, à saúde, à disciplina moral, hoje em dia os produtos de higiene dão primazia à suavidade, ao encanto das aparências. Termina a temática da obrigação de cada um para consigo próprio e para com os outros; a higiene do corpo, os cuidados dentários e capilares são associados à sedução e à auto-sedução (Lipovetsky, 1994:118).

A era é do culto egocêntrico e obsessivo da saúde, de uma estética corporal que vive nos ideais da juventude. A cosmética, com seus ativos anti-rugas e cremes reestruturadores, faz parte das ofertas para o embelezamento e o tratamento dos sinais deixados pelo tempo e pelo *stress* da vida urbana cotidiana.

A crescente preocupação com a aparência exige novas demandas. O enfoque no prazer em cuidar de si próprio acompanha a necessidade de certos investimentos. Um deles é o tempo de carinho que se dispensa ao corpo. É preciso, também, consumir sempre mais e mais informações, envolver-se na ciranda da perseguição das novidades, dos produtos mais recentes. É imperativo mobilizar cada vez mais disposição.

05. As inovações na indústria que promove e alimenta o cuidado consigo mesmo fazem apelos a novas maneiras de pensar o corpo, criam e produzem um jogo no qual o prazer da intimidade também é teatralizado. Maffesoli (1996:154) enfatiza que a produção, ao passar pelas técnicas do vestuário e da febre higienista, incentiva o ato de pavoneamento do corpo. O carinho a mais que cada um se propicia quando usa esse ou aquele creme hidratante, essa ou aquela camiseta, faz parte do movimento midiático que festeja o corpo como espetáculo.

Espetacularizar a intimidade é uma das especificidades do nosso tempo e, por isso, merece a atenção, ainda que tudo aqui seja momentâneo. Mas é preciso perceber como esse prazer fugaz se constitui e se manifesta no dia-a-dia das pessoas. A obsessão com a limpeza do corpo se torna uma manifestação exemplar de um estilo de vida largamente alardeado, uma forma de intensa atividade comunicacional com o outro e com o mundo.

A idéia de que a vida só estaria aí para o maior bem das aparências permite justificar a focalização sobre o presente, observável em inúmeros domínios contemporaneamente. O hedonismo a que isso induz, não sendo assunto de privilegiados, mas, ao contrário, algo que pode se exprimir através das minúsculas situações da vida cotidiana, algo, enfim, que lembra a sinergia do belo e do sério, do anedótico e do essencial, do frívolo e do substancial (Maffesoli, 1996:158).

O paradigma do prazer situado na base do cuidado com o próprio corpo transparece nos estereótipos das imagens publicitárias. Elas funcionam como o espelho no qual cada um deve refletir a dedicação que dispensa a si mesmo. Essa conjunção sustenta todo o processo de pavoneamento do corpo. E a teatralização solicita que cada indivíduo esteja disposto a inovar em matéria de combinação. É a autogestão, a mobilização de todas as fontes de informação do sujeito.

06. O corpo, no contexto da promoção publicitária, é um organismo em livre mutação. Ele se torna instrumento de uma outra forma de subjetividade expressa nos rituais de higiene que a cosmetologia desenvolve. Além de poder tornar-se mais bela, enfatiza-se que a pessoa pode também ser mais feliz, satisfeita consigo mesma e irresistivelmente sensual.

Assim se produz um sujeito já não através da disciplina, mas da personalização do corpo sob a égide do sexo. O seu corpo é você, deve ser cuidado, amado, exibido; já nada tem a ver com a máquina. A sedução alarga o ser sujeito, atribuindo ao corpo outrora oculto uma dignidade e uma integridade novas: nudismo, seios nus, são os sintomas espetaculares dessa mutação através da qual o corpo se torna *pessoa* a respeitar, a acarinhar ao calor do sol (Lipovetsky, s/d:29).

O amor próprio ganha uma positividade extraordinária. E o que mais importa é se exprimir, tornar público, transparecer essa paixão, elevar à máxima potência o prazer de ser para mostrar-se. Toda a corporalidade se converte em linguagem. Nesse contexto, a promoção da saúde não significa apenas perseguir estratégias para estar livre das doenças, mas, sobretudo, poder usufruir de um bem-estar permanente. Ele é a justificativa inquestionável para as ações diárias adotadas na busca do corpo livre e do indivíduo feliz.

Para Baudrillard (1990a:30), a estética corporal pós-moderna simula a valorização da saúde e do equilíbrio orgânico, mas o que realça mesmo é a performance, cujo objetivo é a obsessão por um brilho efêmero, em que o corpo se encontra na jogada publicitária e nela se realiza.

07. Essa lógica de promoção corporal não se completa sem a ênfase de que os cuidados com a aparência e a vida saudável devem estar igualmente pautados sob novas orientações alimentares. A palavra chave passa a ser dieta. O prazer de comer é aliado à publicidade dos alimentos *diets*. As calorias devem ser contadas e reguladas, os produtos supostamente naturais são cultuados, as quantidades de vitaminas e proteínas minuciosamente analisadas e ingeridas na medida ideal.

A dieta e o prazer, incompatíveis no passado, fazem agora parte de uma mesma estratégia. Valoriza-se socialmente não a privação, a austeridade, mas a sabedoria em combinar os alimentos corretamente, em aproveitar o máximo do seu poder nutritivo e energético.

Zelar por uma alimentação saudável e adotar os valores da cultura dietética são condições primordiais na dinâmica do corpo que se mantém em forma, na linha, de acordo com os cânones do momento. Parte da ação publicitária é garantir a circulação dessas informações. Lipovetsky (1994:65) enfatiza que esse é mais um dos aspectos do imperativo narcísico, assinalado pelo código da elegância, típico da era da felicidade que se supõe viver.

08. Além das práticas higienistas e dietéticas, o apogeu da cultura do bem-estar parece encontrar a sua mais autêntica razão de ser nos exercícios físicos que englobam as mais diversas práticas cotidianas. As vantagens dos esportes são apregoadas na mídia de modo a acentuar o corpo em movimento, flexível, exibidor de energia e disposição. Prima-se pela descontração dos gestos, poses estruturadas, força física em expansão.

No presente, a paixão pelos desportos é situada no plano do jogo e da alegria. Em todos os lugares se assiste a uma proliferação das atividades físicas. Lipovetsky argumenta que na cultura desportiva o dever fastidioso também já foi afastado, sobressaindo-se a

valorização individual da coragem, jovialidade, emoções fortes, risco e aventura. Está encerrada a era moralista do desporto que solicitava a competição, o esforço, a solidaderiedade e a abnegação.

Hoje em dia, o desporto de massas é essencialmente uma atividade dominada pela procura do prazer, do dinamismo energético, da experiência de si próprio: depois do desporto disciplinar e moralista, eis o desporto-lazer, o desporto-saúde, o desporto-desafio. Da prática desportiva esperamos apenas sensações e equilíbrio íntimo, valorização individual e evasão, 'norma' e descontração, já não é a virtude que legitima o desporto, mas sim a emoção corporal, o prazer, a forma física e psicológica, o desporto tornou-se um dos emblemas mais significativos da cultura individualista narcísica centrada no êxtase do corpo (Lipovetsky, 1994:129).

Esse êxtase corporal concentrado na moda esportiva é visto pelo autor como uma característica das nossas democracias. O culto da aparência encontra nos esportes o seu destino de espetáculo, ininterruptamente sustentado pela mídia e pelas indústrias, através de um comércio ativo que não cessa de promover um conjunto de práticas de massa.

(...) depois dos objetos 'utilitários', dos produtos de beleza e tratamento, das indústrias culturais, é o próprio desporto a ser ganho pelo efêmero, pela hibridação marginal, pela sensação do novo. Já não o desporto aristocrático das origens, mas o desporto-moda 'à la carte', a promoção vertiginosa dos 'produtos desportivos', o marketing das versões opcionais, correspondente ao culto narcísico do corpo e da animação; já não a formação moral dos jovens da elite social, mas o entusiasmo de massas pelas práticas e sensações inéditas do corpo (Lipovetsky, 1994:132).

Na proliferação das atividades esportivas as emoções são oferecidas a todos os gostos. A profissionalização esportiva tem sido cada vez maior. Mas isso não quer dizer que ela se prenda a uma determinada ação. Interessa manter acesa a paixão por um estilo de vida que inclui os esportes como reflexo da aventura e do prazer, um modo de cuidar e preservar o corpo.

Além das ações profissionais, as massas estão envolvidas com um jeito especial de serem esportivas em práticas circunstanciais de férias, fins-de-semanas e feriados. Divertimento, lazer e atividades físicas, com o máximo de sensação extraordinária, são

mixados às circularidades dos jogos experimentados. Já não é preciso ser adepto de uma norma esportiva. O prazer é reciclado na versatilidade das escolhas que mantêm o corpo sempre acelerado. Na variedade aventureira esportiva cada um pode usufruir o máximo do seu corpo funcional.

09. A confecção de uma auto-imagem valoriza a cultura esportiva e suas técnicas de gerenciamento do corpo. Cada indivíduo a seu modo, mas também sempre de acordo com as publicações especializadas, se responsabiliza pelo que considera a boa forma e o bom desenvolvimento corporal. O estilo de vida esportivo é visto como indicativo de saúde e beleza e se expande sob a promoção dos músculos e do amor pelo esbelto.

A potência anatômica se exhibe como um espetáculo obsessivo. Seu domínio publicitário se faz presente igualmente nas ruas, nas praias. O músculo se torna um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo e expressão do bem-estar. É decorativo. O jeito de andar, as vestimentas, tudo deve colocá-lo em evidência, destacá-lo. A exposição é sua regra, sua razão de ser.

No esforço desportivo, o indivíduo autoconstrói-se ‘à la carte’, sem outro fim senão ser ‘mais’ ele próprio e valorizar o seu corpo: o *egobuilding* é uma produção narcísica. Nunca, nas sociedades modernas, se prescreveu tão poucos os deveres do indivíduo para consigo mesmo, nunca se trabalhou tanto para o aperfeiçoamento funcional de seu próprio corpo (Lipovetsky, 1994:130).

Sempre insistindo que a lógica das práticas esportivas contemporâneas abandonou a máxima do dever e da virtude para celebrar o bem-estar, Lipovetsky explica o que mobiliza milhares de pessoas na consagração das atividades físicas e festeja o músculo como expressão do pleno desenvolvimento corporal.

Nunca a questão é de bonificação moral e de transcendência virtuosa, os indivíduos exercitam-se por si mesmos, para se divertirem, para se suplantarem a si próprios, inclusive no risco e na ‘mortificação’ física. O princípio de ‘performance’ alia a competição interpessoal à competição consigo próprio, cada indivíduo compara-se com o outro para afirmar o ego autoconstrutor triunfante de si mesmo (Lipovetsky, 1994:130).

E acrescenta que

a descoberta do potencial próprio, do equilíbrio íntimo, do melhor aspecto individual, a vitória sobre si mesmo tornaram-se primordiais, são elas que governam os esforços de ‘endurance’ e de musculação, que reorientam a procura de atividades adaptadas à idade e à força (Lipovetsky, 1994:130).

10. Fascina a excepcionalidade corporal que se torna possível em toda parte, por meio de uma suposta competição. Cada vez mais as pessoas buscam ultrapassar as suas capacidades físicas. A performance atlética visa à proeza, à exploração excepcional do potencial humano. Com ela, a musculação passa a ser uma atividade de massa, nas academias, nas praias, nos escritórios, nos domicílios.

Quanto mais espantosas são as ‘performances’, mais o esforço muscular se alia à qualidade formal das execuções e dos gestos, a alta competição tende a assemelhar-se a uma *arte total*, um espetáculo onde os limites são ultrapassados na perfeição estética dos comportamentos (Lipovetsky, 1994:136).

Na construção da aparência despórtica a tecnologia que promove os músculos se consolida no culto ao suor. Por intermédio de aparelhos e máquinas mecânicas ou com possibilidades eletrônicas, a obsessão pelos músculos é similar à paixão regenerativa da pele, ao amor pelo liso, esbelto e jovem, forte e potente. Aqui, toda a metamorfose física é possível: queimar as gorduras e eliminar a flacidez são novas necessidades.

A remodelagem corporal, no entusiasmo esportivo e muscular, é o rótulo de vigor e saúde. E o corpo condicionado é um objeto publicitário nas teias da gratificação pessoal.

11. Na paixão pelo bem-estar está localizada uma perspectiva de sucesso e realização. Mas essa gestão da aparência física é sempre ansiosa e se realiza numa atividade febril. As transformações cênicas requeridas em nome do prazer oferecem ao indivíduo a oportunidade de ser o escultor de si mesmo. O empreendimento carrega consigo a ambigüidade. De um lado, o contentamento pelas formas adquiridas e, de outro, o incessante investimento nas técnicas supostamente mais eficientes, capazes de acelerar a emoção do dinamismo corporal.

Para Baudrillard, a ética do prazer corporal solicita que cada um duplique o seu gozo e o seu divertimento. Mas a febre higienista e a moda desportiva têm o prazer como simulacro e promovem algo fúnebre.

(...) por toda a parte, a miragem do corpo é extraordinária. É o único objeto sobre o qual se concentra, não como fonte de prazer, mas como objeto de solicitude desvairada, na obsessão do fracasso e da contraperformance, sinal e antecipação da morte, à qual ninguém sabe mais dar outro sentido senão o da prevenção perpétua. O corpo é afagado na certeza perversa de sua inutilidade, na certeza total de sua não-ressurreição. Ora, o prazer é um efeito de ressurreição do corpo, por meio do qual supera esse equilíbrio hormonal, vascular e dietético obsessivo onde se quer encerrá-lo, esse exorcismo da forma e da higiene (Baudrillard, 1986:31).

A ordem mimética da musculatura encenada, a silhueta juvenil do corpo esbelto e a estetização dos gestos esportivos no refinamento de suas exhibições conjugam força, energia e domínio pessoal sobre si próprio. Mas esses jogos com gosto de aventura legitimam, para Baudrillard, uma preferência pela experiência e não pela excelência. As finalidades lúdicas e frenéticas do individualismo desportivo estão ligadas às mensagens publicitárias que idolatram o dinamismo e a performance. Esse universo simula a vida, o prazer, a realização pessoal. Por isso conclui que

é preciso fazer com que o corpo esqueça o prazer como graça atual, sua metamorfose possível em outras aparências, e votá-lo à preservação de uma juventude utópica e de toda maneira perdida. Pois o corpo que se pergunta a si mesmo sobre sua existência já está meio morto, e seu culto atual, meio ioguesco, meio extático, é uma preocupação fúnebre. Os cuidados que tomam com o corpo vivo prefiguram a maquilagem dos *funeral homes*, com o sorriso ligado na morte (Baudrillard, 1986:31-32).

12. O caráter funcional higiênico e desportivo encontra no jogo o seu destino e no desejo a sua manifestação performática. Num e noutro aspecto da construção da aparência física fascina o excesso de realidade do corpo, do músculo, da vitalidade, do porte jovial e atlético.

O excesso transparece na inutilidade incontestável das mensuras esportivas. A todo instante a obsessão em ultrapassar as marcas e os limites físicos está dada. O indivíduo em

grande estilo é também um atleta em alto nível. O espetáculo do recorde ilimitado, em que o corpo se pavoneia, a exibição é a forma característica de uma emoção que a todos envolvem.

Quanto mais espantosas são as ‘performances’, mais o esforço muscular se alia à qualidade formal das execuções e dos gestos, a alta competição tende a assemelhar-se a uma *arte total*, um espetáculo onde os limites são ultrapassados na perfeição estética dos comportamentos: numa época que glorifica os produtos perfeitos, os heróis dos estádios participam da cultura da qualidade total técnica e formal. O entusiasmo que arrebatava o público por ocasião das grandes competições desportivas não é sinal do ‘embrutecimento das massas’, é a expressão individualista da democratização do sentido da estética do desempenho dos corpos (Lipovetsky, 1994:136).

Para Lipovetsky, a proeza extrema das atividades esportivas é essa ambição hercúlea. É como se cada um sempre estivesse disposto a descobrir aquilo de que o corpo é capaz, mas os limites jamais são encontrados. O amor imoderado pelo *show* de uma vida esportiva é uma expressão das sociedades contemporâneas. E a ironia publicitária não cessa de consagrar essa proeza.

13. Baudrillard acredita que o corpo do atleta, profissional ou amador, opera e visa não à forma mas à fórmula, à equação, em que os dispositivos corporais feitos para o gozo, por meio das mais sutis técnicas cosméticas e jubilatórias, se encontram e se realizam na performance interativa que procura fundir o indivíduo com o modelo que circula na mídia. O movimento do corpo põe em circulação a compulsão da energia física. Assim, um estoque energético complementar convive, ao mesmo tempo, com o desperdício e esgotamento das forças operacionais.

O prazer vivido no desperdício da energia física, que culmina na espetacularidade da vida esportiva, põe em circulação o modelo do homem-satélite, aquele que existe e se realiza através do cânone ideal glorificado pela moda e pela publicidade.

Os diversos tipos de *performance* convivem estreitamente. Não apenas os músculos e os nervos, mas também os neurônios e as células devem tornar-se performáticas (até as bactérias vão tornar-se operacionais). Já não se trata de lançar, correr, nadar, saltar, mas de colocar um satélite chamado corpo em sua

órbita artificial. O corpo esportista torna-se plataforma de lançamento e satélite, é regulado por um microcomputador interno em termos de cálculo (e já não por uma vontade que regula seu esforço em termos de superação) (Baudrillard, 1990b:56).

No domínio das imagens publicitárias, tão importante quando a mutação do corpo é a elaboração dos modelos. Eles tecem a rede de sensibilidade ao redor da qual os imaginários corporais circulam e se dispersam. O bem-estar físico, perseguido nas práticas de higiene e desportivas, está inserido na cadeia giratória das telecomunicações e esse diálogo necessariamente não precisa mais de um personagem. Ele não leva em conta nada além de si mesmo, é a publicidade em seu próprio objeto.

Nas análises de Lipovetsky, o culto ao corpo intensifica o reconhecimento individual da necessidade da transparência e da reciclagem física. A consideração individual é inseparável da procura acrescida de qualidade de vida conquistada sob a égide da ética do prazer. Com isso, o que se busca não é tanto a saúde, mas a melhoria das performances. A era triunfante da moda e da publicidade produz o corpo na estratégia eficaz do dinamismo.

Essa dinâmica testemunha o triunfo da comunicação. Para Baudrillard, é o cenário adequado para que os simulacros passem a substituir a realidade. O direito à livre disposição do corpo, nas práticas higienistas ou esportivas, se desenvolve em círculos abertos uns sobre os outros. A publicidade não mais intervém na realidade como ficção. Um movimento ininterrupto de vaivém faz com que a própria realidade corporal dos indivíduos seja administrada como ficção no tecido narrativo publicitário.

A ficção é a do corpo perfeito, da saúde total, da juventude eterna, da vitalidade inesgotável. Para manter essa ficção como realidade, a mídia e a tecnociência promovem outras mutações através das cirurgias plásticas, dos transplantes de órgãos e membros, dos implantes de micromáquinas que revigoram e informatizam o corpo.

03. RESPLANDECÊNCIAS

Ninguém conseguiu determinar, até hoje, aquilo de que o corpo é capaz.

Baruch Spinoza

A realidade performática e simuladora do corpo em movimento, que busca se adequar e produzir novos modelos nos meios de comunicação, está no centro da existência contemporânea. Mas o cuidado corporal observado nas febres higienistas e desportivas apenas sintonizam alguns aspectos do bem-estar atual. As estratégias fatais do gozo supremo são cada vez mais acentuados não somente no prazer em cuidar de si mesmo, em conservar a potência física e a jovialidade, mas também nas intervenções ultra-rápidas capazes de promover a beleza por meio das cirurgias, estética e genética, dos corpos.

Nos espaços publicitários e na mídia, cotidianamente são exploradas as regras e etapas da mutação do corpo num contínuo infindo. A adaptação e produção de novos modelos físicos, em permanente exposição e sideralidade, demonstram que a todo momento o indivíduo precisa se submeter a outras modalidades de redimensionamento físico. O contexto é de atualização, o corpo nada mais é que um laboratório no qual as experiências são requisitadas e os resultados submetidos a outras modificações.

Conceber a corporeidade como um laboratório, dispor-se ao movimento veloz dessa espiral que objetiva adequar-se e fabricar ícones, se converte na estratégia no qual o imaginário e a realidade, a técnica e o corpo, se entrecruzam para produzir a estrutura física camaleônica do sujeito contemporâneo.

O homem emergente na sociedade tecnológica, dotado de um corpo aberto às múltiplas técnicas de reciclagens, não pode ser um mero encantado com a aparência. Não existe aqui mais lugar para pessoas leigas, despreziosas ou pouco informadas. Sob a figura do corpo técnico reside o programa que visa à descoberta de segredos. É preciso ser vigilante, estar sempre atento, captar detalhadamente cada reflexo, sinal, sintoma.

Para atingir essa finalidade estamos todos destinados a consumir cada vez mais informações e cuidados médicos, a experimentar métodos, técnicas e descobertas científicas. O corpo se tornou um reino para especialistas, consultores, manipuladores. Um espaço a ser minimamente conquistado pela aventura humana e tecnológica. O culto ao corpo exige conhecimentos maiores, que devem crescer sempre.

Para Anders, a resplandecência do corpo na sociedade tecnológica está em cada sujeito se construir como fantasma dos cânones físicos que circulam na mídia e, uma vez fantasma, tornar-se novo modelo, outra sombra projetada. Nos estudos de Lévy, está em evidência o corpo que não pára de ser tecnicamente refabricado. Essa atualização, inserida no contexto da informática, faz do corpo um elemento a mais na onda da desmaterialização das sociedades. Trata-se, agora, como prefere Guillaume, de perseguir o corpo espectral.

01. Segundo Anders, estamos nos livrando da “doença da unicidade”. A idéia de que cada um é exclusivo e existe apenas uma vez serviu de base para o credo de todo o humanismo. Mas essa concepção do indivíduo insubstituível sobrevive apenas em

minúsculos rudimentos que reportam aos restos de uma determinada experiência da humanidade.

O autor não está se referindo ainda ao método da clonagem, amplamente discutido na atualidade por cientistas, profissionais das mais diversas áreas e população em geral. Bem antes dessa realidade, a unicidade de cada indivíduo já se encontrava ameaçada pela construção de modelos publicitários nos quais muitos deveriam se espelhar, imitar, copiar. Esses clones não chegavam à beira da perfeição, como nas experiências genéticas, mas já demonstravam o quanto o caráter único do sujeito estava sendo substituído por matrizes e sombras.

Para sustentar a sua tese, Anders descreve a metamorfose da senhorita V., uma jovem orgulhosa da sua aparência e ansiosa por uma carreira de modelo. As suas intensas mudanças corporais aconteceram depois que um produtor lhe deu um preciso diagnóstico, após a análise minuciosa das provas iniciais:

“Primeiro, minha querida, seja mais fotogênica. Daí então veremos.” Com isso, ele queria dizer: antes que você utilize nossos fantasmas de forma bem sucedida, como matriz de sua real aparência, antes de você se fazer caracterizar segundo o modelo delas, você não terá chance de ser considerada fantasma (Anders, 1996: 07).

A partir daí, segundo Anders, a senhorita V. passa a gastar todas as suas reservas financeiras, posterga qualquer alegria de vida e segue, obsessivamente, o trabalho impiedoso de transformação das formas físicas. A todo custo ela quer ser como os modelos midiáticos, um autêntico fantasma para se converter, ela mesma, numa matriz.

E assim (a senhorita V.) utilizou-se daqueles especialistas estéticos (aqui eles formam todo um grupo profissional), que vêem as pessoas reais como material de má qualidade e carente de melhorias e encaram os fantasmas, ao contrário, como modelos. Ou seja, todos aqueles que fazem sua profissão da diferença entre realidade e fantasma e que construíram seu negócio sobre a avidez frenética daqueles, que como V., desejam eliminar esta diferença (Anders, 1996:07).

Para se construir, a senhorita V. experimentou todos os recursos disponíveis capazes de lhe preparar adequadamente de acordo com a forma que queria impressa em si mesma.

Enfrentou a austeridade desse trabalho durante seis meses, até que julgou estar pronta para colher as gratificações.

V. começou, então, a ir de salões de beleza a massagistas, de massagistas a salões de beleza. Procurou instituições de correção e especialistas em rugas de canto de olho, até mesmos cirurgiões (...) Fez-se transformar por fora e por dentro, na frente e atrás: dormia de olho no relógio, suando diante de suas horas de trabalho, ora nessa posição, ora noutra; comia, em vez do que lhe agradava, folhas e saladas; sorria, não para mim, mas para o espelho. E não por prazer, mas por obrigação. Durante toda a vida V. não havia trabalhado tanto (...) E então, num brilho insuspeito como um novo ser humano, o fantasma dela ascendeu (Anders, 1996:07-08).

Anders conclui dizendo que a Senhorita V, tecnicamente construída, voltou ao seu negociante de fantasma. Mas agora muita coisa havia mudado. Ela não era mais aquela. Poderia ser qualquer uma outra, um autêntico clone de uma matriz circulante na mídia e amplamente copiado por um sem-número de pessoas.

Com seu novo cabelo, seu novo nariz, seu novo corpo, seu novo andar, seu novo sorriso (ou melhor, com seu cabelo velho, já há muito visto, com seu nariz conhecido em toda parte, com esse sorriso visto em todos os lugares) ela era mercadoria pronta, um artigo indeterminado, uma totalmente outra, diferente dos demais (Anders, 1996:08).

E, exatamente por ser assim, uma cópia, ela pôde ser aceita, receber um “ok”, ser reconhecida como um modelo capaz de suscitar em tantas outras pessoas o desejo e o esforço dedicado da autotransformação.

(...) ela (a senhorita V.) ascendeu à categoria de matriz para matrizes, poderá servir em qualquer filme como matriz, que, por seu turno, deverá servir como matriz de nosso gosto (Anders, 1996:08).

02. Para Anders, a mesclagem do indivíduo com seu modelo, construir-se como fantasma, se tornou hoje a própria confirmação da existência do sujeito e do seu corpo mutante. Se alguém não é produzido e reproduzido não tem mais a chance de ser

observado. Permanece à margem, fica excluído desse universo no qual é preciso antecipar o corpo de acordo com uma imagem fugaz aceita e reivindicada.

Sem ascender à condição de matriz, a senhorita V.,

(...) não teria encontrado nenhuma confirmação para o seu ser, já não haveria nenhum consumidor que quitasse a sua existência, nenhuma quantidade de consumidores que, em massa, marcados por ela, tivessem confirmada a sua existência. Em resumo: ela não era modelo, mercadoria de massa, nenhum “quê”, mas apenas um anônimo “quem” (Anders, 1996:08).

Não se tem mais como escapar desse destino de ser um “quê” num mundo de comunicação que coloca cada indivíduo no centro do seu movimento. Cada um é impelido a girar continuamente nesse universo publicitário. O corpo precisa ser permanentemente reelaborado e exibido, necessita ser matriz e sombra ao mesmo tempo. Essa é a sua mais autêntica performance.

Segundo Anders, é um processo que não poderia ser diferente porque não se trata mais da existência de dois mundos, um da publicidade e outros de supostos consumidores. Não existe mais nenhum hiato. Todos nós nos interagimos, funcionamos como ponte entre essa dupla dimensão de uma mesma realidade. Não somos espectadores, mas figurantes ativos do universo dos meios de comunicação. Somos produzidos e consumidos como sombras e matrizes simultaneamente.

Nosso mundo é, por princípio, um mundo de publicidade. Ele consiste de coisas que se oferecem e que nos solicitam. Publicidade é um “modus” do nosso mundo (...) Aquilo que não se promove, que não apela, que não se mostra, que não tem participação sob a luz da propaganda, não tem força em nos exigir, não levamos a sério, não ouvimos, com ela não colaboramos, não reconhecemos, não utilizamos, não consumimos (...) O que deseja ser levado em consideração precisa se mostrar. O mundo tornou-se agora um mundo “para exposição”, a saber, uma exposição do mundo, o qual é impossível de se visitar, porque nos encontramos de qualquer forma dentro dele (Anders, 1996:11).

O antiquíssimo indivíduo único foi implodido por esse jogo tecnopublicitário que entrecruza as matrizes e as suas sombras. Já não se trata mais de uma relação binária entre o corpo real de um indivíduo sempre insatisfeito frente aos modelos circulantes no ápice de

sua perfeição. Cada sujeito está sempre pronto para uma matriz, que por sua vez é a sombra de uma outra, indefinidamente. E o corpo é o instrumento de ação ativa que atrai e funde em si mesmo uma e outra. Ele está sempre em aberto, continuamente sujeito a outros retoques, pronto para diversas experiências científicas, carimbado por intervenções cirúrgicas, disposto a outras metamorfoses.

Ainda segundo Anders, cada indivíduo agora se exhibe como uma imagem aceita no teste, a exemplo da senhorita V., e explora o fato de já ser a cópia de sua própria imagem elevada à condição de matriz. Trata-se de ter um corpo reproduzido de acordo com sua futura reprodução. O procedimento de recunhagem é completo.

03. Com a expansão da sociedade de comunicação e, principalmente, com a rede de redes chamada Internet, a estrutura atual de sideralizar a informação vive a dinâmima interativa que interliga televisão, sistemas de telefonia, redes de computadores e satélites. Sempre surge e rapidamente se populariza uma nova camada eletrônica que promove com maior eficácia a simbiose entre o orgânico e o cibernético.

No contexto no qual os jogos publicitários se expandem, o corpo se inscreve no fluxo das modas, se mescla ao aparato tecnológico, às redes eletrônicas e às próteses. Objeto de desejo e de consumo, espaço aberto de experiência, ele se virtualiza, como de resto toda a cultura contemporânea.

As análises de Anders, a respeito do corpo que precisa ser ininterruptamente reconstruído tecnicamente para se adequar à circularidade das matrizes de beleza, potência e sedução, encontram desdobramentos nos estudos de Lévy. O corpo constituído como sombra de um cânone e reelaborado como modelo gerador de outras sombras põe em evidência a questão da sua própria virtualização.

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos... (Lévy, 1996:11).

Os novos meios eletrônicos e a publicidade em geral, televisiva e *on line*, virtualizam o corpo. E o processo de virtualização pode garantir a motivação para que um indivíduo busque atualizar o seu corpo.

04. Lévy critica a oposição fácil e enganosa que comumente muitos estabelecem entre o real e o virtual, como se o primeiro fosse uma presença e o segundo uma ausência ou uma ilusão. Nessa distinção se alojam concepções aterrorizantes e o virtual nega o real e promove o seu desaparecimento.

Para Lévy, em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual, e é um dos principais vetores de criação da realidade. Ele é um nó de tendências. A virtualização é a dinâmica.

A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualização (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mudar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular (Lévy, 1996:17-18).

Lévy considera que a virtualização não pode ser entendida como a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, pois se assim o fosse, seria desrealizante. Toda a ênfase desse processo deve ser colocada no fato de que um objeto em questão se atualiza provisoriamente na direção das suas possibilidades. Ela, a virtualização, resplandece na produção criativa, na invenção de uma solução real -- e decisivamente efêmera -- diante de uma determinada problematização.

A virtualização é uma mesclagem do presente com o ausente, do que está aqui e do que se encontra distante. Jamais uma alternativa de exclusão, mas sempre de mixagem, forçando uma heterogênese, em novos meios interativos.

No virtual torna-se preciso o despreendimento do aqui e agora para que se possa complementá-lo com o distante e depois, isto é, com a multiplicidade de possibilidades em vias de concretização, desde que devidamente desejadas, selecionadas, construídas.

05. O virtual entendido assim como atualização é imprescindível para que se compreenda como a virtualização do corpo passa a ser uma exigência da construção de subjetividades, na mídia, nas novas redes eletrônicas e nos circuitos da tecnociência.

Estamos ao mesmo tempo aqui e lá graças às técnicas de comunicação e de telepresença. Os equipamentos de visualização médicos tornam transparentes nossa interioridade orgânica. Os enxertos e as próteses nos misturam aos outros e aos artefatos. No prolongamento das sabedorias do corpo e das artes antigas da alimentação, inventamos hoje cem maneiras de nos construir, de nos remodelar: dietética, *body building*, cirurgias plásticas. Alteramos nossos metabolismos individuais por meio de drogas ou medicamentos, espécies de agentes fisiológicos transcorporais ou de secreções coletivas... e a indústria farmacêutica descobre regularmente novas moléculas ativas. A reprodução, a imunidade contra as doenças, a regulação das emoções, todas essas performances classicamente privadas, tornam-se capacidades públicas, intercambiáveis, externalizadas (...) Como a das informações, dos conhecimentos, da economia e da sociedade, a virtualização dos corpos que experimentamos hoje é uma nova etapa na aventura de autocriação que sustenta nossa espécie (Lévy, 1996:27).

Todas as técnicas de remodelagem física funcionam como virtualização do corpo. No domínio das biotecnologias revira-se o organismo como uma luva com o objetivo de mantê-lo sempre atualizado, de acordo com a matriz de juventude que se aspira, a vitalidade, a potência e a aparência saudável que se quer exibir.

Essa empreitada se dissemina na mídia e nas redes técnicas e médicas. A tendência é de que cada corpo individual, para se atualizar, deve se dispersar e circular em suas menores partes, inserir-se no rol das suas trocas, interagir-se com outros organismos, até constituir-se como um corpo coletivo, o hiperorganismo.

A virtualização do corpo incita às viagens e todas as trocas. Os transplantes criam uma grande circulação de órgãos entre os corpos humanos. De um indivíduo a outro, mas também entre os mortos e os vivos. Entre a humanidade, mas igualmente de uma espécie a outra: enxertam-se nas pessoas corações de beduíno, fígados de porco, fazem-nas ingerir hormônios produzidos por bactérias. Os implantes e as próteses confundem a fronteira entre o que é mineral e o que está vivo: óculos, lentes de contato, dentes falsos, silicone, marcapassos, próteses acústicas, implantes auditivos, filtros externos funcionando como rins sadios (Lévy, 1996:30).

Para se atualizar, o corpo se fragmenta, se desterritorializa, cada minúscula parte corre de um a outro organismo, se funde a outros corpos, interage com peças eletromagnéticas. Cada pedaço se torna carne pública numa espécie de rede internacional. O corpo se fragmenta para se ornamentar. Por isso, cada parte retorna ao indivíduo transplantado, repotencializado, reintegrado. Cada um se abre e se modifica para fazer parte de um corpo coletivo, híbrido de real e ficção, de sombras e matrizes.

Assim como compartilhamos desde o tempo dos afonsinos uma dose de inteligência e de visão do mundo com os que falam a mesma língua, hoje nos associamos virtualmente num só corpo com os que participam das mesmas redes técnicas e médicas. Cada corpo individual torna-se parte integrante de um imenso hipercorpo híbrido e mundializado. Fazendo eco ao hipercórtex que expande hoje seus axônios pelas redes digitais do planeta, o hipercorpo da humanidade estende os tecidos quiméricos entre as epidermes, entre as espécies, para além das fronteiras e dos oceanos, de uma margem a outra do rio da vida (Lévy, 1996:31).

06. Para Lévy, ao se virtualizar, o corpo se multiplica, sai de si mesmo, embora sempre gravite ao redor de si. Ele adquire novas velocidades e potencialidades, conquistas novos espaços. Desmaterializar-se e rematerializar-se são duas dimensões de um mesmo acontecimento: a sua atualização.

A virtualização do corpo não é portanto uma desencarnação mas uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação, uma vetorização, uma heterogênese do humano (Lévy, 1996:33).

O corpo desliza entre todas as interfaces contemporâneas de comunicação. Ele próprio é nômade e absorve cada transformação como necessária e complementar uma da outra. Virtualizado, encontra a dimensão do possível, a sua latente e indefinida razão de ser.

Submeter o corpo individual às contínuas formas de atualizações, perseguir modelos, construí-lo efemeramente como matriz, se tornou um acontecimento típico do final do milênio. A mídia e a publicidade condicionam a perseguição inveterada e individual para que a atualização aconteça. Sem ela, nesse mercado *on line* do corpo virtualizado, o homem passa a ser um desqualificado.

A mixagem homem-máquina se configura como um qualificador da corporeidade humana, uma coevolução. Nela, a engenharia genética e as nanotecnologias são realidades que promovem a atualização biotecnocientífica como um acoplamento qualificador do organismo, enriquece e revitaliza as suas atividades e a própria existência.

Meu corpo pessoal é a atualização temporária de um enorme hiper corpo híbrido, social e tecnobiológico. O corpo contemporâneo assemelha-se a uma chama. Frequentemente é minúsculo, isolado, separado, quase imóvel. Mais tarde, corre para fora de si mesmo, intensificado pelos esportes ou pelas drogas, funciona como um satélite, lança algum braço virtual bem alto em direção ao céu, ao longo de redes de interesses ou de comunicação. Prende-se então ao corpo público e arde com o mesmo calor, brilha com a mesma luz que outros corpos-chamas. Retorna em seguida, transformado, à sua esfera quase privada, e assim sucessivamente, ora aqui, ora em toda a parte, ora em si, ora misturado. Um dia, separa-se completamente do hiper corpo e se extingue (Lévy, 1996:33).

A resplandecência virtual da corporeidade está associada ao desejo, pessoal e social, de intensificar as sensações em todas as experiências cotidianas. Ela se manifesta imediatamente em cada indivíduo, em suas práticas esportivas, performances publicitárias, no pavoneamento de um corpo glorioso permanentemente atualizado para estar sempre em forma e repleto de vigor.

07. No universo interativo das redes de comunicação -- ciberespaço -- interessa a construção/disseminação ininterruptamente atualizada de um modelo de corpo a ser amplamente perseguido e produzido pelos indivíduos. A virtualização do corpo, híbrido do individual com o social, como defende Lévy, encontra nesse contínuo a sua conectividade geral. Ela é instrumentalizada pela superação da fronteira entre o corpo físico e os fantasmas e as matrizes vinculados pela mídia eletrônica.

Guillaume vê aqui o organismo como um grande hipertexto, simbiótico com o ambiente digital das redes eletrônicas. Para ele, não é mais o corpo físico que estabelece e determina as interações mas os seus espectros.

Aos rasgões do tecido da linguagem e da representação, que Wittgenstein tenta relatar pela noção de jogos de linguagem, respondem os “jogos de corpos”, se

se entende assim a decomposição dos invólucros corporais do indivíduo em múltiplos espectros (Guillaume, 1993:62).

O homem espectral é um herói ordinário e anônimo, característico do nosso tempo. Despojado de uma perspectiva real, na fragmentação midiática, ele pode ser visto como uma ficção, mas uma ficção híbrida, que funciona no interior da verdade.

O mesmo ocorre com o corpo. Qualquer detalhe anatômico se dissemina e se atualiza nas novas formas de expressão e de comunicação. O corpo espectral é esse híbrido do real com o fictício, do presente com o ausente, do que se é com o que se gostaria de ser. Mas essa ficção do corpo é real, uma vez que é interconectada por todas as técnicas médicas habilitadas a fundir uma dimensão na outra.

As indústrias da informação e da comunicação, da imagem e da ficção estão no centro dessas evoluções. Elas contornam o real e suas imposições -- o tempo, o espaço, o corpo -- substituindo-os por uma simulação generalizada onde se aniquilam a lentidão, a distância e todas as formas de excesso e de singularidade (Guillaume, 1993:62).

A espectralidade da sociedade, comunicação e do próprio corpo do indivíduo, protegida e sideralizada pelas telas que compõem a paisagem eletrônica da atualidade, aprofunda o fascínio pela interação, o gosto pela equivalência. E o homem, inserido no meio das máquinas e das organizações, é um modelo construído e animado pelos seus espectros.

08. Guillaume se refere a uma irradiação branca dos espectros que assedia cada um dos viventes. No universo excessivamente exposto da mídia, o contágio dos cânones demonstra como é possível realizar a ficção para se construir um real corpóreo diferente. E a arma invulnerável e fatal é a sedução.

Os espectros são tudo isso ao mesmo tempo: as individualidades com facetas dentro de um universo social fragmentado; as personalidades indefinidas, incorporando a realidade à ficção, dispersas segundo componentes e papéis múltiplos, cujos atos entretanto se organizam segundo um campo de forças invisíveis. Nós todos somos espectros, de uma maneira ou de outra, porque a

espectralidade é o princípio de adaptação de nossas práticas cotidianas a um mundo que perdeu a sua coerência e sua unidade simbólica (Guillaume, 1989:28-29).

Construir-se como espectro é render-se à articulação contagiante e irradiante de um universo no qual só as figuras híbridas podem sobreviver. A recomposição do corpo é fruto de alianças -- a adaptação ou atualização, como sugere Lévy -- entre a “carne” biológica e a “carne” tecnológica. Na paisagem espectral contemporânea não tem mais importância uma ou outra dessas duas dimensões. Cada indivíduo se torna, ele mesmo, a transição. É nesse momento eterno que a imitação contagia cada sujeito exposto às imagens, provisoriamente perfeitas e simultaneamente irradiadas, dos modelos produzidos tele-industrialmente.

No corpo-espectral já não predomina a forma, mas a imagem cultuada na publicidade. Nela, o homem é satelitizado, uma ficção em tempo real. Essa espectralidade é uma experiência de linguagem.

A espectralidade é uma maneira de aceitar e de viver formas novas de presença de si mesmo e dos outros. Quando as imposições da comunicação ordinárias se atenuam, quando dispositivos técnicos permitem a abolição do contexto e em particular da presença corporal, nada mais proíbe tratar o real no modo fantasmático e fantasioso, construir nele “cenas” e encenações (Guillaume, 1989:26-27).

Para Guillaume, a sociedade espectral inventa o real como ficção híbrida. Aqui também existe uma total fusão dessas duas dimensões das experiências humanas. Quando se trata do corpo individual algo semelhante ocorre. E o processo é infindo porque se alimenta de todas as formas de nomadismo que se justapõem ao presente do organismo.

De um lado, todas as experiências corporais passam a ser possíveis e concretizadoras de um modo de vida baseado no excesso das ficções telemáticas e, de outro, é indispensável que um corpo espectral se irradie nas telas para que o real, quase sempre defasado, insatisfatório e cada vez menos desejado, possa nele interagir e construir a sua própria existência como uma aparição luminosa.

09. O modo de vida oscilante entre as sombras e as matrizes, a atualização contínua do corpo ou a moldagem de si mesmo como espectro, são maneiras diversas de traduzir uma mesma condição do homem e seu corpo na atualidade: a de que, inventado como ficção híbrida, ele vive a singular condição de interagir com a diversidade de realidades corporais.

Para Guillaume, existe no organismo que conjuga as ficções híbridas um modo de exotismo resplandecente. O biológico reestruturado pelas técnicas dos transplantes e implantes, se entercruza com as tecnologias da informação, de síntese, de comunicação. O corpo é mídia. E o exotismo é esse próprio modo compulsivo e passional de cada indivíduo construir a sua corporalidade por combinação acelerada de recursos tecnocientíficos. A consequência é que todas as ambigüidades são possíveis e podem ser alojadas num mesmo ser.

O corpo, no domínio da informação e da comunicação, se irradia na instantaneidade das transmissões. Ele sobrevive da sua super-exposição, de uma hipertransparência. A mixagem homem-máquina, carne e instrumentos técnicos, ininterruptamente revisada e reconstruída, mostra que o corpo se tornou o lugar das mutações biotecnológicas. Nas clínicas, academias de ginásticas e, principalmente, na mídia, floresce a banalização das novas fusões entre o corpo humano e a eletrônica. Quanto mais a mesclagem do humano com o inumano se tele-irradia, mais os indivíduos relativizam antigas aversões ao progresso técnico.

Guillaume destaca o aspecto da sedução e do fascínio que envolve multidões diante das técnicas cada vez mais eficazes na realização das mudanças físicas. E todas elas são reivindicadas porque prometem e realizam os desejos de potencialização física, em que o corpo espectral rende sempre mais. Essa inflação de rendimento corporal se torna o eixo primordial da construção dos modelos que refletem o bem-estar individual.

10. Nas análises de Anders, Lévy e Guillaume, a mídia irradia os modelos do corpo que sempre estão à beira da perfeição. Um ideal que contagia a todos e sobrevive da busca incessante de novas realizações, atualizações, metamorfoses.

Se, de um lado, a irradiação midiática dos modelos contamina multidões na sideralidade do aperfeiçoamento corporal, de outro, é também contaminada pela ascensão de sujeitos à condição de novos cânones. Nos meios eletrônicos, a irradiação, o contágio e a construção de novas matrizes também se mesclam. Um caminho de mão dupla.

Esses autores estão de acordo com o fato de que o mundo midiático superexposto está além das interpretações sobre a irradiação e o contágio. Não é mais o contágio que altera a realidade. Não existe mais hiato entre um modelo exposto e um sujeito seduzido e contaminado por ele. Essas duas dimensões, outrora separadas, também se fundiram. O espectador se tornou ator, gentil figurante interativo e é o próprio contexto, está dentro da cena.

Cada sujeito se torna um terminal telemático e se pluga nos satélites de comunicação. Em questão agora está a articulação entre os modelos. Se cada um se insere no rol das possibilidades das metamorfoses físicas e persegue ativamente um corpo espectral, indefinidamente sujeito a outras intervenções tecnocientíficas, é porque já se encontra articulado na sideralização de uma sintonia imediata com a lógica corpuscular resplandecente, no encadeamento das redes.

04. EXCESSOS

Não são a necessidade e a raridade, mas seus contrários, o luxo e o excesso, a origem dos problemas fundamentais da humanidade. Nada resta às sociedades humanas além da submissão a essa fatalidade do excesso.

Marc Guillaume

A lógica que estrutura o mundo contemporâneo e na qual o culto ao corpo encontra sua espetacular devoção é a velocidade. Este vetor-síntese da era industrial-eletrônica se caracteriza por mudanças ultra-rápidas, a base da organização cultural, social, política e econômica das sociedades. Sob o signo da rapidez promovem-se a reconstrução e a remodelagem dos modos de vida. Por isto, para Virilio (1996b:57), a velocidade é a esperança do Ocidente e os povos esperançosos são aqueles a quem é permitido capitalizar a eficiência dinâmica.

A esperança esteve sempre presente na assunção das máquinas, desde a gênese da Revolução Industrial, no século 19, promove repercussões sobre o deslocamento dos corpos, as transmissões das mensagens e profundas modificações na forma de viver e pensar dos seres humanos.

Para Virilio, o lugar da técnica e das máquinas pode ser observado em três momentos complementares. O primeiro está associado ao incremento dos meios de transportes; o segundo, ao desenvolvimento dos meios de comunicação, e o terceiro, num momento especial para o homem deste fim de milênio, é a integração das máquinas que invadem e aceleram o corpo.

Por intermédio de um diálogo entre Virilio e Stelarc, demonstro que com as próteses estamos na era da colonização técnica do corpo. A mixagem homem-máquina é uma estratégia para se superar a deficiência locomotora promovida pelos avançados meios de transportes e de comunicação.

01. Desde o desenvolvimento da máquina a vapor aos motores elétricos e de combustão se aumenta constantemente a velocidade do deslocamento das pessoas. A evolução dos meios de transporte arrancou os homens de suas casas e os instalou em veículos cada vez mais potentes e sofisticados. As antigas e penosas viagens cederam lugar ao deslocamento frenético de milhares de pessoas em avenidas, cidades, países e continentes. A desterritorialização e o nomadismo se converteram em meio de vida para os que estão sempre de passagem.

Para Virilio, o deslocamento acelerado roubou dos homens a dimensão geográfica, o prazer em contemplar uma paisagem. Em contrapartida, ofereceu aos indivíduos uma nova forma de ver o mundo, com outros olhos, treinados para captar o relance, o aspecto fugidivo de tudo aquilo que fica para trás e rapidamente se desfaz no retrovisor dos veículos. O intervalo, o percurso da viagem, é progressivamente eliminado com o deslocamento hiperacelerado dos trens de grande velocidade e do transporte aéreo. Tornou-se possível ir de um a outro lugar sem passar por mais nenhum (Couto, 1990:153) e os sujeitos ficam cada vez mais próximos da instantaneidade.

Quando se vai a pé, numa peregrinação, de Paris a Chartres, é extraordinário o que há entre as duas cidades, o que se descobre de profundo, o espaço, a profundidade de sentido e de história que se descobre. Já quando se vai de carro, é um filme. Suponhamos que se vá de jato ou trem-bala, e o que restaria do percurso entre Paris e Chartres? Nada. A partida e a chegada. Tem-se, então, uma vez mais, uma aniquilação da qualidade de sentido desse intervalo. Esse intervalo é desacreditado, desqualificado (Virilio, 1989:137).

A velocidade dos meios de transportes permite que o homem pense a distância não mais em função dos quilômetros, mas em termos de tempo gasto na travessia. Quando o espaço se atrofia, vivemos a cronogeografia.

(...) geografia do tempo. A geografia do dia da velocidade, não mais uma geografia do dia meteorológico. Já agora, quando você volta a Paris de Los Angeles ou de Nova Iorque, em certas épocas você pode ver, através da janela, passando sobre o pólo, o sol poente e o sol nascente. Você tem o amanhecer e o anoitecer numa única janela. Essas imagens estereoscópicas mostram bem que o além da cidade geográfica é o advento da concentração humana no tempo da viagem. Esta cidade do além é a Cidade do Tempo Morto (Virilio, 1984a:17).

A urgência em abreviar a duração das travessias coloca os indivíduos e os meios de transporte numa situação crítica. Cruzar uma cidade ou atravessar um oceano em algumas horas já foi considerado algo extraordinário, hoje não é mais. O homem contemporâneo vive em estado de emergência. Qualquer tempo, por mais ínfimo, é sempre demais. Os sucessivos recordes de velocidade dos meios de transportes parecem não atender mais às necessidades e aos anseios atuais. E a velocidade imagética, aquela que permite ao indivíduo percorrer o mundo sem sair do lugar, passou a ser uma outra obsessão.

02. A partir da segunda metade do século 19, novos objetos técnicos se incorporaram à história da humanidade: o telefone, a fotografia, o cinema, a televisão e a indústria da informática, com suas redes integradas. A velocidade dos meios de transporte parece encontrar o seu apogeu nos meios de comunicação, por meio da multiplicidade de mensagens, informações e imagens que vivem da circulação entre os canais, as redes e os terminais eletrônicos.

A velocidade ganha outro ponto de referência. Não apenas as estradas, rotas marítimas e aéreas, mas sobretudo as ondas eletromagnéticas. Para os indivíduos, a viagem -- e também o trabalho, o lazer, o prazer e a existência -- é um ato de estar ligado, sintonizado, plugado. A rapidez das imagens, idéias, opiniões e modelos faz da mídia, sintetizada na televisão, o centro de um mundo que cria, gira, incentiva e solicita velozes mutações.

A circulação incessante de informações, mensagens e imagens que atravessam cidades, oceanos, continentes, estações espaciais e satélites de comunicação, que aparecem e desaparecem de uma infinidade de telas e canais de transmissão, produz uma nova lei segundo a qual é impossível alguém se desgarrar, parar, se desconectar. Hoje, estacionar é a morte e esta é a nova lei geral do mundo (Virilio, 1996b:72).

O imperativo da velocidade dos meios de comunicação coloca em circuito valores sociais baseados em critérios maleáveis, flutuantes, superficiais e valorizadores da contingência.

A velocidade é o triunfo do efeito sobre a causa, o triunfo da instantaneidade sobre o tempo como profundidade, o triunfo da superfície e da objetividade sobre a profundidade do desejo. A velocidade cria um espaço iniciático que pode implicar a morte e do qual a única regra consiste em apagar os vestígios (Baudrillard, 1986:11).

A rapidez é a tônica e o dinamismo dos meios eletrônicos e produz um estado contínuo de excitação nos indivíduos. O fascínio contemporâneo pela técnica, pelo movimento e pelas imagens, instala o homem no seio de tudo o que é provisório. Fazer parte da sociedade tecnológica é se encontrar num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo -- real e virtual -- e, por isso mesmo, é se deixar envolver pelo tufão das mudanças.

Importa, nesse contexto de um mundo determinado pela velocidade midiática, desenvolver a ação, o pensamento e os desejos por meio da proliferação, justaposição e disjunção. É preferir o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os arranjos móveis aos sistemas. É acreditar que o produtivo não é o sedentário mas o que é móvel.

03. No mundo sem fronteiras das redes de comunicação se inscreve um modo nômade de existir (Lévy, 1994:10). Esse jeito caracteriza o homem atual. De um lado, o nomadismo ainda está vinculado à antiga concepção de deslocamento, aquele em que o indivíduo atravessa um certo território.

(...) o nômade viajava realmente. Ele se deslocava e aproveitava a riqueza do espaço real. Por que os antigos eram nômades? Porque eles viviam da coleta da riqueza do espaço real, a colheita ou os rebanhos que pastavam e, quando haviam esgotado os recursos de uma pradaria ou de uma estepe, eles partiam mais adiante. Eram, pois, populações do espaço real. O homem contemporâneo é, em geral, um passageiro (Virilio, 1989:136).

De outro lado, Lévy denomina essa condição do homem passageiro como a mais expressiva forma de nomadismo tecnológico, baseado nos deslocamentos instantâneos, através dos circuitos eletrônicos-computadorizados. No contexto do mundo

eletrônico, ser nômade não significa deslocar-se fisicamente, mas viver acelerado, tecnicamente excitado. Mesmo quando o homem contemporâneo não sai do lugar vive inserido nessa aceleração absoluta. Ser nômade, portanto, é vivenciar a troca acelerada de idéias, posturas, valores e concepções de mundo. A condição do homem é a de um “imigrante do físico, da subjetividade, do imaginário” (Lévy, 1994:11).

04. O excesso de mutação traz para o homem uma espécie de inércia corporal. É cada vez mais possível viver acelerado, estar em movimento, sem se deslocar fisicamente.

(...) *a inércia tende a renovar a antiga sedentariedade*, a persistência das áreas urbanas. Com os meios de comunicação instantâneos (satélite, TV, cabos de fibra ótica, telemática...) *a chegada suplanta a partida*: tudo “chega” sem que seja preciso partir (Virilio, 1993:11).

E, um pouco mais adiante:

Qualquer que seja o vetor da conquista espacial (navio, submarino, veículo aéreo, foguete ou satélite de observação...) a máquina de observação é menos o veículo, o aparelho de deslocamento físico dos observadores do que a imagem, uma *imagem televisionada*. Com efeito, esta última tende a tornar-se o único vetor, em detrimento da engenharia dos transportes (Virilio, 1993:24).

Reforça-se na atualidade a condição de que o deslocamento exige a inércia física. É preciso estar praticamente imóvel em algum lugar para circular como imagem num universo puramente telemático. Por meio da imobilidade corporal se dá o êxtase da circulação.

Assim, se o século XIX no seu fim e o início do século XX viram a chegada do *veículo automóvel*, veículo dinâmico, ferroviário e depois aéreo, parece que o fim do século anuncia uma última mutação com a chegada próxima do *veículo audiovisual*, veículo estático, substituto de nossos deslocamentos físicos e prolongamento da inércia domiciliária que veria enfim o triunfo da sedentariedade, de uma sedentariedade definitiva, dessa vez (Virilio, 1990:42).

Chegar sem partir, projetar-se no tempo das transmissões e viver o dia-a-dia na mobilidade que a condição dos deslocamentos telemáticos exige, faz com que o corpo seja um empecilho à velocidade. No universo de imagens o físico, a materialidade tende a ficar cada vez mais para trás.

Agora, tudo chega sem que seja necessário partir. Depois da chegada restringida dos veículos dinâmicos, móveis em seguida automóveis, vem de repente a chegada generalizada das imagens e dos sons, nos veículos estáticos do audiovisual. A inércia polar começa. A conexão instantânea aparece no lugar dos intervalos de tempo das longas durações do deslocamento. Depois da chegada da *distância/tempo* em detrimento dessa do espaço, no século XIX, é agora a chegada da *distância/velocidade* da imagem eletrônica: *a parada sobre a imagem sucede ao estacionamento contínuo* (Virilio, 1990:46).

05. A inércia não condiz com o homem. Para Virilio, o homem é antes de mais nada um ser que se locomove. Para favorecer e ampliar a sua locomoção domesticou animais, criou veículos. Um inerente movimento que é a sua fonte de liberdade e se manifesta na garantia do direito de ir e vir, cada vez mais veloz. Enquanto a mediação da viagem era dada através das próprias pernas ou dos animais, o contato com o espaço e com a paisagem lhe proporcionava uma experiência direta do mundo. Um universo de velocidade natural, lenta, incapaz de dar conta das grandes e sonhadas dimensões.

Criar veículos -- mecânicos e eletrônicos -- são feitos que revolucionaram as condições das viagens. Porém, quanto mais os deslocamentos se aceleraram mais o indivíduo ficou privado do espaço e da sua condição de locomotor.

Cada partida é um afastamento que nos tira o contato, a experiência direta. O exercício da mediação veicular é só um esquiteamento, uma tortura do corpo locomotor, uma privação sensorial do passageiro. Levados, isolados na violência do deslocamento, alcançamos só a aceleração, ou seja, a perda do imediato. A velocidade, pela sua violência, se torna um *destino* e ao mesmo tempo uma *destinação*. Vamos para nenhum lugar, só partimos e só nos afastamos do vivo, em benefício do rápido e da rapidez (Virilio, 1984b:40-41).

Os modernos veículos, utilizados para o deslocamento das pessoas e das imagens, promovem a transmigração acelerada, vista e valorizada política e socialmente como uma

modalidade de progresso. Eles se mostram potentes, versáteis e performáticos mas vivemos uma fadiga dos membros locomotores.

No esforço para ampliar as suas habilidades locomotoras e mentais o homem procura se aliar às novas máquinas. Mas elas, de início, continuam fazendo parte de um mundo exterior. Os veículos passam a ser vistos como instrumentos capazes de ampliar e estender os membros, os sentidos e as capacidades intelectuais humanas (McLuhan, 1974). O carro, o trem, o navio e o avião ampliam o movimento das pernas, os computadores redimensionam a rapidez do raciocínio e o domínio de amplas áreas do conhecimento. Porém, o homem continua com as suas limitações corporais.

06. O corpo entrou numa fase de repouso. Porém, a gênese desse estacionamento corporal não está nas máquinas de agora, mas em época remota e se refere à própria invenção da montaria. A velocidade mecânica e eletrônica apenas leva aquele embrionário repouso ao excesso da imobilidade física atual.

O ato de deslocar-se por seus próprios meios corporais está em baixa. Quando o mundo inteiro, convertido em imagem, se presentifica nas telas, é cada vez menos necessário ir a algum lugar. O deslocamento físico vive o seu momento mais vertiginoso. A circulação é sempre mais virtual e o corpo cai no ostracismo. Sobrevivem os equipamentos eletrônicos, as tecnologias de telecomando e telepresença que eliminam as distâncias.

(...) a contração imóvel não atinge somente a área de deslocamento e de atividade produtora, como ontem ocorria com a burguesia urbana, ela atinge em primeiro lugar o corpo desse homem válido superequipado com próteses interativas, cujo modelo passou a ser o inválido equipado para controlar seu meio ambiente sem se deslocar fisicamente.

A poluição dromosférica é portanto aquela que atinge a vivacidade do sujeito, a mobilidade do objeto, atrofiando o trajeto ao ponto de torná-lo inútil. Deficiência maior, resultado ao mesmo tempo da perda do corpo locomotor do passageiro, do telespectador e da perda da terra firme, deste grande solo, terreno de aventura e de identidade do ser no mundo (Virilio, 1993:114-115).

Enquanto os veículos da velocidade estão fora do corpo e a cisão homem-máquina, por mais tênue que seja, impera como lugar da técnica, o indivíduo está sempre em

situação desfavorável. Mas essa posição se altera consideravelmente quando se compreende que o homem e a tecnologia não podem mais ocupar lugares distintos. Na sociedade tecnológica eles se interagem e o corpo humano torna-se o mais privilegiado lugar das tecnologias avançadas.

07. Virilio assinala que um dos objetivos da mixagem homem-máquina é a tentativa de vencer a inércia física que as tecnologias, até então separadas do corpo, impuseram ao homem. Para ultrapassar os limites físicos é preciso construir, tecnicamente, um metacorpo equipado com máquinas que se mostram capazes de estimular de modo eficaz as faculdades humanas, acelerando-as. Vivemos agora a era da colonização tecnológica do corpo. É a dimensão física, atrofiada, que se acelera e se redimensiona ao incorporar em si a potência e a velocidade dos aparelhos. Esta é a revolução das transplantações e implantações de micro-máquinas que encontram seu lugar dentro do homem.

Depois, de já há muito tempo, ter contribuído para a colonização da extensão geográfica do *corpo territorial* e da espessura geológica de nosso planeta, o recente desenvolvimento das ciências e das tecnociências chega hoje à progressiva colonização dos órgãos e das vísceras do *corpo animal* do homem (...) Efetivamente, hoje o *lugar das técnicas de ponta* não é mais tanto o ilimitado do infinitamente grande de um ambiente planetário ou espacial, mas o do infinitamente pequeno de nossas vísceras, das células que compõem a matéria viva de nossos órgãos (Virilio, 1996a:91).

O que possibilita a criação desse estado técnico de superexcitação física, que sucede os ritmos vitais, é o processo de compacturização das máquinas.

Essa miniaturização é um dos grandes eventos de nossa sociedade. O computador do início era enorme. Amanhã, poderemos dizer: “Você me dá o seu computador e o engulo como uma pastilha” (Virilio, 1992:31).

Máquinas menores, mais atraentes, fáceis de operar, permitem, num estágio já bastante popularizado, que sejam carregadas no pulso ou na ponta do dedo, o que antes se tinha sobre uma mesa e que, num passado muito próximo, chegava a ocupar salas inteiras.

A redução das dimensões físicas dos aparelhos permite que o homem os carregue consigo durante uma jornada. As máquinas já se tornaram uma espécie de vestimenta e o corpo passou a ser um ponto de apoio, um veículo, um meio locomotor e de transporte para as aparelhagens. É cada vez mais impossível a manutenção e o abastecimento dos corpos desprovidos da absoluta presença múltipla de objetos eletrônicos.

Fazer do corpo um suporte para os aparelhos eletrônicos é uma importante experiência de total intimidade dos homens com as máquinas. Isso quer dizer que o tempo das próteses primitivas, como a perna de pau, ficou para trás. As atuais são pequenos objetos, muitos deles acionados remotamente, controlados por computadores, ligados às redes de comunicação e satélites.

Assim como cada membro, a calculadora, o relógio digital, o telefone celular, a TV de quatro polegadas, o computador portátil ou de bolso, o *walk-man*, jogos e agenda eletrônica, controles remotos, *paggers*, sensores, amplificadores e microcâmeras são peças que ajudam a compor a aparência dos indivíduos -- seja um *office-boy* ou um executivo -- e configuram uma decisiva etapa da construção do corpo informatizado. Um corpo cuja extensão e potência estão sendo ampliadas incessantemente.

08. Ter os aparelhos eletrônicos como uma segunda pele é apenas uma dimensão do uso das máquinas. A interação homem-máquina não se completa enquanto os aparelhos estiverem instalados na superfície. Para Virilio, a mixagem e a aceleração só se dão quando esses objetos se deslocam, invadem e se instalam no interior dos organismos. A transplantação de órgãos e a implantação de micromáquinas é uma outra etapa da construção técnica do corpo que revoluciona a existência humana. Esse é o domínio da biotecnologia.

Para que o homem possa funcionar na mesma velocidade que as novas máquinas, ou seja, em tempo real, ao “vivo”, precisará introduzir “motores” no vivente. Para acelerá-lo (Virilio, 1992:32).

O corpo passa a ser alimentado pelas tecnologias que estimulam as suas faculdades. Elas são capazes de manter a estrutura física, revigorar membros e órgãos, acelerar a

inteligência, a memória, os movimentos, a percepção, o modo de ser, pensar e agir de cada indivíduo.

Desde a Revolução Industrial, e daquela provocada pelas transmissões instantâneas da era dos grandes meios de comunicação de massa, começa agora a última das revoluções, a dos TRANSPLANTES, o poder de povoar, digo, de alimentar o corpo vital com técnicas estimulantes, como se a física (a microfísica) se prestasse a concorrer a partir de então com a química da nutrição e com os produtos dopantes... (Virilio, 1996a:92).

Esse é o momento da realização do sonho humano do físico potencializado e alimentado pelas tecnologias. Esse corpo-prótese desenvolve e requer novas práticas nutricionais em que os estimulantes naturais são substituídos pelos químicos que, por sua vez, são também substituídos por outros puramente técnicos, favorecendo a mutação dos indivíduos.

Quando as máquinas-veículos se deslocam da superfície para o interior o corpo adquire nova função: passa a ser uma embalagem, um abrigo para os aparelhos. A tecnologia está deixando de vestir o corpo. Ele está se tornando uma vestimenta para as próteses.

“Quanto menor a ocupação da força humana, mais ela tende ao excesso”, escreveu Balsac, lembremo-nos em seu *Traité des excitants modernes*. Dessa forma não se pode mais separar o novo eugenismo da mobilização geral dos afetos, mobilização emocional que passa por uma fase de “motorização” do organismo em que o indivíduo torna-se subitamente a embalagem, o capô dos motores das micromáquinas suscetíveis de transplantar a vida e fazer a transfusão de seus influxos, graças aos programas informáticos (Virilio, 1996a:112).

O corpo resultante de uma montagem tecnocientífica atesta o dinamismo físico requerido na contemporaneidade. Qualquer membro ou órgão que demonstrar sinal de cansaço ou que provoque esteticamente algum desagradado pode ser substituído, novos implantes podem ser feitos, outras micromáquinas podem alimentar com mais precisão toda a elaborada simetria arquitetural do organismo.

Tanto as tecnologias que se colam à pele quanto as que servem de recheio estão se transformando em componentes do próprio corpo. Não são mais objetos estranhos, artificiais, invasores, mas uma outra “natureza” e “realidade” corporal. A mistura do técnico e do vivente elimina a antiga oposição entre o natural e o artificial. Segundo Virilio, já não se pode mais falar de um corpo estrangeiro que se aloja no organismo, uma vez que ele passa a fazer parte integrante da estrutura anatômica. Tem-se agora um ritmo estrangeiro que habilita o corpo a vibrar e a se movimentar em uníssono com a máquina. A simbiose homem-máquina permite que organismos sintéticos miniaturizados colonizem o corpo, modifiquem sua arquitetura e reajustem a consciência que cada um tem de si e do mundo.

09. Stelarc, um artista performático australiano, percebeu que a colonização da natureza, perseguida pelas civilizações e pela ciência, cede lugar, na atualidade, à colonização técnica do corpo. O sujeito que não se mescla com a tecnologia vive hoje o seu momento mais crítico de estacionamento e morte, pois se encontra em total descompasso com as necessidades e os ritmos que a nova era lhe impõe.

Quanto mais eu trabalho mais acredito que o corpo humano se tornou obsoleto. As tecnologias hoje são mais precisas e potentes do que o organismo das pessoas (Stelarc, 1992:26).

Para recuperar o seu lugar no mundo sem fronteiras e a sua locomoção, o homem precisa ampliar as suas limitações corporais por meio de máquinas incessantemente redimensionadas. Elas podem devolver sentido ao corpo e inseri-lo no universo técnico que prima por velocidade, resistência, potência, dinamismo e precisão. É importante para o sujeito deste fim de século entender que seu corpo precisa adaptar-se às circunstâncias tecnológicas.

Muito do trabalho performático de Stelarc está em demonstrar como a simbiose homem-máquina produz o corpo informatizado. Para ele, sem as máquinas o corpo está superado. Cabe à biotecnologia revisitá-lo e reconstruí-lo para adequá-lo às necessidades e desejos daqueles que enfrentam os atuais desafios de sobrevivência. A mixagem homem-

máquina aponta para a emergência de um modelo de corpo móvel e flexível, acelerado pelas próteses de comunicação. A própria experiência física de um organismo recheado de próteses, plugado a computadores, se converte em expressão artística e em paradigma do estatuto do corpo contemporâneo. Indagado sobre o que exatamente coloca em cena, ele responde:

Tento estender as capacidades do corpo utilizando a tecnologia. Utilizo, por exemplo, técnicas médicas, sistemas sonoros, uma mão robótica, um braço artificial. Nas minhas performances há quatro tipos de movimento: o movimento improvisado do corpo, o movimento da mão robotizada que é controlada pelos sinais dos músculos de meu estômago e de minhas pernas. O movimento programado do braço artificial, o movimento do meu braço esquerdo agitado, independentemente da minha vontade, por uma corrente elétrica. O que me parece interessante é, na verdade, a imbricação desses movimentos voluntários, involuntários e programados (Stelarc, 1992:26).

Stelarc demonstra como o corpo desenvolve movimentos lentos, pouco coordenados e precisos, na sua potência limitada. Existe uma saturação natural dos órgãos e membros que trava a disposição física. Mas, de outro lado, existe uma tecnologia que se cola à pele, invade o corpo e redesenha o homem. Ele não esconde o seu otimismo diante dessa perspectiva:

Agora, a tecnologia não explode mais longe do corpo, de maneira externa: ela implode e gruda na pele! Ela implode e entra dentro do corpo! É muito significativo e é talvez o evento mais importante da história do homem! Não de mandar tecnologias até outros planetas, mas de fazê-las aterrissar sobre nosso corpo. É gigante e no entanto nunca a importância desse evento foi sublinhada! (Stelarc, 1992:29).

Na visão do artista, o corpo informatizado -- principalmente no que diz respeito à construção técnica de uma outra epiderme que, como a roupa, pode ser feita sob medida -- capaz de proteger o interior do corpo-prótese e alimentar essa outra estrutura física, serve como interface ideal entre o sujeito e o mundo.

O simples fato de poder pensar essa possibilidade atesta o quanto o corpo natural perdeu o sentido e, ao mesmo tempo, vem à tona o imperativo da reivindicação e da

construção do corpo-prótese. Para Stelarc, esta perspectiva excitante significa o fim da evolução ou seleção natural dos indivíduos e o começo irrevogável da seleção artificial.

10. A lei da seleção artificial cria, segundo Virilio, o verdadeiro “entegrismo técnico”. Cabe a ela determinar as novas condições e motivações existenciais. De um lado, a construção desse indivíduo centra-se nos dispositivos capazes de alongar a expectativa de vida e melhorar quantitativamente a saúde e, de outro, no próprio desejo de viver revigorado pelas técnicas modelares, alimentares e cirúrgicas.

(...) Não queremos mais somente *viver melhor*, com o conforto e o consumo de bens ou de medicamentos, mas *viver mais fortemente*, desenvolver a intensidade nervosa da vida através da ingestão de produtos biotecnológicos que complementaríamos assim os alimentos e outros produtos químicos mais ou menos estimulantes (Virilio, 1996a:107).

A hiperexcitação é uma característica desse novo *design* do corpo, uma propriedade fundamental da aceleração que a transmutação energética acentua. A emergência não é mais a da economia, mas a do desperdício, cada vez mais constante nas práticas esportivas, modalidades de lazer, nos comportamentos humanos referenciados pela tônica do suor e em competições que buscam arrancar do corpo todas as suas energias, até atingir o limite máximo da resistência. E lá, onde se supõe o esgotamento, entra em cena o hiperabastecimento, a reativação pelas técnicas.

A imagem do corpo fatigado vive do seu desaparecimento. A aparência do *stress* é substituída pela transparência de um ritmo físico programado que libera o sujeito das condições de existência aprisionada nos limites tradicionais do esforço natural. O espetáculo da revigoração física e mental encontra, segundo Stelarc, o seu auge nas intrincadas fusões corpo/máquina que promovem a aceleração crescente dos reflexos e dos estímulos do ser animado.

Para Virilio, a questão da programação cibernética dos ritmos vitais destaca o domínio de mecanização que se aplica ao organismo humano. Para melhorar a performance

vital ou superar o desgaste causado pelas doenças e pelo envelhecimento, o homem fractaliza seu corpo.

11. Além da dimensão geométrica fractalizada, temos agora o próprio biorritmo, e o resultado não poderia ser outro senão o intercâmbio dos seres humanos e dos seus órgãos. O corpo se fragmenta para entrar no rol do intercâmbio. Stelarc acredita que num próximo amanhã será possível esvaziar o corpo humano e substituir os órgãos inúteis por novas tecnologias.

O intercâmbio de partes do organismo, cada vez mais viável por meio das cirurgias e de órgãos disponíveis em bancos de toda espécie, não são mais novidade. E os novos implantes, naturais e artificiais, são capazes de alimentar, com mais precisão, toda a elaborada simetria arquitetural do corpo técnico.

É a realização do sonho dos futuristas: o corpo animal do homem alimentado pela técnica, uma mistura entre o técnico e o vivo! Inventamos máquinas microscópicas que podemos ingerir, digerir, e que são, às vezes, biodegradáveis. Quando se fala de “domesticação”, “design dos comportamentos”, é verdadeiro através da música, dos transportes rápidos, do modo de viver, mas também através das biotecnologias que vão criar uma mistura entre o técnico e o vivo (Virilio: 1992:32).

O corpo fractalizado e intercambiável nos coloca a questão da sua própria nutrição como mais uma modalidade do ato de equipar tecnicamente a estrutura física.

Depois da ingestão de alimentos reconstituintes, frutos da agricultura, preparam para nos fazer digerir, nos alimentarmos de produtos dopantes de todas as origens, não somente *químicos* com a voga de excitantes modernos -- como o álcool, o café, o fumo, a droga ou os anabolizantes -- mas também *técnicos* com os produtos da biotecnologia, as *pastilhas inteligentes* capazes, diz-se, de superexcitar nossas faculdades mentais (Virilio, 1996a:93).

O objetivo das transplantações e dos recentes nutrientes técnicos é acelerar o corpo, excitá-lo de modo a suplantarmos o ritmo da vida conhecido até então. A superexcitação dos

indivíduos visa integrar os aspectos físico e o mental, aperfeiçoar os reflexos, construir a dinâmica vital pela hipervitalidade do sujeito.

Não iremos mais somente provocar o desenvolvimento dos músculos ou a flexibilidade das articulações através de exercícios rítmicos e dos produtos anabolizantes, mas estimular as funções nervosas, a vitalidade da memória ou da imaginação, promovendo uma reestruturação das sensações através das novas práticas mnemotécnicas (Virilio, 1996a:95).

12. Ao promover a integração do homem com a máquina nas mínimas particularidades e intimidades das vísceras, reviradas e transmutadas, a tecnociência elabora outras conexões físicas, um outro *design* que implode a aparência humana tradicional. No corpo informatizado cada vez mais sistemas adicionais são implantados para que o organismo seja regenerado e possa se expandir.

Stelarc encontra na configuração do metacorpo uma resposta para a indagação sobre o destino do corpo humano neste final de milênio. Na era das tecnologias virtuais, da imaterialidade, o corpo precisa estar além do físico, precisa ser metafísico. E a razão para a construção desse novo modelo de homem está na própria conquista espacial, quando nos dirigimos para um espaço extraterrestre.

Para o artista, mais que um desejo pessoal, trata-se de uma necessidade da espécie humana remodelar-se de acordo com as variações e situações novas que a conquista espacial nos apresenta. O corpo sempre esteve adaptado aos limites da nossa biosfera. Mas esses limites estão sendo superados. Quando o homem parte para conquistar outros espaços extraterrestres, inicia um roteiro de viagens interplanetárias e investe na construção de bases e cidades espaciais, necessita de um corpo assinalado pela longevidade, capaz de passar de uma biosfera a outra com uma forma física adequada, ideal e válida.

O que eu preconizo não é adaptar o espaço ao nosso corpo, mas, ao contrário, remodelar nosso corpo em função de uma situação realmente nova. A questão é: como remodelar uma fisionomia humana “pan-planetária”? Em outros termos: como modelar um corpo humano para que possa existir nas condições variadas de atmosfera, de gravitação e de campos eletromagnéticos? Devemos

“desenhar” um corpo que seja mais modulável, que tenha um metabolismo mais resistente, que tenha uma longevidade maior (Stelarc, 1992:27-28).

No cotidiano, as pessoas já estão envolvidas com muitas técnicas que possibilitam uma vida mais longa num corpo sempre mais jovem e forte. Para Stelarc, a realidade atesta o quanto muitos indivíduos se dão conta que o organismo precisa ser reestruturado para se adaptar a toda sorte de mudança ambiental por onde ele, em velocidade, transita. É apenas o começo da equipagem técnica que envolve a construção do corpo. Está mesmo em questão é a radical extensão da duração da vida.

É um imperativo pós-evolutivo, uma necessidade. O corpo tem que viver mais tempo. O problema hoje, com as viagens espaciais, não é de ordem tecnológica, mas de longevidade do corpo humano. As viagens entre os planetas se medem em anos-luz. Então, se freia geneticamente o metabolismo e se congela o corpo para ele chegar em condições válidas, ou se aumenta a duração da vida do corpo para não ver a sua existência limitada a 70 ou 90 anos. Não quero dizer que é necessário viver 200 ou 300 anos. Se trata só de uma extensão radical da duração de nossa vida (...) Eu acho que é uma das condições da necessária extensão da inteligência além da Terra (Stelarc, 1992:28).

13. Para Virilio, o corpo se adapta para sobreviver às pressões do meio natural, cujas condições são dadas pela biosfera. As próteses da era industrial invadem o organismo para corroborar esse incessante processo de adaptação. Já as próteses da era virtual, desmaterializadas, garantidas pela manipulação genética e pela informática, estão a serviço da construção do metacorpo, capazes de enfrentar as pressões artificiais da tecnosfera. São próteses interativas que funcionam em tempo real. E aqui o corpo só resiste e funciona por causa dos excessos, dos estimulantes e dos excitante tecnológicos.

Virilio enfatiza que na história da aceleração este é um momento decisivo. O corpo se libera das condições de existência tradicional para se inserir na velocidade absoluta das teletecnologias. No contexto emergencial do metacorpo ele indaga: como podemos nos situar?

Talvez uma resposta seja possível nas análises de Stelarc. Para ele, as implicações da tecnologia como parte integrante do corpo humano tendem a elaborar um outro *design*

físico com dimensões ainda desconhecidas. Entretanto, um exercício de imaginação já nos fornece um desenho do que poderá ocorrer. Como as estruturas externas e internas vêm se alterando radicalmente, o primeiro passo é questionar a função de órgãos, membros e vísceras. Serão elas ainda necessárias?

O que aconteceria se a gente pudesse ter uma nova pele rica de duas propriedades: respirar o oxigênio diretamente através dela, conseguir a fotossíntese, ou seja, poder transformar os raios do sol em alimento? (...) Com uma tal pele não se precisaria mais de boca para mastigar, de um esôfago para engolir, de um estômago para digerir, de pulmões para respirar... (Stelarc, 1992:29).

14. Além da possibilidade de ultrapassar a estrutura tradicional do corpo, talvez a principal ruptura seja com a duração da vida, entre dois limites existenciais: o nascimento e a morte. A eterna juventude não será possível enquanto a ciência estiver apenas tentando esticar o fio da vida que permanece preso a tais extremos.

Numa era pós-evolutiva, de invenção tecnológica, de remodelagem do corpo, por que quereríamos um nascimento? Por que precisaríamos da morte? Se podemos deixar a terra, aumentar a duração da vida não mais colocará problemas de espaço. É um problema hoje se a população não cessa de crescer. Mas não se deixarmos a nossa biosfera (Stelarc, 1992:29).

E ainda,

Então, tecnicamente, não temos mais “nascimento”: a vida não começa mais com o nascimento! E se, paralelamente, podemos trocar os elementos que funcionam mal no nosso corpo por peças artificiais então, tecnicamente, fora uma catástrofe, não se tem mais razão de morrer! Assim, a vida não começa mais com o nascimento e não acaba mais com a morte! (...) É uma noção fantástica, não é? (Stelarc, 1992:28).

Virilio acredita que aqui as referências míticas são essenciais para se compreender as teletecnologias. Estamos deixando de lado os atributos humanos para conquistar pela técnica os divinos, começando pela imediaticidade, instantaneidade, onipresença e se

aproximando da vida eterna, sem começo e sem fim, aquém do nascimento e além da morte. Nada disso seria possível se não vivêssemos a era da completa valorização do corpo técnico.

Para Virilio e Stelarc, quanto mais nos desgarramos da terra, que é sempre a referência básica existencial e física, mais nos separamos do nosso corpo. Deixamos para trás os suportes materiais e as experiências imediatas para nos exilar na imaterialidade de um novo outro-mundo, um novo outro modelo corporal, num eterno presente da contínua atualização. Assim, o super-homem de Nietzsche é concretizado como homem-planeta:

O homem torna-se um homem-planeta, um corpo planeta. Quando o homenzinho sai da nave e flutua no céu, ele se torna um planeta. Nesse ponto, exige um desejo de se tornar autômato (Virilio, 1992:33).

15. A construção desse corpo planetário, na concepção de Stelarc, tem algo de extraordinário, pois acontece dentro do homem, independente do modo como ele poderá de fato vir-a-ser. O importante é a compreensão de que a tecnologia hoje está inserida no corpo e faz dele um completo devir. Diante da mixagem homem-máquina o artista performático é um otimista.

Já o teórico procura ser mais cauteloso. Ao reconstruir perfeitamente o corpo, o homem-planeta reinventa a si mesmo como um deus-máquina. Será esta a plena liberdade, a realização do sonho dourado do paraíso reconquistado e da vida para sempre e mais um dia? Virilio parece acreditar que, contrariamente, o homem talvez esteja construindo para si mais uma enrascada.

Eu tenho vontade de dizer que esse homem-planeta é o seu próprio campo de concentração! Ele é idealmente sozinho (Virilio, 1992:33).

16. Nesse movimento sideral o novo corpo técnico está inserido. Um modelo físico ainda possível devido ao seu caráter inerente de metamorfose. O corpo equipado de máquinas, a intra-estrutura do vivente, vive do seu imperativo, que é a velocidade.

Depois da *superestrutura* e da *infra-estrutura* ontem, pode-se prever a partir de então um terceiro termo, a *intra-estrutura*, já que a recente miniaturização nano-tecnológica favorece agora a intrusão fisiológica, ou mesmo a inseminação do ser vivo pelas biotecnologias (Virilio, 1996a:91).

A partir dessa análise de que o lugar da técnica é no interior do organismo, Virilio distingue duas modalidades de corpo ao procurar responder à questão se é possível parar, não enfrentar esses desafios.

Primeiro, continua a existir um corpo inválido que se cerca de próteses para controlar o seu meio sem se deslocar fisicamente. É o homem que opta pela inércia, que insiste em parar, em fugir das leis da aceleração. É o sujeito que usa as máquinas para potencializar e estender as funções corporais, mas que também deseja fugir delas em muitos momentos. Na visão de Stelarc, o indivíduo insiste na escolha de um corpo superado, que vive à margem, sempre em desvantagem, cada vez mais obsoleto e inútil.

Segundo, podemos ter um corpo válido, superequipado de telecomandos de todo tipo. Esse é o homem que escolhe se submeter à fatalidade e ao luxo do excesso, ao prazer de estar sempre testando, expandindo e superando seus limites físicos. O corpo válido é aquele sempre atualizado. A construção do corpo informatizado não é uma etapa, mas um processo sem vislumbre de fim. Ele é, em si mesmo, sideral e valoriza a forma nômade da corporalidade.

Sob a era da obsessão do corpo perfeito, quando a estrutura anatômica dos indivíduos se converte em pura linguagem e está protegido e integrado às novas próteses de comunicação, o risco maior, segundo Stelarc e Virilio, está sempre longe da perseguição da forma física camaleônica. Ele se configura na recusa ou na impossibilidade de alguém manter-se com um corpo tecnicamente adequado. Pois, deste modo, tanto os órgãos e os membros como a mente e os ritmos humanos serão insuficientes, anacrônicos. Aquele homem, cujo corpo não esteja integrado na performance dos aparelhos técnicos, será um novo excluído da sociedade tecnológica.

05. APOTEOSE

A máquina governa. A vida humana é rigorosamente acorrentada por ela, submetida às vontades terrivelmente exatas dos mecanismos. Essas criaturas dos homens são exigentes. Reagem agora aos seus criadores e os moldam segundo elas. Precisam de humanos bem adestrados, apagam pouco a pouco suas diferenças e os tornam apropriados a seu funcionamento regular, à uniformidade de seus regimes. Elas fazem, portanto, uma humanidade para seu uso, quase à sua imagem

Paul Valéry

A investigação sobre a metamorfose do corpo e suas próteses não pode ignorar uma questão estética. Qual é a aparência do homem-máquina em construção? Teóricos como Favaro e Baudrillard acreditam que a força desse problema reside no fato de que muitos tendem a conceber os objetos técnicos nos moldes como eles eram construídos no período áureo da Revolução Industrial.

A imagem da máquina esteve associada ao artificial, mas está mudando. O seu aspecto material, a sua corporalidade, vem sendo alterada radicalmente em função da compacturização e da desmaterialização. As próteses da era eletrônica são cada vez mais imateriais, primam por inteligência e memória. Sua recente característica é a invisibilidade.

O suporte físico das máquinas, na sociedade tecnológica, é cada vez mais reduzido e a tendência é facilitar a correspondência entre o animado e o inanimado, o fora e o dentro, o material e o imaterial, sem que para isso seja necessário alterar a aparência humana que muitos preferem preservar. As próteses da era da informática estão mais para a virtualidade e a transparência do que para o corpo, o visível e o aparente.

Como foi visto, a intensa mudança no corpo dos objetos técnicos, a sua redução microscópica, promove a interação homem-máquina dentro da pele. Com isso, a questão da aparência passa a ser minimizada e o que se persegue é uma hiperação corporal. Na performance física agora reside a questão estética, acredita Baudrillard. Busca-se o corpo forte, belo, jovem, veloz, preciso, e não a aparência robotizada, muito explorada na

literatura e no cinema de ficção-científica. A visão do homem com a imagem da máquina se mostra cada vez mais defasada e inadequada na era das próteses pós-industriais.

01. Marc Favaro (1986:07) enfatiza que pensar a máquina é pensar o humano. É possível investigar a evolução das máquinas do mesmo modo que se pode analisar a série evolutiva dos seres vivos. E um aspecto em destaque é a corporalidade, desde as características típicas do corpo de cada um, homem e máquina, passando pelo estágio das comparações e, finalmente, perseguindo a simbiose própria da biotecnologia.

As representações corpóreas da máquina estão basicamente asseguradas pelos ideais de resistência e precisão, em oposição ao corpo humano que relativiza essas características e se desenvolve na linha do que é apenas aproximativo.

Uma concepção física tradicional aponta o corpo humano nos limites da natureza, em que as mutações são essencialmente lentas. O corpo da máquina, em sua gênese, é adaptação, maleabilidade e, ao mesmo tempo, auto-suficiência. Importam não a sua forma, a sua imagem, mas aquilo que o suporte, sempre mutável, pode proporcionar em termos de desempenho.

Os modelos e as estruturas físicas das máquinas se ajustam de acordo com as funções de antemão determinadas, planejadas e programadas. Isso não quer dizer que não se busque a sua corporeidade ideal, reduzindo o seu tamanho, aumentando a sua potência ou aprimorando o seu *design*. Existe um cuidado estético no limite corpóreo de cada máquina, mas ele é sempre definido pela sua eficácia.

Em síntese, toda máquina -- a mais simples ou a mais complexa -- contém uma dimensão corporal estabelecida em três referências fundamentais: a sua materialidade, a organicidade interna que combina diversos elementos ou circuitos e a energicidade que garante o seu funcionamento.

Essa máquina apresenta, enfim, a particularidade de funcionar, o que supõe que ela tenha, além dos “órgãos”, uma energia que a faça, de maneira visível ou não visível, mover-se. Considerando a máquina em ação é que se representa da melhor forma como ela age -- ou interage, no caso das máquinas complexas -- no ambiente (Favaro, 1986:36).

Nas máquinas, o físico e o energético estão intimamente mesclados. As dimensões material e a imaterial formam um único corpo. Assemelham-se ao homem. Não por acaso a energética e o movimento são características consubstanciais do corpo-máquina.

Um imaginário fantástico promove há muito tempo o encontro permanente do corpo-máquina com o corpo-indivíduo no cinema, literatura, histórias em quadrinhos, jogos eletrônicos ou em estudos acadêmicos. Na filosofia, essa união remonta a Descartes e La Mettrie e está presente também nos escritos de Bacon e Galileu. Não é de hoje que filósofos da técnica insistem que não se pode ver as máquinas num único sentido, como positivo ou negativo, mas um complicado entrelaçamento de elementos humanos e desumanos, alienações e processos de libertação.

Para esses autores o entrelaçamento homem-máquina é a afirmação de um novo tipo de conhecimento. A valorização das artes mecânicas, desde o século 17, só comprova a difusão dessa idéia. Incentivava-se o abandono da concepção meramente retórica ou contemplativa do saber e a prioridade no estudo das técnicas e das máquinas emergentes. De lá para cá não é raro encontrar análises comparativas entre o corpo-máquina e o corpo-indivíduo, dos homens e dos animais.

A máquina nos coloca, pois, em presença de alguma coisa que se assemelha ao que é vivo. Nisto, a ação que ela permite sobre a matéria, este “princípio hylarchique” que ela encarna num primeiro exame, objetiva uma referência necessária ao homem cujo teor não consegue esgotar-se na única explicação funcional (Favaro, 1986:37).

02. No domínio contemporâneo da ficção científica um elemento sempre presente, e que alimenta imaginários, é o que elucida o desejo de que as máquinas sejam de alguma forma humanizadas.

O desejo é expresso, segundo Favaro, nas discussões calorosas sobre o caráter antropomórfico das máquinas, desde o século 18, quando os primeiros autômatos foram construídos. Data desse período um esforço contínuo para atribuir aos objetos características próprias dos homens. Na atualidade, o mesmo enfoque se faz presente nas análises que envolvem a mixagem homem-máquina, sobretudo no que se refere à aparência tradicional dos robôs industriais, cada vez mais desprezada.

Nos velhos autômatos, o que se buscava era um mecanismo digno de admiração que reproduzisse os movimentos e as atividades dos seres vivos. No homem-máquina atual não se persegue a mera simulação, mas o aperfeiçoamento do corpo pelos dispositivos técnicos. Em todo caso, a questão da corporalidade, em meio às diversas diferenças tecnológicas que estabelecem um abismo entre a capacidade física dos antigos autômatos e dos atuais robôs, revela que eles têm em comum o fato de que a referência primordial é o corpo humano (Favaro, 1986:40).

Mesmo com essa semelhança, Baudrillard traça a diferença entre o autômato e o robô, entre um simulacro de primeira ordem e um outro de segunda.

Um mundo separa esses dois seres artificiais. Um é contrafação teatral, mecânica e relojoeira do homem, a técnica é aí inteiramente submissa à *analogia* e tem o efeito de simulacro. O outro é dominado pelo princípio técnico, é a máquina que prevalece nele e, com a máquina, é a *equivalência* que se instala. O autômato diverte o cortesão na companhia de seus pares, ele participa do jogo teatral e social de antes da Revolução. O robô, como seu nome indica, trabalha: findo o teatro, é a mecânica humana que começa. O autômato é o *analogon* do homem e permanece seu interlocutor (ele joga xadrez com ele!). A máquina é o *equivalente* do homem e se acrescenta a ele como equivalente na unidade de um processo operacional (Baudrillard, 1996c:69).

03. Desde a Revolução Industrial o aperfeiçoamento dos objetos técnicos se desenvolve, de um lado, na busca da precisão, velocidade e resistência e, de outro, numa crescente tentativa de acentuar o antropomorfismo. Muitas vezes a máquina é vista como uma criança em processo de aprendizagem e adaptação ao mundo dos vivos. Um dos critérios que parece favorecer a convivência entre os dois é uma semelhança cada vez maior da constituição física. São populares os robôs que exibem braços e pernas coordenados em movimentos -- mesmo quando inicialmente desbaratados -- como andar, reproduzir gestos e fala, por meio das conquistas mais recentes da inteligência artificial.

Para Favaro, esse é apenas um lado do antropomorfismo que interpela o corpo e transporta para as máquinas as características humanas. Existe simultaneamente uma outra dimensão inversa: aquela que faz com que o homem deseje e absorva as características

inerentes das máquinas. A idéia é a de que também se veja o homem como um sofisticado mecânico.

A aproximação entre corpo e máquina, particular à atitude inversa do antropomorfismo, ocasiona um efeito de retorno especular que inverte desta forma este postulado de princípio, assimilando a máquina à um reflexo do humano. Então é este último que se torna reflexo para a máquina (Favaro, 1986:46-47).

A construção do corpo técnico carrega um questionamento fundamental sobre a forma física. Traduz o desejo que os homens manifestam em intercambiar com as máquinas as características específicas de cada um. A ambigüidade do antropomorfismo, apontada por Favaro, está no esforço humano em criar máquinas cada vez mais parecidas consigo mesmo e em se transformar num sujeito capaz de absorver o dinamismo dessas criaturas, inclusive o de sua forma física mutante. O antropomorfismo é a evidência da aspiração humana em promover a simbiose entre os sujeitos e os objetos técnicos.

04. Baudrillard está de acordo com esse duplo antropomorfismo. Ele é importante para promover a mutação corporal, das máquinas e dos homens, e também para alterar a percepção que muitos ainda têm das aparelhagens.

A concepção da aparência metálica das máquinas é resultante de uma visão mecanicista, típica da era das próteses industriais. O receio de que a construção do corpo técnico dê ao homem a aparência de “RoboCop” está centrado no entendimento de que as próteses são estranhas, artificiais e, principalmente externas, com visibilidade total da materialidade que compõe a sua corporeidade.

No presente, o duplo antropocentrismo parece já ter cumprido a sua função. Ele se desenvolveu no período em que o corpo do homem era independente do corpo da máquina, por mais que certas semelhanças existissem entre eles. Mas esses corpos agora não estão mais distantes um do outro, são cada vez mais interdependentes, mesclados, imiscuídos. A presença de um no outro tende a não deixar vestígios. É por isso que Stiegler escreve:

A vida é um processo de evolução que se caracteriza, na verdade, por uma intensa diferenciação que pára no homem. O que faz o dinamismo do homem é,

portanto, a sua técnica, e não seu princípio de evolução corporal entre hoje, novamente -- mas, desta vez, pela técnica --, em uma fase de transformação, como se a diferença entre a técnica e o ser vivo tendesse a se apagar. Hoje, na verdade, parece que a técnica está em vias de ser interiorizada pelo próprio ser vivo (Stiegles, 1996:171).

Numa era que promove a mixagem homem-máquina, aquela anterior e distante visão do indivíduo fraco diante de aparelhagens potentes já não faz mais sentido. Não existe mais espaço vazio entre o humano e o técnico. É o que diz Latour:

Creio que cometemos dois erros simétricos: um diz respeito à definição do humano, visto como uma coisa frágil e maleável, como manteiga ou mel, que seria necessário proteger da objetivação. O outro se refere aos objetos técnicos, sobre os quais se pensa terem uma eficácia ainda mais forte e um proveito ainda maior porque estão protegidos da paixão, da subjetividade ou dos interesses sociais. Se partirmos desses dois pólos -- os humanos que é preciso proteger e vigiar como leite no fogo, e os objetos técnicos que é preciso proteger da dominação pelos interesses políticos -- será muito difícil, em seguida, juntá-los, pois eles não terão mais nenhuma relação entre si (Latour, 1996:155-6).

Onde existir alguma distância entre o humano e o técnico, a projeção antropológica floresce. De outro lado, quanto mais os dispositivos de um se fundem no do outro maior é a impossibilidade de mantê-la.

05. Não é difícil perceber o quanto os objetos técnicos estão perdendo a sua materialidade. A máquina energética, típica da visão biocibernética, busca o corpo ideal fora de um núcleo material. É a sua própria corporalidade que está sempre em xeque. Agora, o corpo do homem-máquina é uma construção telemática. Ele passa a ser concebido como estoque de informação e de mensagem, substância informática, e o corpóreo tende a se desfazer. Nas palavras de Baudrillard:

Estamos na era das tecnologias brandas, *software* genético e mental. As próteses da era industrial, as máquinas, ainda voltavam ao corpo para modificar-lhe a imagem, elas mesmas eram metabolizadas no imaginário, e esse metabolismo fazia parte da imagem do corpo. Mas quando se atinge um ponto sem volta na simulação, quando as próteses infiltram-se no coração anônimo e micromolecular do corpo, quando se impõe ao próprio corpo como matriz,

queimando todos os circuitos simbólicos ulteriores, sendo qualquer corpo possível nada mais que sua imutável repetição, então é o fim do corpo e de sua história... (Baudrillard, 1992:196).

A dimensão material da máquina não mais se expande; ela se encolhe, torna-se finita, restrita, cada vez mais imperceptível. Ao mesmo tempo, a sua dimensão imaterial, lógica, passa a ser a principal referência. Suas novas categorias consubstanciais são a energética e o movimento, isto é, a linguagem (Favaro, 1986:36).

Para Baudrillard, a ciência bio-físio-anatômica deu início ao processo de decomposição do corpo ao dissecar órgãos e funções. A consequência lógica desse processo não poderia ser outra que a desmaterialização das próteses, isto é, investir na genética microcelular.

Na visão funcional e mecanicista cada órgão não é ainda mais que uma prótese parcial e diferenciada: já simulação, mas “tradicional”. Na visão cibernética e informática é o mais pequeno elemento indiferenciado, é cada célula de um corpo que se torna prótese “embrionária” desse corpo. É a fórmula genética inscrita em cada célula que se torna a verdadeira prótese moderna de todos os corpos. Se a prótese é vulgarmente um engenho que supre um órgão deficiente ou o prolongamento instrumental de um corpo, então a molécula ADN, que encerra toda a informação relativa a um corpo, é a prótese por excelência, que vai permitir *prolongar indefinidamente este corpo por si próprio* -- não sendo ele próprio mais que a série indefinida de suas próteses (Baudrillard, 1991:127).

Ao deixar para trás a sua base material mecânica, as próteses abandonam também a superfície do corpo e, conseqüentemente, a sua antiga e real condição de modificar a aparência dos indivíduos. A partir daí torna-se preciso investigar como o corpo vive a metamorfose de ser concebido como prótese de comunicação, substância informática, estoque de informação.

06. Baudrillard faz uma distinção entre as próteses exotécnicas e as esotécnicas. As primeiras são externas e características da era industrial. São as tecnologias concretas, de forte impacto material concreto sobre a superfície de um corpo, sobre a sua imagem. As segundas, associadas à engenharia genética e à informatização dos seres, se ramificam no interior, são essencialmente íntimas e invisíveis. E esse estágio da construção do corpo é visto pelo autor como o último, o que reduz o indivíduo à sua fórmula abstrata, a uma

matriz, um código, onde todo o ser se condensa e se encerra. As tecnologias “moles” desmaterializam o corpo, das máquinas e do ser vivo.

Enquanto que as próteses da velha idade de ouro industrial eram mecânicas, ainda faziam o retorno sobre o corpo para lhe modificar a imagem -- elas próprias reversivelmente, eram metabolizadas no imaginário, e este metabolismo tecnológico fazia também parte da imagem do corpo. Mas quando se atinge um ponto de não retorno (dead-line) na simulação, isto é, quando a prótese se aprofunda, se interioriza, se infiltra no coração anônimo e micromolecular do corpo, quando se impõe ao próprio corpo como modelo “original”, queimando todos os circuitos simbólicos ulteriores, não sendo todo o corpo possível mais que a sua repetição imutável, então é o fim do corpo, da sua história e das suas peripécias (Baudrillard, 1991:129).

A metástase começada com os objetos industriais acaba, dessa maneira, na organização celular. O corpo modelizado é silencioso, mental. Suas próteses não passam mais pela superfície ou pelos orifícios, mas são em si mesmas integradas, resultantes da intervenção de uma fórmula, de uma matriz. Isso significa que a cena do corpo muda de modo irreversível de acordo com a tecnologia usada para construí-la. Mas só agora, com a biotecnologia, ela mesma intersticial e molecular, se dá a apoteose de uma mutação que nega a corporalidade.

Para Baudrillard, essa apoteose da construção da estrutura física é também o seu fim. Corpo e tecnologia passam a ser inextricáveis e o ápice dessa mixagem se dá nos terminais internos. O corpo encontra a sua saturação e fim porque tudo nele passa a ser supérfluo. Diante da miniaturização global das aparelhagens e dos dispositivos tecnoeletrônicos, a multiplicidade e a complexidade dos órgãos, dos membros e de suas funções vivem a inutilidade em seu tamanho, já que tudo agora se concentra no cérebro e na fórmula genética, e sozinhos definem a parte operacional do vivente.

07. O fim da cena do corpo parece ser uma consequência da sua atual inutilidade. Baudrillard acredita que ela é assinalada pela obesidade recorrente de todos os sistemas e modelos físicos atuais.

A obesidade é todo tipo de excesso produzido pelas próteses na anatomia dos seres. A reivindicação pelo corpo jovem, forte, energizado, gracioso e preciso culmina na

perseguição de um estoque suplementar dessas mesmas características. E o corpo aumenta no delírio de acumular cada vez mais, de modo insaciável, as potencialidades desejadas.

Essa obesidade estranha não é mais a de uma gordura de proteção, nem aquela do neurótico, da depressão. Não é nem a obesidade compensatória do subdesenvolvido, nem a alimentar do superalimentado. Paradoxalmente ela é um modo de desaparecimento do corpo. Desaparece a regra secreta que delimita a área do corpo. A forma secreta do espelho, pela qual o corpo vela por si mesmo e por sua imagem, é abolida, cedendo lugar à redundância sem freio de um organismo vivo. Não há mais limite, não há mais transcendência: é como se o corpo não mais se opusesse a um mundo exterior, mas procurasse digerir o espaço em sua aparência (Baudrillard, 1996b:25).

O obesidade é obscena porque traduz a sobra, o excedente, tudo aquilo que no corpo se tornou demais. Ao romper as estruturas, os limites, é como se o corpo estivesse farto da sua própria definição. Esse é um estado de delírio orgânico:

O obeso também está pleno desse delírio. Pois ele não é apenas gordo, com a gordura que se opõe à morfologia normal: *ele é mais gordo do que o gordo*. Ele não tem mais sentido numa oposição distinta e sim em seu excesso, sua redundância, em sua hiper-realidade (Baudrillard, 1996b:30).

A obesidade do indivíduo é um exemplo da peripécia do corpo que a prótese genética nos destina. Tudo aqui também deve ser demais. Demais a purificação das células, o circuito das informações, o estoque de mensagens. Assim como a pessoa se enche, aumenta, vive o seu êxtase num corpo excessivo, passa a ser símbolo de todo um sistema que incha incessantemente.

Portanto, não é a obesidade de alguns indivíduos que está em causa, é a de um sistema inteiro, é a obesidade de uma cultura inteira, quando o corpo perde sua regra e sua cena e atinge esta forma obscena da obesidade. Quando o corpo perde sua regra, sua cena e sua razão, ele atinge, ele também, essa forma pura e obscena que conhecemos, por sua operação visível em excesso, sua ostentação, seu investimento e superinvestimento e todos os espaços pelo social, não mudando nada no aspecto espectral e transparente do conjunto (Baudrillard, 1996b:26).

A obesidade é a saturação do sistema político, social, econômico e do corpo pelo excesso de informação, inflação galopante que engorda toda a estrutura. É a potencialização monstruosa porque ilimitada, além de toda barreira, de qualquer fronteira. O código genético, a prótese mais burilada, se converte na matriz de todas as obesidades estruturais. Por meio dele todo tipo de crescimento e reprodução torna-se possível e viável, porque nada mais é que um painel de comandos no desenrolar operacional da genética na era protética das redes comunicacionais.

O próprio corpo, telecomandado pelo código genético, não é mais que seu próprio terminal, nada mais lhe resta, conectado a si mesmo, que autogerir otimamente seu estoque de informação (Baudrillard, 1992:189).

08. O corpo visto como um painel eletrônico precipita o indivíduo em uma outra relação consigo mesmo, em uma diferente espécie de culto à imagem. Esse é o universo de uma modalidade psicobiológica desenvolvida por meio das tecnologias capazes de promover, pela autogestão dos corpos e dos prazeres, o sujeito digital.

A tecnologia psicobiológica, todas as próteses informáticas e as redes eletrônicas de auto-regulação de que dispomos oferecem-nos uma espécie de estranho espelho bioeletrônico no qual, a partir de agora, qual um narciso digital, cada um de nós vai deslizar no fio de uma pulsão de morte e precipitar-se na sua imagem (Baudrillard, 1992:190).

E acrescenta:

Projeção e sepultura no espelho do código genético. Não há prótese mais bela que o ADN, extensão narcísica mais bela que essa nova imagem conferida ao ente moderno, ao invés de sua imagem especular, sua fórmula molecular. É aí que ele vai encontrar sua “verdade”, na repetição indefinida de seu ente “real”, de seu ente biológico. Esse narcisismo, de que o espelho já não é uma fonte mas uma fórmula, é então também a paródia monstruosa do mito de narciso (Baudrillard, 1992:191).

É o fim da dualidade do ato de gerar. A clonagem elimina a mãe, elimina o pai, o embricamento dos genes, as diferenças. É uma matriz que “dá à luz” de modo operacional,

que se reproduz infinitamente. Por isso, para Baudrillard, esse narcisismo é frio. Ele não passa pelo espelho e, então, não passa pelo fascínio, pela sedução de si mesmo.

Não existe mais o mesmo. Tem-se a fractalização extrema do corpo, que perde a sua singularidade e a sua totalidade. Agora, cada segmento contém toda a informação necessária na fórmula mínima do indivíduo e pode ser segmentado em células adicionais. Em seguida, reproduzida segundo o seu modelo, na redundância exacerbada dos mesmos sinais. É o fim das diferenças que faziam o encanto aleatório dos indivíduos.

Segundo Baudrillard, o código genético é a derradeira prótese nas diversas etapas de construção técnica do corpo porque condensa o todo de um ser vivo, uma vez que toda a informação sobre o ser está aí contida. Esse artefato, a matriz genética, procede não mais por reprodução pura e simplesmente, mas por recondução dos seres idênticos, que são determinados pelos mesmos comandos.

O narciso digital convive menos com o espelho, fonte de toda a sua magia e encanto. Além de frio, ele é apenas uma paródia e se configura apenas como a quintessência das estratégias técnicas. Longe da imagem, a questão colocada em termos de convivência é a da materialização do duplo, da multiplicação perfeita de um ser, inteiramente realizada na clonagem. Ele se defronta e se encanta com a possibilidade de se ver reproduzido em série, tal como as obras de arte na era da reprodutibilidade técnica, segundo as análises de Walter Benjamin.

09. A hipótese benjaminiana é de que a reprodução mecânica de sons e imagens destrói automaticamente a aura da originalidade, o caráter único das grandes obras de arte. Na era da reprodução automática, tem-se a cópia sem original. É o início de uma estética da mesmice, principal característica da sociedade industrial.

Para o filósofo, vivemos a dessacralização da unicidade, da identidade. E aqui ele fala em perda da aura. A era é também de popularização das experiências e dos objetos artísticos. É cada dia mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, ao invés de meramente contemplá-lo à distância. É preciso que a magia do longe se quebre para que o convívio com as obras de arte se dê em larga escala. Ele explica as razões da mudança.

Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessa montanha, desse galho. Graças a essa definição, é fácil identificar os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura. Ele deriva de duas circunstâncias, estreitamente ligadas à crescente difusão e intensificação dos movimentos das massas. Fazer as coisas “ficarem mais próximas” é uma preocupação tão apaixonante das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através da sua reprodutibilidade (Benjamin, 1985:170).

Na sociedade massificada impera a padronização, anula-se a categoria da diferença e ainda a capacidade de se perceber o diferenciado. Benjamin vê a arte aurática como aquela da classe dominante satisfeita com a sua dominação. Para defender a popularização das manifestações artísticas ele se coloca a favor da destruição da aura através da reprodução mecânica. Por mais ambíguo que possa parecer, a perda da aura é um ganho das massas que podem, agora, usufruir e possuir os objetos reproduzidos em série.

A arte contemporânea será tanto mais eficaz quanto mais se orientar em função da reprodutibilidade e, portanto, quanto menos se colocar em seu centro a obra original (Benjamin, 1995:180).

A perda da referência da singularidade, do aqui e agora, permite que as obras passem do destino de sedução para o de reprodução e adquiram uma forma política. As obras reproduzidas mecanicamente -- e o maior fascínio do autor é o cinema -- não têm mais um original, mas uma matriz. Para Baudrillard, a matriz que reproduz em escala industrial as obras de arte encontra uma possível semelhança na matriz genética, capaz de

prolongar indefinidamente esse ser vivo por si mesmo, não sendo este mais que a série indefinida de seus avatares cibernéticos (Baudrillard, 1992:195).

10. Benjamin é um otimista. As massas só têm a ganhar com a reprodução em série das obras de arte. Mas diante da engenharia genética, da clonagem que promete reproduzir os vivos, da gigantesca prótese genética, a matriz perfeita, capaz de comandar os

objetos, as imagens e as pessoas, Baudrillard não se entusiasma. Para ele, a reprodução dos seres por meio da matriz mantém uma estreita relação entre o conceito do código genético e a patologia do câncer:

A metástase inaugurada pelos objetos industriais acaba na organização celular. Com efeito, o câncer é a doença que comanda toda a patologia contemporânea, porque *é a própria forma da virulência do código*, redundância exacerbada dos mesmos sinais, redundância exacerbada das mesmas células (Baudrillard, 1992: 197).

A patologia do câncer mostra que o homem saiu do seu estado de crescimento e amadurecimento para viver o de excrescência, que é o desenvolvimento incontrolável da proliferação. É o resultado da obesidade dos sistemas e do corpo. Baudrillard cita Susan Sontag para falar de uma “gravidez diabólica” do câncer, que é a dos dispositivos de informação, o exagero de tudo ser armazenado, de uma memória que precisa dar conta de todo o estoque de comunicação. A superprodução liquida o próprio sistema. Essa gravidez é diabólica porque se enche cada vez mais de si mesma, tem um movimento orbital e não consegue dar à luz a uma idéia ou a um fato. O sistema da obesidade supera a si mesmo e, para ele, não se encontra nenhum remédio.

Juntamente com o câncer, essa análise se completa com a AIDS. Quando o corpo se torna a sua negação, se constrói uma máquina virtual, os sistemas de defesa são enfraquecidos e os vírus dele tomam conta.

É lógico que a AIDS e o câncer tenham se tornado os protótipos de nossa patologia moderna e de toda a viralidade mortífera. Quando se entrega o corpo às próteses e às fantasias genéticas, desorganizam-se seus sistemas de defesa. Esse corpo fractal condenado à multiplicação de suas próprias funções externas é também condenado à demultiplicação interna das próprias células. Entra em metástase: as metástases internas e biológicas são simétricas das metástases externas que são as próteses, as redes, as ligações (Baudrillard, 1990a:70-1).

11. A inversão da modelagem é impossível. Todas as técnicas anteriores de construção e mecanização do corpo, incluindo a prótese tradicional e o transplante de

órgãos, ainda são feitas de fora para dentro, da superfície para o interior. Mas a clonagem é de dentro para fora.

(...) Mas que dizer da modelação mental pelos psicotrópicos e pelas drogas? É o *cenário do corpo* que fica mudado. O corpo psicotrópico é um corpo modelado “de dentro”, sem passar pelo espaço perspectivo da representação, do espelho e do discurso (Baudrillard, 1990a:128).

O corpo é sensorial, mas não é mais sensível. Ele vive pelo fato de ser conectado apenas sobre seus terminais internos e não sobre os objetos da percepção. É um corpo modelado de modo a poder se desligar do mundo que o cerca e encerrar-se numa “sensorialidade branca”.

Sem precisar mais dos contatos com o mundo, o corpo também não necessita mais do outro. É soberano. Vai de si a si mesmo. Aqui o narciso digital encontra também o seu fim, a ausência de referência e representação no reflexo do outro. Não se busca mais o outro, o diferente, mas o idêntico. O corpo como mensagem genética e substância informática se resume ao apanhado de cópias reproduzíveis pela receita.

O estágio da mutação técnica do corpo torna obsoletas certas inquietações recentes para as quais o homem sequer conseguiu vislumbrar respostas, como o problema da identidade. Baudrillard acentua que a revolução genética é, como muitas outras, paradoxal: com ela começa a indeterminação, a angústia e a confusão:

A revolução cibernética leva o homem, diante da equivalência entre cérebro e computador, à interrogação crucial: “Sou um homem ou uma máquina?”. A revolução genética em curso leva o homem à questão: “Sou um homem ou um clone virtual?” (Baudrillard, 1990a:31).

É uma questão que continua sem resposta, mas que traduz de forma exemplar o quanto a realidade objetiva das próteses tornou-se impalpável. A compulsão interativa da atualidade lança o indivíduo na vertigem da desencarnação, em que o homem expulsa a si mesmo, o corpo desaparece pela substituição virtual. Agora pode-se mergulhar na performance do inumano.

12. O corpo no contexto da aventura tecnológica, reduzido a uma matriz de mensagens que circulam na sua imaterialidade, encontra o seu fim. Mas o fim é mesmo possível? O que ele significa?

O corpo sobrevive na encenação e circulação de seus supostos efeitos. Fractalizado e desmaterializado, tudo o que resta dele são ruínas defuntas. Mas ele ali permanece. Por meio do giro absoluto sequer consegue desaparecer fatalmente. O homem se libera da sua corporalidade para, na existência virtual, alimentar as redes. O fim não é a morte ou o desaparecimento, mas a própria dispersão.

Nada mais (nem mesmo Deus) desaparece pelo seu fim ou pela morte, mas por proliferação, contaminação, saturação e transparência, exaustão e extermínio, por epidemia de simulação, transferência na existência segunda da simulação. Já não há modo fatal de desaparecimento, mas sim um modo fractal de dispersão (Baudrillard, 1990a:10).

A engenharia genética e a informática, como modalidades avançadas de mutação do corpo, apontam para a sua superação. As hipertecnologias transformam toda a matéria em virtualidade, em informação, em irradiação. A partir daí só é possível falar em corporalidade como uma ilusão. Só mesmo por meio de um faz-de-conta o corpo permanece, funciona e faz sentido.

O conceito-chave dessa Virtualidade é o da Alta Definição. Aquela da imagem, mas também aquela do tempo (o Tempo Real), da música (a Alta Fidelidade), do sexo (a pornografia), do pensamento (a Inteligência Artificial), do corpo (o código genético e o genoma) (Baudrillard, 1995:51).

Talvez a ilusão do corpo permaneça enquanto não nos for garantida uma outra forma de existência. Talvez ela não passe de uma manifestação do instinto de conservação. Mas, no novo projeto existencial da virtualidade o alibi não será necessário.

A questão é de saber se o projeto técnico da Virtualidade é uma função ascendente da espécie humana, ou um momento de seu desaparecimento vertiginoso (os dois não são incompatíveis)? Será que não teríamos inventado um meio muito enviesado de radicalizar nossa existência dando-lhe uma chance de desaparecimento total? Todas as outras culturas deixaram marcas. Nosso

próprio crime seria perfeito, pois não deixaríamos marcas e seria irreversível (Baudrillard, 1995:62).

A hiper-realidade que nos precipita no domínio do inumano não promove a nossa ausência, mas a vertigem da desencarnação. Baudrillard está de acordo com Virilio. A possibilidade de viver sem um suporte físico significa que de fato o homem pode, pela tecnologia, atingir o velho sonho da imortalidade.

Toda esta alegoria teológica recobre problemas muitos atuais. Se esta simulação é obra de um Deus benfeitor ou armadilha de um Deus esperto, há diferença. É diferente saber se a ilusão é benéfica ou se, indo mais além neste sentido, não fazemos senão nos afundarmos no estratagema, segundo uma escolha, desta vez, deliberada da espécie humana, fascinada pela idéia de inventar-se um destino artificial (Baudrillard, 1995:43).

13. O desejo de imortalidade é perseguido pelo homem contemporâneo de modo compulsivo. Para Baudrillard, a ciência agora vive de sua histeria para realizar o anseio humano. Ao criar processos de vida indestrutíveis, como a fórmula genética, os ideais de perfeição implicam na conseqüente exterminação da morte.

Antigamente, o homem julgava-se imortal, mas não o era, ou melhor, no fundo, desconfiava de que não era, senão não teria tido necessidade de acreditar nisso. Hoje já não acreditamos que sejamos imortais, mas é justamente agora que estamos a começar a sê-lo, a começar pouco a pouco a ser imortais, sem o sabermos, sem o querermos, sem acreditarmos nisso, pelo simples fato da confusão dos limites da vida e da morte. Imortais já não segundo a alma, que desapareceu, nem sequer segundo o corpo, que está em vias de desaparecimento, mas segundo a fórmula, imortais segundo o código, isto é, seres para os quais em breve não haverá morte, nem representação da morte, nem sequer (o que é pior) ilusão da morte (Baudrillard, s/d:147).

A imortalidade técnica é vista pelo teórico como o pior dos destinos, pois a morte era a mais bela conquista do homem. No passado, em Homero, os deuses lastimavam a sua condição de imortais. A vida eterna não era um bem, mas uma espécie de condenação. Quando uma deusa se esforçava para seduzir o mortal Ulisses oferecia-lhe a recompensa da imortalidade. O herói recusou a proposta porque preferia enfrentar as dores e as alegrias de

cada situação cotidiana, sabendo que tudo tem seu fim. A sua liberdade e felicidade estavam na consciência de que nada era para sempre.

No caso da imortalidade técnica, o que está em questão é o fato de que não se deve mais deixar que as coisas cheguem ao fim. Por antecipação é preciso congelá-las. A morte é despachada nessa forma de liquidação e, por ela, se garante a imortalidade virtual e, ainda na concepção do autor, irrisória. Impossibilitado de resolver o problema do fim -- nenhum fim é concebível no giro perpétuo dos acontecimentos -- busca-se trabalhar com o que fica além do fim. A imortalidade técnica pode vir a ser uma nova metafísica.

14. Com isso, está pronto o cenário ideal para a concretização do homem-satélite.

A era da velocidade mecânica e eletromecânica criou a compulsão circular. O movimento é absoluto. A tecnologia invade o corpo para acelerá-lo. Todas as técnicas de mecanização e instrumentalização da corporalidade, as próteses externas, internas, informáticas ou genéticas, visam a essa excitação contínua. A apoteose da excitação do corpo muda todo o seu paradigma de sensibilidade e altera todas as suas referências, principalmente a terrestre, como enfatiza Stelarc. Tudo deve entrar em circulação mundial, viver do giro perpétuo, sideral. O corpo também entra em órbita, passa a ser um satélite.

Não é ficção científica. É apenas a generalização da teoria de McLuhan sobre as “extensões do homem”. Tudo do ser humano, seu corpo biológico, mental, muscular, cerebral, flutua em torno dele na forma de próteses mecânicas ou informáticas. Simplesmente, em McLuhan, tudo isso é concebido como uma expansão positiva, como a universalização do homem através de suas extensões midiáticas. É bem otimista. De fato, em vez de gravitar em torno dele em ordem *concêntrica*, todas as funções do corpo do homem satelizaram-se em torno dele em ordem *excêntrica*. Entraram em órbita por si mesmas e, por isso, com referência a essa extravasão orbital de suas próprias funções, de suas próprias tecnologias, é o homem que se encontra em estado de exorbitação e de excentricidade. Com referência aos satélites que criou e pôs em órbita, é o homem com seu planeta Terra, seu território, seu corpo, quem se satelizou. De transcendente, ele tornou-se exorbitante (Baudrillard, 1990a:37).

O corpo exorbitante está sempre em suspenso e em recorrência indefinida. Ele se configura na dissuasão, na disseminação, na sua razão de ser flutuante.

Tudo se sateliza: pode-se dizer que até nosso cérebro já não está em nós mas flutua em torno de nós nas inúmeras ramificações hertzianas das ondas e dos circuitos (Baudrillard, 1990a:37).

A simbiose homem-máquina é, portanto, uma estratégia inumana de sobrevivência. Uma mixagem em que o essencial é o exagero, a potência cada vez mais ilimitada, a perfeição garantida por antecedência no código genético, a circulação total, o excedente. O homem-satélite que se projeta num mundo não de ação, mas de reação, no qual toda a pulsão precisa ser gravitacional.

Tudo aquilo que é interior (redes, funções, órgãos, circuitos conscientes ou inconscientes) será exteriorizado na forma de próteses que constituirão ao redor do corpo um *corpus* ideal satelizado, do qual o próprio corpo tornar-se-á satélite. Todo o núcleo será desnucleizado e projetado no espaço satélite (Baudrillard, 1992:197).

O corpo do homem-satélite -- ou o que dele resta ao menos como ilusão -- é interface. Integrado às redes, ele é comunicacional. O código nuclear e molecular são absorvidos por essa gravitação excêntrica.

15. A compulsão circular, sideral, a satelitização, não começam pelo corpo do indivíduo. Quando atinge e redimensiona o homem, de modo antes nunca visto ou sequer imaginado, já o faz como consequência progressiva da satelitização do corpo do planeta, que teve sua mais expressiva aceleração com a aventura espacial e a escalada nuclear.

A conquista do espaço constitui um limiar irreversível para a perda do referencial terrestre. A sideração do planeta está de acordo com a programação e a manipulação técnicas.

Para além desse efeito gravitacional que mantém os corpos em órbita, todos os átomos de sentido se perdem no espaço. Cada átomo segue a sua trajetória até ao infinito e perde-se no espaço. É precisamente o que vivemos nas sociedades atuais, que se empenham em acelerar todos os corpos, todas as mensagens, todos os processos, em todos os sentidos e que, com os *media* modernos, criaram para cada acontecimento, para cada narrativa, para cada imagem, uma simulação de trajetória até o infinito (Baudrillard, s/d:8).

E conclui afirmando que:

Cada fato político, histórico, cultural, está dotado de uma energia cinética que o arranca ao seu espaço e o projeta no hiperespaço, em que perde todo o sentido, uma vez que jamais regressará. É inútil recorrer à ficção científica: temos a partir de agora, aqui e agora, com a nossa informática, os nossos circuitos e redes, esse acelerador de partículas que quebrou definitivamente a órbita referencial das coisas (Baudrillard, s/d:9).

O processo de satelização não é outro senão o da demolição da substância material do mundo, a liquidação do corpo do indivíduo e do planeta. Baudrillard acredita que toda a substância será transformada em energia e toda a energia em informação pura.

Acting-out de toda uma sociedade tomada pelo seu fantasma de dissipação dela mesma em energia pura, em circulação pura, sem objetivo visível a não ser esta performance, a não ser esta libertação no vazio, a não ser esta mobilidade a todo custo, dos quais, nós, as partículas vivas, os corpos vivos, não somos mais que dejetos satelitizados (Baudrillard, 1995:61).

O universo, onde a técnica se torna autônoma e a compulsão pela perfeição é a regra, construir tecnicamente o corpo e a saúde perfeitos é uma necessidade que não se pode adiar. O destino dessa construção extrema projeta o homem nos domínios da imaterialidade. Todo e qualquer espaço é suprimido e o domínio é, agora, o do ciberespaço, da velocidade total. O homem-satélite adquire uma nova forma de existência performática.

Mais que a transformação do mundo, a finalidade (da técnica) seria um mundo autônomo, plenamente realizado, do qual poderíamos enfim nos retirar. Ora, não poderia haver perfeição do mundo natural, e o ser humano em particular é uma perigosa imperfeição. Se o mundo deve ser perfeito, é preciso fabricá-lo. E o humano também deve ser produzido como artefato, expulsar-se dele mesmo numa órbita artificial, onde poderá gravitar eternamente (Baudrillard, 1995:64-65).

Já não somos espectadores, mas atores integrados na força da performance técnica, na qual somente a informação funciona e o fantasma do corpo material é apenas uma ironia a ser vencida por outras ambições, que criarão modos de vida e de existência humana capazes de ultrapassar qualquer esnobismo maquinal.

06. DISSUAÇÃO

Em nossas sociedades contemporâneas o corpo não será (...) em breve, senão um vestígio e a pessoa uma noção evanescente, virtual bem mais que carnal? Se o homem só existe através das formas corporais que o põem no mundo, todas as modificações dessa forma implicam uma outra definição de humanidade... Se pensar o corpo é assim uma maneira de pensar o mundo e o elo social, então um distúrbio na configuração do corpo é um distúrbio na coerência do mundo e a virtualização do corpo acarreta a do mundo...

David Le Breton

O culto ao corpo e a busca de um estilo de vida saudável são prenúncio de uma obsessão denominada por Sfez de a “saúde perfeita”. Por isso, a cada dia somos surpreendidos por novos recursos, terapias, regimes, cirurgias plásticas, implantes e transplantes de órgãos que prometem revolucionar o funcionamento corporal. Somos todos envolvidos por anúncios que garantem a excepcionalidade da perfeição. Torna-se cada vez mais possível superar tudo aquilo que na estrutura física causa amolação, desgostos e constrangimentos. Nenhum segredo pode mais se preservar. Todo o corpo humano é inserido num imperativo absoluto. É preciso que se saiba tudo sobre nós mesmos, desvendar a matéria da qual somos feitos.

Para realizar essas aspirações a tecnociência revira o corpo pelo avesso e o interior é exposto. É preciso cutucar, deslocar, rejuvenescer, potencializar, substituir membros e órgãos que não estão mais de acordo com os desejos do sujeito. É urgente desvendar os mistérios alojados em cada gene, construir uma matriz perfeita de cada ser. Com a mixagem entre a biologia e a informática a tendência é construir o ser eletrônico: *homo technologicus*, imagético, virtual, promovido pela purificação interna de todos os males, possíveis doenças e deformidades, instalados no interior das células. Pode-se melhorar a vida e a sua duração por meio de uma terapia genética, garantia da saúde perfeita e da plenitude humana.

Para Tibon-Cornillot e Sfez, o que se busca agora, com a tecnociência, é a assepsia total. O processo de purificação integral segue simultaneamente em dois sentidos. De um

lado, a genética, a biologia molecular e a informática submetem o corpo humano a uma limpeza completa que visa eliminar qualquer possibilidade de doença hereditária. De outro, a própria saúde do planeta é posta em xeque. O objetivo é livrar o mundo de todas as suas impurezas, reconstruí-lo livre da poluição, dos males urbanos. Tornou-se imprescindível a busca de um equilíbrio planetário. A Grande Saúde é a purificação total de todos os corpos, do indivíduo e do planeta.

A transformação, a construção e a assepsia dos corpos se integram. Cada corpo sozinho pode ser estropeado, retocado e remontado, mas a saúde não pode ser fracionada. Por isso, ela tem uma relação simultaneamente passional e totalitária e visa ao fim das doenças, dos atentados à vida, à imortalidade do indivíduo e do planeta como organismo. O objetivo final: produzir o super-homem e a supernatureza.

01. Sfez destaca que a saúde perfeita é um dos mitos fundamentais da condição humana. O sonho é antigo e a medicina não foi inventada hoje. Tal quimera traduz o impulso de querer que o tempo pare, de buscar a eterna fonte da juventude, a cura de todos os males, as estratégias para se manter a formosura e a plenitude do corpo.

Na sociedade tecnológica, o sonho do corpo perfeito se realiza à medida que a anatomia humana se torna o principal foco de pesquisas tecnocientíficas e paracientíficas. Sem querer encontrar a sua gênese, o interesse em descobrir a realidade secreta do corpo já é muito clara na medicina medieval, quando os cirurgiões e anatomistas enfrentavam as desconfianças das pessoas, e as interdições religiosas, para desvendar o interior e os limites dos corpos, abrir os ventres, cortar as carnes, órgãos e ossos dos cadáveres e embalsamá-los.

O corpo aos pedaços, dissecado, fornece uma outra organização dos saberes a respeito do homem. A localização precisa e a função dos órgãos passam a ser fundamentais para se entender os seres vivos. Tibon-Cornillot explica o que significou a transgressão progressiva, desde o século 14, da abertura dos corpos:

(...) a abertura do corpo que o anatomista pratica desde o século XIV anuncia outras comoções levando à organização das representações do homem e do mundo, reorganizações que permitirão, dois séculos depois, a passagem do cosmos ao universo infinito. A falha abrindo o corpo não é somente uma

transgressão, ela perfura as fronteiras separando os mundos pequenos e grandes, macrocosmos e microcosmos, e assim os mistura; ora, é precisamente de sua separação reafirmada sem cessar que os símbolos, afinidades, correspondências, encontram suas forças (Tibon-Cornillot, 1992:35-36).

E conclui:

A abertura do corpo é também a ruptura dos laços múltiplos unindo o corpo e a alma do homem, com o mundo e a alma do mundo, laços fundados na manutenção de sua distância. O corpo aberto se apresenta diante dos olhos numa continuidade temível que vai do olho à mesa de dissecação, da mesa ao corpo aberto, do corpo cadavérico ao seu próprio corpo (Tobon-Cornillot, 1992:36).

A técnica de abertura faz com que o estudo da anatomia progrida e se multiplique, além de colaborar para a dessacralização do corpo. Transformado em objeto de estudo pela dissecação médica ele não é nada mais além de si mesmo. É uma máquina que não pode parar. A partir de então, a tecnociência, a todo instante apresenta outras práticas que superam antigas maneiras de pensar e agir sobre o corpo, e os recursos disponíveis para fazer frente às doenças e à morte vão sendo substituídos por modalidades consideradas mais adequadas e eficientes.

A conseqüência é a mutação física planejada e organizada. Esta é a era da circulação e mercantilização do corpo e de suas partes em nome de um bem-estar maior, da perfeição ao alcance da mão, por intermédio das intervenções cirúrgicas e terapêuticas.

Das plantas às bactérias, das bactérias aos animais, dos animais aos homens, cada um percebe que o movimento é irreversível, e que o direito corre muito o risco, uma vez mais, de legislar a partir de um dado de realidade. O movimento já avança, o sangue, os órgãos, o esperma, os óvulos, a pele, os genes, partes cada vez mais numerosas do corpo humano são extraídas, estocadas, transportadas e entram no movimento geral das mercadorias (Tibon-Cornillot, 1992:13).

Pela circulação dos seus fragmentos o corpo passa a ser conquistado. Dentro dele, um novo universo ininterruptamente descoberto conjuga outras modalidades de controle e gerenciamento.

02. As técnicas de intervenção no organismo se sofisticam. Os apelos são de diversas naturezas: morais, higienistas, tecnológicos. Liberdades e formas de controle coexistem.

(...) sim, o corpo vai à desforra, reaparece na frente do palco, exige cuidados, uma atenção constante, oferece-se como sujeito e como objeto. Radiografado, auscultado, em suas menores dobras, substituído por pedaços, enxertado em todos os sentidos, prometido à sobrevivência de seus órgãos, o corpo humano é fonte e foco de pesquisas, tecnocientíficas e paracientíficas, provocando uma inflação de proibições e de injunções que confluem num discurso de mídia bastante confuso e de práticas autoritárias até o totalitarismo: governos, comunidades científicas, “sábios” reunidos em comissões de vigilância chamadas “bioéticas” tomam medida por medida (Sfez, 1996:41).

Na era da comunicação integrada, como já foi demonstrado, todo tipo de informação sobre os problemas da saúde também circula. Nesse incessante movimento o homem se contamina pelo vírus da apologia do bem-estar e não pode mais deixar de tocar, transformar, reconstruir a si mesmo. Torna-se fadado às mudanças, busca desnaturalizar o sofrimento e produzir o prazer como sinônimo de satisfação pessoal permanente. Quanto mais a exigência do bem-estar se acentua maiores são as ambições de decifrar os corpos e a proliferação de novas técnicas.

A todo instante é preciso aumentar a observação do corpo, manipular órgãos e membros, funções renais, cardíacas, respiratórias, sanguíneas, mas também elementos celulares, cromossomos, genes. O vivente torna-se um dos jogos estratégicos da performance médica contemporânea cada vez mais purificadora, que se desenvolve sob a forma da limpeza. É como se o homem descobrisse, segundo Sfez, que o diabo não está mais no céu, no inferno ou na sociedade, mas alojado no interior do corpo, escondido em cada mínimo detalhe, nos genes. É preciso eliminar todo o mal.

03. No esforço tecnocientífico para promover a saúde do indivíduo, o mal é afastado em sucessivas etapas. A purificação sempre crescente faz a sua conquista

territorial, nos limites do corpo humano, numa escala que vai da mecanização à ultramecanização. Dessa escala destaco três momentos classificados por Tibon-Cornillot.

No estágio inicial é preciso isolar os elementos fundamentais e analisar a estrutura de cada um deles. É a fase da decomposição radical do corpo, da manipulação e do intercâmbio dos órgãos. O conhecimento da anatomia aos pedaços e a localização de cada um deles possibilitam a descoberta das leis que presidem as suas combinações. Elas favorecem os transplantes.

A desmontagem do corpo em partes intercambiáveis banaliza o uso das cirurgias, apressa a miniaturização dos instrumentos cirúrgicos e novas técnicas de visualização, como o uso de microcâmeras, fibras óticas e técnicas mais buriladas de reparar a pele e garantir a rápida cicatrização. Mas o trabalho de extração dos órgãos requer também o aperfeiçoamento dos métodos de estocagem e conservação. Os dois momentos são fundamentais para a mecanização dos viventes e implicam uma realidade corporal importante:

No estado atual das possibilidades, a espécie humana constitui o único reservatório de órgãos em vista de transplantes (Tibon-Cornillot, 1992:86).

O estágio intermediário consiste em analisar as leis que interconectam os órgãos, o que permite modificar as estruturas de cada um dos elementos. De um lado, a performance consiste em reparar o órgão defeituoso da pessoa doente; de outro, a possibilidade de se produzir órgãos novos capazes de substituir os velhos, irreparáveis.

Neste segundo caso, as peças novas poderiam ser órgãos vivos produzidos em laboratórios por exemplo, ou órgãos artificiais simulando perfeitamente a morfologia e as funções dos órgãos vivos (Tibon-Cornillot, 1992:87).

Ao fabricar as novas peças artificiais esse estágio populariza a introdução sistemática das aparelhagens técnicas no corpo. Em alguns casos as máquinas se convertem em assistentes que regulam o funcionamento dos pulmões, coração, correntes sanguíneas; em outros, as próteses são os novos órgãos, garantias do desempenho ideal. Transplantes e implantes técnicos aceleram a mixagem entre o homem e a máquina, rompem e eliminam

progressivamente a fronteira entre o natural e o artificial, entre o real e o fictício, além de resolver o antigo problema da escassez de doador e a incompatibilidade imunológica.

As possibilidades para a construção do homem híbrido estão dadas. Os elementos vivos se aliam às estruturas inertes. O movimento da mecanização cria a interface entre o sujeito e os objetos técnicos.

Entretanto, a fecundidade da mecanização do homem não encontra o seu ápice nas aparelhagens integradas ao corpo. Tibon-Cornillot reforça o pensamento de Baudrillard quando enfatiza que o apogeu é obtido no terceiro estágio, o da ultramecanização, em que ocorre a passagem das próteses eletromecânicas para as intervenções bioquímicas.

São as células, cromossomos e genes, os novos alvos de conquista biotecnológica. A tônica recai, portanto, sobre o material genético, em suas unidades últimas. É preciso entender como cada informação está estocada nos genes para se elaborar as recombinações e fazer a faxina ultrainterna sem a qual a purificação integral do corpo não acontece.

A noção fundamental agora é de programa. É necessário decifrar os sistemas microscópicos de informação instalados no código genético para se programar novas mensagens e estruturas que organizem o corpo ideal, sobretudo a saúde total. Mais que da medicina, o domínio agora é da biologia.

Na biologia, o conhecimento das seqüências dos genes permite cortá-los, ligá-los, transformá-los por mutações para obter novos seres vivos produzidos a partir de recombinações genéticas ou celulares, as quimeras ou as transgenotas por exemplo (Tibon-Cornillot, 1992:77).

É a prótese como terapia genética, responsável pela purificação plena do indivíduo, ou ao menos de uma matriz capaz de reproduzir o corpo perfeito de antigos sonhos. Cada gene se torna o lugar ideal das intervenções, o templo das mudanças e transformações dos vivos.

Do ponto de vista da genética molecular, existe uma única solução: apagar o começo da seqüência-programa, a alteração do gene. Tal é, com efeito, a finalidade das terapias genéticas consistindo em introduzir um gene funcional suprimindo as deficiências do gene alterado: trata-se de um tipo de “enxerto” de material hereditário (Tibon-Cornillot, 1992:145).

As modificações do patrimônio genético não visam apenas mecanizar o vivente, mas reconstruí-lo biotecnologicamente. O dinamismo galopante desse procedimento põe em circulação não apenas os órgãos e as partes membranas do corpo, mas também os tecidos, as células germinais estocadas, cultivadas e conservadas nos laboratórios, fora do contexto orgânico inicial.

A ultramecanização e a ultratransformação do vivente estão na manipulação das seqüências informativas inscritas nas macromoléculas do DNA. A manipulação é anunciada pela biotecnologia como a libertação das determinações da herança biológica e, nesse ângulo da transparência e purificação, se dedica à busca e à produção do gene considerado bom e adequado, isto é, perfeito, e à caça do gene mau, aquele que poderá conduzir o ser à doença e à morte.

04. O desenvolvimento da genética e da biologia molecular tem como consequência direta o Projeto Genoma Humano, iniciado em 1990, com o objetivo de mapear e sequenciar todo o genoma do *homo sapiens*. Embora sediado nos Estados Unidos, a pesquisa se desenvolve em laboratórios dos sete países mais ricos que financiam os estudos: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Canadá, Grã-Bretanha, Itália e França.

A cartografia se insere e representa de modo exemplar a perspectiva atual da transparência integral do corpo. Os genes, que nos fazem aquilo que somos, o nosso plano bioorganizacional, o nosso programa de desenvolvimento, não deve mais nos escapar. O objetivo é descobrir tudo das nossas doenças e deformidades potenciais, delinear claramente o futuro do nosso corpo.

O cuidado de si mesmo tende a entregar ao homem o seu próprio destino: evitar definitivamente as doenças, prolongar a duração da vida e, de certo modo, atingir a imortalidade. Como assinala Baudrillard, a compulsão da imortalidade é a tônica do homem contemporâneo, a histerese do milênio, pois

(...) com a biologia e a genética estamos na materialidade pura, na simulação material dos seres objetivamente imortais visto como compostos de elementos nucleares e de um código genético intemporal (Baudrillard, s/d:145).

Tibon-Cornillot destaca a revolução biotecnológica contida na tentativa -- cada vez mais bem sucedida -- de produzir o corpo perfeito.

(...) os principais momentos desta ultramecanização -- conservação, estocagem, produção, montagem e desmontagem, troca, substituição -- são mais que nunca presentes e seu desenvolvimento rápido em novas combinações de operações mecânicas aplicadas às macromoléculas representa uma das mais impressionantes revoluções científicas e técnicas que aconteceram durante a história das ciências e das técnicas modernas (Tibon-Cornillot, 1992:110).

05. O reducionismo, a prática em caracterizar um sistema em termos de suas menores unidades funcionais, é uma das bases teóricas da biotecnologia. A busca do corpo sadio se encontra nessa prática de reduzir as doenças e a maioria dos comportamentos a suas causas genéticas.

O Projeto Genoma Humano, analisado por Sfez, persegue o corpo infinitamente melhor, construído por técnicas de simulação, capazes de eliminar toda predisposição a algum tipo de enfermidade. Trata-se, portanto, de uma cura *a priori*, na ausência mesma de todo e qualquer sintoma.

O que significaria essa Grande Saúde? Se nos reportarmos a Nietzsche, de quem tomo emprestado a expressão (*Assim falava Zaratustra*, capítulo final), o termo se aplicaria ao homem novo que, liberto do dilaceramento vida/morte, dilaceramento constitutivo de nossa infeliz existência humana, atingiria a imortalidade e, deste modo, não precisaria mais de Deus, da moral e da metafísica. Na realidade, esse “super-homem” -- pois é preciso chamá-lo pelo nome -- estaria isento de defeitos e aflições (Sfez, 1996:21-2).

Sfez deixa claro que Nietzsche falava da saúde da alma. O super-homem de espírito forte, que não se submete a nada fora da sua vontade de ser Senhor. Na atualidade, esse homem, agora de corpo forte, enraizado na ciência, é construído pela biotecnologia. Após ter revirado o interior do corpo e surpreendido com a riqueza de detalhes jamais vistos, o novo sujeito se convence que seu destino é cada vez mais assinalado pela intervenção tecnocientífica, promotora da assepsia total.

06. A saúde do indivíduo não se esgota nele mesmo. Tem a ver com a saúde do planeta. A purificação do corpo não se concretiza de modo isolado, nos limites apenas humanos. Ela diz respeito aos alimentos que se come, ao ar que se respira. Tudo deve ser igualmente puro, todo o ambiente faxinado. A idéia é a de que a natureza, assim como os vivos, também tem as suas doenças, as suas deformidades, os seus maus genes. A assepsia total do corpo do indivíduo é correlata e interdependente da purificação integral do meio ambiente, do corpo do planeta.

O ponto de partida é o de que a terra está suja e doente. Não são poucas as ameaças. Possibilidade de choque com outros planetas, poluição, lixo, problemas com a camada de ozônio, abusos técnicos em abundância, bomba atômica, destruições ecológicas características do mundo industrial. Tudo isso provoca rachadura no equilíbrio natural. Tornou-se urgente, para a própria sobrevivência e continuidade da vida, devolver à natureza o seu estado de pureza.

A tentativa para reencontrar o Éden perdido, segundo Sfez, está no Projeto Biosfera II, desenvolvido nos Estados Unidos. O Projeto consiste na criação de um microcosmo onde todos os ambientes da terra são reproduzidos num grande hangar de vidro, isolado do mundo contaminado por todas as impurezas onde se vive. Entre 1991 e 1993, quatro homens e quatro mulheres, plantas, cabras, porcos, peixes -- uma Arca de Noé da sociedade tecnológica? -- se fecharam nesse espaço para viver de maneira ambientalmente perfeita. Um mundo artificialmente vigiado e mantido imaculadamente limpo. Sfez explica porque se tornou necessário ter um laboratório dessa espécie, citando Noberto Alvarez, um dos diretores do Projeto:

O que nos interessa hoje é a elaboração de uma ciência biosférica. Saber como se faz a gestão do mundo físico. A Terra é grande demais para se ver esse processo e fazer uma experimentação. Sob um sistema fechado pode-se observar as conseqüências e desenvolver as tecnologias apropriadas, por exemplo no domínio da reintegração dos dejetos (Alvarez, citado por Sfez, 1996:217).

A mixagem entre o corpo humano e a máquina ressurgiu na busca de uma simbiose entre a técnica e a natureza. Trata-se da natureza renaturalizada pelas tecnologias. É o

paraíso biotécnico onde a vida perfeitamente equilibrada no planeta aparece como o principal suporte da Grande Saúde.

A vida é uma tecnologia. A vida é uma tecnologia última. A tecnologia da máquina é uma substituição temporária da vida tecnológica. Quando melhorarmos nossas máquinas, elas se tornarão mais orgânicas, mais biológicas, porque a vida é a melhor das tecnologias para o vivo... Bio II ensina aos homens como tornar-se natureza... A lógica da bio é unir o orgânico e o mecânico. Nas usinas de bioengenharia e nos chips dos computadores neuronais, o orgânico e a máquina emergem. Mas em nenhum lugar esta ligação entre a vida e a indústria é maior do que em Biosfera II... (Kervin Kely, citado por Sfez, 1996:226).

07. Se o corpo do indivíduo, moldado pelas próteses, é inteiramente comunicação, o mesmo acontece com o corpo do planeta nesse experimento. Afinal, a Biosfera II afasta os males, as impurezas que contaminam o ar, a água, os alimentos, o solo, os animais e os homens, mas não é um modelo de exclusão e isolamento. Ela também quer ser modelo e elo de uma rede de comunicação planetária. Para isso é interligada por fluxos informacionais conectados à vida do planeta.

Tem-se a ajuda dos sensores eletrônicos, fixados nas folhas e nos galhos. É uma espécie de imenso sistema nervoso que é ligado aos computadores. Lá existem dois mil sensores que podem dar pela primeira vez as variáveis de um mundo de vida por inteiro (Sfez, 1996:201).

Para Baudrillard, a Biosfera II é uma maquete museológica do futuro, o primeiro jardim zoológico da espécie humana, na qual são recicladas todas as substâncias, garantida a imunidade artificial, controlados o prazer e o equilíbrio ecológico. Os vivos são embalsamados para sobreviver. É o teor de uma obsessão pela sobrevivência que só se realiza pela privação: do viver, do prazer, da liberdade, de morrer.

Esse microuniverso tenta exorcizar a catástrofe, fazendo a síntese artificial de todos os dados da catástrofe. Na óptica da sobrevivência, da estabilização e da metastabilização, os dados da vida são sacrificados aos da sobrevivência (eliminação dos genes, do mal, do sexo). A vida real, que tem, apesar de tudo, o direito de desaparecer (ou estará no limite paradoxal aos direitos do homem?) é sacrificada à sobrevivência artificial. O planeta real, supostamente condenado,

é sacrificado à partida ao seu clone miniaturizado, climatizado (é caso para se dizer que todos os climas da Terra ficam sujeitos à climatização), destinado a vencer a morte através da simulação total. Antigamente embalsamavam-se os mortos para a eternidade, hoje embalsamamos os vivos para sobreviverem. Teremos de admitir isso? Perdidas as nossas utopias metafísicas, teremos de construir essa utopia profilática? (Baudrillard, s/d: 130-1).

Sfez responde à essa última questão de Baudrillard. A pretensão louca por sobreviver, um certo desespero pela assepsia absoluta, culmina na utopia da Grande Saúde, do indivíduo e do planeta. De um lado, o homem perfeito, livre das dores e dos sofrimentos; de outro, um mundo puro, sem fortuidade, sem poeira, vírus, micróbios, bactérias, corpos estranhos, sem morte e decomposição: a construção, possivelmente a última, de uma utopia cujo fundamento é o corpo.

Esta forma utópica faz, talvez, da Grande Saúde a última ideologia da pós-modernidade... (Sfez, 1996:34).

08. Em seu sentido clássico, a utopia se refere a um projeto de vida cujas condições são ideais. Ela sempre se reporta ao futuro, fala de algo que ainda não se realizou. Não é este o sentido da utopia da Grande Saúde apresentada por Sfez. Para ele, a forma tradicional está em declínio. Tem-se na atualidade um projeto universal -- a saúde perfeita -- muito concreto, realizável e, em parte, já realizado.

A construção da saúde integral, apesar de concreta, abandona o plano do real e o ultrapassa. Está em questão a continuidade da elaboração biotecnológica do super-homem e ecotecnológica da supernatureza. Essas dimensões hiper-reais carregam consigo as características utópicas clássicas, como um lugar isolado (os laboratórios do Projeto Genoma e o hangar da Biosfera II), a presença forte de um narrador (a comunidade científica), as regras de uma vida higienista (a assepsia total), o imaginário técnico (mixagem homem-máquina, simbiose natureza-tecnologia) e o retorno à origem (o primeiro homem puro, o Éden refabricado).

A difusão desse novo projeto utópico se dá pela própria tecnologia e é inseparável de sua realização. A utopia não é mais um relato, mas um exercício. Não é o futuro, mas o presente. Continua a ser o incrível, mas de modo inteiramente acreditável.

O movimento das utopias clássicas, que do real ia na direção do ficcional e fazia entrever mundos que o leitor sabia serem irrealizáveis, inverte-se nas utopias tecnológicas americanas. Aquilo que a fábula faz cintilar é a realidade próxima, aquilo de que ela fala é de uma realidade presente. Entre o presente e o futuro o relato tece a história, decerto imaginária mas crível, do progresso necessário das técnicas (Sfez, 1996:113).

A utopia crível da Biosfera II é a solução criada pela tecnociência para elaborar micromundos viáveis dentro e fora do planeta. A utopia, igualmente crível, do Projeto Genoma, é produzir seres perfeitos e habilitados a sobreviverem nesses mundos miniaturizados, tecnicamente purificados e supervisionados.

09. A utopia do corpo perfeito é a resposta das sociedades impregnadas pela fé na ciência e na tecnologia.

Precisamos, portanto, de mais ainda para criar a grande utopia ideológica do século XXI. Precisamos de um próprio especial, um próprio inventado, criado peça por peça, o próprio do super-homem. Um homem alojado numa natureza harmoniosa pois total e eletrônica. A utopia do ano 2000 precisa do super-homem e deve repousar sobre a super-humanidade (Sfez, 1996:243).

Tal construção une ecologia e biologia, mas o edifício da perfeição não se completa sem o super-homem informatizado. Implantar micro-máquinas eletrônicas no interior do corpo, dotá-lo de próteses de comunicação, reduzi-lo a abrigo das aparelhagens e manipulá-lo em suas informações genéticas não parecem mais suficientes.

Segundo Sfez, a maravilhosa novela, que diz tudo do imaginário tecnicista do ano 2000, precisa da criação de seres vivos artificiais. Em princípio, estes dois termos, artifício e vida, parecem contraditórios. Mas se a fronteira entre eles de há muito vem sendo apagada, na atualidade estão deixando de existir. São termos conjugados por ações avançadas da biotecnologia com a inteligência artificial, com a informática, e a simulação do homem transparece na construção do corpo sintético.

O corpo-síntese realiza a obsessão de estar sempre em relação, em interação total com as máquinas, pela Internet. Trata-se do corpo disperso e literalmente interconectado de seres que só existem nos domínios das mensagens computadorizadas. É quando o corpo-

objeto, sujeito a ultramecanização, reduz-se a um corpo-conceito, visualizado transparentemente nas telas, um corpo que as técnicas de captação digital desdobram e explicitam em sua totalidade.

Este corpo virtual é um compromisso vivo/técnico, ele existe e não existe, já que o sujeito que é seu ponto de partida se ofereceu voluntariamente para a superação, para sua própria perfeição. Este corpo é mais rico, mais informal, mais perfeito que nosso pobre corpo que oculta suas misérias. Não é um puro espírito, mas um corpo-conceito mais elevado, mais puro, mais complexo que o corpo-carne (Sfez, 1996:33).

A construção do homem-virtual é o objetivo do Projeto Vida Artificial, do Instituto de Santa Fé, nos Estados Unidos, que tende a instalar populações inteiras de seres artificiais dentro dos computadores. Toda a busca da assepsia integral do corpo pode encontrar aqui a sua mais plena realização.

Observamos que a biologia molecular parece englobar tudo, já que a “verdade” está em nossos genes, suporte da vida. Mas esse englobamento de conjunto está, ele próprio, englobado na vida do planeta. A Biosfera II engloba o biológico, ao mesmo tempo em que é englobada por ele. Melhor ainda, a *Artificial life* engloba os dois precedentes, já que essa vida artificial quer realizar a super-humanidade num metaplaneta, mas ao mesmo tempo é englobada pelos dois outros, uma vez que ela os imita, compartilhando suas fronteiras, portanto (Sfez, 1996:27).

10. O Projeto Vida Artificial é uma alternativa sintética das formas de vida produzidas pelo homem. Toda a pureza é supostamente garantida. Mesmo assim, apesar de toda a vigilância e controle, as ameaças de destruição estão sempre presentes. É preciso conviver com o perigo constante do mal, um vírus eletrônico. Entretanto, no esforço para efetuar a transformação total da humanidade, a matriz genética purificada abre espaço para uma matriz numérica, visando copiar um ser superior, uma nova forma de vida, um outro “corpo” e, o mais importante, uma diversa existência: é o horizonte-limite da utopia da Grande Saúde.

A estratégia do corpo virtual rompe com os limites da origem histórica da evolução e também com o seu fim. Sem nascimento e sem morte, como foi visto em Virilio e Stelarc

e Baudrillard, o indivíduo-imagem é fruto das tecnologias de comunicação, do império imagético e da matematização do mundo. Esse homem é resultado de uma outra mixagem: o real e o fictício. Está em questão agora não mais como a vida é, mas como ela poderá ser.

O corpo-imagem, síntese numérica construída nos limites do computador, passa a ser o mais recente modelo de corpo perfeito, a realização última do corpo-máquina, justamente ali onde, literalmente, ele sequer constitui um corpo e muito menos é máquina. É a dissuasão tecnicamente mais elaborada que produz o simulacro do homem eletrônico.

O super-homem eletrônico assume uma função essencial: a imortalidade cósmica sonhada pelos biosferianos para escapar desta terra numa nave espacial cujo modelo é Biosfera II. Mas também pode se escapar dos desequilíbrios tornando-se um ser eletrônico (Sfez, 1996:303).

O super-homem informático, considerado por Sfez como mais puro que o das terapias genéticas ou o biosferiano, é objeto de estudo de Quéau.

11. A construção do ser eletrônico está intimamente associada à hibridação do real com o virtual. Quéau aponta a verdadeira revolução das imagens de sínteses que se aloja nas possibilidades típicas da infografia, residentes na interação entre o espectador e a imagem numérica, dando assim a sensação de “imersão” plena num universo de onde toda a representação material foi banida.

É uma experiência muito recente na vida do homem e, na maioria das vezes, restrita aos experimentos laboratoriais. Mas já mostram, amiúde, como pessoas podem se reunir em espaços virtuais para jogar, trabalhar, guerrear, amar, fazer negócios, viajar ou se divertir. Uma etapa primeira, relativamente concretizada, antes da completa virtualização em andamento de todo o planeta.

As imagens de sínteses e os mundos virtuais não revelaram ainda o seu verdadeiro potencial. É difícil, hoje, dimensionar a verdadeira revolução em curso no campo das imagens e, de modo mais abrangente, no campo do tratamento da informação e da comunicação. A passagem iminente das tecnologias de telecomunicações e do audiovisual ao todo-numérico anuncia-se como a ocasião de uma reconfiguração dos saberes e dos métodos, das escritas e das memórias, dos meios de criação e de gestão (Quéau, 1993:92).

Se a revolução dessa tecnologia das imagens numéricas ainda escapa à plena racionalização dos conhecimentos, não chega a causar empecilho na investigação sobre a sua relação com o corpo. Segundo Quéau, o primeiro passo é compreender que a interação homem-máquina desenvolve-se sucessivamente em duas vias, o que possibilita um contínuo vaivém entre o modelo tradicional (corpo-objeto) e a imagem (corpo-virtual).

O corpo, em seus menores gestos e movimentos, é efetivamente suscetível de ser interligado com o mundo virtual no qual evolui. Uma nova relação entre o gestual e o conceitual pode ser imaginada. Podemos até falar de uma hibridação entre corpo e imagem, isto é, entre sensação física real e representação virtual (Quéau: 1993:94).

Por meio da operação tridimensional da imagem, da sua simulação concreta, antes mesmo de apenas existir como imagem, o homem, inserido nesse processo de interação com mundos virtuais, pode experimentar sua outra forma de existência. Uma primeira imersão funcional nesse universo pode ser garantida com poucos recursos de gerenciamento da tridimensionalidade, como capacetes individuais, luvas de tele-tátil, visualização estereoscópica e uso de simuladores. A imagem passa a ser um novo paradigma da realidade corporal.

O corpo pode experimentar sensações ou modulações que representam idéias teóricas. O corpo experimenta o inteligível de modo tangível (Quéau, 1993:96).

É como se esse momento de hibridação com a imagem, vaivém entre o mundo físico e o virtual, fosse um estágio adaptador para a existência sintética e a habitação nos domínios eternos da virtualidade.

O fascínio pelos mundos virtuais e pelas imagens de síntese toca particularmente as jovens gerações. Este fascínio provém do fato de que não somente podemos criar pequenos “mundos” do nada, mas sobretudo pelo fato de que, num certo sentido, podemos habitar “realmente” esses mundos (Quéau, 1993:99).

12. Tanto Quéau quanto Sfez estão convencidos de que essa vivência intermediária, já disponível, conduz o homem contemporâneo além da vida oscilante entre o mundo físico e o virtual. Estamos à beira da dissuasão do corpo nos limites materiais e da imersão no universo construído analiticamente pelas tecnologias comunicacionais, no qual o corpo talvez seja um telecorpo; o agir, um tele-agir e a existência uma tele-existência. A partir daí, diferentes versões do corpo purificado se tornarão visíveis e disponíveis para os seres.

O Projeto Vida Artificial quer apresentar a base existencial da teoria eletrônica de informação como meio suficiente para a criação do super-homem, cuja vida é obtida por códigos, mensagens e programas.

O objetivo da *Artificial Life* é a transformação total da humanidade. Seu *telos* é criar um ser superior, uma outra forma de vida. Este é o horizonte-limite da utopia da Grande Saúde (Sfez, 1996:262).

O *homo technologicus*, que tem existência nos domínios imateriais dos computadores, é a realização de uma fábula pós-moderna: a vida não passa de artefatos biotecnológicos e os corpos são transfigurados e renovados pelas cirurgias, pela matriz genética ideal e relações numéricas e imagéticas, consagradas a

(...) experimentar e remodelar o chamado corpo “humano” ou a substituí-lo, de modo que apenas o cérebro permaneça capaz de funcionar com o auxílio dos recursos energéticos disponíveis no cosmos (Lyotard, 1996:88).

A razão de ser do corpo e desse outro homem é a eletricidade: o elixir da vida para sempre e mais um dia.

13. Para Sfez, a Grande Saúde, construída pelo Projeto Genoma Humano, Projeto Biosfera II e Projeto Vida Artificial, ao realizar o super-homem põe fim à pós-modernidade e inicia a era de uma bio-eco-religião da sociedade tecnológica, que continua a precisar da vida para fazer viver as biotecnologias comunicacionais.

O corpo do novo Adão, no novo Éden, fundado por meio das ciências biológicas e informáticas, de enxertos e acréscimos, de próteses mecânicas e eletrônicas, “original” genérico do genoma ou reduzido a mensagens numéricas, totalmente purificado, cristaliza, na atualidade, todos os anseios de perfeição.

Para Sfez, a Grande Saúde se refere ao novo homem e ao novo paraíso, ao corpo individual e planetário assepsiados, infinitamente distante da nossa infeliz existência humana. Na nova religião a redenção e o aperfeiçoamento são reinventados pela técnica e não pela fé. Ela é única, absoluta.

A Grande Saúde diz respeito a todos os viventes da Terra, pois a saúde não é separada em bolsões, já que a Grande Saúde tem em vista os fundamentos mesmos da vida e termina na imortalidade. Os alvos são aqui os mais vastos possíveis (Sfez, 1996:371).

As regras da vida perfeita às vezes parecem perturbadoras, mas também são, indubitavelmente, fascinantes. É uma utopia que se realiza ao mesmo tempo em que é imaginada e perseguida, lança novas cores na ideologia do progresso humano e na performance “corporal” de cada ser na encruzilhada de uma outra realidade, tendo como destino o movimento sideral e eterno.

14. A ultramecanização do corpo e a sua modalidade virtual nos domínios da informação modificam radicalmente o homem. É um processo e, como tal, tem múltiplas dimensões. Tais transformações estão inscritas no plano tecnocientífico que elabora a transfiguração do vivente, mas também nas estruturas imaginárias sobre a desmaterialização do corpo individual e planetário.

Para Tibon-Cornillot e para Sfez o cenário não é catastrófico. O corpo está cada vez mais sujeito às experiências da bioengenharia e da bioinformática, mas a dissuasão do modelo material põe em crise tão somente essa concepção corporal, cada vez mais anacrônica. O momento é de suposto desconforto porque o homem está diante de uma troca de paradigma. Ao se metamorfosear por meio das máquinas e da tecnociência para refutar a fatalidade das doenças, fraquezas, envelhecimento e morte, o corpo -- independentemente

da sua performance e modo de existência -- continua sendo o centro e o foco paradoxal de resistência humana.

A questão do corpo, e do corpo doente da crise, se coloca com acuidade: a crise é profunda, o sentido parte à deriva, e a ciência se propõe a curar esta crise, ou ao menos suscita no público uma crença bem arraigada em suas virtudes curativas (Sfez, 1996:41).

Inserido na dinâmica da mutação, o corpo não cessa de ser reelaborado, negar, construir, afirmar e reafirmar seus modelos. Uns são vencidos, ultrapassados, abandonados e substituídos por outros que a tecnociência incansavelmente apresenta como alternativas provisórias.

Como se pode avaliar, a evolução das técnicas não foi tanto no sentido de uma transformação corporal, mas no sentido contrário, de sua conservação (Tibon-Cornillot, 1992:286).

É preciso mudar para permanecer e se conservar. A tecnociência que age sobre a corporeidade segue em duas orientações estreitamente imbricadas uma na outra. E o homem vive, a todo momento, a ambigüidade entre a preservação e a transformação do seu corpo, e pode se reconhecer em todas as formas transitórias e flutuantes de uma elaboração corporal contínua que requer sempre novas aprendizagens.

SEGUNDA PARTE

“CHECK-UP”

Eu penso que a gente quer um corpo cada vez mais perfeito não é só para se exhibir e mostrar a cada dia uma nova aparência. Talvez até tenha gente que pense só isso. Mas é muita limitação. Eu penso diferente. Eu quero melhorar a minha imagem, ser mais bonito, forte e coisa e tal. Mas pra que isso? Só pra ser forte e bonito? Não. É porque eu quero fazer algumas coisas com essa beleza e essa força. Eu quero me mostrar, mas também quero conquistar pessoas, chances na vida. Quero que essa beleza aconteça e faça rebuliço na minha vida, me dê mais prazer, mais alegria. Eu quero um corpo bonito e forte pra aproveitar mais da vida, pra me esbaldar de verdade, tá entendendo? Se não for assim, me inclua fora dessa.

Elenilton

O HOMEM-SATÉLITE

**Em parte a gente é arte
Em outra parte é técnica
Sou de carne e osso
E eletrônica...**

Acende o crepúsculo. *Marina Lima e Antônio Cícero*

A preocupação central deste trabalho foi procurar saber como as pessoas, especialmente os baianos, se posicionam e quais as suas expectativas diante das mutações do corpo na sociedade tecnológica. Queria saber se estavam satisfeitas com o corpo e, em caso contrário, como convivem com os descontentamentos e quais os recursos que utilizam ou gostariam de utilizar para superar desagradados e limitações corporais.

Inicialmente, esse objetivo me levou a duas hipóteses: 1) As pessoas estão insatisfeitas com os corpos que têm e, 2) Elas desejam e sentem necessidade de aperfeiçoar os seus corpos.

Para responder a essas indagações recorri a uma pesquisa empírica. Colhi depoimentos de um grupo de pessoas e sistematizei as informações obtidas, referentes ao modo como ele se posiciona e cultua o corpo, na primeira parte do trabalho, no estudo intitulado *Os donos das vozes do corpo*.

Na sistematização percebi a força da representação cinematográfica no imaginário dos entrevistados. Os modos como muitos cineastas trabalham e criam imagens de um corpo em interação com as novas tecnologias eram a todo momento citadas para exemplificar performances extraordinárias e, quase sempre, desejadas e reivindicadas. A constatação me levou a mais uma hipótese: 3) Os filmes apresentam imagens de pessoas que para vencerem as dificuldades da vida contemporânea precisam ser mescladas a

equipamentos tecnológicos de última geração que potencializem suas capacidades físicas e mentais. A partir de três filmes, referendados nos depoimentos, elaborei o estudo *Vozes e imagens do corpo nas telas*.

Constatei que as pessoas entrevistadas e os cineastas são entusiasmados pelo aperfeiçoamento físico contínuo, consolidado numa crescente mixagem homem-máquina. A partir daí, verifiquei posicionamentos e abordagens de um grupo de autores que reflete sobre o comportamento das pessoas, o culto e o destino do corpo na sociedade de comunicação integrada. Queria saber se eles também compartilhavam do mesmo otimismo demonstrado nas “vozes” anteriores. O encaminhamento gerou a última hipótese: 4) A visão que os teóricos “pós-modernos”, sobretudo de linha francesa, têm sobre a mixagem homem-máquina enfatiza a necessidade real de um novo corpo humano remodelado pelas recentes tecnologias. Essa investigação resultou no estudo *Os donos das vozes do corpo*.

Foi visto em primeiro lugar que essas diversas “vozes” -- entrevistados, cineastas e teóricos -- foram consideradas em “uníssono” como discursos diferentes que resultaram em um *Strip-Tease* sobre o corpo. Depois dessa trajetória, o momento agora é fazer um *Check-up* com o intuito de mixar essas “vozes” na tentativa de responder às questões postas desde o início da pesquisa e, também, as que surgiram à medida que ela se desenvolvia. Por isso, procuro considerar as aproximações e afastamentos, as igualdades e diferenças entre as abordagens, por acreditar que elas me oferecem um quadro representativo daqueles com os quais trabalhei. A idéia não é fazer uma apropriação mecânica de tudo o que foi estudado, mas reunir alguns temas que representem o sentido mais presente nos depoimentos, filmes e nos teóricos. A mesclagem dos argumentos, reflexões e ações enfatizados na primeira parte da tese, levou-me às considerações expostas a seguir.

01. As diversas “vozes” apresentaram predominantemente um discurso sobre a insatisfação com o corpo. O descontentamento se vincula a dois eixos complementares. De um lado, a aparência e, de outro, a vitalidade. No primeiro caso, parece que o corpo em forma tende a significar a possibilidade de cada um construir a sua imagem de acordo com os modelos vigentes, que os sistemas midiáticos apresentam como exemplos de pessoas

bem-sucedidas, felizes, livres e belas. No segundo, o ininterrupto reconhecimento de que o corpo é débil, cansa-se à toa, envelhece. Aflora aqui a consciência de que o organismo não é forte o suficiente para promover a performance extraordinária que o sujeito gostaria de ter e que socialmente se valoriza. Diante dos ideais de beleza e de vitalidade o corpo está sempre defasado, o que realça a fragilidade e a perecibilidade do vivente.

O descontentamento parece ser uma característica do homem atual, relacionado com a sua aparência e o seu rendimento físico e mental, com a disposição e capacidade para enfrentar as tarefas cotidianas: as associadas ao trabalho ou ao entretenimento, que exigem cada vez mais um modelo de corpo espetacularizado.

Não foi pequena a ênfase num certo hiato entre o corpo que se tem e o que se gostaria de ter, entre aquilo de que o corpo é capaz de produzir, resistir, e a necessidade de ampliar tradicionais limites para dele se usufruir cada vez mais. Existe um conflito permanente com a aparência e a performance física, sempre consideradas inferiores e insuficientes diante dos apelos midiáticos e sociais.

Promover essa insatisfação parece ser uma característica da sociedade de comunicação. Mas não por uma razão perversa, na tentativa de fomentar sofrimentos. O descontentamento cria a exigência das gratificações instantâneas e incompletas que são a todo momento enfatizadas na conseqüente proliferação de indústrias, métodos, técnicas e produtos que, progressivamente consumidos, prometem ornamentá-lo e avigorá-lo no seu processo de atualização e adequação aos ideais requisitados.

O paradoxo, típico de todo sistema midiático, é próprio da vida contemporânea. Ele excita e frustra, fomenta e bloqueia, agita e deprime, estimula e desalenta. Não há estática, mas devir e permanente oscilação. A única constância é o movimento que seduz os sujeitos para a dinâmica do corpo inserido no processo das transformações.

É preciso entender que a insatisfação é apenas um estágio da estratégia de sedução que impulsiona o sujeito a cuidar mais de si mesmo, se metamorfoseando. O importante é incentivar a aspiração individual do aperfeiçoamento, a entusiasmada acolhida dos recursos tecnocientíficos considerados capazes de redimensionar, rejuvenescer e revigorar a corporalidade. Se são muitas as reclamações com a estética corporal, elas não induzem ao seu menosprezo. Reivindica-se a sua glorificação e, por isso, proliferam as informações de

como preservá-lo melhor, multiplicam-se as alternativas para mantê-lo em forma, segundo os interesses e os gostos de cada um.

Essas foram as principais categorias que perpassaram as “vozes” cristalizadas na pesquisa e que se apresentaram como fundamentais estratégias da sociedade de comunicação na promoção acelerada das mutações físicas. A principal investigação visou entender os efeitos últimos das tecnologias, o tipo e o grau de melhoramento provisório que as técnicas podem proporcionar na aparência e na vitalidade dos corpos.

O jogo entre a insatisfação com o corpo que se tem e o desejo de promover rápidas mudanças para que ele se adeque aos novos modelos e necessidades, orquestrado e administrado na mídia, sobretudo através da moda, publicidade e cultura desportiva, ou simplesmente vivenciados no dia-a-dia laboroso e festivo dos baianos, revela que a realidade biológica ainda está a estruturar-se. O jogo demonstra, também, que a biotecnologia cria a obrigação de cada um conhecer cada vez mais a si mesmo para selecionar e decidir as transformações às quais deve se submeter. Isso significa que homem é feito e refeito pelas suas próprias invenções, construído à medida que progride.

02. A contínua preocupação com o visual e o esforço concentrado para manter-se forte e saudável aceleram a compreensão de que é preciso consumir informações e uma multiplicidade de recursos -- vestimentas apropriadas, cosméticos quase milagrosos, dietas especiais, exercícios físicos com acompanhamento de profissionais, cirurgias plásticas, implantes naturais e artificiais, terapias genéticas, elaboração do corpo sintético nas redes telemáticas, dentre outros -- com a finalidade de superar a si mesmo. O abastecimento técnico é indispensável para se produzir a beleza e o vigor desejados.

Com esses incentivos, não são poucos os que se dispõem a fazer do corpo um laboratório no qual as experiências tecnocientíficas não cessam de ser desenvolvidas. Quando um recurso parece insuficiente e o resultado por ele alcançado já não basta para o estado de satisfação, muitos outros entram em ação. É preciso habilidade para conjugá-los e ousadia para arriscar outros que a todo momento estão sendo criados, com a finalidade de atender à uma forte demanda de um mercado que não cessa de crescer. Cada um deve ser

um empreendedor de si mesmo. É necessário ser um grande investidor para poder usufruir os rendimentos físicos e mentais apropriados, sintonizados na rapidez, no pulsar incessante da vida atual.

O corpo não se fecha sobre si mesmo. Não se pode ficar acorrentado às suas limitações. A dinâmica social e tecnológica da vida presente é para vencer as barreiras, quebrar recordes, descobrir potencialidades. É preciso esforço e dedicação para superar a si mesmo, ultrapassar obstáculos, acentuar a rentabilidade dos prazeres e promover inusitadas performances. As diversas “vozes” ouvidas nesta pesquisa não somente demonstraram essa compreensão, como também apresentaram de modo predominante um discurso sobre a necessidade e a urgência em aperfeiçoar o corpo, recorrendo aos últimos conhecimentos tecnocientíficos.

Por meio desse esforço sedutor de atualização, o corpo passa a ser visto como um objeto aberto, sujeito a muitas influências místicas e tecnológicas. As pessoas querem a todo custo ser jovens, belas e fortes. Buscam-se as garantias, ainda que circunstanciais e efêmeras, que afastem quaisquer sinais de debilitações acentuadas e progressivas que signifiquem desgastes, físico ou mental, comprometedores da boa forma que se aspira exhibir.

As próteses se proliferam, se disseminam e aceleram a mixagem entre os viventes e as aparelhagens como uma nova realidade para o homem do fim de século. Pelas tecnologias o corpo adquire e explora uma pluralidade de espaços e experiências, se oferece em inúmeros registros, compõe e se decompõe na incessante busca de variadas formas e aparências. Já não é mais possível olhar o mundo, as pessoas e seus corpos por meio de perspectivas puramente humanas. Um novo sentido para a cultura está no hibridismo homem-máquina.

Aumenta a compreensão de que homens e máquinas são seres em esferas que se interpenetram e se influenciam mutuamente. A interdependência, baseada na cumplicidade e complementariedade, é uma realidade que assegura o fato de que se pode ampliar o funcionamento do corpo por meio de uma crescente interface com os objetos técnicos. É uma visão revolucionária. Ela põe fim à velha cisão entre a natureza e o artificial, o homem e a técnica, o real e o virtual. A erosão das fronteiras ocorre nos domínios da investigação científica de ponta e nos padrões da vida cotidiana, sobretudo no corpo.

A cisão equivocada do passado foi, em grande parte, responsável pelo sentimento de inferioridade e medo do homem diante das máquinas, entendidas como objetos distantes e apartados do vivente. Com a nova mentalidade do híbrido, não é mais preciso conservar um físico frágil em confronto desfavorável com máquinas mais potentes, precisas, resistentes e funcionais que, na melhor das hipóteses, seriam apenas consideradas como provisórias extensões do corpo. A real condição de mixagem homem-máquina, experimentada crescentemente nas últimas décadas, demonstra que não existe mais nenhum distanciamento. Os objetos técnicos passam a ser concebidos como próteses que devem encontrar o seu lugar dentro do sujeito.

Usar as aparelhagens para redimensionar o homem, estender e intensificar suas faculdades físicas e mentais, pela da incorporação de micromáquinas, é jogar com novos significados das próteses. Se no passado elas visavam reparar, restaurar, tornar inteiro o que estava faltando e se configuravam fora dos padrões estéticos, ou visavam ampliar momentaneamente restritas capacidades, no presente a sua função é ultrapassar os limites corporais. Em outras eras elas tinham o objetivo de devolver a inteireza, imprimir uma dose extra de força. Hoje, o que se quer é ir além, é hiper-realizar o órgão, o membro, os sentidos, a mente. A atualização técnica do sujeito visa a essa hiperrealização numa sociedade que exige o reescalonamento do corpo performático.

É próprio da condição do corpo híbrido o fato de que ele é aberto e requer aceleradas atualizações. Esse é um processo que nunca se realiza de fato. Nele enfatiza-se a dinâmica. Nenhuma técnica de aperfeiçoamento tem o fim em si mesma. Cada etapa não sobrevive nem se realiza sozinha. Existe também uma interdependência entre os experimentos. São múltiplas as combinações, variados os resultados que devem ser incessantemente remanipulados. Cada adequação a um determinado molde necessita de contínuos retoques. Importa não mais o resultado que se atinge com esta ou aquela prótese, porque logo ele será reordenado na perseguição de outras formas e possibilidades. Interessa e caracteriza o culto ao corpo na atualidade o fato de que ele se mescla com as máquinas e está sempre em movimento, em giro orbital.

03. Na era tecnológica, o desenvolvimento da humanidade, os caminhos do nosso conhecimento a respeito do mundo e de nós mesmos são essencialmente associados à microeletrônica e à microbiologia, com sua variante resultante, a engenharia genética. O meio tecnológico, em particular a invasão da mídia e o emprego de aparelhos eletrônicos na vida cotidiana, modela progressivamente um outro comportamento intelectual, político, econômico, educacional e afetivo.

O vetor característico do universo que vem determinando a nossa vida é a velocidade imposta pelos meios de transporte, comunicação e transplantação. São tecnologias que alargam horizontes, promovem o aspecto camaleônico das idéias, a transformação dos comportamentos, a tendência interativa do humano e inumano, o corpo flexível que rapidamente supera, recicla e cria outros modelos e formas existenciais, multiplica possibilidades e encantos.

Na cultura eletrônica tudo precisa ter seu ritmo acelerado. A sofisticação da sociedade das tecnologias comunicacionais e informacionais legitima a espiral da multiplicidade. Ela é o cerne de um universo que sobrevive da veloz circulação, incessante e fragmentada, de todas as informações, imagens e cânones. Ela oferece ao homem o prazer de ultrapassar a lentidão, o acanhamento das disposições físicas e das operações tradicionais da lógica humana. Tornou-se imperativo viver em estado de urgência.

A modalidade da vida atual consiste na superação do que está supostamente estabelecido, no abandono de fórmulas e situações ultrapassadas, no esquecimento de idéias, valores e moldes considerados inadequados. É preciso ser mutante num mundo vibrante e imprevisível, conviver com formas e significados oscilantes. Para sobreviver e usufruir do bem-estar promovido pela sociedade tecnológica, o sujeito deve ser maleável, sujeitar-se à velocidade das mudanças, construir uma visão de mundo no qual as filosofias lineares deixam de predominar sobre o pensamento porque florescem os esquemas circulares, provisórios, carentes de novas compreensões, outra lógica baseada na multiplicidade das conexões.

Velocidade, mudança e excessivo grau de possibilidades são as características exploradas como positivas pela mídia e valorizadas socialmente pela cultura tecnocientífica. Em um universo em que tudo se modifica em velocidade permanece a

disponibilidade para as mudanças. É preciso ser sempre um novo sujeito, alterar freqüentemente a aparência, desenvolver novos ritmos vitais, para ser sempre atual.

Portanto, existe uma cobrança social que promove a predisposição individual, cada vez mais manifesta nas pessoas com as quais dialoguei nesta pesquisa, para a convivência com a multiplicidade e a adoção de variadas estéticas físicas. O posicionamento exalta a estimulação dos sentidos e os prazeres anômalos que se tornam valores dominantes da vida corrente. O corpo deve ser camaleônico para manter correspondência e realimentar os fluxos híbridos que dinamizam a vida corrente.

Inserido no contexto das mudanças, mais importante que ter um corpo é torná-lo objeto de investimentos, um bem de prestígio. A exigência do investimento é a possibilidade de sua satisfação. Baseado no princípio normativo do prazer, espera-se que ele frutifique e amplie a sua rentabilidade hedonista. É preciso recorrer à interdependência dos experimentos, à criatividade nas combinações, variar os resultados sempre remanejados. É imprescindível que cada sujeito administre e regule o seu corpo como seu mais precioso patrimônio. Inserido nesse rol das mutações, deve-se manter viva a esperança de cada um no ato contínuo do aprimoramento. Afinal, dessa mixagem homem-máquina surgem novas ligações, interfaces sensoriais e de inteligência que modificam consideravelmente a existência. Conexões que abrem variadas perspectivas por onde cada vivente poderá se aventurar em busca da perfeição.

A velocidade das mudanças cria a necessidade real de se ter um novo corpo, ele mesmo mutante, flexível, adaptável às circunstâncias, capaz de se metamorfosear para encontrar seu próprio brilho no domínio do efêmero. Sempre inacabado, ele pode ser infinitamente modificado. É o novo paradigma do corpo, uma conquista do homem contemporâneo.

04. A mixagem homem-máquina, realizada pelas técnicas interativas, interfaciáveis e da implantação de micopróteses no corpo, é tanto mais aceita e reivindicada quanto mais as pessoas pressupõem que ela não interferirá de forma

indesejável na aparência humana. Os entrevistados refutam a imagem do robô, mas querem absorver certas características das máquinas, como velocidade, precisão e resistência para intensificar a sua performance.

O receio da sobreposição da imagem da máquina sobre a aparência humana vem sendo eliminado à medida que as pessoas entendem as novas perspectivas da mixagem homem-máquina como um processo de interatividade biotecnológica. Também se vive uma mudança de mentalidade, em parte proveniente da revolução da informática no cotidiano, sobretudo por sua vedete maior, o computador.

À medida que os seres humanos se confundem cada vez mais com a tecnologia e uns com os outros pela tecnologia, as velhas distinções entre o especificamente humano e o próprio das aparelhagens tornaram-se mais complexas. A rápida popularização da informática acelerou a comparação do computador com o corpo humano e, mais precisamente, com o cérebro. Portanto, entender a evolução das máquinas, seu processo de miniaturização e desmaterialização, sua razão de ser menos na forma e mais na energética, apressa a dissolução de receios e favorece a visão dos benefícios de uma crescente mixagem homem-máquina.

Os computadores servem de suporte a diferentes estilos e culturas porque podem ser abordados de diferentes formas. O desenvolvimento dessas máquinas provém muito dos múltiplos aperfeiçoamentos tecnológicos que permitem a compacturização, o aumento da rapidez de processamento, a capacidade de manuseio de um volume de dados cada vez maiores e a possibilidade de se comunicar com outros aparelhos, criando redes. É típico da informática a geração de uma constante atualização dos seus produtos e o conseqüente abandono de tudo o que neles se torna obsoleto. No caso dos computadores, a máquina que não se atualiza rapidamente vira sucata. Em um mundo de abundância, em que as informações são constantemente acessadas, atualizadas, apagadas e substituídas se promove a ultra-aceleração da mudança. Tudo flui, gira, sideraliza. O que insiste em permanecer igual fica defasado, à margem, é obrigado a sair de cena.

Como tudo se acelera à sua volta, o homem da velocidade não pode mais se dar ao luxo de desacelerar e estacionar. O contexto passa a ser o de acesso instantâneo às coisas e à informação. Acesso mais veloz à medida que se acelera a interação entre o corpo e as máquinas. É a própria dinâmica das máquinas que também passa a ser mixada no humano.

Está em questão, a exemplo dos computadores, não apenas trazer para o corpo próteses que ampliem o seu melhor funcionamento, mas interagir com elas, desenvolver uma nova mentalidade para a solução dos problemas e o acompanhamento das transformações, das aparelhagens e do próprio organismo.

Para isso é importante a compreensão das mudanças que estão ocorrendo no corpo das máquinas e os modos como elas se conectam entre si e favorecem a interconecção com os homens. É um fato que os suportes materiais estão sendo redefinidos. Nas máquinas, o *hardware*, a realidade física, está a contrair e implodir sobre si mesma. O *software*, a realidade imaterial, está a expandir-se. O processo de dissolução da estrutura material dos objetos técnicos é fundamental para se entender a transformação dos corpos humanos pelos “corpos” eletrônicos, que ocupam cada vez menos espaços, requerem menos visibilidade e, exatamente por isso, descartam velhos receios de uma suposta robotização da aparência humana.

Os computadores aceleram e desintegram padrões culturais tradicionais para reintegrá-los de uma outra maneira. O mesmo modelo é correlato do corpo híbrido. Não são poucas as tecnologias que convidam as pessoas a sondar além da superfície do visível. É um mundo em que as micro-estruturas sobrevivem da conquista do espaço interno, das particularidades. Por isso, a fragmentação e a descontextualização dos membros e órgãos que se misturam às nanotecnologias são fundamentais na era da implantação e transplantação, na qual o corpo é reordenado pelas cirurgias e próteses que se dedicam a recombinar seus fragmentos, por dentro, revirando o interno, tudo o que está sob a pele.

É uma característica da atualidade o fato de que o corpo passou a ser transfigurado e renovado pelas operações, nas quais os enxertos e as próteses nos misturam aos outros e aos artefatos. A terapia genética procura expurgar por antecedência um possível mal, qualquer incômodo ou futuro desagrado. É a obsessão pela purificação total do corpo perfeito. Com a biotecnologia, a questão do culto ao corpo não se prende muito mais ao estágio da produção externa, valorizadora de recursos aplicados sobre a superfície e, por isso mesmo, remodelador da aparência segundo a imagem caricatural da máquina.

Com o corpo técnico, resultado da combinação crescente e plural de tecnologias, a pele não é mais um dispositivo de proteção, mas de comunicação. Está em evidência o estágio de mutação acelerada do corpo a partir de um modelo elaborado pela engenharia

genética ou fórmulas matemáticas em que o vivente é reestruturado ou produzido, para o bem da saúde total, do corpo perfeito.

A percepção dessa realidade se faz cada vez mais transparente nas “vozes” dos entrevistados, cineastas e teóricos. Ela aponta o destino último do corpo concentrado na energética, uma matriz genética, uma imagem de síntese disseminada nas redes, satélites de comunicação e telas onde ele pode fazer sua cena resplandecente.

05. A compreensão dos objetos técnicos como instrumentos que são ininterruptamente atualizados favorece a percepção da dinâmica entre o superado, o renovado e expandido. Como se viu, a realidade da máquina é de total abertura para as alterações. Nada nela é estável, concluída. A visão romântica dos objetos técnicos como perfeitos e infalíveis já foi desfeita com o computador, seus periféricos, programas, jogos, janelas e conexões em redes. A “incompletude” é o seu modelo por excelência e se converte no paradigma do corpo técnico.

A visão do corpo aberto, sujeito a intervenções tecnocientíficas, promotoras de metamorfoses, confirma a mudança de mentalidade e de atitudes diante do corpo mixado às novas tecnologias. A clássica oposição que se tentou instaurar entre o homem e a técnica não tem mais como sobreviver. Hoje, as tecnologias estão totalmente inseridas nas práticas culturais da sociedade de comunicação integrada e elas têm um valor inestimável para o homem e seu corpo. A tarefa do presente não é louvar ou condenar a tecnologia, mas fazer a ponte entre o sujeito e as aparelhagens. O momento não é de cisão, mas de mesclagem, interação.

A tecnociência apresenta uma multiplicidade de alternativas para que cada sujeito promova no seu corpo essa mixagem progressiva. Elas não são excludentes, mas complementares. A lógica não é reducionista, mas pluralista. Esse modo de pensar e conceber a realidade do corpo na era tecnológica muda muitas percepções e teorias e demonstra que vários dos sistemas políticos e educacionais estão a arrastar-se atrás do recente universo biotecnológico, do novo *marketing* corporal.

A utilização de aparelhos e redes de comunicação como próteses para intensificar e aperfeiçoar o funcionamento corporal prevalece como condição para o bem-estar dos

sujeitos. A nova mentalidade diz que positivamente o homem está se tornando um *cyborg*. À medida que cada tecnologia estende uma faculdade humana e transcende as suas limitações amplia a performance dos seres híbridos. O reino biotécnico constitui um suporte imprescindível para o destino mutante do corpo na sociedade tecnológica.

O homem inventa a técnica e é por ela inventado. A civilização do virtual se constrói genuinamente no processo sinérgico homem-máquina. O *Cyborg*, como híbrido do organismo e da cibernética, metade carne, metade ciberespaço, faz do corpo o objeto de todas as experiências e o abrigo de uma quantidade cada vez maior de instrumentos técnicos. Esse modelo passa a ser o princípio da nova realidade corpórea, à medida daquilo que o homem está se tornando e do que o espera. Ele é sempre um projeto e ao mesmo tempo um destino: o corpo-prótese. O seu caráter material já não tem tanta importância, ele passa a ser uma alternativa, uma opção momentânea, progressivamente desmaterializada, reduzida, reformulada, redefinida, diante de uma infinidade de possibilidades capazes de realizar sonhos e fantasias no campo da saúde, do erótico ou do estético. Esse metacorpo, cuja principal característica é o excesso, é próprio do homem-satélite, em giro sideral, dentro e ao redor de si. É pura comunicação.

06. Para a construção do homem-satélite, medicina, informática e engenharia genética se associam e invadem o cotidiano, anunciando que a explosão da indústria da beleza e da revitalização corporal vai além do império das vaidades. A ênfase maior da atualização do corpo, sempre referendada nos depoimentos, abordagens cinematográficas e análises dos teóricos, se concentra mesmo na necessidade do avigoreamento, na oportunidade de cada sujeito redimensionar as suas faculdades físicas e mentais. Como se viu, não são poucos os apelos para que se explore as possibilidades de imbricação e de reflexão maior sobre a condição do homem e de seu corpo diante das constantes alterações impostas pelas mudanças típicas da sociedade tecnológica.

A reconhecida necessidade de uma constante atualização corpórea parece visar à sua superexcitação, garantida pela mixagem homem-máquina; a superexibição, o corpo feito mídia; a supercirculação, os modelos físicos disseminados que alimentam novas reformulações físicas. Talvez esteja centrada aqui uma razão para tamanha vontade de

ampliar o desempenho corporal. Ultrapassar as barreiras da própria materialidade, descarregar-se desse fardo para na vitalidade energética comunicacional existir, lívido, num mundo sem gravidade. E aí, talvez o modo dos corpos existirem no mundo de imagens é tornar-se luz.

É preciso entender o teor de alguns discursos sobre um suposto fim do corpo, baseado numa tendência da filosofia da técnica que vê a tecnologia como o prolongamento do humano e supõe a reversibilidade do corpo num processo do seu próprio desaparecimento. O acúmulo de próteses explodiria o sentido e a possibilidade da corporalidade, cada vez mais virtualizada.

Cada tecnologia que se mescla com o corpo supera um determinado modelo físico ou mental baseado em uma certa limitação que foi ultrapassada. É preciso que características e cânones sejam deixados para trás na adoção de novos e fluidos padrões e modos de ser, adequados às necessidades sociais de cada época. O fim é para o corpo que não muda. O corpo que não se atualiza, não se realiza e se virtualiza na mixagem homem-máquina. É o que insiste em permanecer igual. Torna-se obsoleto, fica à margem, excluído do mundo atual, mero resíduo. Não é a presença mas a ausência de próteses que apressa o fim do corpo. Não se pode mais viver bem sem as biotecnologias, sem torná-las partes integrantes de nós mesmos. Sem o dinamismo, a força e a vitalidade das próteses, o homem nada mais é. As alternativas para o homem do fim de século se concentram e se expandem nas experiências de adesão à colonização gradual da vida orgânica pela vida eletrônica, em ser um homem-satélite.

Com isto, o híbrido homem-máquina não é o fim do corpo, mas a forma excelente da sua afirmação contemporânea. As tecnologias hoje estão no corpo não como meros acessórios, substitutos protéticos, mas como um ornamento estético integrante da própria constituição física e mental dos sujeitos. E é preciso que cada um saiba extrair dessa simbiose os efeitos desejados na sideralização de si mesmo.

07. Em nossa época, a biotecnologia é a estruturante que articula as novas formas do agir humano. Os usos das mais diversas próteses que promovem as mutações físicas não são para alienar o corpo nas aparelhagens nas quais ele se agita, nem nos instrumentos aos

quais recorre. A mixagem homem-máquina tem a finalidade de ampliar a densidade e afirmar a própria corporalidade transfigurada no contexto da era eletrônica. Nela estão vivas a esperança, o orgulho e o privilégio de aprimorar o corpo e a existência.

O corpo na amplitude midiática e tecnológica tem a condição de se metamorfosear para resistir e permanecer. Ainda que pareça contraditório, só pelas mudanças a sua permanência se faz possível. É o contexto desta era instável, inquietante e ao mesmo tempo fascinante de celebração e entusiasmo com o corpo tecnológico. Deve desaparecer é o modelo do corpo débil, feioso, sujeito às doenças, ao envelhecimento, decrepitude e morte. Mas o mixado nas próteses de comunicação, reconstruído pelas avançadas tecnologias, ágil e belo, pavoneado e camaleônico, deve ser renovado para continuar festejado.

O desejo das pessoas com as quais dialoguei nesta pesquisa não é se livrar do corpo, mas, ao contrário, recorrer às novas tecnologias para dinamizar, alegrar e comemorar vivências. Por isso, a tarefa cotidiana da reformular a arquitetura física reajusta a consciência que cada um tem de si mesmo e do mundo. Para os baianos, como a música, a dança e o gingado de sucesso eleitos para cada estação, o corpo necessita encontrar a sua versão do momento capaz de proporcionar ao sujeito a performance que ele quer exibir. É a liberdade de escolher a forma mutante e adaptável do físico. Esse é um incessante desafio que lança novas cores na ideologia do progresso humano.

Os satélites se tornam em modelos de configuração do corpo. Sempre girando e interligados, dão ao mundo uma espécie de pele eletrônica, enviando e recebendo informações, trazendo transparência às nossas percepções tecnologizadas. Eles introduzem uma nova sensibilidade e consciência sobre o corpo cada vez mais fluido, desprovido de viscosidades, leve. O homem-satélite, que faz do seu corpo o lugar irreversível e apaixonado das tecnologias avançadas, é o sujeito inserido na dinâmica plural, polifônica e fecunda da era tecnológica.

APÊNDICE

ASPECTOS METODOLÓGICOS

I. O ato de pesquisar.

A aceitação do fim dos metarrelatos altera de modo significativo hoje o *status* do saber. Em ambientes intelectuais tornou-se freqüente considerá-lo fragmentado, disperso. Vivemos uma realidade múltipla que requer a coexistência dos paradoxos, da diversidade, das alternâncias. Nesse contexto, que põe fim às antigas ilusões da visão unificadora e das explicações generalizantes e globalizadoras, próprias da Era do Iluminismo, antigos métodos e velhas práticas já não se sustentam e a atividade científica requer outras orientações capazes de produzir um saber vivo, dinâmico, pulsante, em agitação ininterrupta, que não cesse de ser atualizado.

Byington nos fala de uma perspectiva metodológica e epistemológica que reuna o objetivo com o subjetivo. Não mais do modelo “positivista”, com sua aspiração de verdade, certeza e segurança, nem do “empírico”, de amplo uso nos anos 30 e 40, quando as opções individuais do pesquisador eram tidas como suficientes para, em quaisquer circunstâncias, provar as suas idéias e convicções. Na atualidade, essa tradicional dissociação é vista como falsa e infecunda, capaz de comprometer muitas pesquisas. Por isso, vários pesquisadores nas universidades procuram mudar o seu rumo.

De um lado, é preciso considerar que pesquisar é falar por si mesmo, da sua maneira, sem esconder ou escamotear os sonhos, intuições e emoções, as motivações e o contexto existencial que permitem ao pesquisador tomar as decisões estéticas do seu trabalho. De outro, é necessário reconhecer que “a ciência não vai simplesmente diminuir o seu rigor só para satisfazer emoções de pesquisadores” (Byington, 1995:50).

Para o autor, é aqui, nesse conflito, que a visão integradora surge como uma boa alternativa porque procura superar as ilusões daqueles que ainda defendem a objetividade -- a visão universitária antiga, baseada em pesquisas desenvolvidas apenas para se obter títulos, sem que o agente revele a sua vivência de todo o processo --, acusam os trabalhos que valorizam as idéias e intuições pessoais como “achismo”, literatura e ficção, e se referem às teses como “romance”, “relato” ou “história”. Mas essa visão ultrapassa

também as quimeras dos que ainda advogam em favor da “pura” subjetividade e apostam na verdade absoluta do pesquisador.

A questão então passa a ser como coordenar essa reunião da subjetividade, marcada pela intuição, afeto e fantasia do pesquisador, com a objetividade e o rigor científico, sem que se fique prisioneiro em um ou outro pólo. A sugestão de Byington é de que a abordagem do conhecimento deve ser feita por meio da posição simbólica diante da realidade, dentro de um processo de individualização. Para ele, o mais importante é descobrir a ligação da pesquisa com a vida e o desenvolvimento emocional da personalidade do pesquisador.

No que diz respeito à sua pesquisa, a pergunta é: se vocês querem uma *pesquisa* que reuna a *subjetividade* com a *objetividade*, mas querem ao mesmo tempo fazer ciência, a primeira coisa é recorrer ao seu *processo de individualização*. É perguntar: qual a sua relação emocional com sua pesquisa (...) vocês têm que procurar essa ligação da pesquisa com seus sonhos, suas emoções, com suas esperanças, com seus interesses pessoais, com suas motivações políticas, sociais, mas absolutamente únicas dentro de vocês (Byington, 1995:56).

Para o autor, é preciso deixar as impressões digitais, as marcas pessoais e entender o contexto da pesquisa em suas múltiplas perspectivas e significados, de modo a não generalizar e não predizer resultados universalizantes. Desse modo, a pesquisa acadêmica passa a ser vista como o trabalho de alguém que vive, opina, cria, sente, sofre e se entusiasma. Ela é a própria revelação dessa pessoa como ser integrante e atuante no mundo. Mas esse processo subjetivo da pesquisa e toda a riqueza dessa vivência também precisam ser abstraídos para se encontrar a objetividade.

Então, se nós mergulharmos na inspiração e no simbólico, a objetividade aparecerá. O esforço de busca dessa objetividade é que vai ser o caminho da tese, é ele que vai dirigir a pesquisa, o trabalho, o esforço para você abstrair essa objetividade, poder comunicá-la numa dissertação e, finalmente, apresentá-la como uma obra científica (Byington, 1995:57).

Nesse tipo de investigação não existe separação entre o sujeito da pesquisa, o pesquisador e o objeto de estudo. Eles também são continuamente mixados. Por isso é importante revelar as múltiplas “vozes” que compõem posicionamentos e perspectivas variadas sobre o tema estudado, desenvolver uma linguagem que revele as dimensões dos sujeitos envolvidos, inclusive a do pesquisador no próprio ato de escrever a sua pesquisa. Essas “vozes”, que podem ser apresentadas sozinhas, ponderadas e sempre entrelaçadas com a “voz” do pesquisador, também se cruzam e se multiplicam, formando uma rede de relações não hierárquicas.

Nessa tarefa é preciso humildade, reconhecer que não se pode dar conta de todas as variantes e tendências surgidas no desenvolvimento da pesquisa. É necessário saber escolher, se posicionar. O pesquisador, impossibilitado de encontrar respostas para todas as suas dúvidas, deve se contentar em conduzir uma investigação a partir de algumas idéias obsedantes que se sobressaem em sua pesquisa. Com liberdade e autonomia ele deve destacar os pontos fortes, acentuar este ou aquele aspecto e propor o acompanhamento que julgar pertinente e que mais lhe agrade.

Isso leva a uma escrita em contraponto, feita de variações perpétuas, em torno de um objeto que não é jamais explicável em sua totalidade, e cuja única ambição é extrair-lhe as características essenciais, delimitar-lhe os contornos e mostrar suas conseqüências aqui e agora (Maffesoli, 1995:13).

Tal proposta se adequa ainda mais quando o objeto de estudo está ele mesmo em plena mutação, como a progressiva transformação do corpo na sociedade tecnológica. Nesse caso, a pesquisa exige a ação de um pensamento hábil, sideral, que não teme as repetições nem se feche em si mesmo, que seja dinâmico como o problema que se investiga.

Na análise científica clássica, face a um objeto morto ou estabilizado, pode-se segundo a exigência legitimada admitida, passar do concreto ao abstrato. Isso se dá de forma totalmente diferente quando uma nova cultura, em seu estado nascente, encontra-se em efervescência e burburinho. É necessário, por conseguinte, adotar uma postura intelectual que, com flexibilidade,

contente-se em descrever, em registrar, em “mostrar” o que é (Maffesoli, 1995:13-14).

Essa é uma metodologia que solicita do pesquisador uma ótica especulativa no tratamento da pesquisa, sobretudo quando o que se pretende é entender as diversas modulações de um tema totalmente presente no cotidiano de uma comunidade ou de um grupo seletivo de pessoas. Com isso, os critérios de validade de uma pesquisa também mudam.

A minha proposta é a do retorno do discurso científico à sua modesta importância; a de se tomá-lo como um conhecimento discreto, datado no tempo e marcado no espaço, um conhecimento ágil e sempre pronto a renovações e à adaptação. Apenas um discurso a mais, se bem que socialmente necessário, no quadro das informações sociais. Não como um discurso cumulativo no sentido de ser um “capital”, que certos intelectuais acumularam e do qual não pensam em se desfazer jamais. Ao contrário, é um saber vivo e permanentemente reciclável (Marcondes Filho, 1995:46).

Segundo Marcondes Filho (1995:47-48) o método deve ser composto de três etapas básicas e complementares.

A primeira é um trabalho de “garimpagem”, em que se vai a campo em busca de informações. Elas significam o contato inicial com a matéria a ser estudada. Então, quando se conclui essa parte empírica é que verdadeiramente começa o trabalho de pesquisa. Esse é o momento em que o pesquisador tem consigo um material inédito, em estado bruto e se pergunta o que fazer com ele.

A segunda etapa, mais fecunda, consiste na operação criativa do trabalho científico, desenvolvido não pelo pesquisador isolado, preocupado em provar as suas posições, mas em meio a um clima de discussão profunda, sequenciada e sistemática, entre os seus pares, em grupos de estudo e pesquisa. Daí a valorização de *workshops* nos quais, de modo espontâneo e humilde, cada um deve assumir uma postura aberta diante das inovações e descobertas feitas pelos pesquisadores e se dispor a mudar suas posições sempre que necessário. Essas sessões são ricas porque socializam o conhecimento na sua própria dinâmica de construção. É um saber que nasce de uma contínua troca, do entrelaçamento de

opiniões. É nesse clima que o pesquisador deve encontrar indicações e alternativas viáveis para o tratamento mais adequado a ser dispensado ao material que ele recolheu quando foi a campo.

A terceira e última etapa consiste na elaboração objetiva, resultante do processo criativo do pesquisador, de apresentação e difusão das suas descobertas, jamais consideradas acabadas. É o momento de trazer a público o seu trabalho sistematizado de modo claro, sincero e compreensível. É a vez de mostrar o que ele fez com aquele material exclusivo recolhido durante a pesquisa empírica. A preocupação não deve ser a de apresentar resultados, as tradicionais conclusões redondas, mas fazer inferências, apontar novas inquietações, abrir espaços para outras discussões e possíveis pesquisas. É preciso dar versatilidade e capacidade de adaptação a essa constituição das idéias e saberes que não se completam e, por isso mesmo, sempre estão a nos motivar. É na força dessa dinâmica que a pesquisa deve encontrar a sua validade.

Há que se pensar um novo caminho que legitime os saberes adquiridos e os sociabilize para o agir social responsável. Um método que se baseia na livre troca de idéias, apoiada em atenta e cuidadosa leitura, vivência e observação para aspirar à legitimidade por meio do consenso. Já apontou Lyotard, que diante da crise de legitimidade das ciências, por força do fim dos metarrelatos, só nos resta a legitimidade dos pares (Marcondes Filho, 1995:46).

A aspiração de validade, por um tempo razoavelmente útil, deve ser encontrada em um clima de discussão aberta, com interlocutores atualizados com as recentes produções teóricas, no qual um saber sincero e inteligível, subjetivo e objetivo, é sempre reordenado.

No caso de *O homem-satélite. Estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica* pude experimentar “na pele” os desafios de uma metodologia como essa, que não oferece receitas prontas para serem seguidas. As minhas renovadas descobertas com a pesquisa empírica, bibliográfica e freqüentes discussões em *workshops* e seminários, nacionais e internacionais -- sem esquecer a proliferação das abordagens sobre o tema na mídia -- exigiram várias mudanças no tratamento das questões e no aspecto formal da

pesquisa. A todo momento era preciso experimentar possibilidades, refazer etapas, criar saídas, tomar decisões. E, exatamente por isso, foi possível viver intensamente, em cada fase do trabalho, a alegria e o prazer de enfrentar e encontrar as soluções para os muitos entraves que sempre surgem num trabalho desse porte, principalmente os de redação, a forma objetiva da pesquisa.

Os caminhos da tese foram alterados diversas vezes. Quando pensava ter encontrado uma boa direção e não continha mais o meu entusiasmo por ela, descobria que era preciso buscar outra, regressar a um determinado ponto, começar de novo, descobrir novos rumos. E em cada uma dessas idas e voltas, acertos e desacertos, reordenamentos e novas sistematizações, pude superar dificuldades, passar da descrença à crença, da impossibilidade ao possível, do sonhado ao construído. Vivi e compreendi um pouco mais o que Byington escreveu:

Durante a criação, vocês vão sentir aquela angústia, aquela motivação, aquela vivência difícil e preciosa, e essa é a *ligação com o todo*. Podem até dizer depois que foi o parto da montanha, que a montanha fez um enorme esforço e saiu um camundongo debaixo dela. Porque a gente sente uma vivência enorme e depois produz aquela coisa pequenina. Mas a gente *vivenciou* o contato com a criatividade, que é a *essência transformadora do universo*. Esse contato de “terceiro grau” deixa a gente muito nervoso, muito ansioso. Mas se a gente elaborar o medo, a angústia e a vaidade direito, a gente pode sentir *gratidão* e um *orgulho verdadeiro* por aquele contato, por aquela vivência de grandiosidade, de transcendência, de ligação cósmica que tem aquele que pesquisa e que cria com base no símbolo (Byington, 1995:65).

II. As alterações de percurso.

01. As discussões em *workshops*.

A biotecnologia, a engenharia genética e a nova robótica nos apresentam a possibilidade de crescentes e cada vez mais populares experimentos de mixagem homem-máquina. A todo momento o *design* do corpo humano é recriado. Entretanto, o que orientou esta pesquisa desde o início não foram a capacidade ou as modernas técnicas e recursos da

tecnociência em interferir, modificar e produzir novos modelos corporais. Por mais que conseguisse avançar nessa direção, depois de alguns anos de trabalho muito do que conseguisse apontar como revolucionário certamente já estaria ultrapassado.

A idéia de recorrer a depoimentos de um grupo de pessoas sobre a estética e as mutações do corpo na sociedade tecnológica surgiu a partir de uma experiência realizada no primeiro *workshop* que propus e participei no MENT¹ sob o título *Do corpo interdito ao homem-satélite*. Com empolgação as pessoas discutiram o tema e revelaram as suas necessidades de falar de seus imaginários sobre o corpo alimentado por próteses, por meio de inúmeras produções cinematográficas e leituras de ficção científica. Num segundo momento, a discussão centrou-se no que se pode chamar de “plano real”. Vários depoimentos foram apresentados, relatos de experiências pessoais ou de conhecidos que buscavam os mais diversos recursos técnicos para aproximar o corpo de um modelo ideal mutante. Nesse debate, uma das conclusões a que chegamos foi a de que o ser humano contemporâneo recorre às avançadas tecnologias para reordenar a funcionalidade corpórea de acordo com o ritmo acelerado da sociedade de comunicação. E a questão pendente era: as pessoas, no seu dia-a-dia, também pensam assim?

O envolvimento de cada um na discussão, sempre de modo entusiasmado, me assegurou a pertinência do tema. Nesse *workshop* ficou claro o quanto o imaginário sobre o corpo híbrido já está desenvolvido nas referências cinematográficas-televisivas. O desafio então era partir desse imaginário, já construído e, ao apontar as avançadas tecnologias como recursos concretos para a sua realização, detectar as reações, posicionamentos e expectativas de um grupo de pessoas em atender ao que antes era apenas um desejo e uma ficção.

A opção foi recorrer a uma pesquisa qualitativa, com o fim de recolher depoimentos de um grupo selecionado de pessoas sobre suas expectativas em relação ao culto e as mutações do corpo, sem buscar uma relação estatística, mas a relevância dos próprios depoimentos efetuados, a partir das informações dadas pelos entrevistados. Não procurei a dispersão geográfica dos sujeitos. Concentrei a pesquisa de campo em Salvador - BA. A

¹ Grupo de Estudos e Pesquisas sobre “Memória, Ensino e Novas Tecnologias”, coordenado pela Prof. Dra. Vani Moreira Kenski, na Faculdade de Educação da UNICAMP.

determinação da amostra e os passos metodológicos estão no tópico *Descrição do processo da pesquisa de campo*.

Com a pesquisa concluída e a primeira versão redigida, participei de um segundo *workshop* no MENT, intitulado *O homem-satélite: estética e mutações corporais*. Os objetivos eram 1) apresentar as informações sobre o material de campo; 2) aprofundar teoricamente a reflexão sobre o tema em estudo; e 3) buscar uma abordagem teórica adequada e possível. Nesse momento todos nós que participamos das discussões nos convencemos da importância em investigar as abordagens que alguns filmes de ficção científica apresentam sobre a construção técnica do corpo, já que elas tiveram grande representação no imaginário dos entrevistados. Além disso, várias sugestões teóricas foram feitas e as principais delas encaminhadas para o exame de qualificação, realizado nesse período.

Além dos membros fixos do MENT, cada uma das oficinas contou com a participação de um professor convidado, um especialista da área ou alguém que estivesse desenvolvendo alguma pesquisa relacionada ao tema. As discussões foram gravadas, transcritas e as cópias distribuídas entre os participantes. Esse processo de produção do conhecimento foi muito estimulante. Cada um aportava uma visão sobre o tema de um ângulo diferente e as diversas abordagens se complementavam. Nesse clima de contínua troca, além do convívio amistoso, quando se podia compartilhar as alegrias dos avanços e as preocupações com os estancamentos da pesquisa, o mais importante foi o fato de que cada interlocutor conhecia a pesquisa do outro e o estágio em que ele estava. Por isso, podia manter um rico intercâmbio de material, em forma de textos, bibliografias, críticas e opiniões.

Durante todo o tempo dedicado à pesquisa também participei de outros *workshops* - nos quais o tema *Corpo e Tecnologias* esteve total ou parcialmente ligado às discussões -- com o NTC-SP². Esses debates, também gravados, foram posteriormente publicados na revista *Atrator Estranho* e muito contribuíram na definição de prioridades e no melhor tratamento que eu deveria dispensar ao tema.

² Centro de Estudos e Pesquisas em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura, coordenado pelo Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho, na Escola de Comunicação e Artes da USP.

02. O exame de qualificação.

O exame de qualificação, realizado no dia 26 de maio de 1995, foi um momento decisivo tanto para um novo encaminhamento, que alterou radicalmente a forma da tese, quanto para a definição da linha teórica.

O texto encaminhado para o exame de qualificação continha a descrição do material de campo e algumas propostas para o estudo teórico. Considerei, a partir das referências dos participantes dos *workshops*, dos próprios entrevistados e das minhas, que muito do imaginário sobre o homem-máquina é cinematográfico. Essa me pareceu uma boa razão para elaborar o estudo como um “roteiro”. Os temas eram abordados como cenas de um filme, inclusive dando a idéia de marcação, posição e movimento de câmera. Muitas das alusões que os informantes fizeram a determinadas cenas de filmes, seriados ou publicidade, foram descritas. Cada entrevistado aparecia no “roteiro” como uma personagem que entrava, apresentava a sua “fala” e saía de cena.

Fui convencido pelos professores que discutiram comigo essa primeira versão de que a forma não era adequada. Na época, a proposta da tese ainda era considerada “estranha, fora da realidade”. O objeto de pesquisa pouco estudado. Dava a impressão de que o texto era uma “ficção” e não o resultado de uma pesquisa empírica séria, desenvolvida com rigor metodológico, dentro das exigências acadêmicas. Além de várias sugestões de como poderia proceder na reestruturação formal dessa parte da tese, eles me sugeriram recorrer aos teóricos “pós-modernos”, sobretudo de linha francesa, na busca de referências para o estudo teórico.

A indicação muito me agradou, por duas razões. Primeiramente, porque essa já era uma das minhas propostas e justamente aquela em que eu revelava maior familiaridade, em função de leituras acumuladas desde a dissertação de mestrado. Além disso, é grande o meu entusiasmo pelas pesquisas desenvolvidas por esses autores. Em segundo lugar, porque as reflexões que eles fazem sobre o comportamento das pessoas, o culto e o destino do corpo na sociedade tecnológica apresentam abordagens fecundas e, ao meu ver, indispensáveis para a compreensão do tema na atualidade.

O exame de qualificação reorientou a trajetória que eu vinha desenvolvendo até então.

03. A revolução do corpo híbrido no cotidiano.

Outro fato que contribuiu significativamente para o reordenamento da pesquisa foi a crescente revolução das técnicas de aperfeiçoamento físico e mental nos últimos anos, sobretudo depois do exame de qualificação. De fato, de lá para cá houve uma explosão do tema e se tornou impossível não ser por ele envolvido. O culto e as mutações corporais passaram a fazer parte do cotidiano de um número cada vez maior de pessoas, e o tema, em infinitas abordagens, pauta de reportagens em periódicos e revistas, matéria de sucessivas reportagens na televisão e sempre mais objeto interdisciplinar de estudos acadêmicos que envolvem profissionais e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento.

A mixagem homem-máquina, que na época do exame de qualificação ainda causava estranhamento, era vista como uma preocupação futurista e, por isso mesmo, associada ao universo da ficção, deixou progressivamente de ser considerada no campo das possibilidades distantes e se converteu rapidamente em realidade, promovida pela tecnociência, difundida ininterruptamente na mídia e vivenciada diariamente por um número expressivo de pessoas que concebem o corpo como objeto de investimentos e o seu culto um novo modo de vida.

Essa popularização do tema, a difusão de recursos e técnicas para que cada um transforme e adeque o seu corpo aos cânones efêmeros difundidos e reverenciados socialmente, as novidades a todo momento anunciadas e superadas pela biotecnologia, a multiplicidade de discursos e abordagens, estudos e análises, exigiram o meu contínuo cuidado nos recortes metodológicos, teóricos e formais da pesquisa.

Queria que a tese representasse esse universo em movimentos siderais, que revelasse o entusiasmo das pessoas no uso das variadas tecnologias para revigorar o corpo e sempre adaptá-lo ao ritmo e à dinâmica da vida atual. Mas eu não poderia abarcar todas as tendências. Era preciso fazer escolhas, determinar recortes e modos de sistematizar o material empírico e teórico de modo que pudesse ressaltar apenas alguns dos aspectos que considerei mais significativos no processo da pesquisa. Não eram decisões fáceis de ser tomadas. Com frequência era tentado a incluir sempre outras variantes do tema e o volume

de trabalho crescia até não saber mais o que fazer. Era preciso parar e estabelecer prioridades.

Talvez a escolha mais importante tenha sido a de que eu não precisaria recorrer aos autores para explicar desejos, comportamentos e expectativas apreendidos no estudo que fiz com os depoimentos das pessoas entrevistadas. O propósito da pesquisa não era esse e a fundamentação teórica não precisaria ter uma tradicional finalidade. Não estava buscando explicações, relações de causa e efeito do culto e construção do corpo híbrido, e muito menos identificar os resultados do empreendimento.

O que queria mesmo era compreender os estímulos e motivações, as necessidades que seduzem as pessoas -- em três segmentos na minha pesquisa: a dos entrevistados, por meio dos depoimentos; a dos cineastas, no estudo feito com os filmes, e a dos teóricos contemporâneos, a partir da pesquisa bibliográfica -- a fazerem do corpo o lugar por excelência das avançadas tecnologias. Desejava saber como as pessoas se adaptavam a um contexto social que exige a perene otimização do rendimento físico e mental num universo telemático que vive da pluralidade, velocidade e outras formas de excessos.

A opção foi ouvir e fazer ouvir diversas “vozes” sobre as mutações do corpo no contexto da sociedade tecnológica. As primeiras eram as dos entrevistados. Essas vozes me levaram a outras, as dos cineastas, presentes em filmes referendados nos vários depoimentos, como presenças marcantes no imaginário sobre o tema. Essas duas me estimularam a buscar a dos teóricos e analisá-las no próprio contexto das experimentações tecnocientíficas e da dinâmica midiática da vida atual. Assim, essas múltiplas “vozes” me deram um suporte empírico e teórico que me permitiu comparar e entrecruzar as diferenciações e concomitâncias e inferir ligações entre elas, na última parte da pesquisa.

Com isso, as principais questões postas desde o início e as que surgiram à medida que a pesquisa avançava foram esclarecidas ao longo dos três estudos básicos, organizados com as “vozes” dos entrevistados, cineastas e teóricos. Esses diversos aspectos, considerados separadamente, também foram reunidos em uma “mixagem”. E assim o fiz para ressaltar que as “vozes” com as quais trabalhei não são hierárquicas, mas coexistentes.

Esta fusão resultou em uma nova narrativa. Nesse momento, não podia reordenar todas as informações já sistematizadas nem reproduzi-las integralmente, mas fazer com que a minha “voz”, como pesquisador, aparecesse de modo claro num balanço final das

principais questões que me permitiram novos raciocínios e indagações no contexto de uma síntese interpretativa, capaz de gerar um novo conhecimento.

III. Descrição do processo de pesquisa de campo.

01. Objetivo.

O objetivo central foi procurar saber como as pessoas, especialmente os baianos se posicionam e quais as suas expectativas diante das mutações do corpo na sociedade tecnológica. Queria saber como elas convivem com as possibilidades promovidas pela mixagem homem-máquina, para reordenar a aparência e revigorar faculdades físicas e mentais.

02. Hipóteses

Foram quatro as hipóteses que me orientaram na pesquisa. Elas surgiram em momentos diferentes, à medida que certas etapas eram realizadas.

O meu pressuposto inicial era o de que 1) as pessoas estão insatisfeitas com o corpo que têm e, por isso mesmo 2) desejam e sentem necessidade de utilizar avançados recursos da tecnociência para aperfeiçoá-lo. Para responder a essas indagações recorri a uma pesquisa empírica, ouvi e registrei depoimentos de um grupo de soteropolitanos, selecionei temas e abordagens que demonstram com essas pessoas vivenciam o culto ao corpo.

Os resultados da análise me encaminharam para uma outra investigação. Ao perceber que a força da representação cinematográfica no imaginário dos entrevistados era um forte elemento condicionador de seus posicionamentos e entusiasmos com o tema, parti para um segundo estudo com a suposição de que 3) os filmes mais citados nos depoimentos apresentam imagens de pessoas que para vencer na vida precisam ser mescladas a equipamentos tecnológicos de última geração, que potencializem suas capacidades físicas e mentais.

Constatarei que os entrevistados e os cineastas vêem o aperfeiçoamento físico e mental, por meio de próteses de comunicação e estimulantes químicos, de modo bastante

otimista, e o culto ao corpo como uma das mais ricas expressões do homem contemporâneo. A partir daí, o meu interesse passou a ser o de saber se os autores que refletem sobre o comportamento das pessoas, o culto e o destino do corpo na sociedade de comunicação integrada, compartilhavam o mesmo entusiasmo. O encaminhamento gerou a última hipótese, 4) a visão que os teóricos “pós-modernos”, de linha francesa, têm sobre a mixagem homem-máquina enfatiza a necessidade real de um novo corpo humano, remodelado pelas recentes tecnologias. Queria saber se em suas análises as tecnologias superavam a necessidade do corpo ou elas passam a ser a condição para a sua afirmação, em versões e *designs* continuamente redimensionados e aperfeiçoados.

03. A seleção dos sujeitos.

O ponto de partida para a elaboração de uma matriz que definisse quantitativamente o quadro das pessoas entrevistadas foi o de que todos têm um corpo e vivenciam, cada um à sua maneira e no seu ritmo próprio, experiências cotidianas para realçá-lo. Isso significava *a priori* que qualquer sujeito poderia ser entrevistado, mas era preciso definir características básicas que segmentassem esse universo e me permitissem encontrar as pessoas que tivessem maior probabilidade de representação para compor o grupo preferencial da amostragem.

A amostragem probabilística deveria ser estratificada, levando em consideração certos elementos particulares de cada pessoa, como sexo, idade, raça e grau de escolaridade. As categorias foram subdivididas da seguinte maneira:

1. **Sexo.** Masculino e feminino, no caso específico da matriz, homem e mulher.
2. **Idade.** Jovem, adulto e senhor. Foram consideradas jovens pessoas com até 25 anos, adultos as que têm até 50 anos e senhores as que têm acima de 51 anos.
3. **Raça.** Branca e negra.
4. **Escolaridade.** Universitário e não universitário. Na categoria universitário foi considerada pessoa que estava fazendo algum curso superior, independentemente do fato de ser um recém-aprovado no vestibular, formando ou pós-graduado. Na categoria não universitário a escolaridade mínima considerada foi o primeiro grau completo.

No momento da coleta dos depoimentos anotei no caderno de campo a profissão de cada um. Depois, incluí mais essa informação na matriz. A atividade profissional é um dado importante porque, em muitos casos, ajuda o leitor a entender certa familiaridade de algumas pessoas com determinados temas tratados. No caso de estudantes, anotei o curso. Também criei pseudônimos para identificar cada entrevistado, atendendo à uma reivindicação dos sujeitos que preferiam manter-se no anonimato.

04. A matriz dos entrevistados.

Com esses critérios definidos procurei fazer todas as combinações possíveis entre as categorias. As combinações resultaram em seis blocos, um total formado por 24 pessoas, que compuseram a seguinte matriz:

Combinação das categorias	Profissão	Pseudônimo
Jovem/Homem/Branco/Universitário	Estudante/Museologia	Graciliano
Jovem/Homem/Branco/Não Universitário	Vestibulando/Economia	Genivaldo
Jovem/Homem/Negro/Universitário	Estudante/Museologia	Astrogildo
Jovem/Homem/Negro/Não Universitário	Vestibulando/Engenharia	Rubinaldo
Jovem/Mulher/Branca/Universitária	Bailarina	Marilene
Jovem/Mulher/Branca/Não Universitária	Secretária bilingüe	Juciléia
Jovem/Mulher/Negra/Universitária	Estudante/Odontologia	Cleoneide
Jovem/Mulher/Negra/ Não Universitária	Vest./Curso não anotado	Edilourdes
Adulto/Homem/Branco/Universitário	Médico	Teobaldo
Adulto/Homem/Branco/Não Universitário	Comerciante	Raimundo
Adulto/Homem/Negro/Universitário	Pedagogo/A. Administrativo	Elenilton
Adulto/Homem/Negro/Não Universitário	Bancário	Claudionei
Adulta/Mulher/Branca/Universitária	Prof. Universitária/ História	Gleciara
Adulta/Mulher/Branca/Não Universitária	Comerciante	Valdirene
Adulta/Mulher/Negra/Universitária	Professora/Est. Museologia	Tertulina
Adulta/Mulher/Negra/Não Universitária	Bancária/Prof. Informática	Francelina
Senhor/Homem/Branco/Universitário	Arquiteto/Est. Belas Artes	Belarmino
Senhor/Homem/Branco/Não Universitário	Fazendeiro/Comerciante	Juvenal
Senhor/Homem/Negro/Universitário	Advogado	Sandoval
Senhor/Homem/Negro/Não Universitário	Não anotada	Marinoval
Senhora/Mulher/Branca/Universitária	Prof. Univ./ História da Arte	Marizete

Senhora/Mulher/Branca/Não Universitária	Dona-de-casa Professora	Lucineide Doralice
Senhora/Mulher/Negra/Universitária	Aposentada/Comerciante	Antonieta
Senhora/Mulher/Negra/Não Universitária		

05. O roteiro das entrevistas.

A leitura de autores que refletem sobre o corpo na sociedade tecnológica e a discussão no primeiro *workshop* apontaram vários eixos estruturais em forma de palavras-chaves: corpo, cirurgias plásticas, próteses, implantes, transplantes, clones, homem-máquina, homem-biônico, homem-satélite, corpo híbrido, corpo real, corpo virtual, meta-corpo. Agrupei esses eixos em quatro blocos temáticos pautados pelas seguintes questões básicas que orientaram as entrevistas.

I. O corpo

01. O que é o corpo?
02. Para que serve o corpo?
03. Você está satisfeito com o seu corpo? Com o desempenho do seu corpo?

II. As metamorfoses do corpo

04. Se você pudesse modificar/trocar alguma parte do seu corpo, o que faria?
05. Se pudesse injetar ou implantar algo em seu corpo para obter um maior desempenho, como ser mais veloz, resistente, inteligente, você o faria?

III. O corpo técnico

06. Como você reagiria se descobrisse que seu melhor amigo é uma pessoa biônica? Como acha que conviveria com ele?
07. Como você reagiria à possibilidade de ser meio eletrônico, um homem-máquina? Você seria um homem biônico?

IV. O corpo clonado

08. Como você avalia a clonagem e a possibilidade de reprodução em série de seres humanos?

09. Para você, é sedutora a possibilidade de escolher características físicas para um filho? Quais seriam as vantagens?

06. O teste preliminar.

O roteiro das entrevistas foi testado com três pessoas, antes de ser aplicado definitivamente. Os depoimentos colhidos na fase do teste foram depois considerados válidos para a pesquisa. Como não buscava respostas rápidas e fechadas, mas depoimentos nos quais os entrevistados revelassem as suas inquietações, desejos e fantasias, falassem das suas emoções e entusiasmos, vivências e experiências com o aperfeiçoamento corporal, seus posicionamentos e expectativas relacionados ao culto ao corpo, me convenci que as minhas questões também não poderiam ser fechadas. Em meio à conversa, algumas com duração de duas horas, várias outras surgiam com o intuito de explorar mais certas abordagens sobre algum tema. Em muitos casos as adaptações e variações eram necessárias e mesmo indispensáveis, mas em nenhum momento foi preciso comprometer o roteiro básico inicial.

No teste duas dificuldades foram detectadas e as soluções encontradas estão expostas a seguir.

1) As pessoas só se animavam a falar descontraidamente depois que eu prometia não identificá-las pelo nome. Diziam que o depoimento era muito pessoal, continha revelações íntimas e, por isso, queriam permanecer no anonimato. A solução que encontrei foi criar pseudônimos, alguns sugeridos pelos próprios entrevistados.

É melhor a gente arrumar um outro nome. Assim a gente completa a brincadeira e muda logo tudo. Eu falo das mudanças do corpo, da minha vontade de transformá-lo, de ser outro, inclusive com outro nome, outra identidade, outra vida, tá certo, meu rei? (**Graciliano**).

2) As pessoas não se incomodavam com o fato do depoimento ser gravado, mas a visualização do gravador muitas vezes intimidava. De vez em quando pediam para desgravar uma parte que julgavam não expressar bem o que queriam. Às vezes, olhavam para o aparelho e não conseguiam pronunciar mais que monossílabos. A alternativa que encontrei, e que passou a ser negociada com cada entrevistado, foi manter o gravador fora do alcance dos olhos. Nesse caso, ele concordava com a gravação do depoimento, via o aparelho ser ligado, acompanhava a troca das fitas. Mas ele ficava sob a mesa, dentro de uma pasta, no chão ou numa cadeira ao lado.

07. O mapeamento da amostragem.

A pesquisa é de caráter eminentemente urbano. Foi desenvolvida em Salvador (BA), durante os meses de janeiro e fevereiro de 1994. A seleção dos sujeitos a serem entrevistados baseou-se exclusivamente na matriz previamente elaborada, segundo critérios já apontados.

A definição do número de pessoas para cada categoria também foi pré-estabelecida. Considerei suficiente uma pessoa para cada segmento. Sabia que o importante, como ressalta Demartini (1992:50), é explorar ao máximo a riqueza de cada depoimento e não a quantidade deles.

Algumas pessoas entrevistadas eram minhas amigas ou alunos. A maioria era desconhecida. Elas foram localizadas na Faculdade de Filosofia, Faculdade de Educação e Faculdade de Artes Plásticas da Universidade Federal da Bahia, no Campus da Universidade Católica de Salvador, nas praias Porto da Barra, Barra e Jaguaribe, em portas de casas nos bairros de Brotas, Santa Cruz, Barris e Dois de Julho, em bares, academias e *shoppings* em Ondina, Barra, Campo Grande, Piedade e Pelourinho. O lugar não era o importante. O que me interessava era encontrar a pessoa que correspondesse na íntegra a alguma das combinações das categorias presentes na matriz.

Às vezes um entrevistado sugeria que eu “conversasse” também com um amigo seu. Quando essa pessoa correspondia ao perfil que eu procurava a sugestão era aceita. Mas nenhuma entrevista foi feita na presença de terceiros, pois, como indica Haguette (1987:79), poderiam interferir, intimidar ou quebrar o ritmo do informante.

08. Procedimentos nas entrevistas.

Todas as entrevistas foram feitas por mim. Concordo com Queiroz (1991:73-80): esse é um momento especial da pesquisa, e o contato estreito com os informantes deve ser vivido integralmente pelo pesquisador.

As entrevistas eram iniciadas com uma conversa na qual explicava os objetivos do trabalho e a importância dos depoimentos para a sua realização. A conversa, geralmente mais longa quando se tratava de desconhecidos, tinha também o objetivo de saber se a pessoa selecionada possuía conhecimentos importantes sobre o tema, em função do que eu queria desvendar, e também para estabelecer um grau de confiança, simpatia e amizade entre entrevistado-pesquisador de modo que se pudesse penetrar fundo em suas vivências, experiências e imaginários.

Às vezes a abordagem se deu na rua ou no local de trabalho, e a pessoa concordava em gravar seu depoimento, mas solicitava outro horário e lugar considerados mais adequados, em função do longo tempo necessário. Algumas entrevistas foram realizadas no momento mesmo da abordagem e outras foram agendadas. Nesse caso, após a conversa inicial, a pessoa já sabia sobre o que deveria depor, mas não tinha antecipadamente conhecimento de nenhuma das questões que balizariam o seu depoimento. Esse cuidado tinha o objetivo de evitar respostas mais elaboradas que pudessem não revelar espontaneamente o que o sujeito pensava sobre os temas escolhidos.

O tempo utilizado para cada depoimento dependeu exclusivamente da disposição, do grau de interesse e envolvimento de cada entrevistado com o tema. Não interferia nessa questão, apenas permanecia atento para que a pessoa de fato falasse o que estava sendo perguntado, sem se perder nas longas e freqüentes digressões e no acúmulo de detalhes repetitivos. A minha função era assumir a direção efetiva da aplicação correta da técnica de registro das informações. O menor depoimento durou vinte e três minutos e o mais longo duas horas. A maioria teve um tempo médio de uma hora e meia.

Considerando a importância que esses depoimentos tinham para a pesquisa procurei intervir o mínimo possível, deixando que o entrevistado falasse livremente, contasse histórias, experiências, usasse os exemplos que julgasse mais convenientes para explicitar e

ilustrar o que tinha vontade. A autonomia do depoente, ao falar a sua própria linguagem e abordar os próprios problemas com o corpo, o esforço para superá-los, o entusiasmo com as novas possibilidades tecnocientíficas a todo instante difundidas na mídia, foi considerada imprescindível para que a informação se tornasse proveitosa e abrisse horizontes que eu nem suspeitava.

Enquanto isso, num caderno, fazia anotações das reações manifestas à medida que novas perguntas eram feitas, que outros temas delimitavam “a conversa”: o agito das mãos, cruzar e descruzar de pernas, levantar, andar, pedir um tempo para um mergulho (cinco entrevistas foram feitas na praia) rápido “enquanto penso um pouquinho”, rir, arregalar os olhos, cobrir o rosto com as mãos, bater palmas, estalar os dedos, diminuir o tom de voz, como se estivesse revelando segredos em sussurros, mostrar partes do corpo ou pequenos sinais físicos, falar de modo mais sobressaltado, etc.

As perguntas eram feitas na ordem exposta acima. As respostas, no entanto, seguiam em ziguezague. A todo momento o entrevistado se lembrava de algo que gostaria de acrescentar ao que já fora dito e, por isso, eram muito freqüentes as idas e vindas entre os temas. Depois da entrevista, às vezes continuávamos a conversar por mais tempo. Em alguns momentos foi possível gravar também “esses papos” e noutros apenas fazer anotações.

09. A transcrição.

Transcrevi e analisei individualmente cada uma das entrevistas. Procurei observar e manter a espontaneidade de cada relato como meio de garantir a qualidade das informações. Os depoimentos foram transcritos na íntegra, em total conformidade com sua forma oral, procurando guardar o contexto das falas em seus mínimos detalhes, como pausas, suspiros, risos ou silêncios. Nessa etapa, as minhas anotações no caderno de campo foram de grande utilidade para recuperar o clima próprio de cada depoimento.

O momento da transcrição serviu para recuperar as formas não verbais de comunicação que detectei e registrei no momento em que o depoimento estava sendo registrado. Era uma forma de recuperar também as emoções compartilhadas, no seu próprio contexto, durante a coleta do material, preservando a sua vivacidade. As minhas

observações foram sempre colocadas em notas ao pé da página, como complementos que não se misturavam nem alteravam a fidelidade à gravação, de modo a ilustrar o texto sem interromper a narrativa nem quebrar a sua unidade.

Transcrever significa, assim, uma nova experiência da pesquisa, um novo passo em que todo o processamento dela é retomado, com seus envoltórios e emoções, o que leva a aprofundar o significado de certos termos utilizados pelo informante, de certas passagens, de certas histórias que em determinado momento foram contadas, de certas mudanças na entonação da voz. Tudo isso é material que o pesquisador obteve, de cuja construção diretamente participou -- pois no processo de que resultou foi ele parte, numa legítima ação de “observador participante” (Queiroz, 1991:88).

10. O procedimento de análise.

Com os depoimentos já transcritos, os dados foram classificados de forma sistemática. Primeiro, foi feita uma codificação das informações obtidas em cada uma das questões. Depois, cada informação gerava uma palavra-chave (Kenski, 1990:315-317) que, posteriormente reunidas -- uma aglutinação das idéias expressas de acordo com as unidades encontradas -- deram origem aos grandes temas que usei para estruturar o estudo. Desse modo, os “blocos” iniciais, apresentados na pauta das entrevistas, foram reordenados a partir dos depoimentos e sistematizados em seis capítulos, na elaboração do texto com os resultados da pesquisa empírica.

01. **Entraves.** Sobre as insatisfações com o corpo e o desejo de aperfeiçoá-lo.
02. **Transparências.** Sobre a remodelagem física por meio dos exercícios, dietas e cirurgias plásticas.
03. **Emergências.** Sobre estimulantes químicos, transplantes e implantes.
04. **Circuitos.** Sobre as próteses externas e internas.
05. **Clonagens.** Sobre a engenharia genética e a matriz do corpo perfeito.
06. **Interfaces.** Sobre o corpo virtual e novas funções de um *design lighth* para o homem da era tecnológica.

Cada um desses grandes temas foi dividido em vários outros de acordo com as informações comuns nos diversos depoimentos. Em cada um dos capítulos esses subtemas foram numerados, enfatizando as diversas abordagens, posicionamentos e expectativas no desenvolvimento de uma história descritiva.

11. A organização do estudo.

A partir dos temas e subtemas levantados, uma história começou a ser construída. Não mais baseada no depoimento individual, mas coletivo. Uma história descritiva única, resultante da mixagem dos relatos de todos os sujeitos que compuseram o grupo dos entrevistados, que valorizou e ressaltou todo o processo de aquisição das informações. O importante era descrever o processo e não simplesmente apresentar resultados.

A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhe outorga, e como aqueles são produto de uma visão subjetiva, rejeita toda a expressão quantitativa, numérica, toda medida. Dessa maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário... (Triviños, 1987:128) .

A codificação das informações em palavras-chaves, possibilitou-me a construção de um quadro de referência temática, no caso, as citações, por meio das quais os entrevistados se fazem presentes na elaboração da narrativa. Depois de cada citação o entrevistado é identificado pelo pseudônimo. Mas se o leitor quiser informações complementares que deixem transparente o “lugar” que o sujeito ocupa na matriz, poderá sempre consultá-la.

A parte da pesquisa intitulada *As vozes dos donos do corpo* é uma história contada fundamentalmente a partir da descrição da intersubjetividade dos depoimentos. Por isso, todas as citações foram retiradas do quadro de referências do material empírico. Nenhum autor, nenhuma teoria é claramente citada. Mas não assinala ausência de fundamentação

teórica. É possível perceber, com relativa facilidade, muito do que apreendi das várias leituras *a priori* sobre o tema. Existe uma apropriação das leituras incluídas na história mesmo quando, propositalmente, não aparece o autor ou a citação tradicional. De modo geral, elas me orientaram na construção da lógica interna do texto e serviram de apoio às idéias que foram surgindo no desenvolvimento da investigação. Só depois, já em outra etapa, o quadro teórico foi definido e trabalhado.

(...) não obstante o pesquisador inicie sua investigação apoiado numa fundamentação teórica geral, o que significa revisão aprofundada da literatura em torno do tópico em foco, a maior parte, nesse sentido, do trabalho, se realiza no processo de desenvolvimento do estudo. A necessidade da teoria surgirá em face das interrogativas que se apresentarão (Triviños, 1987:131-132).

IV. Descrição do processo de pesquisa com os filmes.

01. A seleção dos filmes.

Não são poucas as películas e os seriados de televisão que tratam da mixagem homem-máquina. As abordagens também são múltiplas, enfocam e apontam variadas tendências. O universo amplo exigia um bom recorte.

Um primeiro critério foi selecionar aqueles citados pelos entrevistados. Mas logo o procedimento me pareceu inadequado diante do número elevado, o que certamente viria demandar um longo estudo, fora dos propósitos e das possibilidades desta pesquisa.

A alternativa adotada foi analisar os três filmes mais referendados nos depoimentos, aqueles que têm forte representação social sobre uma nova imagem do corpo ininterruptamente atualizado, por meio de implantes de próteses de comunicação, e que exprimem de modo exemplar alguns eixos centrais da discussão do tema na ótica dos entrevistados. Os escolhidos foram *RoboCop*, *O Soldado Universal* e *O passageiro do Futuro*.

Para a seleção considerei também o fato de que deveria analisar filmes que apresentassem abordagens diferentes a respeito do tema. Era importante, sobretudo, que

eles representassem concepções diversas sobre as próteses e a sua materialidade. No primeiro filme, o resultado da mixagem homem-máquina resulta num sujeito de aparência mecânica, considerada grosseira, artificial e, por isso mesmo, refutada pelos entrevistados. As próteses, muitas delas externas e visíveis, alteram radicalmente a aparência humana. Como o filme teve seqüência, se transformou em seriado de televisão, desenho animado, livros e brinquedos, eu teria uma variedade de recursos para a análise e não poderia me deter em todos eles. Centrei a minha investigação no filme *RoboCop - O Policial do Futuro*, justamente o que desencadeou a série.

O segundo filme enfoca o uso de estimulantes químicos para revigorar músculos e determinadas habilidades mentais. As próteses em miniatura são implantadas sob a pele, potencializam o sujeito sem promover grandes mudanças em sua imagem. O terceiro filme aborda o uso interno das próteses, cada vez mais desmaterializadas, que se fundem totalmente no corpo e permitem a interface ou inserção total do homem na máquina. A película mostra como a engenharia genética associada à informática constrói o corpo sintético.

02. A organização do estudo.

O objetivo do estudo *Vozes e imagens do corpo nas telas* não era fazer uma análise da representação do homem-máquina nos filmes de ficção científica, e muito menos do enfoque catastrófico de muitos deles, quando cientistas perdem o controle dos seus experimentos e suas criaturas resolvem se vingar dos seus criadores. O meu propósito também não era apresentar meros relatos descritivos dos roteiros ou tão somente ressaltar cenas que ilustrassem aspectos do corpo híbrido como forma de enfatizar muitos dramas das experiências laboratoriais.

Queria destacar as inovações e as referências do aperfeiçoamento físico e mental, fortemente registradas na memória dos espectadores e retomadas nos exemplos que os entrevistados me forneceram. O estudo de cada um dos filmes foi organizado em três etapas. A primeira consistiu numa análise do contexto social e urbano que deu origem aos experimentos da mesclagem homem-máquina e apontava a urgente necessidade de se construir um corpo flexível, resistente e veloz, capaz de se adaptar e sobreviver em mundos

cada vez mais conflitantes. O segundo, como o corpo do personagem foi construído e a ênfase na questão da sua aparência. Finalmente, a performance física e mental desse sujeito tecnicamente aperfeiçoado que seduz, alimenta e estimula o imaginário dos entrevistados.

V. Descrição do processo de pesquisa teórica.

01. A orientação do estudo teórico.

O estudo *Os donos da voz do corpo*, baseado na pesquisa bibliográfica, seguiu a mesma orientação dos dois anteriores. O objetivo não era fazer um levantamento e uma descrição exaustivos das análises feitas pelos teóricos, com a ilusão de abarcar a pluralidade de tratamento nas suas abordagens, posicionamentos, expectativas e críticas à crescente mixagem homem-máquina. O propósito era ressaltar aspectos selecionados de suas pesquisas que demonstrassem a sobrevivência da reflexão ativa e atuante diante dos novos desafios que a tecnociência apresenta para o homem contemporâneo, sobretudo ao seu corpo.

Era coerente com a metodologia adotada ouvir e fazer ouvir as “vozes” desses estudiosos. Utilizei os mesmos grandes temas gerados pela análise do material da pesquisa empírica e, em torno deles, agrupei as abordagens dos autores. Queria saber o que diziam sobre a insatisfação com o corpo, a necessidade em adaptá-lo às novas exigências da vida atual, as motivações em acompanhar modelos efêmeros disseminados na mídia, sobretudo pela publicidade e cultura desportiva, as técnicas e os recursos disponíveis para a promoção das mutações físicas e mentais, a ultramecanização e virtualização como destinos do corpo na sociedade tecnológica. A construção, enfim, do homem-satélite.

O procedimento adotado foi semelhante ao da parte empírica. Depois de ter definido o quadro teórico e os autores, segundo critérios já apontados, completei o levantamento bibliográfico que me pareceu suficiente.

02. A organização do estudo teórico.

Após a seleção das idéias dos autores, que melhor representavam os seus pontos de vista, parti para a construção de um texto também descritivo que revelasse as suas inquietações e entusiasmos sobre o tema, sem deixar de lado a minha própria identificação.

Em cada capítulo procurei dialogar com no mínimo dois teóricos, entrecruzando sempre que possível seus posicionamentos e críticas. Às vezes a “presença” de um autor se reduziu ao desenvolvimento de um tema. Noutras, ao contrário, ela ocorreu em vários deles. Não levei em consideração a quantidade de citações, mas a qualidade que os “fragmentos” representavam para o estudo.

Na construção a idéia não era “jogar um autor contra o outro” e muito menos recorrer a frases de pessoas importantes só para impressionar e demonstrar conhecimentos. Não queria usar os autores para que eles dissessem o que eu desejava dizer. O importante era dialogar com eles, entender o que diziam e encontrar, assim, o suporte teórico necessário que me auxiliasse a fazer as minhas reflexões e descobertas durante a trajetória da pesquisa.

Algumas palavras-chaves recorrentes nas “vozes” dos autores serviram de título para os capítulos, organizados da seguinte maneira:

01. **Aparências.** Sobre a condição do corpo espetacular na mídia e especialmente na publicidade.
02. **Sideralidades.** Sobre a limpeza do corpo e as práticas esportivas no dinamismo energético dos seres.
03. **Resplandecências.** Sobre os cânones de perfeição e a contínua atualização do corpo.
04. **Excessos.** Sobre implantes e transplantes na era da colonização técnica do corpo.
05. **Apoteose.** Sobre as próteses da era da informática, desmaterialização e virtualização do corpo.
06. **Dissuasão.** Sobre a construção do super-homem e da supernatureza pela purificação total dos corpos.

O estudo teórico nessa estruturação foi importante para a minha compreensão de que o homem-satélite é a realidade do corpo cada vez mais conduzida pela melodia da interatividade homem-máquina.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Jorge. *Bahia de todos os Santos*. Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. São Paulo, Martins, 1970.
- ANDERS, Gunther. *Trechos escolhidos*. Tradução de Ciro Marcondes Filho. Mimeografado. São Paulo, ECA-USP, 1996.
- ATRATOR ESTRANHO. *Corpo*. NTC, ECA-USP, n. 29, 1998.
- _____. *Gerenciamento da inteligência*. NTC, ECA-USP, n. 21, março de 1996.
- _____. *Imaterialidades*. NTC, ECA-USP, n. 11, maio de 1995.
- _____. *Inteligência artificial*. NTC, ECA-USP, n. 13, maio de 1995.
- _____. *Miniaturização das tecnologias*. NTC, ECA-USP, n. 10, março de 1995.
- _____. *Redes comunicacionais*. NTC, ECA-USP, n. 06, maio de 1994.
- _____. *Tendências do ano 2000*. NTC, ECA-USP, n. 08, dezembro de 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. A alucinação coletiva do virtual. In *Jornal Folha de São Paulo*, 28 de janeiro de 1996a, Mais! 5-3.
- _____. A Disney World ilimitada. In *Jornal Folha de São Paulo*, 09 de fevereiro de 1997a, Mais! 5-3.
- _____. *A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa, Ed. Terramar, s/d.
- _____. *América*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1986.
- _____. *As estratégias fatais*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro, Rocco, 1996b.
- _____. *A sociedade de consumo*. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro, Elfos ed. & Lisboa, Ed. 70, 1995.
- _____. *À sombra das maiorias silenciosas*. O fim do social e o surgimento das massas. Tradução de Suely Bastos. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.
- _____. *A transparência do mal*. Ensaio sobre os fenômenos extremos. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Campinas, Papyrus, 1990a.

- _____. *A troca simbólica e a morte*. Tradução de Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, Loyola, 1996c.
- _____. *Da sedução*. Tradução de Tânia Pellegrine. Campinas, Papirus, 1992.
- _____. *Le crime parfait*. Paris, Galilée, 1995.
- _____. *O sistema dos objetos*. Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.
- _____. *Simulacros e simulações*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa, Relógio D'água, 1991.
- _____. *Tela total*. Mito-ironias da era do virtual e da imagem. Organização e tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, Ed. Sulina, 1997b.
- _____. Significado da publicidade. Tradução de Lauro Costa Lima. In LIMA, Luis Costa (org.) *Teoria e cultura de massa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990b.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In *Obras escolhidas I - Magia e técnica, arte e cultura*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- BERLINGUER, Giovanni e GARRAFA, Volnei. *O mercado humano*. Estudo de bioética da compra e venda de partes do corpo. Tradução de Isabel Regina Augusto. Brasília, UNB, 1996.
- BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. *“Théatralité” et “Spetacularité”*. Une aventure tribale contemporaine à Bahia. Paris, Tese de Doutorado orientada por Michel Maffesoli, 1990.
- BLANKENSHIP, Loyd. Grups cyberpunk. *A vida por um fio num mundo de alta tecnologia*. Tradução de Jonas D'Abronzo. São Paulo, Devir, 1993.
- BRUYNE, Paul, HERMAN, Jacques e SCHOUTHEETE, Marc de. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Os pólos da prática metodológica.. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997.
- BYINGTON, Carlos Amadeu. A pesquisa científica acadêmica na perspectiva da pedagogia simbólica. In FAZENDA, Ivani (Org.) *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas, Papirus, 1995.
- CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos*. Uma exploração das hibridações culturais. Tradução de Roberta Barni. São Paulo, Studio Nobel, 1996.

- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- CODO, Wanderley e SENNE, Wilson A. *O que é corpo(latria)*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- COLETIVO NTC. *Pensar-pulsar*. Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo, Edições NTC/Projeto BRAZIL, 1996.
- COUTO, Edvaldo Souza. Além do homem, além da máquina. In *Atrator Estranho*, NTC, ECA-USP, n. 29, 1998.
- _____. Corpo, uma embalagem tecnológica. In *Atrator Estranho*, NTC, ECA-USP, n. 08, dezembro 1994.
- _____. *Do lugar a lugar nenhum*. Dissertação de Mestrado orientada por Nelson Brissac Peixoto, PUC-SP, 1990.
- CRESPO, Jorge. *História do corpo*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1990.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Trabalhando com relatos orais. Reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In LANA, Alice Beatriz da Silva Gordo (Org.) *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo, CERU, 1992.
- DORETTO, Dario. *Fisiotopatologia clínica do sistema nervoso*. Fundamentos de Semiologia. Rio de Janeiro, Liv. Ateneu Editora, 1988.
- FAVARO, Marc. *Les métaphores du corps dans la machine*. Approche clinique de la relation homme-machine. Tese de Doutorado pela Universidade de Lyon II, França, orientada por Jean Guilaumin, 1986.
- GAIARSA, José A. *O que é corpo*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- GARZEDIN, Aruane. A questão do espaço público. In *Jornal A Tarde*, Salvador, 08 de fevereiro de 1997, caderno 2-7.
- GUILLAUME, Marc. *La contagion des passions*. Essai sur l'exotisme intérieur. Paris, Ed. Plon, 1989.
- _____. Téléspectres. In *Traverses*, n. 26, Paris, C.G.P., 1992.
- _____. Délivrez-nous du corps. In *Traverses*, n. 29/59, Paris, Ed. de Minuit, 1993.
- HAGUETTE, Tereza Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, Vozes, 1987.

- KENSKI, Vani Moreira. *O fascínio do Opinião*. UNICAMP, Faculdade de Educação. Tese de Doutorado orientada por Ciro Marcondes Filho, 1990.
- _____. (Coord.) *Workshops sobre o homem-satélite*. MENT/Faculdade de Educação, UNICAMP, 1995. (Cópia reprográfica).
- LAKATOS, Tereza Maria Frota. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 1985.
- LATURS, Bruno. Do humano nas técnicas. In SCHEPS, Ruth (org.) *O império das técnicas*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, Papyrus, 1996.
- LÉVY, Pierre. *L'intelligence collective*. Pour une anthropologie du cyberspace. Paris, Éditions la Découverte, 1994.
- _____. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 1996.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Miguel S. Pereira e Ana L. Faria. Lisboa, Relógio D'água, s/d.
- _____. *O crepúsculo do dever*. A ética indolor dos novos tempos democráticos. Tradução de Fátima Gaspar e Carlos Gaspar, Lisboa, Dom Quixote, 1994.
- _____. *O império do efêmero*. A moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria L. Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- LYOTARD, Jean-François. *Moralidades Pós-modernas*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, Papyrus, 1996.
- MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário*. O desafio das poéticas tecnológicas. São Paulo, Edusp, 1993.
- McLUHAN Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, Artes e Ofício, 1995.
- _____. *No fundo das aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, Vozes, 1996.
- MARCONDES FILHO, Ciro. O método. In *Atrator Estranho*. NTC, ECA-USP, número 15, julho de 1995.
- MELO, Hygina Bruzzi. *A cultura do simulacro*. Filosofia e modernidade em J. Baudrillard. São Paulo, Edições Loyola, 1988.

- MENEZES, Rogério. *Um povo a mais de mil*. Os frenéticos carnavais de baianos e caetanos. São Paulo, Ed. Scritta, 1994.
- NEGROPONTES, Nicholas. *A vida digital*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. *Teoria, métodos e técnicas de pesquisas*. São Paulo, Edição independente, 1994.
- PORTER, Roy. História do corpo. In BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.
- QUÉAU, Philippe. O tempo do virtual. Tradução de Henri Gervaiseau. In PARENTE, André (Org.) *Imagem Máquina*. A era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1991.
- REHBEIN, Francisca C. *Candomblé e Salvação*. A salvação na religião nagô à luz da teologia cristã. São Paulo, Ed. Loyola, 1985.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- _____. Saúde e velocidade. In *O prazer justificado*. História e lazer (São Paulo, 1969-1979). São Paulo, Marco Zero/CNPQ, 1992.
- SCHAFF, Adam. *A sociedade informática*. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes. São Paulo, Unesp/Brasiliense, 1993.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. O homem e a máquina. In *Imagens*. Tecnologia, a imagem sob o signo do novo. Campinas, Editora da Unicamp, n. 03, dezembro de 1994.
- SFEZ, Lucien. *A saúde perfeita*. Crítica de uma nova utopia. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo, Ed. Loyola, 1996.
- _____. *Crítica da comunicação*. Tradução de Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, Loyola, 1994.
- SÓDRE, Muniz. *O terreiro e a cidade*. A forma social negro-brasileira. Petrópolis, Ed. Vozes 1988.
- STELARC. Portrait robot de l'homme-machine. Paris, *L'autre Journal*, n. 27, set. 1992.

- _____. Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e existência remota. In DOMINGUES, Diana (Org.) *A arte no século XXI. A humanização das tecnologias*. São Paulo, Unesp, 1997.
- STIEGLER, Bernard. A tecnologia contemporânea: rupturas e continuidades. In SCHEPS, Ruth (org.) *O império das técnicas*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, Papirus, 1996.
- TIBON-CORNILLOT, Michel. *A propósito da bioética contemporânea*. Pressupostos técnicos e epistemológicos da mecanização e das transformações dirigidas do ser vivo. Salvador, UFBA, Mimeografado, 1996a.
- _____. Contagion médiatique et diffusion épidémique. Les mises en scène du corps moderne. Paris, *Quaderni*, n. 29, 1996b.
- _____. *Les corps transfigurés*. Mecanisation du vivant et imaginaire de la biologie. Paris, Éd. du Seuil, 1992.
- TRIVIÑOS, Augusto. N. R. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987.
- TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã*. A identidade na era da internet. Tradução de Paulo Faria. Lisboa, Relógio D'água, 1997.
- VINCENT, Gérard. O corpo e o enigma social. In ARIÉS, Philippe e DUBY, Georges (coords.) *História da vida privada*, vol. 05. Da primeira guerra aos nossos dias. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. Tradução de Roberto Pires. São Paulo, Estação Liberdade, 1996a.
- _____. *América: depoimentos*. (Pauta da entrevista: João Moreira Salles e Nelson Brissac Peixoto. Tradução de Savas Karydakis. São Paulo, Companhia das Letras e Rio de Janeiro, Videofilmes, 1989.
- _____. *Espaço crítico*. Tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.
- _____ e LOTRINGER, Sylvere. *Guerra pura*. A militarização do cotidiano. Tradução de Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, Brasiliense, 1984a.
- _____. Rat de laboratoire. Paris, *L'autre Journal*, n. 27, set. 1992.
- _____. *L'horizon négatif*. Paris, Galilée, 1984b.
- _____. *L'inertie polaire*. Paris, Christian Bourgois Éditeur, 1990.

_____. *Velocidade e política*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo, Estação Liberdade, 1996b.